

**Felipe Bagli Siqueira**

**SINAL E FÉ EM JOÃO 6**

**UMA ANÁLISE DO QUADRO NARRATIVO DO DISCURSO DO “PÃO DA VIDA”**

Tese de Doutorado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

**Felipe Bagli Siqueira**

**SINAL E FÉ EM JOÃO 6**

UMA ANÁLISE DO QUADRO NARRATIVO DO DISCURSO DO “PÃO DA VIDA”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vítório

#### FICHA CATALOGRÁFICA

S618s	<p>Siqueira, Felipe Bagli</p> <p>Sinal e fé em João 6: uma análise do quadro narrativo do discurso do “Pão da vida” / Felipe Bagli Siqueira. - Belo Horizonte, 2022.</p> <p>202 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório.</p> <p>Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Bíblia. N.T. João. I. Vitório, Jaldemir. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 226.5</p>
-------	--

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

**Felipe Bagli Siqueira**

**SINAL E FÉ EM JOÃO 6**

**UMA ANÁLISE DO QUADRO NARRATIVO DO DISCURSO DO “PÃO DA VIDA”**

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 09 de dezembro de 2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Jaldemir Vitório / FAJE (Orientador)



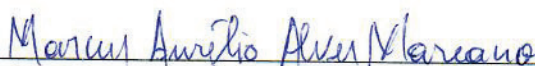
Prof. Dr. César Andrade Alves / FAJE



Prof. Dr. Rivaldave Paz Torquato / FAJE



Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade / UNICAP



Prof. Dr. Marcus Aurélio Alves Mareano / PUC MINAS

*Ao saudoso Prof. Pe. Johan Konings,  
discípulo amado de Jesus.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que tudo isso acontecesse. O ingresso na FAJE, a continuidade do curso e, principalmente, a conclusão da tese foram possíveis, unicamente, por conta da Graça divina derramada sobre minha vida. Que o conteúdo desta tese honre o nome do Senhor!

A minha amada esposa Leidy. Sem seu amor, seu carinho, suas orações, sua fé, sua força, sua paciência e seus conselhos, nada disso teria acontecido. Agradeço por sonhar comigo esse projeto e pelo sacrifício para que ele se tornasse realidade. Andar ao seu lado é uma honra. Amo você!

A minha filhinha Catarina, que nasceu durante esse processo. Sua chegada me deu forças e coragem. Ao olhar para ela a cada manhã, o desejo de crescer e de ser uma pessoa melhor era renovado. Que o aprendizado no curso e na escrita da tese me permitam ser um pai excelente!

Ao amado Prof. Dr. Johan Konings, pelo acolhimento, dedicação e orientação. Sua partida repentina, no dia 21 de maio de 2022, deixou uma grande lacuna, pois, me senti “órfão”. Finalizar a tese sem a presença dele foi um enorme desafio, contudo, honrar o legado dele tornou-se um compromisso. Um dia nos encontraremos novamente. Descanse em paz, meu mestre!

Ao querido Prof. Dr. Jaldemir Vitória, que assumiu a desafiadora tarefa de me orientar e me conduzir nesse final de escrita. Com sensibilidade e muita competência, me acolheu em minha “orfandade”, tornando possível a conclusão desta tese. Suas contribuições, críticas e conselhos foram essenciais.

À FAJE, pela excelência, acolhida, sensibilidade e cuidado pastoral. Ser aluno dessa instituição foi uma grande honra e um grande privilégio. Saio com o coração grato e com o compromisso de partilhar toda boa dádiva desfrutada durante o tempo de curso.

A meus pais, pelo exemplo, pelo incentivo, pelo investimento e pelas orações. Jamais teria concluído um projeto como esse sem o esforço de vocês ao longo de toda minha vida.

Ao Bispo Roberto Alves de Sousa, por acolher, com prontidão, meu pedido por uma autorização institucional para continuidade dos estudos teológicos. Agradeço pelo cuidado e pastoreio durante todo esse tempo.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia, por ser minha primeira inspiração acadêmica e por me iniciar no mundo da pesquisa bíblica. Sua orientação na graduação e no mestrado foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Aos amigos que a FAJE me deu. Desfrutar de boa companhia e boas conversas permitiu que o processo fosse atenuado. É impossível vencer sozinho, portanto, sou grato a cada um que esteve comigo ao longo de todo curso e por cada ajuda recebida.

A todos que fizeram parte dessa jornada e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse caminho se completasse.

À FAPEMIG pelo apoio financeiro que tornou possível a realização deste curso. Num país como o nosso, sem a presença de instituições como essa, estudar seria impossível.

*“A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna”.*

*(Jo 6,68)*

## RESUMO

No Evangelho segundo João, os *sinais* foram registrados (γράφω) com a finalidade de promover a fé em Jesus como o Cristo, o filho de Deus, ação que garante a vida por meio do nome dele (Jo 20,30-31). Porém, percebemos que os sinais suscitam apenas um primeiro estágio de fé, sendo insuficientes para uma verdadeira compreensão, opção e confissão de fé em Jesus como Cristo. Apesar de realizar muitos sinais, os judeus “não creram nele” (Jo 12,37). Por outro lado, percebemos uma progressão na fé de alguns personagens, como os discípulos, a samaritana, o oficial do rei, o cego de nascença entre outros. Existe, portanto, um elemento catalisador para o surgimento da fé plena em Jesus? Na perspectiva dessa pesquisa, fator determinante para a fé verdadeira é a opção (dar ouvidos) pelas palavras de revelação proclamadas por Jesus e concretizadas em seu gesto na cruz. A hipótese norteadora dessa pesquisa é que o quadro narrativo do discurso do “Pão da Vida”, em João 6,1-34.59-71, articula a situação dessa opção, em dois momentos: o primeiro demonstra o que se deve escolher; o outro, a realidade e as consequências da opção. Em João 6, muitos participaram do sinal dos pães e dos peixes. Porém, em face do discurso do “Pão da Vida”, muitos abandonaram Jesus. Para alguns discípulos, são palavras duras; para os Doze, “palavras de vida eterna”. Portanto, a fé em Jesus e a permanência com ele é determinada pela opção por suas palavras de revelação.

**Palavras-Chave:** Palavras de Revelação. Comunidade Joanina. Evangelho de João. Cristianismo Primitivo. Sinal. Pão da vida. Análise Narrativa.

## ABSTRACT

In the Gospel of John, the *signs* were recorded (γράφω) with the purpose of promoting faith in Jesus as the Christ, the Son of God, an action that guarantees life through his name (Jn 20:30-31). However, we realize that the signs raise only a first stage of faith, being insufficient for a true understanding, choice and confession of faith in Jesus as Christ. Despite performing many signs, the Jews “did not believe him” (Jn 12:37). On the other hand, we perceive a progression in the faith of some characters, such as the disciples, the Samaritan woman, the king's official, the born blind man, among others. Is there, therefore, a catalytic element for the emergence of the full faith in Jesus? From the perspective of this research, a determining factor for true faith is the chose (to listen) of the words of revelation proclaimed by Jesus and concretized in his gesture on the cross. The guiding hypothesis of this research is that the narrative framework of the “Bread of Life” discourse, in Jn 6:1-34.59-71, which articulates the situation of this chose, in two moments: the first demonstrates what to choose; the other, the reality and consequences of the choice. In John 6, many participated in the sign of the loaves and fishes. However, in the face of the “Bread of Life” discourse, many abandoned Jesus. For some disciples, these are harsh words; to the Twelve, these are “words of eternal life.” Therefore, faith in Jesus and staying with him is determined by choosing his words of revelation.

**Keywords:** Words of Revelation. Johannine Community. Gospel of John. Early Christianity. Sign. Bread of Life. Narrative Analysis.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Antigo Testamento
Cf.	Conferir
EJ	Evangelho segundo João
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
p.	Página(s)
TestMo	Testamento de Moisés
v.	Versículo(s)

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1</b>	<b>O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO: CHAVES LITERÁRIAS E TEOLÓGICAS .....</b>	<b>15</b>
1.1	Autor e interlocutores .....	16
1.2	Aspectos literários .....	19
1.2.1	A linguagem joanina .....	19
1.2.1.1	Simbolismos .....	19
1.2.1.2	Mal-entendidos .....	21
1.2.2	A estrutura literária .....	23
1.3	O conflito com “os judeus” .....	24
1.4	João e os demais evangelhos: perspectiva sinótica .....	29
1.5	Ênfases teológicas em João .....	32
1.6	Cristologia e Soteriologia .....	41
1.6.1	A intenção literária.....	41
1.6.2	Títulos cristológicos.....	43
1.6.3	Jesus como “enviado do Pai” .....	47
1.6.4	As “palavras de Eu Sou” .....	49
1.6.5	Os Sinais .....	55
1.7	Considerações parciais.....	57
<b>2</b>	<b>ANÁLISE DE JOÃO 6: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO .....</b>	<b>59</b>
2.1	Texto grego e tradução.....	59
2.2	Algumas observações sobre Crítica Textual-Documental.....	64
2.3	Delimitação do texto no contexto da obra .....	65
2.3.1	Os quadros da narrativa.....	70
2.3.2	A sequência narrativa .....	72
2.3.2.1	Os primeiros testemunhos .....	72
2.3.2.2	Os sinais em Caná da Galileia .....	73
2.3.2.3	O início do conflito com “os judeus” .....	75
2.3.2.4	O conflito crescente .....	76
2.3.2.5	A visão do cego e a cegueira de “os que veem” .....	80
2.3.2.6	Falando por comparações.....	81
2.3.2.7	O sinal de Lázaro e a resolução pela morte .....	83

2.3.2.8	A conclusão da sequência .....	85
2.3.2.9	As conexões da sequência narrativa .....	86
2.4	Sinopse joanina .....	87
2.4.1	Aproximações e distanciamentos .....	98
2.4.2	O material exclusivo de João .....	104
2.4.3	Tradições de Moisés em João 6 .....	105
2.5	Considerações parciais .....	107
3	<b>ANÁLISE DE JOÃO 6: SEGUNDA APROXIMAÇÃO</b> .....	109
3.1	O enredo .....	110
3.1.1	Enredos episódicos .....	110
3.1.1.1	Cena 1: Jo 6,1-15 .....	111
3.1.1.2	Cena 2: Jo 6,16-21 .....	113
3.1.1.3	Cena 3: Jo 6,22-71 .....	117
3.1.2	Enredo unificante .....	127
3.1.2.1	Aspecto lexical.....	128
3.1.2.2	Repetição .....	129
3.1.2.3	Campo semântico .....	131
3.1.2.4	Lógica narrativa .....	132
3.2	Os personagens .....	139
3.2.1	Classificação dos personagens.....	139
3.2.1.1	Protagonista .....	140
3.2.1.2	Cordão .....	140
3.2.1.3	Figurantes.....	141
3.2.1.4	Síntese da classificação dos personagens.....	142
3.2.2	O ponto de vista avaliador .....	143
3.2.2.1	Empatia .....	143
3.2.2.2	Simpatia.....	145
3.2.2.3	Antipatia.....	146
3.2.2.4	Identificação neutra .....	149
3.2.2.5	Síntese da identificação com os personagens .....	150
3.2.3	O conhecimento do leitor em relação aos personagens.....	150
3.2.3.1	Posição inferior: o leitor sabe menos que os personagens .....	150
3.2.3.2	Posição superior: o leitor sabe mais que os personagens.....	152
3.2.3.3	O jogo das focalizações.....	153

3.2.3.4	Síntese das relações leitor-personagens.....	155
3.3	Os enquadramentos.....	155
3.3.1	Enquadramento temporal .....	156
3.3.2	Enquadramento geográfico .....	157
3.3.3	Enquadramento social .....	158
3.4	O tempo narrativo.....	161
3.4.1	A velocidade da narrativa.....	161
3.4.1.1	Pausas .....	162
3.4.1.2	Elipses .....	164
3.4.1.3	Síntese da velocidade da narrativa .....	165
3.4.2	A ordem .....	166
3.4.2.1	Anacronias no quadro narrativo .....	167
3.4.2.2	Anacronias no discurso de Jesus.....	171
3.4.2.3	Síntese da ordem narrativa .....	172
3.4.3	A frequência.....	174
3.5	A “voz” narrativa .....	177
3.5.1	Os comentários explícitos .....	177
3.5.1.1	Explicação .....	178
3.5.1.2	Visão do interior .....	179
3.5.1.3	Visão por detrás.....	179
3.5.1.4	Avaliação .....	180
3.5.2	Os comentários implícitos.....	180
3.5.2.1	Intertextualidade .....	180
3.5.2.2	Mal-entendido .....	181
3.5.2.3	Simbolismo .....	182
3.5.2.4	Jesus como narrador em segundo grau.....	182
3.5.3	O ponto de vista do narrador .....	183
3.6	O texto e seu leitor .....	185
3.6.1	A programação da leitura.....	185
3.6.2	As competências do leitor .....	187
3.7	Considerações parciais.....	190
	CONCLUSÃO .....	193
	REFERÊNCIAS .....	195

## INTRODUÇÃO

*Sinal e fé* interligam-se profundamente no Evangelho segundo João (= EJ), a ponto de definir a intenção literária do evangelista ao conceber sua obra: “Jesus fez diante dos discípulos muitos outros *sinais*, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que *creiais* que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, *crendo*, tenhais a vida em seu nome” (20,30-31 – *grifo nosso*). Ao narrar, João tem esse horizonte. Porém, ao ler o Evangelho, chega-se facilmente a uma conclusão: os sinais, narrados para suscitar a fé em Jesus, são insuficientes ou suscitam apenas uma fé superficial: “Apesar de ter feito tantos sinais diante deles, eles não creram nele” (12,37); “No entanto, mesmo entre os chefes, muitos passaram a crer nele. Mas não o confessavam, por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga” (12,42).

Diante dessa constatação, surge o objeto dessa pesquisa: a relação entre sinal e fé, percebendo os limites de compreensão acerca da identidade de Jesus. Jesus realiza diversos sinais, todavia, esses sinais são insuficientes para o surgimento de uma fé plena. Há, porém, alguns exemplos positivos de confissão, o que faz perceber a existência de um fator decisivo para essa opção. A complexidade dessa opção aparece ao longo de todo o EJ, tendo um importante destaque em Jo 6,1-71, que se constitui como uma espécie de minievangelho, contendo a mensagem essencial de Jesus e a respeito dele<sup>1</sup>. Em relação à pesquisa acadêmica, o que tem de relevante nessa tese é a abordagem que se fará do quadro narrativo (6,1-34.59-71) e sua relação com o discurso do “Pão da Vida” (6,35-58), por meio da análise narrativa. O foco não será o discurso de Jesus, já discutido exaustivamente pelos estudiosos do EJ.

Jo 6 ocupa um lugar especial na fé e na tradição cristãs. Não por acaso, a primeira parte dessa história tão emblemática, a multiplicação de pães e peixes, é registrada seis vezes em quatro evangelhos (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,30-44; 8,1-10; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15). É impossível alguém não conhecer essa história. Afinal, sua repetição mostra o valor dessa memória para as comunidades primitivas. Nenhum evangelista se atreveu deixá-la de fora. Marcos e Mateus decidiram contá-la duas vezes.

No primeiro capítulo, apresentar-se-ão alguns pressupostos da pesquisa joanina que servirão de pano de fundo da análise da narrativa de Jo 6. Reconhece-se a amplitude das pesquisas nesse assunto e, por isso, limitar-se-á ao necessário para os objetivos desta pesquisa. Abordar-se-ão questões como: autoria e destinatários, intenção literária, estrutura, a relação de João com os sinóticos e alguns aspectos da cristologia joanina.

---

<sup>1</sup> KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017, p. 203.

No segundo capítulo, a tarefa consistirá numa primeira aproximação analítica da narrativa de Jo 6. Para isso, será proposta uma tradução instrumental do texto grego, versão *Novum Testamentum Graece* (NA27), de Nestle-Aland<sup>2</sup>. Com a finalidade de respeitar, ao máximo, a lógica do texto grego, utilizar-se-á a tradução instrumental em todas as citações ao longo da tese. As demais citações, inclusive do EJ (com exceção de Jo 6), serão extraídas da Bíblia CNBB 2012. Em seguida, se fará uma análise da relação da narrativa de Jo 6 com o Livro dos Sinais (Jo 1–12), em vista de perceber seu papel semântico-teológico nessa sequência. Além disso, comparar-se-á João com os demais evangelhos sinóticos, por meio de uma tabela (sinopse). Essa comparação será fundamental para se perceber as peculiaridades do quarto evangelista e, conseqüentemente, reunir subsídios para a análise narrativa que se fará no capítulo posterior.

No terceiro capítulo, por meio da análise narrativa, far-se-á uma segunda aproximação de Jo 6. Nessa etapa, o interesse será o de perceber que elementos João utiliza em sua condução da narrativa e de que forma transmite sua mensagem. Para isso, analisará o enredo, os personagens, o enquadramento e a temporalidade narrativa. Além disso, a tarefa será a de apresentar o ponto de visto do narrador, explicitando a forma como comunica sua mensagem ao leitor, que deverá ser competente para: 1) ler, de forma satisfatória, a narrativa; 2) julgar a pertinência dos valores inseridos no relato, uma vez que estará consciente no seu ato de ler. Em seguida, deve-se explicitar a resposta esperada pelo narrador.

Como conclusão, elencar-se-ão, em perspectiva pastoral, as principais contribuições deste trabalho para a igreja brasileira, em nosso tempo.

Assim, esta pesquisa se lança no desafio de responder as seguintes questões: sendo o acolhimento às palavras de Jesus o fator determinante para a fé plena, como o narrador articula essa opção a partir do quadro narrativo de Jo 6? Qual é o ponto de vista do narrador e como o comunica ao leitor? Quem é o leitor implícito na narrativa e quais as competências esperadas para uma leitura satisfatória? Quais são as principais contribuições desta pesquisa para a fé cristã, hoje?

---

<sup>2</sup> NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.

## 1 O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO: CHAVES LITERÁRIAS E TEOLÓGICAS

O EJ, assim como qualquer livro da Bíblia, tem suas peculiaridades: estilo, gênero literário, autoria e destinatários, *Sitz im Leben*, estrutura, intenção, ênfases etc. A análise desses aspectos proporcionará a percepção da riqueza teológico-narrativa desse texto e sua atualidade para a fé cristã. O caráter especial de João se revela, ainda, quando se atenta para o privilégio de analisar um evangelho, pois, há quatro livros bíblicos nesse estilo (Mt, Mc, Lc e Jo). É impossível olhar para o EJ sem considerar sua relação com os sinóticos, por suas diferenças ou por suas semelhanças. Essa comparação será importante num segundo momento. Interessa, aqui, um olhar geral para o EJ, atentando para alguns dados específicos que contribuam para o propósito deste trabalho.

Por isso, nesse capítulo apresentar-se-ão alguns aspectos introdutórios acerca do EJ, que servirão de fundamento para o desenrolar da tese, especialmente, no que se refere à análise narrativa que se fará. Suscitar-se-á uma discussão a respeito da autoria e dos destinatários do EJ. Há muita divergência a respeito desse assunto. No entanto, uma palavra sobre isso é necessária, pois contribuirá na identificação do leitor implícito.<sup>1</sup>

Examinar-se-á a linguagem joanina, destacando os principais aspectos que nortearão a análise proposta nesta tese. João segue um estilo próprio, com uma linguagem de caráter iniciático, marcada por simbolismos e mal-entendidos. Compreender isso é fundamental.

Em seguida, investigar-se-á um grupo específico mencionado nas páginas do EJ, “os judeus”. Entender o relacionamento conflitivo dos joaninos com esse grupo é essencial, pois está diretamente ligado ao tipo de mensagem que João deseja transmitir.

João é um evangelho denso, com diversas ênfases teológicas. Assim, outra tarefa consiste em examinar essas ênfases, pois, algumas delas fazem parte de Jo 6. Além disso, o exame seguirá pela relação intrínseca entre cristologia e soteriologia, atentando-se para os títulos cristológicos atribuídos a Jesus.

Por fim, analisar-se-ão três temas centrais para Jo 6, estabelecendo pressupostos para a análise exegético-narrativa que se fará nos próximos capítulos: 1) Jesus como “enviado do Pai”, 2) as “palavras de Eu Sou”, com destaque para o “pão da vida” e 3) os sinais.

---

<sup>1</sup> “**Leitor real:** figura individual ou coletiva, representante seja do leitorado a que o autor real destinou seu texto (leitor primeiro), seja de qualquer pessoa engajada no ato de leitura. Como tal, essa entidade não é do campo da narratologia. | **Leitor implícito:** receptor da narrativa construído pelo texto e apto a atualizar as significações na perspectiva induzida pelo autor; essa imagem do leitor equivale ao leitorado imaginado pelo autor”. MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 27. Esse assunto será abordado no último capítulo desta tese.

## 1.1 Autor e interlocutores

Como na maioria dos escritos bíblicos, falar do “autor real”<sup>2</sup> do EJ é problemático. “É mais fácil perguntar pelo autor do EJ do que responder”<sup>3</sup> a tal pergunta. O conceito de autoria, no mundo antigo, diverge do que se pensa hoje, porque “antigamente a atribuição de um escrito a determinado autor não servia para pagamento de direitos autorais, mas para respaldar o uso na comunidade. Expressava a autoridade, o valor do escrito para a fé”.<sup>4</sup>

Desde cedo, o apóstolo João foi considerado a figura de autoridade por trás do EJ. Apesar de o título “segundo João” não fazer parte do texto original, estava inserido em seu frontispício no século II. Alguns testemunhos apontam João como “autor” do evangelho:

Escreve Irineu de Lião (c. 180): “Depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que se reclinou sobre seu peito, também ele editou o evangelho, enquanto residia em Éfeso da Ásia (*Adversus Haereses*, III). O documento chamado Cânon de Muratori (c. 200) diz que, reunidos com João, os outros discípulos decidiram que ele “escrevesse tudo sob seu nome”. Clemente de Alexandria escreve: “João, o último de todos, vendo que nos evangelhos se mostra o corporal, incentivado pelos amigos, divinamente levado pelo Espírito, compôs o evangelho espiritual” (das Hipótiposes, cit. por Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*). Os antigos Prólogos latinos dos evangelhos (antes de 200) ensinam que “esse evangelho foi dado às igrejas enquanto João ainda vivia, como narra Papias de Hierápolis [...] que o escreveu diretamente ditado de João”.<sup>5</sup>

Outra postura marcante nos estudos joaninos consiste em associar João, suposto autor, com a figura do *discípulo amado*. Esse argumento, geralmente, se baseia em Jo 21,24 (com analogia em 19,35): “Esse é o discípulo que testemunha a respeito dessas coisas, e que as escreveu. Sabe-se que é verdadeiro seu testemunho”.<sup>6</sup> Essa associação, entretanto, não é possível. Primeiro, porque todos os elementos utilizados na construção do raciocínio que termina por identificar João, filho de Zebedeu, com o discípulo amado pertencem aos evangelhos sinóticos.<sup>7</sup> Segundo, porque o evangelho não é obra de uma testemunha ocular, sendo o autor, provavelmente, um homem da segunda ou terceira geração, que teria escrito em

<sup>2</sup> “**Autor real:** personagem histórico, individual ou coletivo, responsável pela redação da narrativa; como tal, não emerge no campo da narratologia. | **Autor implícito:** imagem do autor tal como se revela na obra por suas opções de escrita e pelo desdobramento da estratégia narrativa”. MARGUERAT, 2015, p. 27.

<sup>3</sup> BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: comentário*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 31.

<sup>4</sup> KONINGS, 2017, p. 29.

<sup>5</sup> KONINGS, 2017, p. 30-31.

<sup>6</sup> “O texto de Jo 21,24 está inserido em uma passagem que se refere ao discípulo que Jesus amava, atribuindo-lhe a autoria do Evangelho. Os textos que a ele se referem são: Jo 13,23-26; 19,25-27; 20,2-10; 21,7.20-24”. MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 21.

<sup>7</sup> KONINGS, 2017, p. 31.

nome do discípulo amado, e se esforçado para expor, sob a forma de um evangelho, a interpretação da fé cristã esboçada pelo discípulo amado.<sup>8</sup>

A pesquisa bíblica já demonstrou com clareza a impossibilidade da determinação da autoria do EJ. Afinal, o autor preferiu o caminho do anonimato.<sup>9</sup> Essa decisão deve ser respeitada, pois, não fará falta conhecer sua identidade. Nesse caso, para a finalidade desta pesquisa, chamaremos de “autor”, “narrador”, “João” ou “evangelista” o produtor literário principal, que concebeu, substancialmente, o evangelho na forma que chegou até nós. Se, por um lado, é impossível determinar a identidade do “autor real”, por outro, pode-se, por meio da análise literária, traçar o perfil do autor implicado no texto:

O “autor implícito”, no Quarto Evangelho, é um narrador que não aparece, mas narra de modo quase neutro, menos nas suas observações e comentários colaterais, às vezes ampliados a trechos meditativos. Ele parece saber de toda a trama que se desenvolve, a missão de Jesus por Deus (13,1.3) e as maquinações do diabo (13,2!), mas deixa, contudo, lugar para o insondável mistério de Deus. Ele se identifica com a comunidade no meio da qual ele faz seu relato, como transparece no plural comunitário usado no Prólogo (v. 14.16), em palavras de Jesus (3,11; 4,22), em palavras dos discípulos (1,41.45; 6,68-69). Fala de dentro da comunidade, como uma homilia – provável origem do Quarto Evangelho. Pode-se perguntar se o autor se identifica com a testemunha ocular mencionada em 19,35 ou apenas quer ser o seu porta-voz. Em todo o caso, o autor se apresenta como articulador do testemunho e da confissão de fé da comunidade (20,30-31). No epílogo, em 21,24, o editor toma a palavra e, acenando para 19,35, parece identificar a “testemunha por excelência” que está por trás do Evangelho com o Discípulo Amado.<sup>10</sup>

Dificuldade semelhante à questão da autoria se apresenta quando se pergunta pelos destinatários e, conseqüentemente, o lugar de composição do evangelho. Tradicionalmente, Éfeso é apontada como lugar de origem do EJ. Entretanto, essa opinião é bastante questionada, pois pressupõe que o autor seria o Discípulo Amado, o qual seria João. Outras localidades também são apontadas como possibilidade, como Antioquia da Síria<sup>11</sup>, e a própria Caná da Galileia<sup>12</sup> (pelo menos num estágio inicial). Novamente, se a identificação precisa parece uma tarefa impossível, pode-se traçar um perfil dos interlocutores, suficiente para a abordagem apresentada nesta tese.

Segundo Zumstein, o EJ tem uma comunicação pragmática, com a intenção de reestruturar a fé dos crentes. O narrador tem, portanto, diante de seus olhos uma comunidade abalada e enfraquecida, pretendendo conduzi-la a uma fé consolidada e claramente formulada.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> ZUMSTEIN, Jean. *L'Évangile selon Saint Jean (1-12)*. Genève: Labor et Fides, 2014. v. 1., p. 459-460.

<sup>9</sup> Para uma leitura mais detalhada acerca desse assunto, pode-se consultar WIKENHAUSER, 1978, p. 11-23.

<sup>10</sup> KONINGS, 2017, p. 27-28.

<sup>11</sup> BEUTLER, 2015, p. 33; ZUMSTEIN, 2015, p. 459.

<sup>12</sup> KONINGS, 2017, p. 43.

<sup>13</sup> ZUMSTEIN, 2015, p. 461.

O autor, ainda, como argumento para situar a redação do evangelho, estabelece uma lista de critérios que possibilita traçar o perfil dos primeiros ouvintes:

Para determinar o lugar provável em que foi composto o evangelho, é preciso levar em conta seis fatores. Deve ser: 1) um lugar onde a sinagoga dos fariseus tinha um papel importante e onde lhe fosse possível impor medidas disciplinares; 2) um lugar onde o judaísmo heterodoxo ainda era florescente; 3) um lugar onde os discípulos de João Batista veneravam seu falecido mestre; 4) um lugar onde a gnose iria poder se desenvolver; 5) um lugar onde o grego era de uso corrente; 6) um lugar onde as figuras de Pedro e de Tomé desempenhavam um papel eclesial de primeiro plano.<sup>14</sup>

Konings observa que a linguagem joanina<sup>15</sup>, do tipo “iniciática”, sugere que o autor vê o leitor (ou ouvinte) como discípulo no processo da fé: ironias por conta dos judeus, comentários colaterais do próprio evangelista, simbolismo acessível apenas a iniciados ou iniciandos, mistagogia e parênese (condução e exortação dos fiéis).<sup>16</sup> Mas, esse processo de fé se vê fragilizado. As comunidades, no final do primeiro século, estão ameaçadas pelo “mundo”. Ainda assim, precisam dar testemunho! São, ao mesmo tempo, missionárias e perseguidas. Para Konings, esse “mundo” é concretizado em dois círculos concêntricos: “um mais amplo, a sociedade do Império Romano, e outro mais restrito, representado pelo termo ‘os judeus’”<sup>17</sup>. Assim, “as comunidades do EJ dão a impressão de constituir um grupo em autodefesa, quase um gueto na sociedade daquele tempo”.<sup>18</sup> A referência à expulsão da sinagoga, em Jo 9, pode ser um importante indício desse conflito vivenciado pelas comunidades (12,42; 16,2). Em relação ao período da história de Jesus, isso seria um anacronismo. No entanto, sabe-se que, pouco tempo depois da morte e ressurreição, já ocorreram perseguições judaicas (At 6–7.9). Essa situação conflituosa se torna um importante elemento para a compreensão do teor teológico do evangelista, como observa Konings:

João testemunha que tornar-se cristão, ou continuar sê-lo, era problemático nas comunidades que ele representa, e veremos que isso tem implicações notáveis para a interpretação do texto. Continua aberta a questão se esse conflito com a sinagoga deve ser localizado no fim do primeiro século, no tempo do sínodo rabínico de Jâmnia e da inserção da “bênção contra os hereges” na oração matinal dos judeus (a *birkat haminim*, c. 85 d.C.).<sup>19</sup>

<sup>14</sup> ZUMSTEIN, 2015, p. 459.

<sup>15</sup> Esse aspecto será abordado na seção 1.2.1.

<sup>16</sup> KONINGS, 2017, p. 28.

<sup>17</sup> Esse conflito com “os judeus” será apresentado na seção 1.3.

<sup>18</sup> KONINGS, 2017, p. 55.

<sup>19</sup> KONINGS, 2017, p. 56.

## 1.2 Aspectos literários

Quem abre o EJ percebe rapidamente que é diferente dos demais evangelhos (Mt, Mc e Lc). Isso se deve a diversos fatores, como autoria, interlocutores, estrutura, estilo e gêneros literários, data de composição, intenções teológicas, fontes etc. Ver-se-ão abaixo alguns desses fatores. Ao longo da tese, outros dados contribuirão para uma melhor compreensão do texto joanino.

### 1.2.1 A linguagem joanina

A linguagem utilizada por João é própria, carregada de polissemia, aberta a diversas interpretações. Isso se deve a, pelo menos, dois fatores. Primeiro, João utiliza um vocabulário reduzido, apenas 1011 vocábulos, menos que os demais evangelhos: Marcos: 1345; Mateus: 1691; Lucas: 2055.<sup>20</sup> Segundo, a índole de João é didática e simbólica. “Ele quer mostrar que aquilo que ele conta tem um sentido mais profundo. As palavras apontam para algo a mais que seu sentido primeiro”.<sup>21</sup> Isso indica o caráter mistagógico<sup>22</sup> desse evangelho. Seu contexto é a iniciação e o aprofundamento nos mistérios cristãos: batismo e eucaristia. Para isso, João lança mão de um estilo literário próprio: utiliza linguagem simbólica, dualismos, mal-entendido, ironia entre outros. Por questões metodológicas, abordar-se-ão apenas dois desses elementos.

#### 1.2.1.1 Simbolismos

Como procedimento literário de revelação, João utiliza a linguagem simbólica. Insere termos de duplo sentido: o sentido primeiro aponta para o segundo. Dessa forma, como postula Zumstein, o símbolo fornece o reservatório semântico necessário para a expressão de revelação<sup>23</sup>. O símbolo é a parte perceptível de uma realidade imperceptível. Segundo Konings, esse caráter simbólico se comunica às próprias narrativas, que se tornam símbolos em forma narrativa daquilo que Jesus, em pessoa, vem ser e fazer. Afinal, Jesus é, em símbolo, aquilo que oferece.<sup>24</sup> Alguns exemplos: um tabernáculo no meio do povo (1,14), o vinho novo (2,9-10), a

<sup>20</sup> MORGENTHALER, R. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. Frankfurt: Gotthelf, 1958, p. 164.

<sup>21</sup> KONINGS, 2016, p. 23.

<sup>22</sup> “Mistagogia: instrução dos *mystói* (mistério), ou seja, os já iniciados (às vezes chamados os ‘perfeitos’) na comunidade cristã, geralmente por meio da homilia”. (KONINGS, 2017. p. 542).

<sup>23</sup> ZUMSTEIN, 2015, p. 452.

<sup>24</sup> KONINGS, 2017, p. 23.

água viva (4,10; 7,37), o pão da vida (6,35), a luz do mundo (8,12), a porta (10,9), o bom pastor (10,11), a ressurreição e a vida (11,25), o caminho, a verdade e a vida (14,6), a videira verdadeira (15,1), entre outros.

O simbolismo pode, ainda, variar de duas formas em João. Primeiro, por meio de dualismos: em cima/embaixo (8,23); carne/espírito (3,6.8); luz/trevas (1,5; 8,12); verdade/mentira (8,32.44); vida/morte (6,58; 11,25). A partir destes símbolos arquetípicos, o autor convida o leitor a uma opção por um desses dois âmbitos ou atitudes suscitadas pelos termos.<sup>25</sup> Em segundo lugar, o simbolismo se manifesta nas narrativas acerca dos sinais que Jesus realiza e apontam para a realidade que ele mesmo é (dom de Deus). A dificuldade de captar o significado desses sinais torna-se um elemento dramático para a interpretação do EJ, de modo geral. A respeito dos sinais como expressão do simbolismo joanino, Konings escreve:

Em João, as ações notórias ou admiráveis de Jesus (os milagres, pelos outros evangelistas chamados “forças, poderes”) são designados pelo termo “sinais” (gr. *semeia*). Este termo sugere que Jesus é um profeta, pois a autoridade dos profetas era credenciada por Deus mediante os “sinais” que operavam. Assim, as “pragas” do Egito, no caso de Moisés, chamam-se “sinais” de que Deus está do lado dele (em Jo 3,2 Nicodemos fala assim a respeito de Jesus). Em João, contudo, o termo tem um sentido mais profundo. Os seis ou sete sinais (conforme se contam, em 6,1-21, um ou dois) descritos por João não apenas mostram que Deus está com ele, mas visualizam também simbolicamente o que Jesus significa: vinho das núpcias messiânicas, cura e vida, alimento da vida divina, luz do mundo, ressurreição e vida [...] Não apenas comprovam que Deus está por trás de Jesus; mostram Deus em Jesus. Por isso, João caracteriza seu evangelho como uma seleção de “sinais” de Jesus, representativos da manifestação de Deus nele (12,37; 20,30).<sup>26</sup>

Como visto, comumente, fala-se de sete sinais no EJ, que seriam os seguintes: 1) a mudança da água em vinho nas Bodas de Caná (2,1-12); 2) a cura do filho do funcionário régio em Caná (Jo 4,46-54); 3) a cura do paralítico na piscina de Betzata (5,1-15); 4) a multiplicação dos pães na Galileia (Jo 6,1-15); 5) o caminhar de Jesus sobre as águas do mar da Galileia (Jo 6,16-21); 6) a cura do cego de nascença em Jerusalém (Jo 9,1-41); e 7) a ressurreição de Lázaro em Betânia (Jo 11,1-54). Porém, há divergências, com alguns autores defendendo seis sinais, ao invés dos sete.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Essa provocação do narrador ao leitor será fundamental para a compreensão de Jo 6, como será demonstrado.

<sup>26</sup> KONINGS, 2017, p. 550.

<sup>27</sup> Para essa discussão, consulte SILVA, Luis Henrique Eloy e. “Por volta da hora sexta” (Jo 19,14): os seis sinais e a hora de Jesus no Quarto Evangelho. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, p. 587-605, set./dez.2019; SANDERS, J. N. *A commentary on the Gospel according to St John*. London: Adam & Charles Black, 1968, p. 5.

### 1.2.1.2 Mal-entendidos

João utiliza, também, termos ambíguos. Essa ambivalência gera mal-entendidos entre os interlocutores de Jesus. Uma palavra dita ou expressão proclamada é recebida com dificuldade pelos ouvintes, que, geralmente, não vão além da literalidade. Alguns exemplos desse procedimento literário<sup>28</sup>:

- *“Ele falava isso a respeito do Templo que é o seu corpo”* (2,18-21): quando solicitado pelos judeus para que lhes oferecesse um sinal, Jesus disse: “Destruí este templo e em três dias eu o reerguerei”. Os judeus se espantaram, pois pensavam que Jesus falava literalmente do Templo de Jerusalém, que demorou quarenta e seis anos para ficar pronto. Jesus, porém, falava da ressurreição;
- *“Tu és mestre em Israel e não conheces estas coisas?”* (3,3-12): no diálogo com Nicodemos, Jesus lhe disse que deveria nascer de novo/do alto (3,3). Utiliza-se uma palavra ambígua, que pode significar tanto “de novo” quanto “do alto” (ἄνωθεν). Nicodemos pensou no nascimento físico. Por isso, o espanto: “como pode alguém nascer, se já é velho? Ele poderá entrar uma segunda vez no ventre de sua mãe para nascer?” (3,4). Jesus explicou que esse nascimento é de ordem espiritual, confirmado no sacramento do batismo. Assim, deve-se nascer “da água e do espírito”. Nicodemos, porém, continuou sem entender;
- *“Não tens balde e o poço é fundo... de onde tens essa água viva?”* (4,10-15): no encontro com a samaritana, Jesus se revelou como aquele que pode oferecer “água viva”, que sacia a sede eternamente. A mulher, então, que estava à beira do poço para tirar água, como fazia regularmente, logo entendeu que Jesus falava literalmente de água. Então, lhe pediu: “dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirar água” (4,15). Jesus falava de si, contudo, ela ainda não havia entendido;
- *“Será que alguém lhe trouxe alguma coisa para comer?”* (4,31-34): ainda em Jo 4, temos outro mal-entendido. Os discípulos que haviam deixado Jesus sozinho para buscar comida, voltaram e lhe ofereceram o que trouxeram. Jesus não aceitou e disse: “eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis” (4,32). Os discípulos pensaram que alguém havia alimentado Jesus. Ele, porém, falava de sua missão como alimento. Comer é, na verdade, cumprir a vontade de Deus e realizar sua obra;

<sup>28</sup> Deixa-se de fora, por enquanto, os mal-entendidos em Jo 6, que serão destacados na seção 3.5.2.2.

- *“Para onde irá?”* (7,32-36): na festa das Tendas, os sacerdotes e fariseus mandaram prender Jesus. Todavia, ele lhes disse: “por pouco tempo ainda estou convosco; depois vou para aquele que me enviou. Vós me procurareis e não me encontrareis. E lá, onde eu estou, vós não podeis ir”. Os judeus ficaram sem saber do que Jesus estava falando, e pensaram que iria ao encontro dos judeus na diáspora e dos gregos. Não compreenderam sua origem e destino espirituais;
- *“Acaso ele irá se matar?”* (8,21-22): ainda falando sobre sua partida, as palavras de Jesus são mal compreendidas. “Para onde eu vou, vós não podeis ir”, disse Jesus. Porém, os judeus entenderam que Jesus desejava tirar a própria vida (suicídio);
- *“Abraão viu o meu dia e se alegrou”* (8,56-59): no final de Jo 8, diante da discussão acerca do tema da liberdade, Jesus disse que antecedia Abraão na existência. Naturalmente, os judeus não compreenderam essa declaração, e disseram: “Ainda não tens cinquenta anos, e vistes Abraão?”. Jesus falava de uma existência atemporal e os judeus pensavam numa existência física, temporal;
- *“Para que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos”* (9,39-41): após curar o cego de nascença, Jesus foi acolhido por ele como Filho do Homem (9,35.38). Diante dessa confissão, Jesus revelou-se como aquele que julgaria o mundo, provocando uma inversão: quem é cego verá; quem vê se tornará cego (9,39). Jesus falava de um olhar e uma cegueira espirituais. Os fariseus, entretanto, entenderam no sentido literal;
- *“Eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia”* (11,21-27): em virtude da morte de Lázaro e do desespero de Marta, Jesus disse-lhe que seu irmão ressuscitaria (11,23). Marta entendeu essas palavras como expressão de uma esperança futura. Jesus, contudo, explicou que a fé faz surgir uma esperança no presente. Quem crê nele, ainda que tenha morrido, viverá; e todo aquele que vive e crê nele, não morrerá jamais (11,25-26). A escatologia estritamente futurística dá lugar a uma escatologia presente, realizada.

O engano sobre o sentido de uma palavra ou expressão dá a Jesus a oportunidade para revelar sua identidade e sua missão: no mal-entendido a respeito do Templo, Jesus fala da ressurreição (2,18-21); na falta de compreensão de Nicodemos, fala de um novo nascimento, agora pelo espírito (3,3-12); no desejo por uma água que eliminasse a sede para sempre, se apresenta como doador de uma água viva e como o próprio dom (4,10-15); na desconfiança de que alguém já o houvesse alimentado, demonstra que cumprir a vontade e a missão de Deus é

sua verdadeira comida (4,31-34); na controvérsia acerca de Abraão, se revela como “Eu Sou” (8,56-59); na incompreensão de Marta, inaugura uma esperança no presente (11,21-27).

Essa linguagem ambivalente tem forte teor mistagógico, demarcando bem a vida comunitária dos iniciados. Transparece no texto a necessidade de uma iniciação para que se compreenda o significado das palavras que são ditas, como palavras de vida eterna, de revelação. Essa iniciação passa, necessariamente, pela fé em Jesus como o Cristo, Filho de Deus. Mesmo “sendo mestre em Israel” (3,10), sem a experiência de novo nascimento, Nicodemos nada compreenderá em relação ao Reino de Deus (3,3.5). Deus é espírito (4,24) e se dá a conhecer plenamente na pessoa e nas obras de Jesus (1,18). Por isso, o convite de Jesus (do narrador): “vem e vê” (1,39).

### 1.2.2 A estrutura literária

Para compreender o EJ, deve-se observar sua estrutura literária. Há várias propostas de organização do conteúdo do evangelho. Todavia, nota-se certa concordância com a divisão em duas grandes partes: 1,19–12,50 e 13,1–20,31. Na primeira, há os relatos da vida pública de Jesus, juntamente com os milagres realizados, chamados de “sinais”. Na segunda, Jesus revela seu mistério a seus discípulos, ao passo que se vê rejeitado e crucificado pelo “mundo”. Um elemento estruturante é a noção da “hora” de Jesus. O primeiro bloco relata os feitos de Jesus no mundo, enquanto sua hora ainda não havia chegado. Jo 13,1 inaugura uma nova fase, quando Jesus percebe que a “hora” de partir para o Pai e ser glorificado por ele havia chegado. Tudo isso é precedido por um Prólogo (1,1-18) e finalizado por um Epílogo (21). Pode-se ilustrar essa estrutura da seguinte forma:<sup>29</sup>

1,1-18	1,19–12,50	13,1–20,31	21
Prólogo	O Livro dos Sinais Ainda não chegou “a hora”	O Livro da Glória Chegou “a hora”	Epílogo: a comunidade do Ressuscitado

<sup>29</sup> A estrutura literária será novamente tema dessa pesquisa na seção 2.3.2, na análise do papel de Jo 6 na sequência narrativa em que está inserido.

### 1.3 O conflito com “os judeus”

Percorrendo as páginas do EJ, destaca-se a presença de um grupo: “os judeus”. Diferente, por exemplo, dos samaritanos que aparecem praticamente apenas numa perícope (4,1-42), “os judeus” estão espalhados por todo EJ, em narrativas e diálogos polêmicos com Jesus. Em alguns momentos, “os judeus” são descritos como amigos de Jesus, mas em diversas outras passagens são opositores, não só de Jesus, como, também, da vontade do Pai. Comparando o EJ com os sinóticos, há outra surpresa: o EJ menciona “os judeus” em 70 passagens, em 33 das quais aparecem como inimigos de Jesus. Esse dado é relevante ao considerar que essa expressão é rara nos Sinóticos: 5 vezes em Mateus, 6 em Marcos e 5 em Lucas.<sup>30</sup> Percebemos nitidamente um interesse marcante pelo termo “os judeus” ao longo da obra joanina. Com tantas referências sobre eles, pode-se concluir que, de alguma forma, “os judeus” foram importantes na formação da comunidade joanina. Porém, diante da alternância entre relatos de afinidade e oposição, como entender, de fato, quem são “os judeus” no EJ? Para o evangelista, qual foi a verdadeira relação entre a comunidade joanina e “os judeus”? Teriam “os judeus” alguma relação com o Judaísmo da época de Jesus ou com a redação do EJ?

Almeida entende que a comunidade joanina nasceu com pessoas que estavam sofrendo com a restauração do judaísmo, depois da destruição do Templo (ano 70 d.C.) e o *Sínodo de Jâmnia* (80 d.C.)<sup>31</sup>. Esse grupo de fariseus/judeus refaz e reconstrói o judaísmo, exclusivamente, a partir da Lei, negando, portanto, que Jesus seja a “consumação-perfeita” messiânica de Deus. Para Almeida, os textos de Jo 9,22, 12,42 e 16,2 mostram quanto o Jesus joanino reprova “os judeus” e seu desconhecimento de Deus (5,37-47; 8,19.55) e quanto “os judeus” evidenciam sua não-aceitação de Jesus por meio de uma atitude agressiva: a exclusão da sinagoga judaica.<sup>32</sup>

Já Konings entende que, depois da destruição do Templo, que acarretou o fim dos sacrifícios e do sacerdócio, os rabinos (mestres leigos) de tendência farisaica como Hillel, reconstituem a comunidade em torno do estudo da Torá, em Jâmnia, perto da atual Tel-Aviv.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> WENGST, Klaus. *Interpretacion del evangelio de Juan*. Salamanca: Sigueme, 1988, p. 41.

<sup>31</sup> ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. *Eu sou a Luz do mundo*: um estudo do significado do termo *luz* em João 9,1-41. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008, f. 150.

<sup>32</sup> ALMEIDA, 2008, p. 150.

<sup>33</sup> “Em 68, quando do assédio de Jerusalém, os fariseus, com a anuência do poder romano, saíram da cidade para refugiar-se em Jâmnia/Javné, a uns 50 km a oeste de Jerusalém. Depois da destruição do Templo (em 70) e do fim da guerra, os rabinos (mormente fariseus) começaram a recompor a comunidade judaica na base da Sinagoga, sem o Templo. O ‘*Sínodo de Jâmnia*’, como é chamado, tomou a decisão de excluir os cristãos da nova comunidade judaica. Incluíram na oração cotidiana do judeu a *birkat ha-minim*, uma maldição dos hereges (*minim*). As razões disso podem ser diversas. Em primeiro lugar, os cristãos proclamavam Jesus como Messias,

A relação entre a sinagoga judaica e a comunidade cristã é agora de conflito aberto. O EJ conheceu sua redação final na atmosfera de conflito com esse novo judaísmo, chamado de “judaísmo formativo”, depois de 80 d.C. Talvez, as alusões à exclusão da sinagoga (Jo 9,22; 12,42) se refiram a uma decisão do grupo de Jâmnia (todavia, a perseguição dos cristãos nas sinagogas pode ser bem mais antiga, como provam os textos de Marcos e da fonte Q usada por Mateus e Lucas).<sup>34</sup>

Embora “os judeus” ocupem um lugar de destaque no EJ, Almeida entende que o evangelista parece ter uma aversão odiosa sem limites a eles. Porém, destaca que o termo *judeu*, no EJ, não designa uma etnia, nem uma cultura, ou povo.<sup>35</sup> Quando usado por João, com conotação de adversidade, a expressão não indica os judeus em geral, presentes tanto na Judeia como na Galileia, para falar de costumes, suas leis ou sua religião. No entanto, se refere aos opositores de Jesus e seus discípulos: “um grupo especial no ambiente judaico que tem peso político e social e até certo poder de decisão; uma ideologia que está tomando corpo numa estrutura de poder”.<sup>36</sup> Ao usar a expressão “os judeus” em sentido hostil, o escritor joanino aponta o grupo judaico dominante, quer no tempo de Jesus, quer no tempo das comunidades joaninas. Almeida acrescenta, ainda, que o problema é que João não distingue esses dois momentos e projeta anacronicamente a situação ulterior sobre a narrativa do ministério de Jesus.<sup>37</sup> João funde num só horizonte o ano 30 d.C. e o ano 90 d.C.<sup>38</sup> Entretanto, não há razão para se deduzir, do uso da expressão “os judeus”, que o EJ seja antijudaico. A respeito da expulsão dos cristãos da sinagoga, Almeida escreve:

A comunidade joanina rompe com o sistema baseado no cumprimento rigoroso da Lei. Isso ameaça a autoridade dos judeus/fariseus. Então, os cristãos são expulsos da sinagoga e começam a ser perseguidos. Diante das perseguições e das crises internas e externas, sentem a necessidade de reafirmar sua própria fé e definir a sua identidade. As pessoas que começam a enxergar aceitam a proposta de Jesus e passam a viver de

---

o que os judeus nacionalistas não podiam aceitar, sobretudo depois da destruição do Templo, uma situação nada “*messiânica*” (no entender deles). Além disso, os cristãos atribuíram a Jesus missão e dignidade divinas, o que os judeus consideravam blasfêmias (cf. Jo 5,18 etc.). Enfim, unindo-se a outros grupos (samaritanos, gregos), os cristãos de origem judaica deixavam de colaborar na construção de uma comunidade étnica; eram considerados traidores. Observemos, porém, que nada obriga a situar a exclusão (excomunhão) da Sinagoga só depois do sínodo de Jâmnia. A excomunhão era prática conhecida; por volta de 50 d.C., Paulo a aconselhou aos coríntios em relação a um incestuoso (1Co 5,1-5). Ela pode ter sido praticada contra os cristãos já bem cedo, dependendo da atmosfera local, pois o conflito com o judaísmo surgiu simultaneamente com a comunidade cristã (cf. At 8-9). Paulo que o diga!”. (KONINGS, 2017, p. 282-283).

<sup>34</sup> KONINGS, 2017, p. 42.

<sup>35</sup> ALMEIDA, 2008, p. 126.

<sup>36</sup> ALMEIDA, 2008, p. 126.

<sup>37</sup> ALMEIDA, 2008, p. 140.

<sup>38</sup> BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 42-43.

um jeito novo. Em meio a esse sofrimento, a comunidade vivencia uma nova relação de comunhão.<sup>39</sup>

Segundo a autora, uma das políticas das lideranças de Jâmnia foi justamente a culpabilização do povo judeu, imperfeito no cumprimento da lei mosaica e responsável pela destruição do Templo. Por isso, a crença na messianidade de Jesus foi interpretada pelos fariseus como infidelidade à lei, como heresia.<sup>40</sup> Almeida entende que a reação da comunidade joanina se expressa em termos de desprezo pela autoridade farisaica e de rechaço ao “judaísmo” por ela apregoado. Por esse motivo, a exclusão e a separação do judaísmo representavam um momento de trevas para quem proclamava Jesus como Messias. Os dissidentes ficavam sem proteção, sem trabalho, sem relações sociais e comerciais, separados de sua tradição religiosa, dos serviços e ritos religiosos. Sem a religião judaica, permitida pela lei do império, os judeus cristãos deveriam assumir outra religião que fosse reconhecida pelos romanos. Caso contrário, seriam vistos como inimigos. A situação da comunidade joanina era de grande insegurança. De um lado, as autoridades religiosas e do império mantinham sobre ela uma vigilância contínua. De outro lado, a multidão passou a ver os dissidentes cristãos como pessoas suspeitas, gente perigosa.<sup>41</sup>

Segundo Martyn, temos que ler o EJ num nível duplo: o nível da vida de Jesus e o nível da presença poderosa deste Jesus no âmbito de sua comunidade.<sup>42</sup> O EJ reflete um estágio inicial de banimento dos cristãos do judaísmo formativo. O ponto de partida do EJ, para Martyn, é a expulsão dos cristãos da sinagoga, que classifica como dado anacrônico, pois essa medida contra os cristãos só foi executada a partir dos anos 90. Sua aplicação à vida de Jesus é um indício de que outros dados semelhantes podem ser mais um reflexo dos problemas e preocupações da comunidade joanina do que dados históricos sobre Jesus.<sup>43</sup>

Para Wengst, ainda que o Jesus do EJ apresente as Escrituras, Moisés e a Lei em seu favor, e ainda que se qualifique como judeu, fala, no entanto, em “vossa lei” (8,17; 10,34), como se ele não fosse judeu. Também chama seus antepassados do deserto de “vossos pais” (6,49). É indiscutível que essa distância que se estabelece no EJ e que apresenta o judaísmo como alheio a Jesus não concorde com a realidade do Jesus terreno. Esse tipo de exposição é compreensível, em compensação, como expressão do contraste entre judaísmo e cristianismo da época do evangelista. A mesma distância acontece quando o EJ fala da “páscoa dos judeus”

---

<sup>39</sup> ALMEIDA, 2008, p. 140.

<sup>40</sup> ALMEIDA, 2008, p. 137.

<sup>41</sup> ALMEIDA, 2008, p. 137.

<sup>42</sup> MARTYN, James Louis. *History and theology in the fourth gospel*. New York: Harper & Row, 1968, p. 40.

<sup>43</sup> MARTYN, 1968, p. 35-45.

(2,13; 6,4; 11,55), da “festa dos judeus” (5,1; 6,4) e da “purificação dos judeus” (2,16). O julgamento aparece aqui abrangendo um coletivo religioso bem definido, em face a Jesus (no plano do evangelista, em face à comunidade que aceita e crê), com sua Escritura, festas e costumes.<sup>44</sup>

Vidal, falando sobre o conflito com “os judeus”, afirma se tratar da etapa do surgimento da comunidade joanina como uma nova instituição: “o trauma profundo de sua expulsão do seio do judaísmo equivale ao trauma de um autêntico ‘nascimento’ em uma vida independente”.<sup>45</sup> Segundo o autor, o testemunho principal são os escritos que surgem nessa época (aproximadamente o ano 80 d.C.), precisamente com o escrito etiológico (justificativo) da comunidade joanina.<sup>46</sup>

Para Vidal, a expulsão dos cristãos da sinagoga (9,22; 12,42; 16,2) se explica, apenas, a partir da situação especial do judaísmo depois do ano 70 d.C.<sup>47</sup> Segundo o autor, foi nesse tempo que se iniciou o processo de uniformização do judaísmo, a partir da corrente dominante do rabinismo fariseu (daí a utilização do termo “fariseus” para designar as autoridades judaicas nos textos de João e dos evangelhos sinóticos redigidos nesse período). Vidal entende que a delicada situação política, social e religiosa dos fariseus não podia suportar as diferenças e tensões do judaísmo do tempo anterior e, em consequência, excluíram de seu meio diversos grupos e movimentos considerados “heréticos”, dentro dos quais se incluíam os grupos de judeu-cristãos (entre eles, os joaninos). Para o autor, a sanção oficial dessa expulsão foi a famosa “benção dos hereges”, agregada nesse tempo (em torno de 80 d.C.) à antiga 12ª bênção da oração sinagagal das “18 bênções”. Por outra parte, atesta Vidal, todo movimento “messiânico”, como era o joanino, significava um perigo social e político para aquele judaísmo dependente, mais do que nunca, da simpatia do poder romano (9,1-34). Isso explica porque a confissão de fé em Jesus como profeta messiânico se convertera na razão fundamental da expulsão dos grupos joaninos do seio da sinagoga.<sup>48</sup> Sobre isso, Vidal ainda escreve:

Os grupos joaninos sofreram um grande revés, perdendo também membros e simpatizantes influentes, que passaram a ser “cristãos ocultos” (cf. 3.1-11; 12.42-43). Mas isso significou seu nascimento em uma existência como *uma comunidade com entidade própria*, organizada e configurada fora das práticas e celebrações do

<sup>44</sup> WENGST, 1988, p. 50.

<sup>45</sup> VIDAL, Senen. *Los escritos originales de la comunidad del discipulo amigo de Jesus: el evangelio y las cartas de Juan*. Salamanca/Espanha: Sígueme, 1997, p. 44.

<sup>46</sup> VIDAL, 1997, p. 44.

<sup>47</sup> VIDAL, 1997, p. 44.

<sup>48</sup> VIDAL, 1997, p. 45.

judaísmo (mesmo perdendo alguns traços de sua antiga tradição >> cf. 4.1-42; 20.17).<sup>49</sup>

Portanto, a ênfase joanina não será mais, como na etapa anterior, na renovação do judaísmo, e sim, como indica Vidal, na superação e substituição de seus ritos e práticas: culto do Templo, festas, sábado, ritos de purificação. Daí se explica a veemência e a dura polêmica dos textos do EJ. Vidal percebe que isso possibilita a abertura da comunidade joanina *ao mundo gentio*, supondo que dentro da comunidade havia membros que já não entendiam as práticas judaicas, nem o aramaico. Por isso, precisamente, o autor do EJ escreveu em grego.<sup>50</sup>

Para Nascimento, a partir dos anos 70 (pós destruição do Templo), um novo grupo entra na comunidade joanina,<sup>51</sup> acentuando ainda mais o conflito com as “autoridades judaicas”, ocasionando a expulsão dos cristãos da sinagoga, processo liderado pelos fariseus, apresentados como autoridades (7,32.45; 9,13-17; 11,45-47.57).<sup>52</sup> As autoridades judaicas eram tolerantes com os cristãos que anunciavam a ressurreição de Jesus (At 5,33-42); contudo, não toleravam os que criticassem o Templo (já destruído) e apresentassem Jesus como igual a Deus.<sup>53</sup>

Nascimento também ressalta que o evangelista põe muita ênfase na afirmação de que Jesus é o Messias, precisamente o que alguns judeus negavam.<sup>54</sup> Com mais frequência que os sinóticos, o narrador usa o nome *Christós*, e é o único que transcreve o nome Messias (1,41; 4,25). Identifica Cristo com figuras do Antigo Testamento: o Servo de YHWH (1,29.34), o cordeiro de Deus (1,29), o rei de Israel (1,49), o Santo de Deus (6,69).<sup>55</sup> A primeira parte do Evangelho apresenta Jesus posicionando-se diante das instituições de Israel: a expiação, o Templo, o culto (2-4), as festas (Sábado, Páscoa, Tabernáculos, Dedicção [5-10]). O autor justifica essa atitude do evangelista como reação diante da incredulidade dos judeus e indica que a maneira de usar a expressão “os judeus”, denota uma atitude controversa: “em boa parte se usa o termo técnico para designar as autoridades religiosas, especialmente as de Jerusalém, que são hostis a Jesus”.<sup>56</sup>

<sup>49</sup> VIDAL, 1997, p. 45.

<sup>50</sup> VIDAL, 1997, p. 45.

<sup>51</sup> Segundo Nascimento, até então a comunidade era formada por: cristãos judeus que comungavam a mesma fé das outras comunidades que surgiram dos Doze discípulos (*1º grupo*); judeus de concepções peculiares antitemplo (2,14-15.19-20) (*2º grupo*); samaritanos (4,1-42) (*3º grupo*). (NASCIMENTO, Carlos Josué Costa do. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8.31-59*. 2010. Tese [Doutorado em Ciências da Religião] – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010, f. 71).

<sup>52</sup> NASCIMENTO, 2010, f. 71.

<sup>53</sup> BROWN, 1999, p. 48-49.

<sup>54</sup> NASCIMENTO, 2010, p. 62.

<sup>55</sup> NASCIMENTO, 2010, p. 62.

<sup>56</sup> NASCIMENTO, 2010, p. 62.

Já Baum considera que toda a hostilidade do EJ para com os “judeus” devia-se ao acento novo dado à escatologia. O autor joanino afirma que as promessas feitas já se cumpriram em Jesus Cristo, e a graça da salvação está presente, não no advento futuro. Essa perspectiva histórica obriga o evangelista a adotar uma atitude de serenidade perante as perseguições e até a expulsão. O julgamento do mundo começa na pessoa de Jesus. Os que não creem em Jesus não receberão a vida, e a cólera de Deus pesa sobre eles (3,36).<sup>57</sup>

A comunidade do Discípulo Amado viu-se diante de todos esses desafios, que foram aproveitados para seu fortalecimento. O critério de pertença à comunidade não era mais a etnia judaica e sim o “crer decididamente” em Jesus. A fé em Jesus como o Messias nivelava todas as etnias. A prática litúrgica foi um diferencial dos judeus da sinagoga: um novo calendário, um novo ritual (batismo), nova catequese. A comunidade, aos poucos, se tornava autônoma, independente, original, distinta do judaísmo, mesmo tendo saído dele.

A partir de todos esses esclarecimentos, pode-se afirmar que o conflito entre a comunidade joanina e “os judeus” (Judaísmos e autoridades judaicas) foi decisivo na história da comunidade. Diante de toda perseguição originada da expulsão da sinagoga, compreende-se a preocupação do evangelista em animar os cristãos joaninos a permanecerem firmes na fé. O rompimento com o Judaísmo tornou-os desprotegidos e enfraquecidos. Assim, coube ao evangelista incentivar a unidade dos cristãos joaninos e a esperança na vida eterna a partir da fé em Jesus Cristo.

#### **1.4 João e os demais evangelhos: perspectiva sinótica**

Basta uma leitura rápida para perceber que o EJ é diferente de Mateus, Marcos e Lucas, chamados sinóticos. Ao mesmo tempo, há algumas semelhanças, o que leva a admitir que João, provavelmente na etapa final de sua redação, tenha tido contato com a tradição sinótica, mas, interpretando-a com total liberdade.

João segue, de modo geral, o esquema sinótico, baseado no querigma primitivo de At 10,37-43, como demonstrado no quadro comparativo abaixo. Para isso, apontam-se algumas perícopes paralelas:

- 2,13-21: a purificação do Templo
- 4,45-54: a cura do filho do funcionário do rei

---

<sup>57</sup> BAUM, Grégory. *Les Juifs et l'Évangile: L'Évangile de Saint Jean*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965, p. 123 e 148.

- 6,1-21[60-71]: a multiplicação de pães e peixes e a confissão de fé
- 12,1-19: a unção de Jesus
- 18–20: relato da paixão

Há, porém, diferenças consideráveis que dão a João seu caráter único.

1) João interpreta à sua maneira algumas memórias sinóticas.

- a *purificação do Templo* (2,13-22), acontece logo no início do ministério de Jesus, enquanto os sinóticos a colocam na semana de sua morte;
- a *multiplicação de pães e peixes* (6,1-21[60-71]) apresenta divergências importantes, que serão analisadas ao longo dessa tese. Destaca-se a inclusão do discurso do “pão de vida” como adaptação do evangelista à memória sinótica;
- a *pesca maravilhosa* (21,1-14), narrada no início de Lucas (Lc 5,1-11), como um relato de vocação, em João é colocada ao final, como relato de renovação de uma vocação abalada. Afinal, Pedro havia negado Jesus.

2) João não adota o mesmo esquema cronológico e geográfico dos demais. Enquanto os sinóticos pensam num ministério de um ano, com apenas uma ida a Jerusalém, quando é preso e crucificado, João descreve uma movimentação constante entre a Galileia e a Judeia, passando pela Samaria. O Jesus joanino parece viver em Jerusalém. Além disso, são mencionadas três Páscoas (2,13; 6,4; 13,1), o que pode sugerir um ministério mais longo do que nos sinóticos (três anos?).

3) João possui material narrativo exclusivo:

- bodas de Caná (2,1-12);
- diálogo com Nicodemos (3,1-11);
- diálogo com a Samaritana (4,1-42);
- o encontro com a mulher flagrada em adultério (7,53–8,11);
- a cura do cego de nascença (9,1-41);
- a ressurreição de Lázaro (11,1-44);
- o lava-pés (13,1-20);
- o diálogo com Pedro na pós-ressurreição (21,15-23).

4) João comporta um material discursivo exclusivo. Uma das marcas do EJ são os discursos. Não são apenas coletâneas de pensamentos, não obstante, estão enquadrados em cenas bem elaboradas. Como no gênero dramatúrgico, palavra e ação estão entrelaçadas, fazendo com que os próprios personagens tornem visível a narração. Esses discursos são de extrema importância para a teologia joanina: revelam a origem divina de Jesus e o caráter salvador de sua missão da parte de Deus.

- discurso no diálogo com Nicodemos (3,13-21);
- discurso após a cura do enfermo em Jerusalém (5,19-47);
- discurso do “pão da vida” (6,35-58);
- discurso na festa da Tendas, em Jerusalém (7,14-28.33-34.37-39);
- discurso da “luz do mundo”, no Templo (8,12-59);
- discurso do “bom pastor” e da “porta” (10,1-21);
- discurso na festa da Dedicção (10,22-39);
- discurso de despedida (14-17).

Numa perspectiva sinótica, pode-se perceber melhor a originalidade do esquema narrativo do EJ em relação aos demais evangelhos. Quadro comparativo:<sup>58</sup>

	<b>Mt</b>	<b>Mc</b>	<b>Lc</b>	<b>Jo</b>
Prólogo			1,1-4	1,1-18
Ev. da infância	1,1-2,22		1,5-2,50	
Vida pública (cf. At 10,37-43)				
* “a partir da Galileia, após o batismo por João”	3,1-4,11	1,1-13	3,1-4,13	1,19-2.12
* Deus o ungiu com o Espírito Santo e poder... andou fazendo o bem e curando todos os possesos do demônio, pois Deus estava com ele... tudo o que fez na região dos judeus”	4,12-20,34	1,14-10,52	4,14-19,27	2,13-6,71: 2,13 Páscoa/Jerusalém; 4 passagem pela Samaria; 5,1 festa/Jerusalém 6,4 Páscoa/Galileia
	Viagem única, da Galileia (Lc: pela Samaria)...			
* “e em Jerusalém”	21,1-25,50	11,1-13,37	19,28-21,38	7,1-12,50 (Jerusalém): 7,1 Tabernáculos; 10,22 Dedicção;

<sup>58</sup> KONINGS, 2017, p. 35.

				11,55 Última Páscoa;
	...à Páscoa final em Jerusalém			13,1–19,42
* “pregaram-no na cruz”			22,1–23,56	
* “Deus o ressuscitou no terceiro dia e deu-lhe manifestar-se...”	26,1–27,56	14,1–15,47	24,1-53	20,1-31
	28,1-20	16,1-8		

### 1.5 Ênfases teológicas em João

A divergência com os sinóticos também pode ser percebida por outra forma. Assim como cada evangelista apresenta sua perspectiva teológica acerca de Jesus, João tem as suas próprias ênfases, ressaltando sua peculiaridade.

*João Batista é apresentado como a maior testemunha de Jesus* (1,6-9.19-42; 3,22-30). Seu ministério aponta para a messianidade de Jesus, a partir de afirmações contundentes. A presença e atuação do Batista no EJ são bem diferentes do que nos sinóticos. Isso se deve ao fato de seu período de redação. Segundo Brown, quando o EJ foi escrito, a comunidade joanina estava empenhada numa disputa com os seguidores de João Batista que rejeitavam Jesus e afirmavam que seu mestre era o Messias ou, pelo menos, o enviado de Deus.<sup>59</sup> Por esta razão, o EJ sai em campo para obviar essa interpretação errônea e denunciar o enaltecimento exagerado da figura de João Batista (1,20: “Não sou o Cristo”; 3,28: “Não sou o Cristo, mas fui enviado adiante dele” – afirmações inexistentes na tradição sinótica). Contudo, o EJ não se envereda pelo caminho polêmico e fácil de, simplesmente, rejeitar o Batista. Pelo contrário, como afirma Brown, ele foi enviado de Deus (1,6 – terminologia usada pelo próprio Jesus), e tudo o que disse sobre Jesus era verdadeiro (10,41).<sup>60</sup>

*Jesus é apontado como reconciliador* e sua passagem pela Samaria tem conotação teológico-simbólica (4,1-42). Para Léon-Dufour, a viagem da Judeia para a Galileia, passando pela Samaria, está relacionada com uma profecia de Isaías, segundo a qual os reinos separados (Israel e Judá) se reconciliariam algum dia.<sup>61</sup> O narrador recorda a existência desse conflito por meio de um comentário explícito (Jo 4,9b). Quando Acaz, rei de Judá (734-719 a.C.), temeu a

<sup>59</sup> BROWN, 1999, p. 30.

<sup>60</sup> BROWN, 1999, p. 30.

<sup>61</sup> LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João I*: capítulos 1–4. São Paulo: Loyola, 1996a, p. 261.

coalisão siro-efraimita, Isaías anunciou que um rei justo, no qual repousaria o Espírito de Deus, reagruparia os desterrados de Israel e reuniria os dispersos de Judá (Is 11,12). Ainda relacionando este texto com a profecia de Caifás, em Jo 11,51-52, na perspectiva de Léon-Dufour, pode-se pensar que, por trás da Samaria, João está pensando no Antigo Israel. Assim, “parece como se, ao passar por Samaria para dirigir-se à Galileia, Jesus quisesse reconciliar simbolicamente os dois povos, os irmãos divididos desde os começos da monarquia; e essa reconciliação tem seu lugar como consequência de uma perseguição de Jesus pelos fariseus”.<sup>62</sup>

*Jesus é maior do que Moisés*, ícone do movimento judaico. Como visto, há um conflito entre a comunidade joanina e a sinagoga (1,3). Dessa forma, a figura de Moisés estará no centro dessa discussão e sua relação com Jesus será determinante para a teologia do evangelista. O narrador concebe a identidade de Jesus como aquele que deveria assumir o lugar de Moisés, pois, “ele é o profeta que deveria vir ao mundo”, profetizado pelo próprio Moisés (Dt 18,15). Então, na narrativa teológica diante do conflito existente, Jesus supera as principais instâncias do movimento judaico: Jesus substitui o Templo (2,13-22), a Lei (5,39), a tradição (4,12; 8,56.58), a Páscoa e todo imaginário do Êxodo (6,1-71).

*Jesus é o “enviado do Pai”* (6,29)<sup>63</sup>. Como apontado em 1.2.1.1, a linguagem simbólica de João ganha força ao utilizar os sinais realizados por Jesus como endosso de sua identidade como “enviado do Pai”, semelhante ao que aconteceu com Moisés no Egito (Ex 3,15; 4,1-9.27-31; 6,8-13), reforçando a relação entre esses dois personagens. Os sinais atestam que Jesus fala em nome de Deus e cumpre sua missão.

*Jesus é a “Palavra que se fez carne”* (1,14). O mais espiritual dos quatro evangelhos é, também, o que mais enfatiza a humanidade de Jesus: ele se cansa (4,6), sente sede (4,7; 19,28) e fome (4,8), chora (11,35), se comove (11,38), sangra (19,34) e continua com as marcas da crucificação após a ressurreição (20,27). Jesus, então, como humano, é a conexão entre Deus e a humanidade, entre a realidade carnal e espiritual: “ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o revelou” (1,18). A vida de Jesus aponta para o Pai, que se comunica e realiza as obras de Deus, constituindo-se como o caminho único para o Pai (14,6). Em Jesus, Deus se mostra como é, afinal, ele e o pai são um (10,30) e quem vê Jesus vê o Pai (14,9). Como “Palavra Encarnada”, Jesus é a presença de Deus no mundo.

<sup>62</sup> LEON-DUFOUR, 1996a, p. 262.

<sup>63</sup> Esse tema será desenvolvido na seção 1.6.3.

*Evangelho da Cruz e da Glória (amor).* Toda narrativa deve ter um ápice e com João isso não é diferente. A grande surpresa, entretanto, se dá na forma como o evangelista narra o clímax de seu evangelho, que acontece na cruz. Para João, Jesus salva, por meio de sua morte expiatória na cruz, o cosmo antidivino de sua escravização do pecado. Na cruz, Jesus cumpre a vontade do Pai. Como indicado em 1.2.2, “a hora” de Jesus é um elemento estruturante no evangelho. Na primeira parte, “ainda não chegou a hora” (1,19–12,50), Jesus pratica as obras do Pai e se revela ao mundo através de sinais. Em 13,1, Jesus percebe que chegou “a hora”, que representa esse momento em que ele é elevado à cruz e glorificado, ao mesmo tempo. Em seu morrer, transpõe a glória do Pai. Jesus é amor e fidelidade até o fim. O tempo narrativo do evangelho ressalta a importância desse tema. Enquanto a primeira parte tem um ritmo acelerado, pois, Jo 1,19–12,50 retrata um período aproximado de três anos, o narrador acentua “a hora” de Jesus desacelerando a história contada. Jo 13,1–20,31 narra apenas alguns dias. Há um descompasso intencional na narrativa, estratégia literária importante para salientar a cruz como evento central no evangelho. O narrador não tem pressa para narrar a paixão de Cristo.

*João exige uma resposta do leitor.* João conta com uma atitude do leitor: que ele creia que Jesus é o Cristo. Especialmente em Jo 6,60-66 e 12,37-50, constata-se que João espera de seu leitor um posicionamento diante dos sinais realizados por Jesus. É necessário “descer do muro”, ou seja, confessá-lo ou abandoná-lo! Nesse modo pragmático, conduz-se a leitura por um trio especial de personagens, como arquétipos para o leitor em seu caminho de escolha. Primeiro, tem-se a figura enigmática do “Discípulo Amado”, que representa o discípulo ideal. O narrador, ao final, espera que seu leitor siga o caminho desse discípulo. Segundo, a presença incômoda e antipática de Judas, que se opõe à do Discípulo Amado. Ele é apresentado como antidiscípulo, por ser aquele que entregaria Jesus (6,71). Esse extremo deve ser evitado pelo leitor. Por fim, surge o terceiro elemento dessa tríade, Simão Pedro, que representa o discípulo real. Com esse, o leitor se identifica rapidamente. Os “altos e baixos” de Pedro conectam facilmente o leitor a esta personagem que carrega em si as ambiguidades reais enfrentadas na jornada da fé. Uma vez identificando-se com Pedro, o leitor será conduzido por um caminho que o aproximará do Discípulo Amado.<sup>64</sup>

*Um Evangelho intencional.* Retomando, João não narra gratuitamente, pois tem uma intenção bem definida: “para que creais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que,

---

<sup>64</sup> A respeito da condução do leitor, ver-se-á no último capítulo como isso é desenvolvido.

crendo, tenhais a vida, em seu nome” (Jo 20,31).<sup>65</sup> João espera que seu leitor creia, ou continue crendo, em Jesus, fonte da vida. Por isso, elabora uma narrativa com uma seleção precisa (teológica e não histórica) dos fatos e com uma ordem muito bem estabelecida. Escolhe, cuidadosamente, cada sinal que inseriu na trama, cada memória e cada palavra. Entender essa intenção, permite a devida compreensão da perspectiva do autor.

*O Espírito Santo exerce um papel importante no EJ (16,1-15), que apresenta Jesus como o portador do Espírito por excelência. Como observa Schnelle, o batismo de Jesus (1,29-34) caracteriza-se por três particularidades:*

1) João Batista apenas testemunha o batismo que – segundo a lógica do texto – é realizado por Deus. Ninguém exceto Deus pode “batizar” o Logos preexistente e encarnado. 2) Trata-se exclusivamente de um batismo de espírito (cf. Is 61,1 LXX) que é qualitativamente superior ao batismo de água de João Batista. 3) A permanência do espírito sobre Jesus Cristo é explicitamente enfatizada (v. 32s), de modo que toda sua atuação, seus atos e discursos são compreendidos como um acontecimento no poder do espírito.<sup>66</sup>

Ao ser Jesus o portador por excelência do Espírito, esse tem uma atuação ligada aos gestos, às palavras e à missão de Jesus. Ao despedir-se, Jesus promete que enviaria o Espírito-Paráclito, que lembraria à comunidade suas palavras, conduzindo todos à verdade plena. O Espírito seria o responsável pela compreensão daquilo que Jesus disse, reforçando o caráter mistagógico do evangelho: “o que nasceu da carne é carne; o que nasceu do espírito é espírito” (3,6). A ação do Paráclito proporciona ao ser humano o acesso ao Reino anunciado na pessoa e na obra de Jesus, condição para a salvação escatológica. O Espírito é, então, não apenas uma dádiva, mas um princípio de atuação divina, um poder criador, tornando os crentes filhos de Deus (1,12). Somente nessa experiência do Espírito o ser humano se encontra com Deus. Afinal, “Deus é Espírito” (4,24). Esse mesmo Espírito ajuda a realizar “obras maiores” do que as realizadas por Jesus, que glorifiquem ao Pai (14,12). Por fim, frisa-se a perspectiva trinitária que transparece em João: com o Espírito que permanece sobre ele (1,32-34), Jesus revela o Pai realizando sua obra (14,10) e nos dá o Espírito para continuá-la (14,12-17).

*As mulheres ganham destaque na narrativa. Percebe-se com facilidade a importância das mulheres no EJ. São muitas as narrativas em que estão presentes, exercendo um papel*

<sup>65</sup> Falar-se-á mais detalhadamente acerca desse tema na seção 1.6.1.

<sup>66</sup> SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017, p. 922.

relevante na trama. Podem-se citar alguns exemplos: Maria, mãe de Jesus, atuando em Caná da Galileia (2,1-12) e ao pé da cruz (19,25-27); a mulher samaritana dialogando com Jesus à beira do poço (4,1-42); a mulher flagrada em adultério e a misericórdia de Jesus (8,1-11); Marta e Maria sendo amparadas diante da morte de Lázaro (11,1-44); Maria, ao ungir Jesus (12,1-11); Maria Madalena como primeira testemunha do túmulo vazio (20,1-10) e como aquela que se encontrou com Jesus ressurreto (20,11-18). Alguns aspectos do encontro de Jesus com a samaritana salientam essa importância, por isso, merecem destaque.

Jo 4,27 expõe um indício da “gravidade” do diálogo entre Jesus e a mulher samaritana: “Nisto chegaram os discípulos e ficaram admirados ao ver Jesus conversando com uma mulher. No entanto, ninguém perguntou: ‘Que procuras?’, nem ‘Por que conversas com ela?’”. Além de todo sectarismo entre judeus e samaritanos (4,9b), Jesus ousava quebrar tabus de sua época: sendo homem, dialogava com uma mulher. A admiração dos discípulos ao se depararem com Jesus conversando com ela demonstra isso com nitidez. A relação entre homem e mulher no tempo bíblico trazia a marca do patriarcalismo, motivo de atitudes pejorativas dos homens em relação às mulheres. Segundo Brown, alguns documentos rabínicos advertem que os homens não deveriam falar com as mulheres em público, o que, sem dúvida, alimentava um sistema de pensamento de superioridade por parte dos homens, gerando uma desigualdade social sem limites entre os sexos.<sup>67</sup> Sobre isso, Cunha escreve:

[...] a desigualdade social entre os sexos afirma-se sobre a distinção entre os mesmos, tendo em vista que o androcentrismo e, por conseguinte, o patriarcalismo funda-se na ideia de que o ser humano masculino em razão de sua constituição física e biológica é superior ao ser humano feminino. Do ponto de vista religioso admite-se que o homem é essencialmente superior à mulher porque Deus assim o quis. Nessa leitura, o sexo é uma categoria primária porque todas diferenças sociais são pautadas, justificadas e afirmadas na diferença sexual.<sup>68</sup>

Portanto, a atitude de Jesus pode ser considerada ousada. Estava mesmo disposto a romper com o sectarismo de gênero de seu tempo. Brown ainda alerta sobre um importante fator. Segundo o autor, a redação da história da samaritana faz parte de um grande esforço do redator ao longo de todo EJ em ressaltar a importância e o papel das mulheres na comunidade joanina. Diversas são as menções das mulheres no evangelho, e, por vezes, as mulheres se

<sup>67</sup> BROWN, Raymond Edward. *El evangelio segun Juan I-XII: introduccion, traduccion y notas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 375.

<sup>68</sup> CUNHA, Elenira Aparecida. *Por causa do Reino dos Céus: uma leitura de gênero de Mateus 19.1-2 e 5.27-32*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003, f. 14.

apresentam bem próximas dos requisitos paulinos básicos para o cargo de apóstolo: ter visto Jesus ressuscitado e ter sido enviado a proclamá-lo (At 9,15; Gl 1,1.11-12; 1Co 9,1.15-18; 15,1-11). Como é o caso do capítulo 20, em que se dá a Maria Madalena um papel tradicionalmente associado com Pedro.

A importância das mulheres na comunidade joanina aparece, não só comparando-as com figuras da tradição dos sinóticos, mas também estudando o seu lugar dentro dos padrões peculiares joaninos. O fato de ser discípulo, o discipulado, é a categoria cristã primária para João, e o discípulo por excelência é o Discípulo que Jesus amava. Mas João nos diz em 11.5: “Ora, Jesus amava Maria e sua irmã e Lázaro”. [...] E assim é digno de nota que João tivesse dito que Jesus amava Marta e Maria, que parece, eram mais conhecidas do que Lázaro.<sup>69</sup>

Então, nota-se que Jesus, além de superar a diferença de gênero, exalta a atuação da mulher em sua missão. Jo 4,28.29.39 deixa bem claro que a samaritana teve uma real função missionária: “A mulher deixou sua bilha e foi à cidade, dizendo às pessoas: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será ele o Cristo?’. [...] Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram em Jesus por causa da palavra da mulher que testemunhava: ‘Ele disse tudo o que eu fiz’”. Por causa da atitude de Jesus em confrontar a desigualdade de gênero presente em seu tempo, a samaritana tem seu valor estabelecido e é enviada à sua cidade como portadora das boas novas. Por meio de seu testemunho, os samaritanos se aproximaram de Jesus, e, por causa da palavra dele, creram e chegaram à compreensão de quem de fato ele é: o Salvador do Mundo (4,42).

*Fé como sinônimo de fidelidade.* Crer, para João, vai muito além de uma crença, pois não se reduz a declarações verbais. Significa confissão de fé que vai até o martírio (= testemunho) de sangue, se for o caso (11,16). A fé vincula-se, diretamente, à exigência de se praticar a vontade do Pai e guardar a sua palavra (17,6), já que, “os amigos” de Jesus são aqueles que guardam sua palavra (15,14). Crer, logicamente, tem seu primeiro estágio na adesão a Jesus (cf. 1,44.49), a partir da compreensão de sua identidade (1,34). Requer, também, perseverança nessa adesão, que se traduz bem com a ideia de “permanecer”, verbo-chave na narrativa do Evangelho. Um bom exemplo dessa concepção de fé joanina encontra-se na figura de Simão Pedro e em seu caminho de vida:

- 1,35-41: encontra-se com Jesus;

---

<sup>69</sup> BROWN, 1999. p. 202.

- 6,60-66: confessa Jesus como “Santo de Deus”, ainda assim, é alertado a respeito da fragilidade dessa confissão (6,71);
- 13,1-11: escandaliza-se com a ação servil de Jesus ao lavar os pés dos discípulos e é exortado novamente (13,8b);
- 13,36-38: oferece-se, sem pensar na seriedade de suas palavras, a seguir Jesus até a morte. Sua precipitação é denunciada por Jesus (13,38);
- 18,1-11: parece mesmo estar disposto a “defender” Jesus, contudo, não o Jesus que se revelou como alguém disposto a lavar os pés dos discípulos. No jardim das Oliveiras, fere o soldado que viera prender Jesus, todavia, esse o exorta novamente. A compreensão e a prática de Pedro ainda não são as de um discípulo (18,10-11);
- 18,15-18.25-27: sua confissão de fé (6,68-69; 13,37) revela sua fragilidade, ao negar Jesus três vezes. Ao ser identificado como seguidor de Jesus, nega-o veementemente;
- 20,1-10: testemunha o túmulo vazio e vê as faixas de linho no chão e o pano que tinha coberto a cabeça de Jesus. Enquanto informa-se que o Discípulo Amado creu ao ver esse cenário, nada é dito acerca do que se passa no coração e na mente de Pedro (o leitor está numa posição inferior, há um suspense);
- 21,1-14: depois de ressuscitado, Jesus aparece a seus discípulos à beira do mar de Tiberíades. Pedro, alertado pela sensibilidade do Discípulo Amado, percebe que Jesus estava ali. Lança-se, então, ao mar e nada em direção ao Mestre. Na praia, juntamente com os demais discípulos (os Sete)<sup>70</sup>, recebe pão e peixe. Celebram, ali, a “refeição do Senhor”. Eles não têm coragem de perguntar quem ele é, pois todos, inclusive Pedro, sabem que é o Senhor;
- 21,15-19: no encontro final entre Jesus e Pedro, João aponta uma experiência de transformação na fé do apóstolo. A cena começa chamando Pedro de “Simão, filho de João”, o que parece ser uma referência à cena do primeiro encontro, em Jo 1,42. Na ocasião, Pedro não recebe o imperativo do seguimento, mas uma espécie de predição: “Tu te chamarás Cefas (que quer dizer Pedro)”. Se as três afirmativas de amizade no diálogo de 21,15-18 contrapõem-se à tripla negação de Pedro, essa resposta de Jesus confirma a predição “mais tarde me seguirás”, em Jo 13,36-38. A respeito dessa experiência de transformação, Beutler afirma:

---

<sup>70</sup> “O número chama a atenção e, se tiver sentido simbólico, pode indicar o conjunto da Igreja, sem insistir no número doze (os apóstolos)”. (KONINGS, 2017, p. 512).

No Evangelho segundo João, a expressão “glorificar Deus pela morte (violenta)” foi utilizada em conexão com a morte de Jesus na cruz (cf. 12,32). O verbo *doxázō* é utilizado no Evangelho segundo João para a “glorificação” de Jesus pelo Pai ou para a “glorificação” do Pai pelo Filho (cf., por exemplo, Jo 13,31s). [...] Coisa semelhante nota-se em Jo 21,19: Pedro “glorificará” a Deus por sua morte violenta, assim como seu Senhor o fez antes dele. Assim explica-se a ordem: “Segue-me!”. No relato da vocação de Pedro (Jo 1,41s) não se mencionou uma ordem expressa de Jesus para segui-lo. Pode-se dizer que a exigência de Jesus em Jo 21,19 retoma a vocação de Pedro em Jo 1,41s. e a completa, de modo que, assim, se cria uma inclusão entre o primeiro capítulo e o último. [...] O fluxo narrativo de Jo 21,15-19 permite reconhecer um movimento do agir para o sofrer, e nisso esconde-se uma estratégia narrativa. Os vv. 15-17 ainda focalizam o agir de Pedro. Unido a seu Senhor no amor, ele deve apascentar o rebanho dele. Na primeira metade do v. 18 ainda se descreve a iniciativa de Pedro, que se pode cingir e ir aonde quer. O ponto de virada se encontra na segunda metade da comparação: Pedro será cingido por outro e conduzido onde não quer. Sem dúvida, o autor de Jo 21 descreve nesse movimento uma evolução na existência do discípulo. O engajamento pelo rebanho do Senhor pode ter consequências para a própria vida, até o sacrifício da própria vida. Suscitar a disposição para isso é algo que já apareceu como finalidade constante do Evangelho de João.<sup>71</sup>

Pedro, então, representa bem a evolução da fé daquele que crê em Jesus. Ele passa de uma declaração verbal que não se sustenta diante das adversidades, para um seguimento que vai até às últimas consequências. Como visto, o leitor rapidamente se identificará com esse personagem, afinal, representa o discípulo real. Em Pedro, concentra-se a ambiguidade realista que habita a dimensão humana no que diz respeito à fé em Jesus. Apesar de suas limitações, Pedro seguirá Jesus até à morte. Assim, também, espera-se do leitor.

*Escatologia já e ainda não.* A narrativa joanina harmoniza algo que parece contraditório: as perspectivas presentes e futuras a respeito da escatologia. Nota-se que, em alguns momentos, o autor fala da escatologia como algo realizado, em outros, como algo a ser concretizado num futuro indefinido. A ideia de ressurreição não é novidade no NT, pois, aparece em alguns textos do AT (Dn 12,2; Sb 5,15; 2Mc 7; Sl 16, 8,11 LXX).<sup>72</sup> De modo geral, a ressurreição estava num primeiro momento ligada à função de julgamento: os justos ressuscitariam para a vida eterna (recompensa) e os ímpios, para o horror eterno (castigo).

Em João, porém, essa ideia ganha uma nova interpretação. Na narrativa joanina, a ressurreição não pode ser entendida como uma simples volta à vida para se receber uma recompensa por um caminho de justiça ou para ser punido em virtude de um caminho de pecados. A vida eterna não pode ser confundida com a imortalidade da alma, especialmente a partir do imaginário grego bem difundido no mundo antigo. Vida eterna, para João, indica uma

<sup>71</sup> BEUTLER, 2015, p. 485-486.

<sup>72</sup> Discute-se se textos mais antigos, como Sl 94,16; 73,24; Jó 19,26 etc. aludem à fé na ressurreição. Com certeza, é possível, levando-se em conta que esta concepção não surgiu repentinamente no judaísmo.

transformação da vida que se tinha, não uma mera continuidade eterna da vida que se levava. Somada a essa nova concepção, está a afirmação de que essa vida eterna está disponível já, a partir da fé em Jesus. A respeito disso, Konings escreve:

“Vida eterna” significa um *salto qualitativo*, participação em uma vida de outra realidade, e, para quem crê em Jesus (e age em conformidade com esse crer), *essa participação começa já*. É a vida da nova criação, do éon eterno, do “século dos séculos” – um superlativo semítico que significa a era por excelência, que deve suplantiar a atual era iníqua. É a vida do âmbito de Deus, vivida na fé, desde já. É “o definitivo de Deus” em nossa vida.<sup>73</sup>

Dessa forma, a decisão sobre a vida e a morte define-se no encontro com Jesus. A fé permite ao crente passar da vida para a morte e não ser julgado (3,36; 5,24). O ato de crer permite a participação imediata na vida em união com Deus, que Jesus inaugura e proporciona. A narrativa da ressurreição de Lázaro (11,1-44) explicita essa concepção. Diante do desespero de Marta por conta de seu “atraso”, Jesus diz: “teu irmão ressuscitará” (11,23). Acolhe-se essa declaração dentro do escopo das expectativas convencionais, ou seja, uma ressurreição futura: “eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia” (11,24). Marta não conhece o novo que surge a partir de Jesus. Por isso, ele esclarece que essa ressurreição está presente já e se manifesta em sua própria pessoa, como dom de Deus: “Eu Sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais. Crês nisto?” (11,25-26). A provocação “Crês nisto?” reforça a noção de que essa nova vida imediata se torna possível a partir da opção pela fé. A resposta positiva de Marta convida o leitor a fazer o mesmo: “sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que deve vir ao mundo” (11,27).

Com a perspectiva no presente, o futuro não é eclipsado. Há, também, claras referências de que a comunidade deve esperar pela atuação futura do Filho e do Pai, como mostra Jo 14,2-4, que parece indicar a fé na parusia de Jesus: “na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fosse assim, eu vos teria dito. Vou preparar um lugar para vós. E depois que eu tiver ido e preparado um lugar para vós, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também. E para que onde eu vou, conheceis o caminho”. Além disso, João não ignora a ressurreição do último dia (5,28). A fé em Jesus não elimina a realidade do sofrimento e da morte física, entretanto, isso não é problema para quem crê. A morte biológica não interrompe a vida já manifestada e oferecida em Cristo. A ressurreição do último dia é, na verdade, a confirmação da vida eterna que já estava sendo desfrutada por aquele que creu. Com

---

<sup>73</sup> KONINGS, 2017, p. 316.

isso, João harmoniza essas duas realidades, afinal, são complementares. Schnelle sintetiza bem a harmonização joanina:

Na fé, os cristãos joaninos já passaram da morte para a vida; a decisão sobre o futuro já foi tomada no tempo presente. No entanto, a fé não opera a ressurreição dos mortos. Em parte alguma dos escritos joaninos afirma-se que os crentes já ressuscitaram. O *conceito joanino de vida não exclui a morte física!* Antes, a ressurreição realiza-se como o ressurgimento ou a recriação do corpo no encontro com Jesus, a quem o Pai concede o poder de ressuscitar pessoas da morte (cf. Jo 5,21). No nível textual interno da narração do evangelho, isso é ilustrado pela perícopa de Lázaro (Jo 11,1-44), onde Jesus aparece como Senhor sobre a vida e a morte. Em contraste com as esperanças judaicas acerca do futuro (cf Jo 11,24), Jesus ressalta: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, ainda que morra; e toda pessoa que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo 11,25s). Como é o próprio Jesus que encontra Lázaro no espaço e no tempo e o traz de volta para a vida, esse caso não necessita de um ressuscitamento futuro dentre os mortos. A comunidade joanina, porém, encontra-se numa situação fundamentalmente diferente: Jesus está no Pai, e os crentes o encontrarão apenas em sua parusia. Em sua volta, Jesus realizará o que, no tempo dos crentes, já é decidido, mas ainda não é realidade: o ressuscitamento dos mortos.<sup>74</sup>

## 1.6 Cristologia e Soteriologia

“Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). Não sem propósito essa declaração está no centro do EJ. De fato, ela fundamenta a teologia joanina, especialmente no que se refere à compreensão da cristologia. A afirmação da encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, é elemento central na narrativa de João, pois Deus volta-se para os seres humanos por meio de Jesus. Mediante as palavras e os gestos de Jesus, o Filho, que Deus, o Pai, mostra seu rosto ao mundo: “quem me viu, tem visto o Pai” (14,9). Pois, somente o Filho viu o Pai (1,18).

Dessa forma, cristologia e soteriologia interligam-se intimamente na narrativa joanina. Somente por meio de Jesus pode-se receber graça e verdade (1,17). Ele não só testemunha a verdade, como é a própria verdade. Essa dimensão manifesta-se claramente em Jo 14,6: “Eu sou o caminho, a verdade e vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim”. Justamente a partir dessa relação intrínseca entre cristologia e soteriologia emergirá a intenção literária do EJ.

### 1.6.1 A intenção literária

Característica peculiar de João é que o autor explicita sua intenção ao escrever sua obra: “Jesus fez diante dos discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo,

---

<sup>74</sup> SCHNELLE, 2017, p. 978.

tenhais a vida em seu nome” (20,30-31). Estes versículos são uma baliza literária importante, já que João informa com que propósito escreveu sua obra e em que sentido deseja que seja lida. Ver-se-á ao longo dessa tese que nenhuma narrativa é neutra ou despretensiosa, e João não se esquivou disso. Pelo contrário, suas intenções são bem objetivas. Sua declaração, em Jo 20,30-31, revela alguns tópicos importantes, que devem ser mencionados:

- João afirma o que já se sabe: os feitos de Jesus não cabem num livro (21,25). Por isso, foi necessário que fizesse uma escolha. Isso demonstra que João apresenta uma perspectiva limitada de Jesus. Ao incluir alguns fatos, decide excluir outros. Ao contar algumas memórias, deixa de contar outras. Pode-se, a partir disso, imaginar o drama de todo narrador ao decidir contar uma história. Uma boa história começa quando se fazem boas opções dos fatos e detalhes que comporão a narrativa;
- A escolha de João revela sua teologia. Ao escolher alguns fatos e algumas palavras, outros tantos ficaram de fora. Especialmente quando se compara João com os sinóticos, se consegue, em virtude da escolha feita, compreender melhor sua perspectiva acerca de Jesus. Deve-se, então, prestar bastante atenção na opção, especialmente em relação às diferenças;
- Como visto, há semelhanças entre João e os demais evangelhos (tópico 1.4). João resolveu contar alguns fatos que já eram conhecidos por meio dos sinóticos. Porém, tão importante quanto o que se conta é a forma como se conta. É nítida a liberdade com a qual João edita essas memórias, seja apresentando algumas diferenças dentro da própria narrativa (p. ex. Jo 6,15; 12,1-11), seja alterando a ordem “original” dos fatos: a purificação do Templo que antecede a crucificação de Jesus, em João, usada no início de seu ministério (2,13-22); a pesca sobrenatural, um relato de vocação inicial em Lucas, para João se torna um relato pós-pascal (21,1-14). Então, além de prestar atenção ao “quê” João conta, deve-se olhar com cuidado “como” conta;
- João tem um objetivo ao escrever: a fé em Jesus. Escolhe, cuidadosamente, os sinais e os narra de uma maneira que conduza o leitor à fé ou que o ajude a permanecer na fé em Jesus como o Cristo, o Filho de Deus. Há uma variante textual relevante em relação ao verbo “crer” que exige pensar em duas possibilidades: começar a crer ou permanecer crendo. Far-se-á observação abaixo a respeito disso, lembrando-se que João considera a fé em Jesus como elemento central de sua narrativa. A respeito desse problema, Konings observa:

Jo 20,31 esconde um problema, que vem à tona na divergência entre os manuscritos. Em vez de *pisteúēte*, “creais” (tempo presente/continuidade), a maioria dos manuscritos (mas não os melhores) escreve *pisteúsēte*, “para que passeis a crer” (tempo pontual). Ora, isto parece uma concessão ao pensamento espontâneo, porém pouco joanino, de que os sinais serviriam para produzir a fé... E negligencia o fato de o Quarto Evangelho ser um livro de aprofundamento para os que já creem, não de propaganda. A forma “creais”, em grego (conforme os melhores manuscritos), faz pensar numa atitude contínua. João teria escrito, então, antes de tudo, para sustentar a fé dos que creem, para que eles não se tornem ex-crentes como os de 8,31-50! Mas isso não exclui que ele pense também nos novos crentes. Os primeiros capítulos, com seu caráter de catequese de iniciação, serviriam bem para isso. Mas, a partir do cap. 5 as discussões da hora do conflito fornecem alimento para os cristãos que devem permanecer firmes na sua fé em Jesus, Messias e Filho de Deus.<sup>75</sup>

- Como dito, a narrativa do evangelho revela a teologia e a intenção do autor. Em relação à teologia, pode-se dizer que João crê que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Para ele, essa fé é o único caminho para desfrutar a vida de Deus, manifestada no Filho. Em relação à intenção, transparece o desejo e o esforço do autor para que essa fé seja abraçada ou guardada por todos aqueles que lerem essa narrativa e, assim, experimentem a vida eterna. Há, porém, um outro elemento nesses versículos que se torna mais evidente ao compará-lo com o “segundo final”, Jo 21,24-25. Ao narrar o evangelho, João está, no próprio ato, agindo como um legítimo discípulo: partilhando a vida que recebeu. Pois, foi para dar vida que o Filho foi enviado (3,16). Talvez esse seja o sentido de reconhecer o seu testemunho como verdadeiro (21,24), não apenas no aspecto de que está contando uma informação verdadeira, e sim porque ele mesmo vive essa verdade.

### 1.6.2 Títulos cristológicos

Uma vez que suscitar e corroborar a fé em Jesus é o objetivo central do Evangelho, o narrador tem, então, o desafio de construir uma narrativa que seja bem-sucedida nessa tarefa. Assim, a construção da imagem de Jesus será elemento-chave, dado que a compreensão acerca de sua identidade está diretamente ligada à fé que se deseja suscitar/guardar. Para isso, necessita-se entender a forma como o narrador apresenta Jesus, ao longo de sua narrativa. Isso pode ser muito bem percebido a partir dos títulos que são escolhidos para se falar a respeito de Jesus e, conseqüentemente, a respeito de suas palavras e obras.

- *Lógos* (1,1-3.14). Jesus é visto como o *lógos* (Palavra). João pensa na palavra criadora, profética e sapiencial, o *dabar* do AT, e não no termo *lógos* da filosofia grega. Deus

<sup>75</sup> KONINGS, 2017, p. 507.

criou todas as coisas por meio de sua palavra e dirigiu suas palavras aos profetas e a nós. Para João, Jesus se compromete a tal ponto com essa palavra que se torna a plenitude dessa autocomunicação de Deus. Ele é “a Palavra” única;<sup>76</sup>

- *Filho de Deus* (1,34.49; 3,18; 5,25; 10,36; 11,4.27; 19,7; 20,31). Chamar Jesus de *Filho de Deus* significa que ele pertence a Deus e é por ele amado, alguém que obedece completamente a Deus e, por isso, é do seu agrado. Isso faz com que Jesus seja um com o Pai (10,30). Esse título acentua, de certa forma, a humanidade de Jesus.<sup>77</sup> Além disso, com o título “Filho de Deus”, João refere-se ao versículo conclusivo do evangelho (20,31), abarcando a essência da confissão que deseja suscitar com sua narrativa. Dessa forma, “o título de Filho expressa concisamente a exclusiva autoridade de revelação e da mediação da salvação por Jesus”;<sup>78</sup>
- *Filho do Homem* (1,51; 3,13.14; 5,27; 6,27.53.62; 8,28; 9,35; 12,23.34; 13,31). Ao contrário, *Filho do Homem* parece acentuar a missão divina de Jesus. Essa expressão, geralmente, é associada a Dn 7,13-14, em que quatro reinos humanos são contrapostos com o reino de Deus, representado por um ser humano (um “como que filho do homem”). Tem um significado de autoridade para proferir juízo em nome de Deus. Jesus é aquele que tem a capacidade de outorgar, com juízo, a vida eterna (5,26-27);<sup>79</sup>
- *Mestre* (1,38.49; 3,2.26; 4,31; 6,25; 8,4; 9,2; 11,8.28; 13,13.14; 20,16). A relação mestre-discípulo não se limitava naquele tempo à transmissão de doutrina, antes, transmitia-se um modo de viver. A vida do mestre era padrão para a do discípulo. Os discípulos tomam, então, Jesus como guia e reconhecem que tem algo a lhes ensinar. Além disso, mestre, segundo o judaísmo, era aquele que, a partir da Lei, mostrava o caminho para Deus. Nesse sentido, Jesus supera essa expectativa. Ele não só mostra o caminho como se revela como o próprio caminho (14,6);<sup>80</sup>
- *Rei de Israel/dos judeus* (1,49; 6,15; 12,13.15; 18,33.37; 19,3.19). No início do Evangelho, Natanael confessa Jesus como rei de Israel e essa confissão é retomada na aclamação da entrada em Jerusalém (12,13). O interrogatório de Pilatos ajuda a entender a natureza desse reinado, que “não é deste mundo” (18,36); sua legitimação vem, exclusivamente, do Pai. Pilatos, à luz da expectativa judaica de um rei davídico que, no

<sup>76</sup> KONINGS, 2017, p. 104.

<sup>77</sup> KONINGS, 2017, p. 134.

<sup>78</sup> SCHNELLE, 2017, p. 902.

<sup>79</sup> KONINGS, 2017, p. 134.

<sup>80</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 176.

tempo do fim, estabeleceria o reino de Deus, atribui a Jesus o título “rei dos judeus” (19,19). A divergência dessa compreensão se expressa bem em Jo 6,15: Jesus, quando soube que desejavam fazê-lo rei, escapou para a montanha e permaneceu por lá, sozinho;

- *Cristo/Messias* (1,17.20.25.41; 3,28; 4,25.29; 7,26.27.31.41.42; 9,22; 10,24; 11,27; 12,34; 17,3; 20,31). O título *Messias*, geralmente, é usado referindo-se aos reis de Israel, que eram ungidos para o exercício da função (*Christós = ungido*). Entretanto, a concepção joanina não corresponde à imaginação do descendente davídico de Belém. Jesus é apresentado como o filho de José de Nazaré (1,45; 6,42), na Galileia, indicações que não despertam entusiasmo (1,46; 7,52). Como se sabe, Jesus rejeita ser coroado rei. Ele se identifica mais com o Messias-Pastor (Ez 34), que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10,11) e as conduz para fora (10,3). Emerge, dessa forma, a ideia de um Messias libertador, que proporciona um novo êxodo, superior ao de Moisés, pois será baseado na doação da própria vida, portanto, um êxodo definitivo;
- *Kýrios* (1,23; 4,11.49; 5,7; 6,23.68; 9,38; 11,27; 12,13; 13,13; 14,5.8; 20,2.13.15.18.20.25.28; 21,7.12.15.16.17.20). Apesar de “Senhor” aparecer 43 vezes em João, segundo Schnelle, esse perfil se condensa apenas nas narrativas pascais. Majoritariamente, seu uso não tem qualquer sentido de alteza. O autor observa, ainda, que *kýrios* ganha destaque, especialmente, na confissão de Tomé (“Senhor meu e Deus meu” – Jo 20,25) que, remetendo-se a 1Cor 9,1, foi usado como designação especial do Ressuscitado.<sup>81</sup> Ainda a respeito da confissão de Tomé, o termo “Senhor” relaciona-se diretamente com Deus, refletindo a afirmação de que a glória de Jesus se identifica com a de Deus (1,23; 12,41);
- *Salvador do mundo* (4,42). Mesmo aparecendo apenas uma vez no EJ, esse título é extremamente importante, tanto pelo significado quanto pelo contexto. Ele é usado pelos samaritanos, numa narrativa que descreve uma compreensão ascendente da mulher samaritana (e, conseqüentemente, do seu povo) em seu diálogo com Jesus: primeiro, Jesus é judeu (4,9); depois, maior que Jacó (4,12); em seguida, profeta (4,19); a seguir, Messias (4,25-26); e por fim, é reconhecido como Salvador do mundo (4,42). O diálogo, que num primeiro momento é marcado pelo preconceito (4,9.12.20.27), torna-se lugar de revelação e de fé. Além disso, a compreensão adquirida pelos samaritanos expressa bem o perfil messiânico que João deseja comunicar: a obra de

---

<sup>81</sup> SCHNELLE, 2017, p. 903.

Jesus não se restringe apenas a um povo, mas todo mundo é alvo do amor de Deus (3,16; 6,33; 12,47). A expressão “salvador do mundo” revela a universalidade da graça de Deus e, ao mesmo tempo, expressa a autocompreensão joanina como uma comunidade enviada para o mundo (17,18) a fim de continuar a obra de Jesus (17,21-24);

- *Santo de Deus* (6,69). Essa expressão também é única em João, contudo, de grande relevância. Ela aparece como parte da confissão de Pedro ao reconhecer Jesus como “Santo de Deus”. O termo *ἅγιος* indica a unção do Espírito que permanece sobre Jesus (1,32), assinalando-o com o selo de Deus (6,27). Por esse mesmo Espírito, Jesus oferece a vida por meio de suas palavras (6,63), e esse será o reconhecimento de Pedro: “Tu tens palavras de vida eterna” (6,68b). “Santo de Deus” aponta, ainda, a unidade plena entre Pai e Filho, afinal, Jesus, sendo “separado”, carrega a natureza de Deus e não a do mundo. Assim, torna presente a salvação no mundo (1,9.12.13.14.18; 6,33.38; 8,12). Por fim, essa compreensão dos Doze acerca de Jesus se opõe à da multidão, que deseja fazer de Jesus um rei conforme as expectativas davídicas (6,14-15). Seu reinado não pertence a esse mundo, todavia, foi testificado pelo Pai (8,23);
- *Cordeiro de Deus* (1,29.36). Essa é a primeira declaração a respeito de Jesus por meio de um personagem, no caso, João Batista. Segundo Schnelle, a figura do cordeiro contrasta-se com o poder e a força, indicando que o amor de Deus alcança o ser humano por meio da fraqueza e de modo oculto.<sup>82</sup> Dessa forma, esse poder revelado na fraqueza atinge seu ápice na cruz. Jesus, como cordeiro de Deus, “tira o pecado do mundo”. Essa expressão nos ajuda a entender a importância da declaração cristológica revelada. Jesus, como cordeiro, reconcilia pessoas com Deus, o que parece ter uma relação com a figura do Servo Sofredor de Is 53,4-12. Além disso, a imagem do cordeiro estabelece uma conexão importante com “a hora” de Jesus, elemento fundamental para a estrutura narrativa de João (1.2.2). “A hora” faz referência à entrega da vida de Jesus na cruz, crucificado na véspera de Páscoa, por volta da “hora sexta”, mesmo dia e horário em que se sacrificava o cordeiro pascal (19,14.33.37). Jesus é o verdadeiro cordeiro pascal! Sua entrega na cruz proporciona um êxodo definitivo para aqueles que creem em seu nome (20,31), por ter eliminado o pecado do mundo (14,30; 16,11.33).

---

<sup>82</sup> SCHNELLE, 2017, p. 906.

### 1.6.3 Jesus como “enviado do Pai”

Os títulos referentes a Jesus são fundamentais para a construção narrativa do EJ. Deve-se considerar, entretanto, que esses títulos estão diretamente relacionados com outro elemento crucial na cristologia joanina: a concepção de Jesus como “enviado do Pai”. Todos os títulos cumprem sua função uma vez que apontam nessa direção, afinal, “a obra de Deus é que acrediteis naquele que ele enviou” (6,29). Assim, é de suma importância para o desenvolvimento dessa tese a compreensão do significado do envio de Jesus, sob três aspectos: o sentido do envio; o percurso do enviado; as testemunhas do enviado.

#### 1) *O sentido do envio*

A noção joanina acerca de envio “deve ser compreendida em referência ao direito de envio no antigo Oriente. Um enviado era um mensageiro devidamente legitimado que representava seu soberano junto a uma corte estrangeira”<sup>83</sup>. Dessa forma, a categoria central ligada ao envio de Jesus era a representação: ele representa plenamente os interesses do Pai. Para João, somente Jesus é capaz de cumprir essa tarefa, afinal, “ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (1,18). Essa representação é evidenciada em, pelo menos, três aspectos na vida de Jesus:

- a) ele não fala de si, mas pronuncia as palavras do Pai (3,34; 7,17; 14,10.24; 17,8.14), pois dá testemunho daquilo que viu e ouviu (3,32);
- b) ele não age por conta própria, no entanto, realiza as obras do Pai (4,34; 5,36; 9,4; 10,25.32.37-38; 14,10-12; 15,24; 17,4), a fim de que o Pai seja glorificado (7,17; 11,4; 13,31-32; 14,13; 17,4);
- c) ele não faz o que quer, entretanto, cumpre plenamente a vontade do Pai (3,8; 4,34; 5,30; 6,38.39.40; 7,17.28; 9,31; 18,11).

#### 2) *O percurso do enviado*

Como segundo aspecto, temos a dimensão do percurso do enviado, que também pode ser compreendido a partir de três momentos:

- a) Jesus representa, plenamente, o Pai porque estava com ele desde o início (1,1-3.15.30). Somente ele viu a Deus e, por isso, foi quem o deu a conhecer (1,18). Assim, o conceito da preexistência do Filho é fundamental para a concepção do

---

<sup>83</sup> ZUMSTEIN, 2015, p. 463.

envio, na medida em que a origem divina de Jesus (1,14) o legitima como enviado do Pai e torna o seu testemunho como verdadeiro. Por isso, a ênfase joanina: Jesus vem de “cima” (do “alto” – 3,31; 8,14.23), do céu (3,13; 6,33.38.41.46.50.62);

- b) a segunda etapa desse percurso é o cumprimento da missão recebida pelo Pai, que se torna possível por meio da encarnação. A preexistência se torna existência, quando Jesus se faz carne e habita no meio do povo (1,9-11.14) e se concretiza como manifestação concreta do amor de Deus ao mundo (3,16). A obra do Pai confiada a Jesus traduz-se em salvar o mundo por meio da fé em seu nome (3,17; 20,31). Assim como o Pai amou o mundo de maneira tão grande, Jesus assumirá de forma plena esse caminho, amando até às últimas consequências (6,37-40; 13,1). A consumação dessa missão se dará na cruz, expressão máxima do amor e da fidelidade do Filho (19,28-30);
- c) a terceira e definitiva etapa do percurso é o retorno para o Pai. O Filho, que outrora estava junto do Pai, após cumprir a missão, retorna glorificado para o lugar onde antes estava (6,62; 13,33; 14,2.28; 16,5). Nessa compreensão, deve-se atentar para o grande discurso de despedida, em Jo 14–17, e para a glorificação de Jesus na cruz, momento que marca seu retorno para o Pai (12,16.23-24; 13,1.31-33; 17,1-5).

### 3) *As testemunhas do enviado*

Por fim, a concepção de Jesus como enviado do Pai é apresentada a partir da dimensão do testemunho. Como observa Schenelle, uma vez que o autotestemunho de Jesus é recebido com suspeita, especialmente pelos judeus (8,13), o pano de fundo joanino nessa questão é o princípio jurídico, segundo o qual o testemunho concordante de duas pessoas (no caso, dois homens) é verdadeiro (Jo 8,17; cf. Nm 35,30; Dt 17,6; 19,15).<sup>84</sup> Nessa lógica, João tem na relação íntima entre Jesus e o Pai um elemento de legitimação para o testemunho: “Sim, o Pai que me enviou dá testemunho a meu favor” (5,37a). O Pai é a testemunha por excelência da identidade de Jesus como enviado (8,18). Sendo Jesus um com o Pai (10,30), seu autotestemunho se torna verdadeiro, afinal, não fala por si, mas proclama as palavras daquele que o enviou (3,34; 7,17; 14,10.24; 17,8.14). De semelhante forma, como Jesus não age por si mesmo, contudo, cumpre a vontade do Pai (4,34; 5,36; 9,4; 10,25.32.37-38; 14,10-12; 15,24; 17,4), suas obras são legítimas<sup>85</sup>. Dessa forma, tanto os discursos (seção 1.4) quanto as obras de Jesus dão verdadeiros testemunhos de si (5,36; 8,14).

<sup>84</sup> SCHENELLE, 2017, p. 892.

<sup>85</sup> Dentre essas obras estão “os sinais”, elemento importante para a narrativa joanina (veja a seção 1.2.1.1).

Há ainda outras testemunhas, apresentadas no Evangelho, que testificam Jesus como o enviado do Pai:

- a) João Batista (1,6-8.19-42; 3,22-30);
- b) Moisés (1,45; 5,45-46);
- c) Isaías (1,23; 12,37-41);
- d) Abraão (8,56);
- e) as Escrituras (1,23.51; 2,17; 6,31.45; 10,34; 12,13.15.27.38.40; 13,18; 15,25; 16,22; 19,24.28.36.37; 20,28);
- f) por fim, pode-se classificar os samaritanos como testemunhas desse envio divino. Ao afirmarem que Jesus é o “Salvador do mundo” (4,42)<sup>86</sup>, estão diretamente conectados à noção de missão conferida ao Filho: “pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (3,17).

#### 1.6.4 As “palavras de Eu Sou”

A cristologia joanina se verifica de maneira peculiar: a apresentação de afirmativas por meio de imagens. A linguagem imagética utiliza símbolos e metáforas enraizados no cotidiano, com caráter de referência e que visam interpretar a natureza de Deus e/ou do Filho Jesus Cristo: luz (1Jo 1,5; Jo 1,4-5; 3,19; 8,12; 12,46), amor (1Jo 4,16; Jo 3,35; 17,26), espírito (Jo 4,24), “água viva” (Jo 4,14; 7,37-39). Como observa Schnelle, a linguagem imagética adota metáforas que, ao contrário do símbolo, exigem, já no plano imediato do texto, uma passagem para um novo plano de sentido: Jesus como o pão da vida (Jo 6), o pastor verdadeiro (Jo 10), a porta (Jo 10), o grão de trigo (Jo 12,24), a vinha (Jo 15).<sup>87</sup> Além disso, a linguagem imagética joanina caracteriza-se por categorias espaciais (alto – baixo / vir – ir embora/envio), títulos/nomes (Pai/Filho/Logos/Cordeiro/Messias/Salvador/Senhor) e por uma forte imagética narrativa (Jo 2,1-11; 3,1-11; 4,4-42; 6; 8,12-20; 9; 10; 11,1-45).<sup>88</sup> A respeito da utilização de imagens, Schnelle escreve:

A imagética visa a transmissão, o reconhecimento e a concordância; os leitores/ouvintes devem ser conduzidos, de modo cada vez mais profundo, por imagens, palavras imagéticas e discursos metafóricos adequados/positivos desde sua experiência imediata de vida e de seu pano de fundo cultural para um verdadeiro

<sup>86</sup> Veja a seção 1.5.

<sup>87</sup> SCHNELLE, 2017, p. 898.

<sup>88</sup> SCHNELLE, 2017, p. 898-899.

conhecimento de Jesus Cristo. A linguagem imagética joanina serve-se para esse fim de uma notável diversidade, de motivos individuais (por exemplo, Jesus como templo, Jo 2,19-22), sobre a construção de vínculos (por exemplo, Jo 2–4 como composição anelar de Caná) até redes de imagens (por exemplo, Jesus como “rei” em Jo 1,49; 12,13; 19,21). Termos imagéticos como, por exemplo, luz, vida e glória tornam-se (muitas vezes em conjunto com seus opostos) conceitos-chaves que têm função de construir redes, tanto dentro de pequenas seções de texto como no âmbito de grandes sequências textuais. Por meio de retomada, amplificação, construção de arcos de tensão, referência retroativa ou substituição, o evangelista procura especialmente por meio de sua linguagem imagética uma densificação de sua mensagem. Na linguagem imagética joanina confluem constantemente realidades conhecidas para formar uma nova realidade que deve ser vista, reconhecida e crida; assim, a fé torna-se no ver um ato cognitivo (cf. Jo 20,31).<sup>89</sup>

Como ilustração dessa característica fundamental da cristologia joanina, tem-se as “palavras de Eu Sou”, que são o centro do autoanúncio de Jesus. Por meio dessas palavras, ele revela quem é e como deve ser acolhido pelos que crerem em seu nome. Em João, por sete vezes, Jesus se autoproclama como a realização daquilo que os grandes símbolos da Bíblia e da humanidade apontam:

- Eu sou o *pão da vida* (6,35.41.48.51)
- Eu sou a *luz do mundo* (8,12; 9,5)
- Eu sou a *porta* (10,7.9)
- Eu sou o *bom pastor* (10,11.14)
- Eu sou a *ressurreição e a vida* (11,25)
- Eu sou o *caminho, a verdade e a vida* (14,6)
- Eu sou a *videira verdadeira* (15,1)

Nessas palavras, então, João esclarece a messianidade de Jesus, que é apresentado em relação direta com o Pai. A própria expressão “Eu Sou” aponta para essa direção, pois o Filho é descrito de forma semelhante ao Pai (Ex 3,14). A respeito do significado da expressão “Eu Sou”, Konings escreve:

O autocredenciamento de Deus em Ex 3,14a no texto hebraico soa literalmente “Eu serei/estarei o que serei/estarei”. Em hebraico, “ser” = “estar”, e o tempo do verbo, no caso, o imperfeito, não exprime o momento temporal como em nossas línguas, mas o aspecto – no caso, a duração continuada no passado e no futuro. Significaria algo como “Eu estarei (contigo/convosco) como aquele que (sempre) está aí”. [...] O que a expressão semítica “Eu sou (o que sou)” exprime é o *autocredenciamento* divino. O Segundo Isaías aprofundou muito o sentido do nome “Eu Sou”. Deus é aquele que é/está aí, os deuses são nulidades, vazios. Na salvação final, seu povo vai reconhecer “que eu sou aquele que afirma: Eu sou” (Is 52,6). Deus é aquele que é, é o que ele é, o que ele se mostrou e mostrará ser. Jesus é o que ele é no seu agir existencial e

---

<sup>89</sup> SCHNELLE, 2017, p. 899.

histórico, e nisto é que se deve crer. “Eu sou”, mas também, “eu *o* sou”, a saber, tudo o que sua atuação sugeriu como missão divina, escatológica, dom de Deus.<sup>90</sup>

Dessa forma, cristologia e soteriologia se entrelaçam nas “palavras de Eu Sou”, afinal, Jesus só pode ser cada um desses símbolos porque ele é o Filho de Deus, sendo esta confissão a garantia de vida (20,31). A palavra *vida* é fundamental, pois todas as “palavras de Eu Sou” contêm, direta ou indiretamente, uma promessa de vida, metáfora central do Evangelho para os benefícios decorrentes da fé em Jesus. As “palavras de Eu Sou” seguem uma estrutura simples que permite perceber a relação entre fé e vida: Eu Sou + palavra metafórica com artigo + convite + promessa.

Ref.	Expressão	Palavra metafórica	Convite	Promessa
6,35	Eu Sou	o pão da <b>vida</b> .	Quem vem a mim - Quem crê em mim	não mais terá fome - não mais terá sede.
8,12	Eu Sou	a luz do mundo.	Quem me segue	não caminha nas trevas, todavia, terá a luz da <b>vida</b> .
10,9	Eu Sou	a porta das ovelhas.	Quem entrar por mim	será salvo; poderá entrar e sair, e encontrará pastagem. [eu vim para que tenham <b>vida</b> , e a tenham em abundância]
10,11	Eu Sou	o bom pastor	Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem.	Eu dou a minha <b>vida</b> pelas ovelhas.
11,25	Eu Sou	a ressurreição e a <b>vida</b> .	Quem crê em mim, - E todo aquele que vive e crê em mim,	ainda que tenha morrido, viverá. - não morrerá jamais.

<sup>90</sup> KONINGS, 2017, p. 260-261.

14,6	Eu Sou	o caminho, a verdade e a <b>vida</b>	Se me conhecestes, conhecereis também o meu Pai.	Ninguém vai ao Pai a não ser por mim.
15,5	Eu Sou	a videira ( <i>verdadeira</i> – Jo 5,1)	Aquele que permanece em mim, e eu nele	esse dá muito fruto.

Para Ashton, “as palavras de Eu Sou” são *evangelhos em miniatura*, pois afirmam simples e graficamente o propósito para o qual o Evangelho foi escrito: “para que creiais [...] e, para que crendo, tenhais vida em seu nome” (20,31)<sup>91</sup>. Os ditos de “Eu Sou” concentram essa capacidade de síntese porque comprimem a afirmação (“Eu Sou...”) em uma declaração que identifica Jesus com o propósito de sua vinda (“para que tenham vida”, Jo 10,10): “Eu Sou a ressurreição e a vida” (11,25), ou, “Eu Sou o caminho, a verdade e a vida” (14,6), por exemplo.<sup>92</sup>

Dentre as sete “palavras de Eu Sou”, a que está contida no capítulo 6, por conta do interesse dessa tese, merece destaque: “Eu Sou o pão da vida” (6,35). Jesus, em seu discurso, revela-se como o “pão da vida”, como o “pão que desceu do céu”. Em que sentido devemos interpretar esse símbolo? Qual é a importância disso para a comunidade joanina? Qual é o contexto dessa fala?

Jo 6 segue uma estrutura comum já apresentada pelo evangelista em Jo 4–5, com, pelo menos, duas características típicas:

- 1) um discurso, logo após a realização de um sinal (Jo 5,1-18.19-47): após o sinal da refeição prodigiosa (6,1-13), Jesus proclama seu discurso de autorrevelação como “pão da vida” (6,35-58);
- 2) o mal-entendido como “oportunidade” para o ensino revelatório a respeito de sua identidade e missão (Jo 4,10-15)<sup>93</sup>: o gesto de Jesus em alimentar milagrosamente a multidão (chamado de “sinal” pelo evangelista) não será bem entendido pela multidão, que buscará Jesus novamente no dia posterior, a fim de comer pão outra vez. A busca é recebida com hostilidade por Jesus, que oferece um pão que extrapola a necessidade material. Esse “alimento que permanece até à vida eterna” (6,27) será

<sup>91</sup> ASHTON, John. *Understanding the fourth gospel*. Oxford: Clarendon, 2007, p. 127.

<sup>92</sup> ASHTON, 2007, p. 127.

<sup>93</sup> No caso do encontro com a mulher samaritana, o mal-entendido em relação à água da vida oferecida por Jesus lhe dá a oportunidade ideal para se revelar como Messias (Jo 4,26).

desejado pela multidão, mas sem compreender de que dimensão Jesus está falando. Justamente esse mal-entendido em relação ao gesto e às palavras de Jesus criará o cenário ideal para o ensino acerca desse pão que ele oferece.

Aborda-se, comumente, esse discurso (6,35-58) analisando-o em duas etapas. Na primeira parte (6,35-50), pode-se perceber que o sinal do pão (6,1-15) e as palavras que se referem a esse evento devem ser entendidos na perspectiva da tradição sapiencial do Antigo Testamento. O narrador parece encontrar na literatura sapiencial o imaginário para construir seu personagem protagonista, Jesus, e narrar suas palavras e seus gestos. A respeito dessa perspectiva, Konings afirma:

Na primeira de suas autoproclamações simbólicas/figurativas, Jesus revela: “O pão da vida sou eu! Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim não terá mais sede”. Quem conhece a Bíblia reconhece aqui textos em que pão (e bebida) simbolizam o ensinamento e a sabedoria de Deus, p. ex. Is 55,1-3. A passagem do sentido material (o mal-entendido dos judeus) para o sentido simbólico se confirma pelo fato de a terminologia se ampliar do campo da fome para o da sede. A literatura sapiencial associa comer e beber com a instrução da Sabedoria (Pr 9,5; Sr 15,3; 24,21). É nessa pauta sapiencial que se deve interpretar o gesto de Jesus e as palavras que agora vão seguir. No v. 45 aparece claramente que o dom que vem do céu em Jesus é o ensinamento de Deus que ele nos dá a conhecer (cf. v. 45). Os vv 35-50 constituem uma leitura sapiencial do sinal do pão e da missão de Jesus, que é este pão em pessoa.<sup>94</sup>

Outros elementos permitem a percepção da semântica de ensino presente na narrativa:

- quando a multidão se encontra novamente com Jesus (em Cafarnaum), se dirige a ele como “Rabi” (6,25), um título importante em João, por ser uma referência direta à dimensão do ensino;<sup>95</sup>
- João cita os profetas: “Todos serão discípulos de Deus” (Is 54,13), citação com teor escatológico. Há, sem dúvida, conexão com o tema da “nova aliança inscrita no coração”, de Jeremias (Jr 31,33-34), e com o “novo coração”, que significa o conhecimento de Deus (Ez 36,26-27). Segundo Jo 6,45b, quem escuta Deus e dele aprende, vai a Jesus;
- sendo Jesus o único que viu Deus, somente ele é capaz de revelar Deus ao mundo (6,46). Por isso, ele é o pão que desceu do céu e quem nele crer terá vida eterna. Ser discípulo de Deus não significa abraçar uma crença ou oferecer uma confissão verbal somente<sup>96</sup>,

<sup>94</sup> KONINGS, 2017, p. 214-215.

<sup>95</sup> A respeito da importância e do significado desse título em João, confira na seção 1.6.2.

<sup>96</sup> Veja a seção 1.6.2.

e sim, acolher um caminho. Por isso, Jesus é o caminho, a verdade e a vida (14,6), e ninguém conhecerá o Pai a não por ele (1,18), pois, Jesus é a Palavra encarnada (1,14);

- o leitor é informado que o discurso de Jesus foi proclamado no ambiente da sinagoga, em Cafarnaum (6,59). O verbo διδάσκω (ensinar), utilizado no versículo, confirma a compreensão de Jesus como mestre (6,25) e reforça o sentido sapiencial da narrativa.

Portanto, até aqui se diz que o Pai dá o pão que desce do céu, não o maná oferecido no deserto por meio de Moisés, mas o próprio Jesus. Ele é o ensinamento/sabedoria de Deus. Jesus não somente tem “palavras de vida” (6,68), como Ele mesmo é a Palavra (1,18). Todo o seu viver e agir transmitem o ensino do Pai. Por isso, ele deve ser acolhido.

Jo 6,51 parece simplesmente resumir o que foi dito até então. Porém, há uma mudança considerável. Jesus não mais se autoproclama como pão da vida, todavia, diz: “Eu Sou o pão vivo que desceu do céu”. Ele não só dá o pão da vida, nem apenas é o “pão da vida” (o ensinamento em pessoa), como é o “pão vivo”, ele tem a vida em si mesmo (1,4; 5,26). Nota-se, então, não uma repetição, com novas palavras, do conteúdo apresentado até aqui, ou uma síntese do que já fora dito, mas um aprofundamento no mistério da pessoa e da obra de Jesus. Ele não é apenas aquele que encarna o dom sapiencial, o “pão da vida”, como ensino vital de Deus (6,35-50), entretanto, ele “vive” o dom de Deus, a doação da vida. Jesus é o “pão vivo” porque dá sua própria “carne” (σάρξ), termo que aponta para o caráter material e histórico dessa “vida” que oferece. Não se trata de transmitir vida por meio de seu ensino, não obstante, por meio de sua existência carnal (1,14), sua vida humana que será oferecida na cruz.<sup>97</sup> Justamente esse dom da própria vida de Jesus será celebrado por meio da refeição eucarística. “Na eucaristia, a comunidade joanina recebe o pão da vida que desceu do céu”<sup>98</sup>. A respeito dessa dimensão eucarística do discurso do “pão da vida”, Schnelle afirma:

Na *seção eucarística* de Jo 6,51c-58, a característica encarnatória fundamental da teologia joanina é expressa de modo aguçado. Esse trecho foi escrito pelo evangelista e acrescentado no discurso tradicional sobre o pão da vida em Jo 6,30-35.41-51b, para formular uma afirmativa cristológica central: a escola joanina reconhece na eucaristia a identidade do Filho do Homem exaltado com o Encarnado e Crucificado. O Preexistente e Exaltado não é ninguém outro que o Jesus de Nazaré que, verdadeiramente, tornou-se ser humano e morreu na cruz. Especialmente na ceia do Senhor condensam-se momentos cristológicos, soteriológicos e eclesiológicos, pois como o lugar da presença salvífica do Encarnado, Crucificado e Glorificado, a ceia do Senhor concede ao crente o dom da vida eterna. A menção de “sangue e água”, inserida pelo evangelista João em Jo 19,34b, e o testemunho do discípulo amado em 19,35 ressaltam essa interpretação. A morte verdadeira de Jesus tem como pressuposto

<sup>97</sup> KONINGS, 2017, p. 220-221.

<sup>98</sup> SCHNELLE, 2017, p. 974.

verdadeiro sua encarnação verdadeira, e ambos os elementos são, por sua vez, a possibilitação do significado salvífico da morte de Jesus, que se realiza no batismo e na eucaristia. Especialmente nos sacramentos se manifesta a dimensão eclesiológica da imagem joanina de Cristo, pois eles se baseiam na vida e na morte de Jesus de Nazaré histórico e concedem ao mesmo tempo no espaço da comunidade os dons da nova criação (Jo 3,5) e da vida eterna (Jo 6,51c-58).<sup>99</sup>

Como visto, a segunda parte do discurso (6,51-58) é, na verdade, uma releitura eucarística da compreensão sapiencial do “pão da vida”, que deve ser experimentado na vida comunitária. Isso reforça o traço mistagógico do EJ, pois supõem iniciação. Para ouvintes não iniciados na fé em Jesus e no seu próprio dom, “comer a carne” e “beber o sangue” são termos altamente provocantes, que geram escândalo (6,54). A contestação dos judeus (6,52) e o estranhamento dos discípulos (6,60), que culminarão na deserção de muitos discípulos (6,66), são indícios narrativos acerca do rompimento com as Sinagogas e, também, da afirmação da vida comunitária como meio de participação efetiva na vida eterna, oferecida por meio da eucaristia do corpo e sangue de Jesus. Esse contraste pode muito bem ser percebido no encerramento do discurso, em Jo 6,58: “Este é o pão que desceu do céu. Não é como aquele que os vossos pais comeram – e, no entanto, morreram. Quem se alimenta com este pão viverá para sempre”.

### 1.6.5 Os Sinais

É evidente no EJ a ênfase na palavra *signal*. Segundo Beutler, a designação dos milagres de Jesus como “sinais” pertence às particularidades do EJ. A origem pode ser judeu-helenista; ao menos remonta ao texto da Septuaginta do livro do Êxodo, como afirma.<sup>100</sup> Assim, o autor vê sentido em pensar nos “sinais” que Moisés realiza diante do faraó e que o legitimam como líder do povo de Deus (Ex 4,8s.28.20; 7,9; também 10,1s; 11,9s), enquanto conduzem à “fé” em sua missão profética (Ex 4,5.8s.31).<sup>101</sup> Esta conexão entre o ver “sinais” e a “fé” aparece em Jo 2,11.23; 12,37; 20,30s. Também, como observa Beutler, a conexão entre os “sinais” de Jesus e a manifestação de sua “glória” (Jo 11,4.40) parece preparada na Septuaginta; só que aí (Nm 14,10s.21s) não se trata da manifestação da glória do taumaturgo (como em Jo 2,11; 11,4).<sup>102</sup> Em suas palavras:

<sup>99</sup> SCHNELLE, 2017, p. 967-968.

<sup>100</sup> BEUTLER, 2015, p. 29.

<sup>101</sup> BEUTLER, 2015, p. 29.

<sup>102</sup> BEUTLER, 2015, p. 29.

É característica de João a conexão entre os milagres de Jesus como “sinais” e sua autorrevelação nos discursos de revelação e cenas de diálogo no Quarto Evangelho. Assim, o discurso do pão em Jo 6 interpreta o sinal da multiplicação milagrosa do pão (Jo 6,1-15) por meio da autodenominação de Jesus como “pão da vida” (Jo 6,35.48.51). De modo semelhante, a palavra de Jesus autodesignando-se como “luz do mundo” (Jo 9,5) interpreta o “sinal” da cura do cego de nascença (Jo 9,1-7), e sua autodesignação como “a ressurreição e a vida” (11,25) interpreta o último sinal público, a ressurreição de Lázaro dentre os mortos (Jo 11,1-44). Tal reinterpretação teológica dos sinais joaninos pode, seguramente, ser atribuída ao próprio evangelista.<sup>103</sup>

Em virtude da identificação de Jesus como profeta (Jo 6,14), a palavra *sinal* ganha destaque. Isso, porque, como afirma Lierman, uma ampla faixa de tradição associou os profetas a sinais miraculosos.<sup>104</sup> Quase todas as chamadas no AT foram cumpridas com a oferta de um sinal autenticando essa chamada, tanto para o profeta quanto para o próprio povo. A associação de profetas e milagres foi forte o suficiente para consolidar a tradição de realização de milagres como sinal para demonstrar a autenticidade do profeta e de sua mensagem.<sup>105</sup>

Lierman observa que uma reação característica em face das maravilhas realizadas por Jesus foi dar-lhe o reconhecimento de profeta. Isso acontece em Jo 6,1-15, pois, ao verem o sinal da multiplicação de pães e peixes, a multidão identificou Jesus como “o profeta que vem ao mundo”, “o profeta” como Moisés anunciou. Para o autor, isso se confirma pelo fato de o sinal da multiplicação ser de tipo mosaico, especialmente pelo discurso sobre o pão que acontece em seguida, concentrado na figura de Moisés e no maná do deserto.<sup>106</sup>

A respeito da expectativa de um sinal semelhante ao de Moisés (maná), Jesus corrige a multidão em sua interpretação e afirma: “não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá” (Jo 6,32). Ashton vê, nesse texto, indício de que por trás da “desavença” entre Jesus e Moisés, existe uma disputa entre a comunidade joanina e o judaísmo tradicional, em processo de progressivo afastamento.<sup>107</sup> O autor entende que, na disputa sobre o maná como sinal, o redator do EJ contrasta Deus e Moisés, fazendo com que a figura de Moisés seja diminuída na cena, já que ofereceu aos antigos um pão que não era do céu. Somente Deus é quem pode dar esse pão, e o dará em Jesus.<sup>108</sup>

Para Ashton, na perícopes de João 6,1-15, está o reconhecimento mais claro da identidade de Jesus em todo o Evangelho, que consiste em assumir o lugar de Moisés como “o profeta” de

<sup>103</sup> BEUTLER, 2015, p. 29.

<sup>104</sup> LIERMAN, John. *The New Testament Moses: Christian perceptions of Moses and Israel in the setting of Jewish Religion*. Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2004, p. 52.

<sup>105</sup> LIERMAN, 2004, p. 52-53.

<sup>106</sup> LIERMAN, 2004, p. 54.

<sup>107</sup> ASHTON, 2014, p. 15.

<sup>108</sup> ASHTON, 2014, p. 22.

Deus. Assim, em uma história que, entre outras coisas, justificou a afirmação de Jesus no capítulo 5 de que Moisés escreveu sobre ele, o evangelista prossegue em seu objetivo: “refutar a crença judaica de que Moisés teve o papel principal na história da revelação de Deus para o seu povo, e atribui esse papel a Jesus.”<sup>109</sup> Ao analisar as intenções da relação entre Jesus e Moisés narradas no EJ, Ashton conclui:

- 1) Em seu papel profético, Moisés foi o precursor de Jesus, que cumpriu a predição que Moisés seria seguido por um profeta como ele;
- 2) Moisés escreveu sobre Jesus. No Pentateuco, a Torá, havia histórias que anunciavam eventos da vida de Jesus;
- 3) Foi através de Moisés que Israel recebeu a Lei; mas as prescrições da Lei, assim como o Sábado e a Circuncisão, deixaram de ter qualquer relevância;
- 4) A revelação de Deus para Moisés, núcleo e fundação da tradição judaica, foi substituída pela revelação de Jesus, e o próprio Jesus tomou o lugar de Moisés.<sup>110</sup>

Essa controvérsia gera murmuração por parte dos judeus, que consideram a afirmação de Jesus como “o pão da vida” um escândalo (6,41-42). Beutler chama a atenção para o fato de aqui aparecer pela primeira vez, na perícopes, a expressão “os judeus”, que substitui “a multidão”.<sup>111</sup> O autor entende isso como recurso literário de João para enfatizar o antagonismo dos judeus em relação a Jesus, “transformando” em “os judeus” todos que não creem nele. Isso acontece, também, em Jo 9, quando os fariseus são chamados de judeus, pois se mostram avessos à fé (Jo 9,18.22).<sup>112</sup> Beutler entende que “murmurar” pertence aos temas do Êxodo, pois, segundo Ex 16,2, os israelitas, no deserto, “murmuravam” contra Moisés e Aarão, porque não tinham pão e tinham saudades das cebolas do Egito.<sup>113</sup> Para o autor, a concordância do vocabulário indica que Jo 6 é um hipertexto de Ex 16, embora a base do protesto dos judeus contra Jesus seja diferente daquela dos israelitas no deserto. Para Beutler, não é a falta de pão que eles criticam agora, mas a afirmação de Jesus ser “o pão que desceu do céu”, por se tratar de uma afirmação absurda já que conheciam seu pai e sua mãe.<sup>114</sup>

## 1.7 Considerações parciais

O primeiro capítulo apresentou os principais aspectos a respeito do EJ. Constitui-se um passo importante, uma vez que, a compreensão de Jo 6 se torna possível a partir de um olhar

<sup>109</sup> ASHTON, 2014, p. 22.

<sup>110</sup> ASHTON, 2014, p. 24.

<sup>111</sup> BEUTLER, 2015, p. 178.

<sup>112</sup> BEUTLER, 2015, p. 178.

<sup>113</sup> BEUTLER, 2015, p. 178.

<sup>114</sup> BEUTLER, 2015, p. 178-179.

mais apurado em relação à obra como um todo. Na tarefa de explicitar a peculiaridade do EJ, os aspectos apresentados foram: autor e interlocutores, aspectos literários (linguagem e estrutura literária), o conflito com “os judeus”, a relação com os sinóticos, as ênfases teológicas, a relação entre cristologia e soteriologia (destacando a intenção literária, os títulos cristológicos, a compreensão de Jesus como “enviado”, as “palavras de Eu Sou”, o significado de “pão da vida” e sinais).

Em relação à análise, a discussão acerca da autoria não será determinante, dado que o autor joanino escolheu o anonimato. Importante será o perfil do evangelista, que transparece à medida que se avança em sua narrativa. Um dos traços desse perfil autoral é a linguagem utilizada, cheia de simbolismos e mal-entendidos, estratégias essenciais para a construção narrativa.

Entende-se, geralmente, que o EJ é um evangelho ruminado, com um processo de redação complexo, com várias fases. Perceber essas camadas redacionais é um passo importante na compreensão da condução narrativa, possibilitando “enxergar” os destinatários “ideais” por trás da narrativa. Como visto, há conflitos sérios, com os quais os primeiros leitores precisaram lidar. Foram elencados apenas os conflitos com “os judeus”, que transparecem em Jo 6,1-15.41.52.59 e serão determinantes para a presente análise.

O EJ apresenta certa semelhança com os evangelhos sinóticos, no entanto, usa com liberdade o material em comum e segue um esquema próprio, apresentando bastante conteúdo exclusivo, especialmente em relação às narrativas e discursos.

Por fim, a intenção narrativa do EJ demonstra sua perspicácia, afinal, cristologia e soteriologia são colocadas numa relação intrínseca. Falar da identidade de Jesus não se resume a uma tarefa descritiva apenas, mas, trata-se de uma função soteriológica. Por isso, o zelo narrativo em relação à construção dessa identidade como alguém com origem divina.

A partir desses aspectos elencados, no próximo capítulo far-se-á uma primeira aproximação analítica de Jo 6. Uma tradução será proposta, com algumas observações sobre as variantes textuais. A seguir, serão estabelecidos os limites da narração, considerando seu lugar no contexto da obra. Depois, apresentar-se-á uma sinopse, colocando Jo 6 em paralelo com as narrativas sinóticas, destacando as aproximações e os distanciamentos entre esses relatos.

## 2 ANÁLISE DE JOÃO 6: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

O capítulo anterior indicou os principais aspectos literários e teológicos do EJ, permitindo uma percepção geral desse evangelho. O desafio, agora, consiste numa primeira aproximação analítica de Jo 6, numa perspectiva sincrônica. A partir de sua fixação final<sup>1</sup>, tem-se a tarefa de, num primeiro momento, propor uma tradução instrumental do texto grego, que será usada nas citações no corpo da tese. Observar-se-ão, ainda, alguns aspectos da crítica textual.

Em seguida, a partir da estrutura literária proposta na seção 1.2.2, delimitar-se-ão os limites da narração de Jo 6, considerando seu lugar na sequência narrativa de Jo 5–12. O trabalho consistirá não apenas em dizer onde começa e termina a perícopes, mas em demonstrar sua contribuição para a construção teológica da macronarrativa (no caso, Jo 5–12). Por isso, nesse tópico, num momento se olhará para dentro da perícopes e no outro para o seu entorno. Entender sua função na sequência narrativa de Jo 5–12, permitirá a compreensão do enredo de Jo 6 e, conseqüentemente, de que forma é construído.

Finalmente, comparar-se-á Jo 6 com as versões sinóticas do milagre do pão, destacando as aproximações e distanciamentos entre as narrativas. A sinopse proposta permitirá uma melhor compreensão da concepção teológica do narrador joanino, especialmente, quanto ao conteúdo exclusivo de João que será explicitado.

### 2.1 Texto grego e tradução

Texto grego <sup>2</sup>	Tradução nossa
<sup>1</sup> Μετὰ ταῦτα ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος.	<sup>1</sup> Depois destas coisas, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, de Tiberíades.
<sup>2</sup> ἡκολούθει δὲ αὐτῷ ὄχλος πολὺς, ὅτι ἐθεώρουν τὰ σημεῖα ἃ ἐποίει ἐπὶ τῶν ἀσθενούντων.	<sup>2</sup> Seguia a ele grande multidão, porque viam os sinais que fazia sobre os enfermos.
<sup>3</sup> ἀνῆλθεν δὲ εἰς τὸ ὄρος Ἰησοῦς καὶ ἐκεῖ ἐκάθητο μετὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ.	<sup>3</sup> Subiu Jesus para o monte e ali assentava com os seus discípulos.
<sup>4</sup> ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα, ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων.	<sup>4</sup> Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.
<sup>5</sup> Ἐπάρας οὖν τοὺς ὀφθαλμοὺς ὁ Ἰησοῦς καὶ θεασάμενος ὅτι πολὺς ὄχλος ἔρχεται πρὸς	<sup>5</sup> Então, erguendo Jesus os olhos e vendo que grande multidão vem em direção a ele,

<sup>1</sup> Para o processo histórico-redacional, cf. BEUTLER, 2015, p. 13-40; BROWN, 1979a, p. 27-48; KONINGS, 2017, p.39-45; ZUMSTEIN, 2014, p. 14-44.

<sup>2</sup> Texto grego: *Novum Testamentum Graece* (NA27).

- αὐτὸν λέγει πρὸς Φίλιππον· πόθεν ἀγοράσωμεν ἄρτους ἵνα φάγωσιν οὗτοι;
- <sup>6</sup> τοῦτο δὲ ἔλεγεν πειράζων αὐτόν· αὐτὸς γὰρ ᾔδει τί ἔμελλεν ποιεῖν.
- <sup>7</sup> ἀπεκρίθη αὐτῷ [ὁ] Φίλιππος· διακοσίων δηναρίων ἄρτοι οὐκ ἄρκοῦσιν αὐτοῖς ἵνα ἕκαστος βραχύ [τι] λάβῃ.
- <sup>8</sup> λέγει αὐτῷ εἰς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ, Ἀνδρέας ὁ ἀδελφὸς Σίμωνος Πέτρου·
- <sup>9</sup> ἔστιν παιδάριον ὧδε ὃς ἔχει πέντε ἄρτους κριθίνους καὶ δύο ὀψάρια· ἀλλὰ ταῦτα τί ἐστὶν εἰς τοσούτους;
- <sup>10</sup> εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· ποιήσατε τοὺς ἀνθρώπους ἀναπεσεῖν. ἦν δὲ χόρτος πολὺς ἐν τῷ τόπῳ. ἀνέπεσαν οὖν οἱ ἄνδρες τὸν ἀριθμὸν ὡς πεντακισχίλιοι.
- <sup>11</sup> ἔλαβεν οὖν τοὺς ἄρτους ὁ Ἰησοῦς καὶ εὐχαριστήσας διέδωκεν τοῖς ἀνακειμένοις ὁμοίως καὶ ἐκ τῶν ὀψαρίων ὅσον ᾔθελον.
- <sup>12</sup> ὡς δὲ ἐνεπλήσθησαν, λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· συναγάγετε τὰ περισσεύσαντα κλάσματα, ἵνα μὴ τι ἀπόληται.
- <sup>13</sup> συνήγαγον οὖν καὶ ἐγέμισαν δώδεκα κοφίνους κλασμάτων ἐκ τῶν πέντε ἄρτων τῶν κριθίνων ἃ ἐπερίσσευσαν τοῖς βεβρωκόσιν.
- <sup>14</sup> Οἱ οὖν ἄνθρωποι ἰδόντες ὃ ἐποίησεν σημεῖον ἔλεγον ὅτι οὗτός ἐστιν ἀληθῶς ὁ προφήτης ὁ ἐρχόμενος εἰς τὸν κόσμον.
- <sup>15</sup> Ἰησοῦς οὖν γνοὺς ὅτι μέλλουσιν ἔρχεσθαι καὶ ἀρπάζειν αὐτὸν ἵνα ποιήσωσιν βασιλέα, ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος.
- <sup>16</sup> Ὡς δὲ ὀψία ἐγένετο κατέβησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἐπὶ τὴν θάλασσαν
- <sup>17</sup> καὶ ἐμβάντες εἰς πλοῖον ἤρχοντο πέραν τῆς θαλάσσης εἰς Καφαρναούμ. καὶ σκοτία ἤδη ἐγγεγόνει καὶ οὐπω ἐληλύθει πρὸς αὐτοὺς ὁ Ἰησοῦς,
- <sup>18</sup> ἥ τε θάλασσα ἀνέμου μεγάλου πνέοντος διεγείρετο.
- <sup>19</sup> ἐληλακότες οὖν ὡς σταδίους εἴκοσι πέντε ἢ τριάκοντα θεωροῦσιν τὸν Ἰησοῦν περιπατοῦντα ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐγγὺς τοῦ πλοίου γινόμενον, καὶ ἐφοβήθησαν.
- <sup>20</sup> ὁ δὲ λέγει αὐτοῖς· ἐγὼ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε.

diz para Filipe: “De onde compraremos pães para que estes comam?”.

<sup>6</sup> E dizia isto provando a ele; pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer.

<sup>7</sup> Respondeu a ele Filipe: “Duzentos denários de pão não bastam para eles, para que cada um receba algum pouco”.

<sup>8</sup> Diz a ele um de seus discípulos, André o irmão de Simão Pedro:

<sup>9</sup> “Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas, o que é isto para tantos?”

<sup>10</sup> Disse Jesus: “Fazei os homens assentarem-se”. Havia muita grama no lugar. Então, assentaram-se os homens, em número aproximado de cinco mil.

<sup>11</sup> Então, Jesus tomou os pães e tendo dado graças distribuiu aos reclinados; de forma semelhante, também os peixes, conforme desejavam.

<sup>12</sup> Quando ficaram satisfeitos, disse aos seus discípulos: “Recolheis os pedaços que sobraram para que nada se perca.

<sup>13</sup> Então, reuniram e encheram doze cestas pesadas de pedaços dos cinco pães feito de farinha de cevada, que sobraram do que haviam comido.

<sup>14</sup> Então, vendo os homens que fez sinal, disseram: “Este é verdadeiramente o profeta que vem para o mundo”.

<sup>15</sup> Jesus, pois, conhecendo que estavam para vir e levá-lo para que o fizessem rei, retirou-se de volta para o monte sozinho.

<sup>16</sup> Quando, então, tarde se fez, desceram os seus discípulos para o mar,

<sup>17</sup> E tendo entrado no barco, foram indo para o outro lado do mar, para Cafarnaum. E a escuridão já se tinha feito e ainda não viera até eles Jesus.

<sup>18</sup> E o mar, por um vento forte soprando, empolava-se.

<sup>19</sup> Tendo, pois, remado quase vinte e cinco ou trinta estádios, veem Jesus andando sobre o mar e vindo a ser perto do barco, e temeram.

<sup>20</sup> Então diz a eles: “Eu sou, não temais”.

<sup>21</sup> ἤθελον οὖν λαβεῖν αὐτὸν εἰς τὸ πλοῖον,  
καὶ εὐθέως ἐγένετο τὸ πλοῖον ἐπὶ τῆς γῆς εἰς  
ἣν ὑπῆγον.

<sup>22</sup> Τῇ ἐπαύριον ὁ ὄχλος ὁ ἐστηκὼς πέραν τῆς  
θαλάσσης εἶδον ὅτι πλοιάριον ἄλλο οὐκ ἦν  
ἐκεῖ εἰ μὴ ἓν καὶ ὅτι οὐ συνεισῆλθεν τοῖς  
μαθηταῖς αὐτοῦ ὁ Ἰησοῦς εἰς τὸ πλοῖον ἀλλὰ  
μόνοι οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἀπῆλθον·

<sup>23</sup> ἄλλα ἦλθεν πλοιά [ρια] ἐκ Τιβεριάδος  
ἐγγὺς τοῦ τόπου ὅπου ἔφαγον τὸν ἄρτον  
εὐχαριστήσαντος τοῦ κυρίου.

<sup>24</sup> ὅτε οὖν εἶδεν ὁ ὄχλος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ  
ἔστιν ἐκεῖ οὐδὲ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, ἐνέβησαν  
αὐτοὶ εἰς τὰ πλοιάρια καὶ ἦλθον εἰς  
Καφαρναοὺμ ζητοῦντες τὸν Ἰησοῦν.

<sup>25</sup> καὶ εὐρόντες αὐτὸν πέραν τῆς θαλάσσης  
εἶπον αὐτῷ· ῥαββί, πότε ὧδε γέγονας;

<sup>26</sup> Ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς καὶ εἶπεν·  
ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ζητεῖτέ με οὐχ ὅτι  
εἶδετε σημεῖα, ἀλλ' ὅτι ἐφάγετε ἐκ τῶν  
ἄρτων καὶ ἐχορτάσθητε.

<sup>27</sup> ἐργάζεσθε μὴ τὴν βρωσιν τὴν  
ἀπολλυμένην ἀλλὰ τὴν βρωσιν τὴν  
μένουσαν εἰς ζωὴν αἰώνιον, ἣν ὁ υἱὸς τοῦ  
ἀνθρώπου ὑμῖν δώσει· τοῦτον γὰρ ὁ πατὴρ  
ἐσφράγισεν ὁ θεός.

<sup>28</sup> εἶπον οὖν πρὸς αὐτόν· τί ποιῶμεν ἵνα  
ἐργαζώμεθα τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ;

<sup>29</sup> ἀπεκρίθη [ὁ] Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς·  
τοῦτό ἐστιν τὸ ἔργον τοῦ θεοῦ, ἵνα  
πιστεύητε εἰς ὃν ἀπέστειλεν ἐκεῖνος.

<sup>30</sup> Εἶπον οὖν αὐτῷ· τί οὖν ποιεῖς σὺ σημεῖον,  
ἵνα ἴδωμεν καὶ πιστεῦσωμέν σοι; τί ἐργάζῃ;

<sup>31</sup> οἱ πατέρες ἡμῶν τὸ μάννα ἔφαγον ἐν τῇ  
ἐρήμῳ, καθὼς ἐστιν γεγραμμένον·

<sup>32</sup> εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν  
λέγω ὑμῖν, οὐ Μωϋσῆς δέδωκεν ὑμῖν τὸν  
ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἀλλ' ὁ πατὴρ μου  
δίδωσιν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ τὸν  
ἀληθινόν·

<sup>33</sup> ὁ γὰρ ἄρτος τοῦ θεοῦ ἐστιν ὁ καταβαίνων  
ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καὶ ζωὴν διδούς τῷ κόσμῳ.

<sup>21</sup> Queriam então recebê-lo no barco, e logo  
chegou o barco à terra para a qual estavam  
indo.

<sup>22</sup> No dia seguinte a multidão que ficara do  
outro lado do mar vira que não havia ali  
outro barco se não um e que não entrou  
junto com os seus discípulos Jesus no barco,  
mas somente os discípulos dele partiram.

<sup>23</sup> Outros barquinhos vieram de Tiberíades,  
perto do lugar onde comeram o pão tendo  
dado graças o Senhor.

<sup>24</sup> Quando, pois, viu a multidão que Jesus  
não estava ali, nem os seus discípulos,  
entraram nos barquinhos e foram para  
Cafarnaum buscando Jesus.

<sup>25</sup> E tendo-o encontrado do outro lado do  
mar disseram-lhe: “Rabi, quando chegaste  
aqui?”

<sup>26</sup> Respondeu-lhes Jesus e disse: “Amém,  
amém, digo-vos: “Buscais a mim não  
porque vistes sinais, mas porque comestes  
dos pães e vos fartastes.

<sup>27</sup> Trabalhai (obrai) não a comida que  
perece, mas a comida que permanece para a  
vida eterna, que o Filho do Homem vos  
dará. Pois a este o Pai selou, Deus”.

<sup>28</sup> Disseram então a ele: “Que faremos para  
que trabalhemos (obremos) as obras de  
Deus?”

<sup>29</sup> Respondeu Jesus e disse a eles: “Esta é a  
obra de Deus: que creiais no que ele  
enviou”.

<sup>30</sup> Disseram-lhe pois: “Que sinal pois fazes  
tu para que vejamos e creiamos em ti? Que  
realizas (obra)?

<sup>31</sup> Os nossos pais o maná comeram no  
deserto, como está escrito: ‘pão do céu deu-  
lhes de comer’.”

<sup>32</sup> Disse-lhe, pois, Jesus: “Amen, amen,  
digo-vos: Não Moisés deu a vós o pão do  
céu, mas o meu Pai vos dá o verdadeiro pão  
do céu.

<sup>33</sup> Pois o pão de Deus é o que desce do céu e  
dá vida ao mundo”.

- <sup>34</sup> εἶπον οὖν πρὸς αὐτόν· κύριε, πάντοτε δὸς ἡμῖν τὸν ἄρτον τοῦτον.
- <sup>35</sup> εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς· ὁ ἐρχόμενος πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ πεινάσῃ, καὶ ὁ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ διψήσῃ πώποτε.
- <sup>36</sup> Ἀλλ' εἶπον ὑμῖν ὅτι καὶ ἐώρακάτε [με] καὶ οὐ πιστεύετε.
- <sup>37</sup> πᾶν ὃ δίδωσίν μοι ὁ πατήρ πρὸς ἐμὲ ἥξει, καὶ τὸν ἐρχόμενον πρὸς ἐμὲ οὐ μὴ ἐκβάλω ἔξω,
- <sup>38</sup> ὅτι καταβέβηκα ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ οὐχ ἵνα ποιῶ τὸ θέλημα τὸ ἐμὸν ἀλλὰ τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με.
- <sup>39</sup> τοῦτο δέ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με, ἵνα πᾶν ὃ δέδωκέν μοι μὴ ἀπολέσω ἐξ αὐτοῦ, ἀλλ' ἀναστήσω αὐτὸ [ἐν] τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.
- <sup>40</sup> τοῦτο γάρ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ πατρός μου, ἵνα πᾶς ὁ θεωρῶν τὸν υἱὸν καὶ πιστεύων εἰς αὐτὸν ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον, καὶ ἀναστήσω αὐτὸν ἐγὼ [ἐν] τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.
- <sup>41</sup> Ἐγόγγυζον οὖν οἱ Ἰουδαῖοι περὶ αὐτοῦ ὅτι εἶπεν· ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ καταβάς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ,
- <sup>42</sup> καὶ ἔλεγον· οὐχ οὗτός ἐστιν Ἰησοῦς ὁ υἱὸς Ἰωσήφ, οὗ ἡμεῖς οἶδαμεν τὸν πατέρα καὶ τὴν μητέρα; πῶς νῦν λέγει ὅτι ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβέβηκα;
- <sup>43</sup> ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτοῖς· μὴ γογγύζετε μετ' ἀλλήλων.
- <sup>44</sup> οὐδεὶς δύναται ἐλθεῖν πρὸς με ἐὰν μὴ ὁ πατήρ ὁ πέμψας με ἐλκύσῃ αὐτόν, κἀγὼ ἀναστήσω αὐτὸν ἐν τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.
- <sup>45</sup> ἔστιν γεγραμμένον ἐν τοῖς προφήταις· καὶ ἔσονται πάντες διδακτοὶ θεοῦ· πᾶς ὁ ἀκούσας παρὰ τοῦ πατρὸς καὶ μαθὼν ἔρχεται πρὸς ἐμέ.
- <sup>46</sup> οὐχ ὅτι τὸν πατέρα ἐώρακέν τις εἰ μὴ ὁ ὢν παρὰ τοῦ θεοῦ, οὗτος ἐώρακεν τὸν πατέρα.
- <sup>47</sup> Ἀμήν ἀμήν λέγω ὑμῖν, ὁ πιστεύων ἔχει ζωὴν αἰώνιον.
- <sup>48</sup> Ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς.
- <sup>49</sup> οἱ πατέρες ὑμῶν ἔφαγον ἐν τῇ ἐρήμῳ τὸ μάννα καὶ ἀπέθανον·
- <sup>34</sup> Disseram-lhe, pois: “Senhor, sempre dá-nos este pão”.
- <sup>35</sup> Disse-lhes Jesus: “Eu sou o pão da vida, o que vem a mim não mais terá fome, e o que crê em mim não terá sede jamais.
- <sup>36</sup> Mas eu disse a vós que: e [me] vistes mas não credes.
- <sup>37</sup> Tudo o que o Pai me dá a mim virá e vindo a mim não lançarei fora.
- <sup>38</sup> Porque desci do céu não para que faça a minha vontade, mas a vontade do que enviou a mim.
- <sup>39</sup> Esta, porém, é a vontade do que me enviou, (para) que tudo o que me deu não perca dele mas o ressuscite no último dia.
- <sup>40</sup> Pois esta é a vontade de meu Pai, que todo o que vê o Filho e crê nele tenha vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.
- <sup>41</sup> Murmuravam, pois, os judeus acerca dele, porque disse: “Eu sou o pão que desce do céu”.
- <sup>42</sup> E diziam: “Não é este Jesus, o filho de José, do qual nós conhecemos o pai e a mãe? Como agora diz (que) “Desci do céu?””
- <sup>43</sup> Respondeu Jesus e disse-lhes: “Não murmureis entre vós.
- <sup>44</sup> Ninguém pode vir a mim se não o Pai que me enviou o atrair. E eu o ressuscitarei no último dia.
- <sup>45</sup> Está escrito nos profetas: “E serão todos ensinados por Deus”. Todo o que ouviu e que aprendeu vem a mim.
- <sup>46</sup> Não que ao Pai alguém tenha visto, a não ser o que é da parte do Pai, este viu o Pai.
- <sup>47</sup> Amém, amém, digo-vos: “O que crê (em mim) tem vida eterna.
- <sup>48</sup> Eu sou o pão da vida.
- <sup>49</sup> Os vossos pais comeram no deserto o maná e morreram.

<sup>50</sup> οὗτός ἐστιν ὁ ἄρτος ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβαίνων, ἵνα τις ἐξ αὐτοῦ φάγη καὶ μὴ ἀποθάνῃ.

<sup>51</sup> ἐγὼ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ ζῶν ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβάς· ἐάν τις φάγη ἐκ τούτου τοῦ ἄρτου ζήσκει εἰς τὸν αἰῶνα, καὶ ὁ ἄρτος δὲ ὃν ἐγὼ δώσω ἡ σὰρξ μου ἐστιν ὑπὲρ τῆς τοῦ κόσμου ζωῆς.

<sup>52</sup> Ἐμάχοντο οὖν πρὸς ἀλλήλους οἱ Ἰουδαῖοι λέγοντες· πῶς δύναται οὗτος ἡμῖν δοῦναι τὴν σάρκα [αὐτοῦ] φαγεῖν;

<sup>53</sup> εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐὰν μὴ φάγητε τὴν σάρκα τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου καὶ πῖντε αὐτοῦ τὸ αἶμα, οὐκ ἔχετε ζωὴν ἐν ἑαυτοῖς.

<sup>54</sup> ὁ τρώγων μου τὴν σάρκα καὶ πίνων μου τὸ αἶμα ἔχει ζωὴν αἰώνιον, καὶ ἐγὼ ἀναστήσω αὐτὸν τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.

<sup>55</sup> ἡ γὰρ σὰρξ μου ἀληθὴς ἐστιν βρῶσις, καὶ τὸ αἶμά μου ἀληθὴς ἐστιν πόσις.

<sup>56</sup> ὁ τρώγων μου τὴν σάρκα καὶ πίνων μου τὸ αἶμα ἐν ἐμοὶ μένει καὶ ἐγὼ ἐν αὐτῷ.

<sup>57</sup> καθὼς ἀπέστειλén με ὁ ζῶν πατήρ καὶ ἐγὼ ζῶ διὰ τὸν πατέρα, καὶ ὁ τρώγων με καὶ κεῖνος ζήσκει δι' ἐμέ.

<sup>58</sup> οὗτός ἐστιν ὁ ἄρτος ὁ ἐξ οὐρανοῦ καταβάς, οὐ καθὼς ἔφαγον οἱ πατέρες καὶ ἀπέθανον· ὁ τρώγων τοῦτον τὸν ἄρτον ζήσκει εἰς τὸν αἰῶνα.

<sup>59</sup> Ταῦτα εἶπεν ἐν συναγωγῇ διδάσκων ἐν Καφαρναούμ.

<sup>60</sup> Πολλοὶ οὖν ἀκούσαντες ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ εἶπαν· σκληρὸς ἐστιν ὁ λόγος οὗτος· τίς δύναται αὐτοῦ ἀκούειν;

<sup>61</sup> εἰδὼς δὲ ὁ Ἰησοῦς ἐν ἑαυτῷ ὅτι γογγύζουσιν περὶ τούτου οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἶπεν αὐτοῖς· τοῦτο ὑμᾶς σκανδαλίζει;

<sup>62</sup> ἐὰν οὖν θεωρῇτε τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἀναβαίνοντα ὅπου ἦν τὸ πρότερον;

<sup>63</sup> τὸ πνεῦμά ἐστιν τὸ ζωοποιῶν, ἡ σὰρξ οὐκ ὠφελεῖ οὐδέν· τὰ ῥήματα ἃ ἐγὼ λελάληκα ὑμῖν πνεῦμά ἐστιν καὶ ζωὴ ἐστιν.

<sup>64</sup> ἀλλ' εἰσὶν ἐξ ὑμῶν τινες οἱ οὐ πιστεύουσιν. ἦδει γὰρ ἐξ ἀρχῆς ὁ Ἰησοῦς τίνες εἰσὶν οἱ μὴ πιστεύοντες καὶ τίς ἐστιν ὁ παραδώσων αὐτόν.

<sup>50</sup> Este é o pão que desce do céu, para que alguém dele coma e não morra.

<sup>51</sup> Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão viverá para a eternidade. E o pão que eu darei é a minha carne (e eu darei) para a vida do mundo.

<sup>52</sup> Combateram pois entre si os judeus, dizendo: “Como pode este nos dar (sua) carne para comer?”

<sup>53</sup> Disse-lhes, pois, Jesus: “Amém, amém, digo-vos: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tendes vida em vós mesmos.

<sup>54</sup> O que mastiga a minha carne e que bebe meu sangue, tem vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia.

<sup>55</sup> Pois minha carne é verdadeira comida e meu sangue é verdadeira bebida.

<sup>56</sup> O que mastiga minha carne e que bebe meu sangue permanece em mim e eu nele.

<sup>57</sup> Assim como enviou-me o Pai que vive e eu vivo pelo Pai, assim o que mastiga a mim também este viverá por mim.

<sup>58</sup> Este é o pão que desceu do céu, não como comeram os pais e morreram. O que mastiga este pão viverá para a eternidade”.

<sup>59</sup> Estas coisas disse ensinando na sinagoga de Cafarnaum.

<sup>60</sup> Muitos pois dentre os seus discípulos tendo ouvido disseram: “Duro é esta palavra (logos). Quem a pode ouvir?”

<sup>61</sup> E sabendo Jesus consigo que murmuravam a respeito disto seus discípulos, disse-lhes: “Isto vos escandaliza?”

<sup>62</sup> Se, então, virdes o Filho do Homem subindo para onde estava primeiro?

<sup>63</sup> O espírito é o que faz viver, a carne não ajuda (é útil) nada. As palavras que eu vos falei são espírito e são vida.

<sup>64</sup> Mas há dentre vós alguns que não creem. Pois sabia desde o princípio, Jesus, quais são os que não estavam crendo e quem é que vai entregar.

<sup>65</sup> καὶ ἔλεγεν· διὰ τοῦτο εἶρηκα ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς δύναται ἔλθειν πρὸς με ἐὰν μὴ ᾗ δεδομένον αὐτῷ ἐκ τοῦ πατρός.

<sup>66</sup> Ἐκ τούτου πολλοὶ [ἐκ] τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἀπῆλθον εἰς τὰ ὀπίσω καὶ οὐκέτι μετ' αὐτοῦ περιεπάτουν.

<sup>67</sup> εἶπεν οὖν ὁ Ἰησοῦς τοῖς δώδεκα· μὴ καὶ ὑμεῖς θέλετε ὑπάγειν;

<sup>68</sup> ἀπεκρίθη αὐτῷ Σίμων Πέτρος· κύριε, πρὸς τίνα ἀπελευσόμεθα; ῥήματα ζωῆς αἰωνίου ἔχεις,

<sup>69</sup> καὶ ἡμεῖς πεπιστεύκαμεν καὶ ἐγνώκαμεν ὅτι σὺ εἶ ὁ ἅγιος τοῦ θεοῦ.

<sup>70</sup> ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· οὐκ ἐγὼ ὑμᾶς τοὺς δώδεκα ἐξελεξάμην; καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν.

<sup>71</sup> ἔλεγεν δὲ τὸν Ἰούδαν Σίμωνος Ἰσκαριώτου· οὗτος γὰρ ἔμελλεν παραδιδόναι αὐτόν, εἷς ἐκ τῶν δώδεκα.

<sup>65</sup> E disse: “por isso disse a vós que ninguém pode vir a mim, se não tiver sido dado do (meu) Pai”.

<sup>66</sup> Desde isso muitos d[entre] os seus discípulos partiram para trás e não mais com ele andavam-em-redor.

<sup>67</sup> Disse pois Jesus aos doze: “Não quereis também vós partir?”

<sup>68</sup> Respondeu-lhe Simão Pedro: “Senhor, para quem iremos? Palavras de vida eterna tens.

<sup>69</sup> E nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus (Cristo, filho do Deus vivo)”.

<sup>70</sup> Respondeu-lhe Jesus: “Não eu vos escolhi doze? E um de vós é diabo”.

<sup>71</sup> Dizia, pois, de Judas de Simão Iscariotes; pois este estava para o entregar, um dos doze.

## 2.2 Algumas observações sobre Crítica Documental

Jo 6,1-71 é um texto com poucas variantes textuais consideradas relevantes. Dentre elas, destacam-se algumas:

6,14: *ὁ ἐποίησεν σημεῖον*

Há duas observações importantes a respeito desse versículo. Primeira, existe uma série de manuscritos que apoia o plural *α επ. σημεια* (os sinais). Em seguida, percebe-se que alguns copistas acrescentaram *Ἰησοῦς*, que, segundo Omanson, seria para deixar claro quem é o sujeito do verbo *ἐποίησεν*.<sup>3</sup>

6,23: *εὐχαριστήσαντος τοῦ κυρίου*

Como observa Omanson, estas palavras se encontram na maioria dos tipos de texto e são, provavelmente, originais. Porém, não se encontram em alguns testemunhos ocidentais (seguidos pela Nova Bíblia de Jerusalém).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de 'O Novo Testamento grego'*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 176.

<sup>4</sup> OMANSON, 2010, p. 176.

6,64: *τίνες εἰσὶν οἱ μὴ πιστεύοντες καὶ*

Este trecho não aparece em muitos manuscritos. Levando em conta a semelhança das palavras *τίνες* e *τίς*, pode ser indício de descuido de algum copista (algo que se chama “homeoarcton”<sup>5</sup>). Em outros manuscritos, ainda, se percebe a ausência do advérbio *μὴ*.

Como dito, aqui nos é suficiente apenas apontar algumas variantes que estão presentes na perícope de Jo 6,1-71, sem nenhum aprofundamento, pois não trarão nenhuma contribuição para a análise exegético-narrativa que se fará.

### 2.3 Delimitação do texto no contexto da obra

Há grande discussão acerca da inserção do capítulo 6 no EJ. Muitos pesquisadores até sugerem uma troca acidental de páginas<sup>6</sup>, uma vez que se observa com facilidade que a temática desenvolvida no capítulo 5 tem uma continuidade fluída no capítulo 7. Sem contar, ainda, as alusões que este capítulo faz ao anterior (7,19.21). De certa forma, essa discussão auxilia no trabalho da delimitação da perícope.

Em Jo 6,1 encontra-se a expressão *Μετὰ ταῦτα*<sup>7</sup>. Expressões semelhantes a essa (compostas pela preposição *μετά* = *depois*) aparecem muitas vezes ao longo do EJ, sempre demarcando o início de uma nova perícope ou unidade literária. Em Jo 5,1, sequência imediata, aparece *Μετὰ ταῦτα* como ponto de partida para a narrativa de Jesus na festa em Jerusalém, momento em que ele cura um enfermo no sábado e, por causa disto, entra em discussão com “os judeus”<sup>8</sup>. *Μετὰ ταῦτα* surge novamente em Jo 7,1, no contexto da Festa dos Tabernáculos. Como dito, nesse capítulo há referências diretas ao ocorrido no capítulo 5. Tem-se, ainda como exemplo, uma variação que aparece em Jo 4,43: *Μετὰ δὲ τὰς δύο ἡμέρας*<sup>9</sup> inicia o relato da cura do filho do oficial, logo após a narrativa da samaritana (Jo 4,1-42). Outras ocorrências são encontradas em Jo 2,12; 3,22; 19,28.38 e 21,1.

<sup>5</sup> Os copistas também cometiam erros por muitos motivos. Por exemplo, se duas linhas de texto próximas uma da outra começavam ou terminavam com o mesmo conjunto de letras, ou se duas palavras parecidas apareciam quase que lado a lado numa mesma linha, era muito fácil para o copista saltar do primeiro conjunto de letras para o segundo, fazendo com que se omitisse o texto que estava entre esses dois conjuntos. Esses erros recebem o nome técnico de *homeoarcton* (= início semelhante). (OMANSON, 2010, p. xvi).

<sup>6</sup> KONINGS, 2017, p. 205.

<sup>7</sup> Trad.: “depois destas coisas”.

<sup>8</sup> Sobre o significado desse grupo (“os judeus”), veja a seção 1.3.

<sup>9</sup> Trad.: “depois de dois dias”.

Mais duas expressões devem ser analisadas. A primeira, *Ὡς δὲ ὁψία ἐγένετο*<sup>10</sup>, em Jo 6,16, em que indica uma demarcação de mudança temporal significativa. A segunda, *Τῇ ἐπαύριον*<sup>11</sup>, em 6,22, expressão também muito usada como elemento narrativo no evangelho, consta em Jo 1,29.35.43 e 12,12. No contexto desse capítulo, essas duas expressões não podem ser entendidas como indicação de uma nova unidade literária. São indícios de que Jo 6,1-71 constitui-se como um texto heterogêneo, com várias cenas. Isso significa que Jo 6 possui unidade semântica, não narrativa.

Essa perspectiva pode ser muito bem percebida quando se compara a narrativa joanina com as sinóticas. Apresentar-se-á à frente uma sinopse detalhada<sup>12</sup>, todavia, por enquanto, basta uma comparação simplificada da estrutura das referidas narrativas. Vejamos:

<b>João</b>	<b>Marcos</b>	<b>Marcos</b>	<b>Mateus</b>	<b>Mateus</b>	<b>Lucas</b>
6,1-15: - multiplicação de pães e de peixes;	6,30-44: - multiplicação de pães e de peixes;	8,1-10: - multiplicação de pães e de peixes;	14,13-21: - multiplicação de pães e de peixes;	15,32-39: - multiplicação de pães e de peixes;	9,10-17: - multiplicação de pães e de peixes;
6,16-21: - Jesus anda sobre as águas;	6,45-52: - Jesus anda sobre as águas;		14,22-32: - Jesus anda sobre as águas; - <i>Pedro anda sobre as águas e confessa Jesus como Filho de Deus;</i>		
6,22-34: - multidão vai ao encontro de Jesus em Cafarnaum e pede um sinal e Jesus a repreende;		8,11-21: - <i>os fariseus</i> pedem um sinal e são repreendidos por Jesus; - <i>Não será oferecido um sinal;</i> - <i>os discípulos</i> não compreenderam o sinal da multiplicação dos pães;		16,1-12: - <i>os fariseus e os saduceus</i> pedem um sinal e são repreendidos por Jesus; - <i>Nenhum sinal lhes será dado, se não o de Jonas</i> - <i>os discípulos</i> não compreenderam o sinal da multiplicação;	
6,35-59: - discurso do “Pão da Vida” na sinagoga de Cafarnaum;					
6,60-71:		8,27-9,1:		16,13-28:	9,18-27:

<sup>10</sup> Trad.: “quando, então, tarde se fez”.

<sup>11</sup> Trad.: “no dia seguinte”.

<sup>12</sup> Veja a seção 2.4.

- os discípulos rejeitam o ensino de Jesus e o abandonam; - Jesus ensina a respeito de si; - Os Doze confessam Jesus como Santo de Deus (que tem palavras de vida eterna); - Jesus alerta sobre o traidor;		- os discípulos confessam Jesus como Cristo; - Pedro repreende Jesus quando ensina a respeito do sofrimento messiânico; - Pedro chamado de “Satanás”;		- os discípulos (Pedro) confessam Jesus como Cristo; - <i>Pedro</i> = <i>pedra</i> - Pedro repreende Jesus quando ensina a respeito do sofrimento messiânico; - Pedro chamado de “Satanás”;	- os discípulos (Pedro) confessam Jesus como Cristo;
---	--	---	--	--	--

A partir da tabela acima, é perceptível que há, pelo menos, cinco perícopes distintas na redação de Jo 6, sendo a “multiplicação de pães e peixes” a mais significativa delas, que aparece em seis versões diferentes nos quatro evangelhos. Nesse sentido, um inventário narrativo-semântico é essencial para se perceber a unidade semântica de todo o capítulo:

6,1-15	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jesus atravessando o mar (v.1);</li> <li>- Multidão seguindo a Jesus porque viu os sinais que fazia a favor dos doentes (v. 2);</li> <li>- Proximidade com a Páscoa [festa dos judeus] (v.4);</li> <li>- Falta de pão (v. 5.7.9);</li> <li>- Jesus deu graças [εὐχαριστήσας] (v. 11);</li> <li>- Comeram pão (v. 12);</li> <li>- Menção do número doze [referente à sobra] (v. 13);</li> <li>- Jesus reconhecido como profeta que estava para vir ao mundo [referência a Moisés – Dt 18,15; Dt 34] (v. 14);</li> </ul>
6,16-21	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discípulos atravessando o mar (v.17);</li> <li>- Dirigem-se para Cafarnaum (v. 17);</li> <li>- Mar agitado (v. 18);</li> <li>- Jesus anda sobre as águas (v.19);</li> <li>- Jesus diz: “Eu Sou” [referência a Moisés – Ex 3] – epifania (v. 20);</li> <li>- Os discípulos desejavam acolher Jesus no barco (v. 21);</li> </ul>
6,22-59	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A cena acontece em Cafarnaum (v. 24);</li> <li>- Menção ao episódio da alimentação (v. 23);</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Menção do fato de Jesus “ter dado graças” [εὐχαριστήσαντος] (v. 23);</li> <li>- A multidão procura Jesus (v. 24);</li> <li>- A multidão pede um sinal (v. 30);</li> <li>- Memória dos pais que comeram o maná no deserto [Ex 16] (v. 31.32.49.58);</li> <li>- Crítica ao pão dado por Moisés (v. 32.49.58);</li> <li>- Multidão pede o pão (do céu) mencionado por Jesus (v. 34);</li> <li>- Murmuração dos judeus acerca do discurso (v. 41.52);</li> <li>- Aparece a ideia de “ir a Jesus” (v. 37.44.65);</li> <li>- Jesus como alguém que vê o Pai (v. 46);</li> <li>- Jesus como fonte de vida eterna (v. 47.54);</li> <li>- Discussão dos judeus acerca das palavras de Jesus (v. 52);</li> </ul>
6,60-71	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discípulos reclamam da “palavra dura” de Jesus (v. 60);</li> <li>- Jesus sabe de tudo que está acontecendo na cena (v. 61.64.70);</li> <li>- Jesus sabe que seus discípulos murmuravam a respeito dele (v. 61);</li> <li>- O Filho do Homem retornando para o lugar em que antes estava (v. 62);</li> <li>- Relação entre Espírito e vida (v. 63);</li> <li>- O Pai conduz as pessoas a Jesus (v. 65);</li> <li>- Muitos discípulos abandonam Jesus (v. 66);</li> <li>- Menção do número 12 novamente [aqui referente aos apóstolos] (v. 66.70);</li> <li>- Jesus tem palavras de vida eterna (v. 68);</li> </ul>

Como podemos perceber, apesar de uma configuração heterogênea, há um campo narrativo-semântico comum que harmoniza todo o capítulo 6<sup>13</sup>. Em 7,1, abre-se uma nova temática, começando com a menção da Festa dos Tabernáculos, evoluindo para uma nova controvérsia com “os judeus” (semelhante ao que acontece no capítulo 5).

Outro fator relevante para o trabalho de delimitação é a indicação topográfica presente no texto. Enquanto, em Jo 5,1-47, Jesus está na Judeia, Jo 6,1 menciona que atravessou o mar da Galileia, em Tiberíades. Há uma mudança brusca, pois Jo 6,16-21 descreve o deslocamento para Cafarnaum e todo o restante da narrativa é desenvolvido nessa cidade. Mas, ainda se encontra no território da Galileia, opondo-se à Judeia, uma discussão muito importante para a teologia joanina (1,46; 4,1-3; 8,52). Apesar de 7,1-9 relatar que Jesus ainda está na Galileia, esses versículos funcionam como “dobradiça” para a cena posterior. Afinal, já são

<sup>13</sup> Esse tema será aprofundado na seção 3.1.

demonstradas, aqui, referências diretas à Judeia (7,1.2.3.8), que será o palco para as próximas cenas de Jesus.

Finalmente, deve-se considerar, ainda, o aspecto actancial (constelação de personagens), pois há mudanças significativas. Em Jo 5,1-47, faz-se menção da presença de uma multidão de pessoas enfermas (doentes, cegos, coxos e paralíticos), deitadas às margens da piscina chamada Betzatha (Βηθζαθα). Depois de descrever esta multidão, o narrador insere um personagem específico, um “homem enfermo há trinta e oito anos” (ἄνθρωπος ἐκεῖ τριάκοντα [καὶ] ὀκτὼ ἔτη ἔχων ἐν τῇ ἀσθενείᾳ αὐτοῦ). Justamente por causa do encontro entre Jesus e esse homem enfermo, o narrador apresenta mais um personagem coletivo, “os judeus”. Discutirão, primeiramente, com o ex-enfermo e, depois, com Jesus acerca do sábado, já que a cura proporcionada por Jesus aconteceu justamente no sábado. A polêmica dá a Jesus a oportunidade para falar acerca de sua identidade como Filho.

Notam-se mudanças importantes em Jo 6. O narrador também cita a presença de uma multidão, como na unidade anterior, porém, com uma característica específica: uma multidão que o seguia pelos sinais e que estava faminta (e não de doentes). O início dessa unidade informa a presença de um personagem coletivo muito importante para todo o enredo, os discípulos. Eles não estavam no capítulo anterior, contudo, terão papel importante na trama. Além dessa presença coletiva, alguns discípulos são nomeados: Filipe, André, Pedro e Judas. Falar-se-á a respeito disto no decorrer da análise. Outra presença marcante na cena é a de um rapaz anônimo que, diante da necessidade da multidão, oferece a André cinco pães e dois peixes, alimentos que serão entregues a Jesus e usados para o sinal da multiplicação.

Por fim, deve-se ressaltar que os elementos delimitantes são tão marcantes e perceptíveis que deram origem a diversas teorias literárias acerca de uma inserção do capítulo 6, como elemento da última fase de redação do evangelho. Beutler, por exemplo, considera que, somente nesse capítulo, João fala acerca da eucaristia, que nem mesmo aparece no capítulo 13, no relato da ceia.<sup>14</sup> Apesar do fato de a teoria de uma inserção do capítulo 6 não ter se perpetuado<sup>15</sup>, essa proposta é, por si só, um importante indício de que o capítulo 6 deve ser tratado como uma unidade semântica (narração).

---

<sup>14</sup> BEUTLER, 2015, p. 161.

<sup>15</sup> Afinal, o respeito pelo texto dado e os manuscritos não oferecerem nenhum subsídio para isso.

### 2.3.1 Os quadros da narrativa

Como afirma Marguerat, um episódio narrativo é semelhante a uma montagem cinematográfica, constituído de quadros sucessivos.<sup>16</sup> Esse é o caso de Jo 6, pois há, pelo menos, cinco quadros bem definidos (como já apontado na primeira tabela da seção 2.3).

Valendo-se da discussão anterior, pode-se indicar com segurança que o primeiro quadro (6,1-15) começa em 6,1 e o gênero literário da perícope, como afirma Malzoni, é narrativo.<sup>17</sup> Tem-se uma cena bem construída que acontece nas margens do lago da Galileia ou de Tiberíades, num período próximo à Páscoa. Descrevem-se os personagens, que são: uma grande multidão, Jesus, Filipe, André, os discípulos e um rapaz. O tema é a realização de mais um sinal por Jesus que alimenta uma multidão com pães e peixes. Esse sinal, porém, não é bem entendido pela multidão que decide coroar Jesus como rei. Em 6,15, Jesus se afasta sozinho e sobe o monte.

O próximo quadro (6,16-21), também uma narrativa<sup>18</sup>, acontece durante a travessia do mar. Enquanto Jesus estava no monte, os discípulos foram para o outro lado do mar, no entanto, no meio da viagem, o mar ficou agitado e Jesus veio ao encontro deles, andando sobre as águas. Acontece, então, uma redução nos personagens: Jesus e os discípulos. A informação temporal ajuda na demarcação da mudança de unidade: *Ὡς δὲ ὁ ψία ἐγένετο*<sup>19</sup> (6,16). Como clímax, temos a manifestação de Jesus aos Doze, em 6,20, e o desfecho com a menção de que o barco alcança o seu destino, em 6,21, fechando mais uma cena.

Em 6,22, a expressão *Τῇ ἐπαύριον*<sup>20</sup> evidencia uma mudança temporal significativa. Além disso, a cena agora se passa do outro lado do mar, em Cafarnaum (6,24), e, novamente, a multidão, como personagem, junta-se a Jesus e aos discípulos. Desse encontro, nasce um diálogo tenso, com questões a respeito da intenção materialista da multidão (procura Jesus somente porque quer mais pão) e da realização da obra de Deus (crer em Jesus, o enviado). Na perspectiva deste trabalho, esse quadro termina em 6,34, com um pedido da multidão: “Senhor, sempre dá-nos este pão”. Este pedido é semelhante ao da samaritana, em Jo 4,15: “Senhor, dá-me sempre desta água para que eu não tenha mais sede”. Transparece aqui um procedimento literário típico da narrativa joanina, que é o jogo de palavras e mal-entendidos<sup>21</sup>. Nesse caso,

<sup>16</sup> MARGUERAT, 2009, p. 48.

<sup>17</sup> MALZONI, 2018, p. 125.

<sup>18</sup> MALZONI, 2018, p. 129.

<sup>19</sup> Trad.: “quando, então, tarde se fez”.

<sup>20</sup> Trad.: “no dia seguinte”.

<sup>21</sup> Confira nas seções 1.2.1.1 e 3.5.2.2.

em relação ao pão oferecido por Jesus. Ele fala de um tipo de pão, ainda assim, a multidão pensa em outro. Pode-se citar, ainda, a experiência de Nicodemos em relação ao tema do novo nascimento (3,1-11). Nesse sentido, Jo 6,22-34, o terceiro quadro, narra o mal-entendido da multidão em relação à pessoa e à missão de Jesus, tema já apontado em 6,14-15. É justamente esse mal-entendido que permitirá Jesus pronunciar seu discurso de revelação, abrindo um novo quadro (6,35-59).

A partir do pedido da multidão, Jesus começa seu discurso com uma fórmula de revelação: “Eu sou o pão da vida”. A expressão “Eu sou” (ἐγώ εἰμι) é marcante em João e aparece 22 vezes, sempre no contexto de revelação da identidade de Jesus: 4,26; 6,20.35.41.48.51; 8,12.24.28.58; 10,7.9.11.14; 11,25; 13,19; 14,6; 15,1.5; 18,5.6.8. Nesse quadro, Jesus esclarece que o pão que oferece se refere a ele mesmo. Jesus é o próprio dom que oferece, e esse dom supera o maná doado no deserto por Moisés. Além disso, relaciona-se esse dom à participação na vida eterna. Este quadro termina, no v. 59, ao mencionar que o diálogo aconteceu na sinagoga de Cafarnaum, funcionando como elemento de transição, semelhante a 6,22-24.

O diálogo de Jesus começou com a multidão e continuou com os judeus, culminando num diálogo entre ele e muitos de seus discípulos, a partir de 6,60, e abrindo o último quadro (6,60-71). No diálogo, seus discípulos o abandonarão porque consideram suas palavras duras. Nessa cena, Jesus reforça seu ensino a respeito de sua identidade e missão. O diálogo, por fim, se restringe aos Doze (6,67-71). Diante da desistência de muitos de seus discípulos, Jesus questiona a lealdade dos Doze que, representados por Simão Pedro, respondem-lhe positivamente, confessando-o como Santo de Deus, que tem palavras de vida eterna. Apesar da confissão de fé, são alertados acerca da traição que um deles cometeria, no caso, Judas Iscariotes.

Portanto, num primeiro momento, pode-se elencar os quadros que compõem a narração:

**Quadro 1 (6,1-15):** sinal do pão e retirada de Jesus

**Quadro 2 (6,16-21):** manifestação de Jesus aos Doze

**Quadro 3 (6,22-34):** transição (Cafarnaum) e mal-entendido entre Jesus e a multidão

**Quadro 4 (6,35-59):** Diálogo de revelação e transição (Cafarnaum)

**Quadro 5 (6,60-71):** Desenlace – desistência de muitos discípulos e confissão de fé dos Doze

### 2.3.2 A sequência narrativa

Antes de analisar a perícopes de Jo 6, deve-se compreender seu lugar na sequência narrativa do “Livro dos Sinais”, que será um grande desafio, porque o texto joanino oscila entre uma estrutura estática e uma estrutura dinâmica. Como propõe Konings, pode-se comparar a estrutura estática com o mapa de uma cidade, bem definido, com demarcações precisas de suas ruas e bairros.<sup>22</sup> Nesse sentido, optar-se-á por uma estrutura já bem difundida na pesquisa joanina: uma estrutura dividida em duas grandes partes. A primeira, 1,19–12,50, é chamada de “Livro dos Sinais”, com cenas da vida pública de Jesus. A segunda parte, 13,1–20,31, representa Jesus em sua “hora”, a hora de passar deste mundo para o Pai e receber sua “glória”. Essa parte é, geralmente, chamada de “Livro da Glória”. Somam-se a estas duas partes, um prólogo e um epílogo:

1,1-18	1,19–12,50	13–20	21
Prólogo	1ª parte: obra e sinais perante o mundo: “ainda não a hora”	2ª parte: “chegou a hora”: a exaltação	Epílogo

Já a estrutura dinâmica tem demarcações menos definidas, afinal, há uma espécie de vaivém entre as diversas partes do livro, que dificulta essa tarefa. Precisa-se, então, “abrir bem os olhos” e prestar atenção nos pequenos detalhes narrativos inseridos pelo redator.

#### 2.3.2.1 Os primeiros testemunhos

Como dito, 1,19 abre a primeira grande parte do evangelho com uma sequência de testemunhos em relação a Jesus, encerrando-se em 1,51. Há quatro testemunhos aqui: 1,19-28; 1,29-34; 1,35-42; 1,43-51; todos esses testemunhos apresentam Jesus como o dom de Deus. Primeiro, João Batista nega ser ele mesmo o Cristo (1,20), e diz ser indigno de “desatar a correia das sandálias” de Jesus (1,27). No segundo testemunho, o mesmo João Batista chama Jesus de “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1,29) e afirma ter visto o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele (1,32). No terceiro, João Batista chama Jesus novamente de “cordeiro de Deus” (1,36) e, nessa mesma cena, André, ao testemunhar Jesus a seu irmão Simão Pedro, chama-o de Messias (1,41). E, por fim, no último testemunho, Filipe fala de Jesus

<sup>22</sup> KONINGS, 2017, p. 17.

a Natanael afirmando: “achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e a quem referiram os profetas” (1,45); depois, o próprio Natanael chama Jesus de “Filho de Deus” e de “Rei de Israel” (1,49). Essa seção termina com o próprio Jesus falando de si como “Filho do homem” (1,51).

### 2.3.2.2 Os sinais em Caná da Galileia

A próxima sequência é estruturada em forma de inclusão: 2,1-11 e 4,46-54. Há uma correspondência direta entre as duas perícopes que formam as extremidades dessa sequência. Em ambas as cenas, menciona-se que o relato se refere à apresentação de um sinal de Jesus (2,11; 4,54), que acontecem em Caná da Galileia. Os relatos seguem o mesmo esquema literário: Jesus, em Caná da Galileia, é interpelado por alguém para que, de forma sobrenatural, solucionasse um problema (no primeiro caso, a falta de vinho no casamento; no segundo, a enfermidade do filho do oficial do rei); inicialmente, o pedido não é acolhido por Jesus; a pessoa que pede insiste; Jesus oferece uma palavra em relação à situação, que é acolhida; muitos na cena não conseguem entender o que está se passando, mas os que acolhem a palavra entendem; e, por fim, a importante menção de que, a partir do sinal realizado, nasce a fé em Jesus. Abaixo, segue um quadro com as semelhanças entre as duas cenas:

Descrição da cena	2,1-11	4,46-54
Local	Caná da Galileia	Caná da Galileia
Problema (nó)	Acabou o vinho do casamento	O filho do oficial do rei está doente
Intervenção	Mãe de Jesus	Oficial do rei
“Resistência” de Jesus	“Mulher, para que me dizes isso? A minha hora ainda não chegou”	“Se não virdes sinais e prodígios, não acreditareis”
Insistência	“O que ele disser a vós, fazei-o”	“Senhor, desce antes que meu filho morra”
Jesus diz algo	Enchei as talhas com água. Tirai agora e levai ao mestre-sala.	“Podes ir, teu filho vive”

Acolhimento à palavra de Jesus	E encheram-nas até em cima. Eles levaram	O homem acreditou na palavra de Jesus e partiu.
Alguns não sabem o que aconteceu	- Quando tinha provado o mestre-sala da água tornada vinho, e não sabia de onde era, chama o mestre-sala o noivo - e diz-lhe: Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando ficam embriagados, o inferior. Tu guardaste o bom vinho até agora.	Enquanto descia para Cafarnanum, os empregados foram-lhe ao encontro para dizer que seu filho vivia. O funcionário do rei perguntou a que horas o menino tinha melhorado. Eles responderam: “Ontem, à uma da tarde a febre passou”
Quem acolhe a palavra sabe o que aconteceu	os servidores, porém, o sabiam, porque tinham haurido a água,	Soube pois o pai que foi nessa hora em que lhe disse Jesus: Teu filho vive.
Fé	acreditaram nele os seus discípulos	E acreditou ele [pai] e a sua casa toda.
Menção ao sinal de Jesus	Este início dos sinais fez Jesus em Caná da Galileia	Este segundo sinal de novo fez Jesus

Entre as duas extremidades, estão as narrativas de Jesus na Judeia (2,13-3,36) e na Samaria (4,1-42). Nas duas narrativas, João insere uma discussão acerca de aspectos da identidade de Jesus, que serão melhor discutidas e apresentadas na sequência posterior, a partir de 5,1. Jesus é apresentado como: o santuário que substituirá o Templo (2,19.21); aquele que ressuscitaria dos mortos (2,22); um mestre vindo da parte de Deus (3,2); o Filho do homem (3,13); o Filho enviado para salvar o mundo (3,16.18.34); a luz do mundo (3,19); o esposo (3,29); aquele que vem do alto/céu (3,31); o doador da vida eterna (3,36); um judeu (4,9); o dom de Deus (4,10); maior que Jacó (4,12); aquele que dá água viva (4,13); profeta (4,19); Messias/Cristo (4,25-26.29); salvador do mundo (4,42).

Justamente esses aspectos serão catalizadores das discussões entre Jesus e os judeus, que se desenvolverão até o final do capítulo 12. A incredulidade dos judeus e, conseqüentemente, a polêmica com Jesus, já são apresentadas aqui, especialmente por intermédio da figura de Nicodemos, que é contraposta narrativamente com a da mulher samaritana. Nicodemos, apresentado como um legítimo representante dos judeus, vai ter com

Jesus à noite, e o diálogo inicial, aos poucos, se converte em monólogo. Afinal, Nicodemos não entende/crê nas coisas do céu (3,11). A samaritana, legítima representante do povo rival e excluído, tem uma experiência diferente. O diálogo, que também começa com desconfiança, se converte em diálogo de revelação. A compreensão da samaritana e de seu povo ascende até um ápice: Jesus é o salvador do mundo (4,42). Há aqui uma conexão com a dualidade acolhida-rejeição que fora apresentada já no prólogo (1,11-13) e será desenvolvida na seção posterior (5-12).

2,1-11	2,12	2,13-36	4,1-42	4,43-45	4,46-54
Sinal em Caná da Galileia	Transição	Ministério de Jesus na Judeia	Ministério de Jesus na Samaria	Transição	Sinal em Caná da Galileia

### 2.3.2.3 O início do conflito com “os judeus”

A próxima sequência narrativa corresponde a Jo 5,1-12,50, bloco em que a narrativa de 6 está inserida. A sequência é conduzida pelo seguinte enredo: Jesus é apresentado como o enviado do Pai e, por isso, é o doador da vida. Ele desceu do céu e realiza sinais como testemunho que apontam para sua relação com o Pai, com quem é um. Por causa disto, os judeus se irritam e procuram matá-lo. A incapacidade dos judeus de entenderem a pessoa, a palavra e as obras de Jesus, já introduzida na sequência anterior, crescerá sobremaneira, culminando na resolução de matar Jesus (11,45-57) e na total incredulidade (12,37-43).

Em 5,1-47, Jesus está em Jerusalém para uma “festa dos judeus”. Nesse contexto, o narrador insere as primeiras cenas do conflito entre Jesus e os judeus. Num dia de sábado, no tanque conhecido como Betzata, Jesus cura um paraplético que sofria há 38 anos com aquela enfermidade. O ex-paraplético, diante da palavra de cura, levanta, toma a própria maca e sai andando. A informação de que era dia de sábado funciona como uma transição, pois insere novos personagens na cena, “os judeus”. São eles que questionam o ex-paraplético acerca do fato de carregar a própria maca em dia de sábado, atitude considerada como violação da Lei. A informação de que fora curado parece não ter nenhum valor para os inquisidores, pois queriam apenas saber quem era o responsável por aquele “ato ilegal”. Uma vez informados de que Jesus fora o responsável, começaram a persegui-lo e o procuravam (ζητέω) com a intenção de matá-lo. Ζητέω (procurar) é um verbo-chave nessa sequência, pois articula a dualidade acolhida-rejeição a Jesus. Pois, tem significado de intenção, motivação. Em Jo 1,38, esse verbo é utilizado por Jesus ao questionar a motivação de dois discípulos de João que passaram a segui-

lo: “Que procurais?” André e o outro discípulo querem saber onde Jesus permanece (verbo-chave também). Parecem querer estabelecer relação com Jesus. Os judeus, ao contrário, procuravam/buscavam Jesus, não para acolhê-lo como enviado de Deus, mas para matá-lo (5,18a).

Essa motivação tem raízes no fato de Jesus realizar a cura no dia de sábado e de afirmar que Deus era seu pai, fazendo-se igual a Deus (5,18b). A partir disso, o narrador desenvolve a narrativa de 5,1-47, inserindo um discurso proferido por Jesus a respeito de sua própria identidade. O narrador insere alguns temas que serão aprofundados ao longo da sequência, como: filiação de Jesus (5,19-20) e seu poder sobre a morte e a vida (5,20-21); o testemunho de João (5,33), das obras (5,36), do Pai (5,37), das Escrituras (5,39) e de Moisés (5,46) a respeito de Jesus; rejeição por parte dos judeus (5,47).

#### **2.3.2.4 O conflito crescente**

A continuidade da sequência é facilmente percebida no capítulo 7, quando Jesus, após a estadia na Galileia, retorna a Jerusalém para a Festa das Tendias (7,1-10). Alguns aspectos definem a conexão com a narrativa de 5,1-47. Primeiro, é retomada a discussão acerca da violação do sábado por conta da cura do ex-paralítico no tanque de Betzatha. Com a finalidade de demonstrar o crescimento do conflito, o narrador insere uma acusação do próprio Jesus em relação aos judeus: se eles podem ser circuncidados em dia de sábado, Jesus pode curar (7,22-24).

Em segundo lugar, destaca-se a discussão a respeito da identidade de Jesus, com opiniões divergentes, às vezes até contraditórias, entre os diversos personagens da cena. Jesus é visto como: bom (7,12); aquele que engana o povo (7,12); iletrado (7,15); alguém possuído pelo demônio (7,20); o profeta (7,40); o Cristo (7,41); galileu (7,41). Além disso, discute-se sobre sua origem e destino. Para alguns, inclusive para as autoridades, ele é um mero galileu (7,27.41.52), com raízes terrenas, e sua partida representaria, no máximo, a possibilidade de pregar aos dispersos na diáspora (7,35). Essa diversidade de opiniões entre o povo (7,43) é superada quando Jesus fala acerca de si mesmo e de seu destino: ensino que vem daquele que o enviou (7,16); verdadeiro (7,18); vem de junto do Pai (7,29); retorna para junto do Pai (7,33); oferece água viva (7,38).

Finalmente, encontra-se o aspecto da rejeição a Jesus, especialmente por parte dos judeus. A rejeição é sinalizada já no primeiro versículo da cena, quando somos informados que Jesus evitava a Judeia porque os judeus queriam matá-lo (7,1). A resolução é enfatizada pela

menção de que os judeus procuravam Jesus na festa (7,11) e pelo fato do próprio Jesus ter questionado os judeus acerca disto: “Por que procurais matar-me?” (7,19). Além disso, há menção de que os fariseus enviaram guardas para prenderem Jesus (7,32). Diante do fracasso da tentativa de prisão, os guardas, que ficaram impressionados com as palavras de Jesus, foram considerados “enganados” (πλανάω – 7,47), e as pessoas que creram, são chamadas de “malditas” (ἐπάρατος – 7,49). A rejeição, nessa cena, termina com a menção de que Jesus é Galileu (7,52), e que, segundo a Lei, da Galileia não surge profeta (tema já inaugurado em 1,46).

A discussão acerca da origem e identidade de Jesus continuará em 8,12. Há, porém, uma interrupção na coerência da narrativa por conta da inserção de uma cena inusitada, que é a narrativa da mulher surpreendida em adultério (7,53–8,11)<sup>23</sup>. A oposição entre Jesus e a Lei se intensifica na autoproclamação de Jesus em 8,12: “Eu sou a luz do mundo. O que segue a mim não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. Na tradição bíblica, o próprio Deus (YHWH) é identificado como a luz que guia o povo nos caminhos da vida. A experiência na peregrinação do deserto é um bom exemplo desta compreensão (Ex 13,21). Há indícios da relação luz/vida nos Salmos, como designação da realidade divina: YHWH é a “minha luz e a minha salvação” (Sl 27,1); YHWH é a própria vida, e com a sua luz, vemos a luz (Sl 36,10); YHWH é a nossa luz (Sl 118,7). Além disso, a Palavra de Deus na Lei é vista como luz que ilumina nossos passos (Sl 119,105), e é justamente a respeito deste ponto que se percebe a disputa com os judeus. A oposição entre Jesus e a Lei vai crescendo cada vez mais.

Importante destacar que a autoproclamação de Jesus como “luz do mundo” ocorre no contexto da festa judaica das Tendias, momento em que o pátio do Templo era iluminado com gigantescos candelabros. O narrador faz questão de salientar que esta festa é “dos judeus” (característica literária joanina), enfatizando a perspectiva exclusivista que marca a celebração e o afastamento de Jesus (e da comunidade joanina) em relação às instituições judaicas. Justamente nesse contexto, se manifesta novamente a universalidade salvífica nas palavras de Jesus: “Eu sou a luz do mundo” (8,12). Jesus se autoproclama “luz do mundo” (φῶς τοῦ κόσμου) e, com isso, ultrapassa as fronteiras do judaísmo, reunido na mais festiva de suas festas. *Κόσμος* (“mundo”) tem aqui o sentido de destinatário da salvação, numa dimensão ampla, de

<sup>23</sup> “É consenso que essa perícopa (7,53–8,11) não é uma composição do mesmo autor que o restante do Evangelho, mas de uma peça inserida em sua obra. Ela está ausente nos papíros  $\mathfrak{P}^{66}$  e  $\mathfrak{P}^{75}$ , nos códices Sinaítico (x) e no Vaticano (B); nos mais antigos manuscritos das versões siríacas, coptas, armênia e georgiana. Em seus comentários ao Evangelho segundo João, Orígenes e Crisóstomo não comentam a perícopa. Por outro lado, ela está presente em alguns manuscritos da Antiga Versão Latina e na Vulgata. Em um pequeno número de manuscritos gregos, conhecidos como  $f^{13}$  (família 13), esta perícopa aparece no Evangelho segundo Lucas, depois de Lc 21,38”. (MALZONI, 2018, p. 158).

universalidade. As palavras “quem me segue” reforçam esse sentido, pois apontam para os que se tornam discípulos de Jesus em todas as nações (etnias).<sup>24</sup>

Essa autoproclamação servirá como elemento para acirrar ainda mais a polêmica que vem crescendo progressivamente. Jesus é acusado de apresentar um testemunho inválido. Parece falar de si mesmo, já que conforme a Lei, um testemunho só é válido quando feito por duas pessoas (Dt 17,6; 19,15; Nm 35,30). O testemunho de Jesus é verdadeiro, pois, o Pai está com ele e o enviou<sup>25</sup>. Isso, porém, não é perceptível para os judeus, uma vez que julgam conforme a carne e não conseguem ver em Jesus algo além de um ser humano comum, já que estão presos à aparência (7,24). Justamente essa incapacidade de enxergar em Jesus a presença plena do Pai (Eu Sou) encerra os judeus na condição de pecado e, consequentemente, na morte. Rejeitando Jesus, rejeita-se a vida (6,40.58; 7,28; 8,12).

Nesse contexto, Jesus fala mais uma vez de sua partida: foi enviado pelo Pai e voltará para o Pai (8,14.21). O “mal-entendido” característico de João aparece novamente. A suspeita de que Jesus falava de partir em missão aos dispersos (7,35) dá lugar à suspeita de que pretende se matar (8,22). O narrador insere novamente o verbo *ἀποκτείνω* (= matar). Os judeus cogitam a possibilidade de que Jesus se mate, contudo, serão os próprios judeus os responsáveis por isso, uma vez que já haviam colocado no coração essa intenção (5,18; 7,19). Diante da falta de compreensão de suas palavras, Jesus insiste em sua relação filial com o Pai, enfatizando que essa verdade só será compreendida na cruz, quando o Filho do Homem for levantado (realidade já anunciada em 3,14). Mais uma vez, muitos creram nele (8,30), não obstante, como se verificará, essa fé superficial será substituída pela rejeição (8,48.52.57.59).

Apesar da manifestação da fé relatada em 8,30, Jesus continua suas palavras, apresentando uma condição para o seguimento (ser discípulo): permanecer em suas palavras (8,31). João utiliza o verbo *μένω* (= permanecer), estruturante ao longo do Evangelho (aparece 40 vezes no evangelho e 27 vezes nas epístolas joaninas<sup>26</sup>). *Μένω*, especialmente à luz de Jo 15,1-17 (sobre a videira verdadeira: 11x), tem um sentido de relação, de vínculo, o que será fundamental para o significado da fé na perspectiva joanina. Dessa maneira, permanecer nas palavras de Jesus é o caminho para a verdade, proporcionando, consequentemente, a liberdade (8,31-32).

<sup>24</sup> KONINGS, 2017, p. 256.

<sup>25</sup> Novamente, o tema de Jesus como enviado do Pai, elo importante nessa sequência narrativa (5–12).

<sup>26</sup> Para comparação, das 118 vezes que *μένω* aparece no NT, 67 estão nos escritos joaninos. Veja: 3x em Mt, 2x em Mc, 7x em Lc, 13x em At, 17x em Paulo (paulinas), 6x em Hb, 2x em Pd e 1x em Ap.

Naturalmente, a sentença de Jesus é recebida com hostilidade por parte dos judeus que haviam crido (8,30), pois, já se consideravam livres por serem descendentes de Abraão: “Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém” (8,33). A controvérsia segue, então, em relação a essa figura arquetípica da tradição de Israel. Jesus questiona o valor dessa descendência, uma vez que esses judeus são escravos do pecado (procuram matar Jesus). Na verdade, como o próprio Jesus afirma, são realmente descendentes de Abraão, na carne e não na fé. Justamente essa confiança na carne e não nas palavras de Jesus os escraviza no pecado. Afinal, somente o Filho pode, verdadeiramente, libertar (8,36).

Aparece aqui, mais uma vez, o tema da filiação de Jesus (8,38), que é colocada em oposição à falsa filiação dos judeus em relação à Abraão. As obras deles apontam para outro pai, dado que não praticam as mesmas obras de Abraão (8,39). A crítica de Jesus é usada pelo narrador para contrapor a atitude de Abraão, que acolheu as promessas/palavras de Deus (Gn 12–25), com a atitude dos judeus que rejeitam as palavras de Jesus (8,37.43.45.46.47). Revela-se, então, que esses judeus têm outro pai: além de rejeitarem Jesus, procuram matá-lo (8,41). Com isso, Jesus faz uma afirmação contundente: “Vós sois do pai diabo e os desejos de vosso pai quereis fazer” (8,44); estes judeus seguem os passos dele: rejeitam a verdade proclamada e planejam matar Jesus.

A discussão faz surgir nova controvérsia a respeito da identidade de Jesus, que é chamado agora de samaritano (8,48) e, novamente, acusado de estar possuído por demônios (7,20; 8,48). O narrador continua construindo essa discussão acrescentando, novamente, o “mal-entendido” típico. Agora, sobre o tema da morte! Ao afirmar que aquele que acolhesse suas palavras não veria a morte (8,51), Jesus é novamente acusado de estar dominado por demônios (8,52), pois, Abraão e os outros grandes profetas já haviam morrido. Logicamente, como se sabe, Jesus fala de um outro tipo de morte, que não se limita à morte física. Entretanto, “os judeus” (como tantos outros personagens) não conseguem entender o sentido mais profundo daquilo que Jesus está falando.

Esse “mal-entendido” é estratégico e concede a Jesus a oportunidade para se revelar, uma vez que dessa “confusão” surgem algumas perguntas: “Porventura és maior do que nosso pai Abraão, que morreu?” e “Quem tens a pretensão de ser?” (8,53). Além de reafirmar sua filiação com Deus e sua relação profunda com ele, Jesus fala de Abraão como sendo uma testemunha do que estava acontecendo<sup>27</sup>: “Vosso pai Abraão exultou por ver o meu dia. Ele viu

<sup>27</sup> Como havia feito com Moisés, por exemplo (5,46). Veja a seção 1.6.3.

e se alegrou”<sup>28</sup> (8,56). Novamente, o mal-entendido a respeito de sua idade dará a Jesus a oportunidade de uma autorrevelação que acirrará a polêmica com “os judeus”: “Em verdade, em verdade, digo-vos: antes que Abraão existisse, eu sou (ἐγὼ εἰμὶ)” (8,58). Como resultado, os judeus apanharam pedras para apedrejar Jesus (8,59).

### 2.3.2.5 A visão do cego e a cegueira de “os que veem”

Ao perceber que estavam a lhe apedrejar, Jesus saiu do Templo e, do lado de fora, encontra-se com um homem cego de nascença. O resultado desse encontro será catalizador para a polêmica com os judeus. Em 9,3, aparece na boca dos discípulos uma pergunta que expressa a mentalidade farisaica acerca da situação daquele homem: “Rabi, quem pecou para que ele nascesse cego, ele ou seus pais?” (doença como sinal de pecado<sup>29</sup>). Ao responder esta pergunta, Jesus afirma que aquela situação não era uma punição por supostos pecados, e sim, uma oportunidade para a manifestação das obras de Deus. Jesus, então, cuspiu no chão, fez lama e ungiu os olhos do cego. Depois, o enviou ao tanque de Siloé com a orientação de se lavar. O cego obedeceu as palavras de Jesus, foi e voltou vendo (9,6-7). Justamente essa atitude desencadeia nova polêmica.

A cura do que era cego causa tumulto e admiração, fazendo com que o ex-cego fosse conduzido até à presença dos fariseus, para interrogatório. Afinal, a cura aconteceu em dia de sábado, informação que aproxima essa cena à do capítulo 5 (a cura do paralisado à beira do tanque). No interrogatório, o narrador coloca em oposição as figuras do ex-cego com os fariseus, que gera uma seção com duplo clímax: o que era cego enxerga cada vez melhor quem é Jesus, enquanto “os judeus” involuem, tornando-se cada vez mais cegos em relação a Jesus.

O cego começa a cena sabendo apenas que “um homem chamado Jesus” o havia curado (9,11). Não sabe mais nada a respeito dele e, muito menos, onde encontrá-lo (9,12). Diante do interrogatório e da pressão dos judeus, o cego afirma que Jesus é profeta (9,17). Depois, o homem é reconduzido à presença dos fariseus para novos questionamentos e, diante da

<sup>28</sup> “Como João acha que Isaías na sua visão inicial (pré)viu Jesus (cf. Jo 12,41), podemos supor que ele atribui semelhante pre-visão de Jesus ao patriarca; a tradição judaica interpretou Gn 15,18 como uma pre-visão geral que Abraão teve da história de seus descendentes (Talmud: Gn rabba 44,22). Certo é que os judeus imaginavam Abraão numa espécie de beatitude celestial (cf. Lc 16,22-31), em que ele poderia ver o “dia” de seu descendente, o Messias. Portanto, Jesus não deve ser oposto a Abraão; nele se realiza o que Abraão esperava” (KONINGS, 2017, p. 268-269).

<sup>29</sup> “A questão, além da teologia da retribuição, pressupõe a hereditariedade da culpa, que vem expressa no Decálogo (Ex 20,5), tendo sido criticada por Jeremias (Jr 31,29-30) e Ezequiel (Ez 18,1-4). Pela pergunta dos discípulos, percebe-se que a crítica dos profetas não tinha sido assimilada pelas pessoas”. (MALZONI, 2018, p. 180). Também Jesus rejeita totalmente esse tipo de preconceito e recusa atribuir doença e sofrimento ao pecado.

insistência da acusação de Jesus ser um pecador, declara que ele é alguém que cumpre a vontade de Deus (9,31) e é um enviado de Deus (9,33). Por fim, após ser expulso da presença dos fariseus (9,34), foi encontrado por Jesus (que o estava procurando! – εἵρῶν<sup>30</sup>). No encontro, ao ser interpelado, o ex-cego pode fazer a sua confissão de fé em Jesus como Filho do Homem: “‘Creio, Senhor’, e o adorou” (9,38).

O movimento dos judeus é, justamente, o contrário. Enquanto o cego cresce em sua compreensão a respeito da identidade de Jesus, chegando ao clímax de confessá-lo como Filho do Homem (9,38), os fariseus retrocedem. Primeiro, nota-se na cena a presença dos vizinhos que duvidam do ex-cego, negando a possibilidade do milagre (9,9). Em seguida, ao interrogarem o homem, os fariseus desacreditam Jesus: “Não é da parte de Deus este homem, porque não guarda o sábado” (9,16). E, novamente, há uma cisão entre eles (7,43). Os judeus insistem em não ver o óbvio e continuam duvidando da palavra do ex-cego (9,18). Em razão disso, pressionam seus pais (9,19) que, por medo de “os judeus”<sup>31</sup>, não querem se comprometer: “Interrogai-o”, é o que dizem (9,21). Decidem, então, interrogar o homem pela segunda vez, forçando-o sob juramento (“Dá glória a Deus”<sup>32</sup>) a falar a “verdade” e reparar uma ofensa feita à majestade divina. Para isso, induzem a reparação a partir da afirmação de que Jesus é um pecador (9,24). Insistem em não reconhecer de onde ele é (9,29) apesar de Jesus já ter afirmado diversas vezes que é o enviado do Pai (8,42). Por fim, apelam para a violência e, insultando o ex-cego e desprezando o sinal que havia sido realizado, o expulsaram da sinagoga (9,34). Apesar da manifestação das obras de Deus (9,3), os judeus estão cegos por sua incredulidade e, naturalmente, permanecem no pecado (9,41).

### 2.3.2.6 Falando por comparações

Na primeira parte do capítulo 10 (10,1-21), o narrador insere novas palavras de Jesus acerca de sua identidade, com pequenas narrativas, a fim de evidenciar a ascensão do conflito presente até aqui. Nos primeiros versículos (10,1-5), Jesus utiliza a comparação (παροιμία) do pastoreio para falar de sua missão, que não será entendida por “eles” (ou, “aqueles” = ἐκεῖνος), provável referência aos fariseus (os judeus), interlocutores da cena anterior. A comparação

<sup>30</sup> *Εὑρίσκο* é, geralmente, traduzido por achar ou encontrar, mas com uma conotação de achar ou encontrar algo/alguém após haver procurado. Este verbo reforça a teologia joanina que descreve e enfatiza o movimento de Jesus, em obediência à vontade do Pai, em direção àqueles que ouvem a sua palavra e o acolhem como Enviado do Pai.

<sup>31</sup> A rejeição a Jesus já começa a recair sobre as pessoas que o confessassem como Messias. Enquanto Jesus oferece vida e liberdade, os judeus se tornam fonte de medo e opressão.

<sup>32</sup> Cf. Js 7,19; 1Sm 6,5.

utiliza o imaginário do pastoreio na Palestina, onde se compartilhavam apriscos comuns para guardar as ovelhas de diversos rebanhos e pastores. Pela manhã, o pastor chamava as ovelhas e as conduzia para fora, em direção aos campos. Jesus utiliza essa comparação, relacionando-a com suas palavras: somente suas ovelhas ouvem sua voz (suas palavras) e o seguem. Nesse sentido, a menção de que “eles” (fariseus/judeus) não entenderam o significado de suas palavras reforça, narrativamente, a rejeição a Jesus como Messias (enviado do Pai).

Em seguida (10,6-21), Jesus explica sua comparação utilizando duas autoproclamações: “Eu sou a porta (das ovelhas)” e “Eu sou o bom pastor”. Ambas imagens (porta e bom pastor) estão relacionadas à doação da vida.<sup>33</sup> Como porta, Jesus legitima a função da liderança e do cuidado de seu rebanho (21,15-17). Quem (no caso, os fariseus) não acolhe Jesus (não passa pela porta – 10,8.9), age como mercenário, já que não se importa com as ovelhas. Como bom pastor, Jesus é o dom de Deus derramado sobre todos, pois dá sua vida. Ligado ao tema da doação da vida, é reforçada a ideia de ser a doação de Jesus generosa e voluntária. Ele é quem, voluntariamente, entrega sua vida e, ao mesmo tempo, tem a autoridade dada pelo Pai para reavê-la (10,17-18). Por fim, o pastoreio de Jesus é descrito como missão que extrapola as fronteiras judaicas: “tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil; também a essas devo conduzir, e elas escutarão a minha voz, e haverá um só rebanho e um pastor” (10,16)<sup>34</sup>.

Como esperado, aparece uma nova cisão entre os judeus (7,43; 9,16), uma indicação da necessidade da decisão em relação às palavras proferidas por Jesus (10,19). Novamente, predomina a rejeição por parte dos judeus que, ao invés de acolherem Jesus como Messias, o insultam, dizendo que tem demônio e está louco (10,20). A pergunta final da cena conecta diretamente esta seção ao episódio anterior: “Acaso um demônio pode abrir os olhos aos cegos?” (10,21).

Em 10,22, abre-se um novo episódio na sequência narrativa, que se passa no contexto da festa da Dedicção, em Jerusalém. Na cena, Jesus está de volta às imediações do Templo, onde é questionado a respeito de sua identidade. Diferente da comparação anterior (do pastoreio), os judeus exigem que Jesus fale abertamente a respeito de si: “Se tu és o Cristo, dize-nos abertamente!” (10,24). Jesus, porém, fala de si a partir do testemunho de suas obras,

<sup>33</sup> Confira na seção 1.6.4.

<sup>34</sup> Há uma importante conexão aqui com a descrição da missão do Filho mencionada em Jo 3,16: Deus amou o mundo (θεὸς τὸν κόσμον). Outras conexões também são percebidas como, por exemplo, o encontro de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4,1-42), especialmente a menção de que “foi preciso atravessar (pel)a Samaria” (4,4) – sem dúvida, aponta para um itinerário teológico (reconciliação entre judeus e samaritanos e entre Deus e seu povo – veja a seção 1.5) e não apenas geográfico (uma vez que havia rotas alternativas entre Judeia e Galileia que evitassem a Samaria). Além disso, vale destacar a oração de Jesus, em Jo 17, que roga pela unidade dos que já creram e dos que haveriam de crer como um sinal de testemunho para o mundo (Jo 17,20-23).

que apontam para sua relação com Deus: “Eu e o Pai somos um” (10,30). Essa afirmação causa revolta nos judeus, que apanham pedras para apedrejá-lo, pois, recebem essas palavras não como “de vida eterna” (6,68), mas como blasfêmia (10,33). A reação já era esperada, já que, como o narrador informara anteriormente, os judeus não creem “porque não sois das minhas ovelhas” (10,26): não ouvem a voz de Jesus e muito menos o seguem. Jamais experimentarão a vida eterna e, certamente, perecerão (10,28).

Diante da acusação da blasfêmia de se fazer como Deus (10,33), Jesus se defende citando uma passagem da Lei<sup>35</sup>. Como observa Malzoni, o salmo chama de “deuses” aqueles que exercem o julgamento e os conclama a julgar com justiça, protegendo o fraco e o pobre.<sup>36</sup> Partindo daí, Jesus argumenta que se a Escritura chama de deuses aqueles que têm poder de julgar, ainda com mais razão ele pode ser chamado de Filho de Deus, já que é aquele que o Pai santificou e enviou ao mundo (10,35-36)<sup>37</sup>. Jesus apela mais uma vez para o testemunho de suas obras, pois elas apontam para o fato de que ele é Deus agindo no meio de nós, uma vez que suas obras manifestam a presença de Deus no mundo (10,38).

A cena termina descrevendo a tentativa de prender Jesus para apedrejá-lo, visto que, esta era a punição segundo a Lei para casos de idolatria e blasfêmia (Dt 17,5-7). Jesus, porém, escapa das mãos dos judeus. A informação parece fazer oposição a 10,28-29, que menciona o fato de as ovelhas não poderem ser arrebatadas (escapar/arrancadas) de sua mão. Além disso, essa informação, também, serve de ligação para o deslocamento de Jesus para o outro lado do Jordão, onde permanecerá em exílio por um tempo. Para finalizar, o narrador insiste em João Batista como testemunha de Jesus. Por causa disso, muitos creram nele (10,40-42).

### **2.3.2.7 O sinal de Lázaro e a resolução pela morte**

Não se encontrarão mais as discussões entre Jesus e os judeus (fariseus), e sim o conflito que cresce, a partir da cena relatada em Jo 11,1-57, a narração da ressurreição de Lázaro, a quem Jesus amava. O resultado desse encontro será decisivo para a definição do conflito, como se verificará. Jesus, como é informado pelo narrador, se encontra em exílio do outro lado do Jordão (10,40), quando é avisado que seu amigo Lázaro, de Betânia, estava enfermo. A cena contém elementos de conexão com a cura do cego no capítulo 9, já que Jesus vê na enfermidade uma oportunidade para a manifestação da glória de Deus e a fé no Filho de Deus (9,3; 11,4).

<sup>35</sup> O termo “Lei” aqui é usado como sinônimo de “Escritura”, afinal, Jesus cita o Salmo 82,6.

<sup>36</sup> MALZONI, 2018, p. 195.

<sup>37</sup> MALZONI, 2018, p. 195.

Outro aspecto é a relação com o tema da luz (ou dia), referência ao momento ideal para se praticar as obras de Deus (9,4; 11,9-10).

O diálogo entre Jesus e seus discípulos segue na dimensão do “mal-entendido” joanino. Desta vez, em relação à situação de Lázaro. Enquanto Jesus se refere a seu amigo como quem dorme, no sentido de morte física temporária (Dn 12,2), seus discípulos entendem-no como sono, propriamente dito (algo que dispensaria a presença de Jesus). Jesus, então, coloca um fim nesse “mal-entendido” com uma afirmação peremptória (παρησία = com franqueza): “Lázaro morreu!” (11,14). Justamente esse “mal-entendido” (morte!) será usado pelo narrador para continuar elaborando sua sequência narrativa (Jo 5–12).

Ao ser interpelado por conta da situação de Lázaro, Jesus toma a decisão de retornar à Judeia (11,7). Então, é rapidamente advertido por seus discípulos acerca do risco que esta decisão envolvia: os judeus procuravam apedrejá-lo (11,8). Nessa intervenção, Jesus fala da urgência de fazer suas obras, enquanto é dia. Novamente, quando reafirma sua intenção de ir ao encontro de seu amigo, Tomé, consciente do alto risco, alerta os demais discípulos: “Vamos nós também, para morrermos com ele” (11,16). As duas observações, somadas à informação de que Lázaro já havia sido sepultado há quatro dias (11,17), montam o cenário de morte que aguarda Jesus. Pode-se citar, também, a menção do narrador de que Betânia, para onde Jesus se dirige, fica apenas a quinze estádios<sup>38</sup> de Jerusalém, centro do conflito e local da crucificação de Jesus. Esse cenário servirá (como já se alertou em 11,4) para a manifestação de um sinal que apontará para a glória de Deus.

O narrador reforça essa compreensão ao inserir as palavras do próprio Jesus dirigidas a Marta, quando ela parece desapontada pelo aparente atraso do mestre: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais” (11,25-26). Assim, percebe-se que Jesus, sendo ele mesmo a própria ressurreição, não foge da morte, pois tem o controle absoluto sobre a vida (10,17-18). Mesmo estando sob ameaça de apedrejamento, deixa de lado sua própria vontade e segurança a fim de oferecer vida a alguém que precisa. E o faz ao chamar Lázaro para fora da sepultura, libertando-o das garras da morte: “Desamarrai-o [das faixas que prendiam seus pés e suas mãos] e deixai-o ir” (11,44).

Apesar de não haver embate direto entre Jesus e os fariseus, esse episódio se transformará em elemento catalizador para o conflito crescente, culminando na sentença de morte contra Jesus. Diante do sinal realizado, o narrador informa que muitos judeus que ali

---

<sup>38</sup> Quinze estádios equivalem, aproximadamente, a três quilômetros.

estavam, creram. Porém, alguns desses judeus se dirigiram aos fariseus que, juntamente com os chefes dos sacerdotes, reuniram o sinédrio (conselho). A partir desse dia, “decidiram matar Jesus” (11,53). A intenção (ζητέω) de matar (5,18; 7,19.44.51; 8,59; 10.31.39) “progride” para a decisão (βουλεύω<sup>39</sup>) de matar.

Por conta disso, Jesus se retirou, novamente, para a cidade de Efraim, numa região deserta ao norte de Jerusalém. Permaneceu lá com seus discípulos. A sequência informa que a Páscoa estava próxima e, por isso, havia uma grande movimentação antecipada em direção a Jerusalém para os preparativos. Muitas dessas pessoas buscavam Jesus no Templo. Entretanto, os chefes dos sacerdotes e os fariseus haviam ordenado que relatassem o paradeiro de Jesus para que pudessem prendê-lo (11,55-57). Esses versículos funcionam como transição para a próxima cena, quando Jesus retorna para Betânia e, de lá, parte para Jerusalém.

### 2.3.2.8 A conclusão da sequência

Seis dias antes da Páscoa, Jesus vai novamente para Betânia, para a casa de Lázaro, onde lhe é servido um jantar. Enquanto Marta servia e Lázaro estava à mesa, Maria tomou uma libra de perfume de puro nardo e ungiu os pés de Jesus, enxugando-os com seus próprios cabelos (12,3). Jesus parece ver nesse gesto uma antecipação do rito de sua sepultura (embalsamamento), correspondendo ao sepultamento efetivo, em 19,38. Por conta da presença de Jesus e de Lázaro (que fora ressuscitado dentre os mortos), uma grande multidão de judeus estava ali. Por isso, os chefes dos sacerdotes decidiram matar, também, Lázaro, uma vez que, por causa do que lhe acontecera, muitos creram em Jesus. Essa decisão (βουλεύω) reforça o conflito entre Jesus e os judeus.

No dia seguinte, quando Jesus subiu a Jerusalém, foi aclamado por grande multidão que fora à festa. O sinal realizado em favor de Lázaro continuou sendo importante nesse contexto, afinal, a multidão que sabia disso dava testemunho a respeito de Jesus. Naturalmente, isso intensificou o ódio por parte dos fariseus já que, cada vez mais, o povo ia atrás de Jesus (12,19), inclusive alguns gregos que tinham subido para adorar em Jerusalém (12,20).

Ao ser avisado por Filipe e André sobre o interesse dos gregos em vê-lo, Jesus profere mais um discurso, declarando que sua hora havia chegado, fazendo referência à sua morte. Apesar de as palavras de Jesus serem confirmadas por uma voz do céu, ouvida por todos na

<sup>39</sup> O verbo *βουλεύω* aparece apenas duas vezes em João, sendo aqui em 11,53 e em 12,10, quando o narrador nos informa da decisão dos principais sacerdotes em matar também a Lázaro, pois, por causa dele (de sua ressurreição), muitos judeus creram em Jesus.

cena, novamente, não foram compreendidas pela multidão. Continuam perguntando: “Quem é esse Filho do Homem?” (12,34). Jesus responde a essa indagação falando da urgência de crer no Messias, usando novamente a imagem da luz, como em 8,12. Em seguida, Jesus retirou-se de perto deles.

Dessa forma, conclui-se a sequência narrativa com uma afirmação contundente do narrador: “Apesar de ter feito tantos sinais diante deles, eles não creram nele” (12,37). Esta realidade é interpretada a partir da releitura de Isaías 6,9 e 53,1, que, na perspectiva joanina, indica que o profeta Isaías também foi uma testemunha da glória de Cristo e falou, nos textos citados, a respeito dele (12,41)<sup>40</sup>. Ainda nessa cena final, o narrador aponta para a realidade de que havia muitos chefes (líderes) que creram em Jesus, ainda assim, por medo dos fariseus, não o confessavam, temendo ser expulsos da sinagoga (12,42). Este medo, porém, é visto com crítica, pois são descritos como aqueles que “preferiram a glória que vem dos homens à glória que vem de Deus” (12,43). A sequência é finalizada com mais um discurso de Jesus acerca de sua missão, como enviado do Pai e como a luz do mundo que liberta das trevas aquele que crê. Além disso, as palavras proferidas por Jesus são colocadas como juiz diante da postura da fé ou da rejeição, opção que vai sendo exigida em toda a sequência (12,44-50).

### 2.3.2.9 As conexões da sequência narrativa

Como mencionado na seção 2.3.2, o enredo dessa sequência narrativa (5,1–12,50) apresenta Jesus como enviado do Pai (doador da vida), que desceu do céu e realiza sinais que apontam para sua relação com o Pai e que glorificam a Deus. Como consequência disso, os judeus rejeitam Jesus e procuram matá-lo. A rejeição vai se tornando cada vez mais acirrada e culmina com a decisão formal pelo assassinato de Jesus, em 11,45-57, e na total incredulidade dos judeus, mesmo diante dos muitos sinais realizados (12,37-43). Para conectar as narrativas da sequência, o narrador utiliza palavras e expressões importantes, que estarão bem concentradas nessa parte do Evangelho (basta comparar com toda a obra). Destacam-se as seguintes conexões:

	1,1- 18	1,19- 51	2,1– 4,54	5,1–12,50	13,1– 20,31	21,1- 25
Jesus como enviado			3x	28x	13x	

<sup>40</sup> Consulte a seção 1.6.3.

(πέμπω, αποστέλλω)					(7x em Jo 17)	
Deus como Pai de Jesus	2x		2x	52x	54x	
Jesus como doador (fonte) da vida (ζωή, ψυχή)	2x		6x	24x	4x	
Jesus como aquele que desceu (καταβαίνω) do céu			1x	7x (todas em Jo 6)		
Jesus realiza sinais			6x	9x	1x	
Presença dos judeus, fariseus e chefes dos sacerdotes		3x	11x	58x	39x	
Judeus procuram matar (αποκτείνω) Jesus				8x		

O texto de João 6 está inserido nessa sequência marcada por polêmicas entre Jesus e “os judeus”. Como se vê no quadro acima, a menção a Jesus como “aquele que desceu do céu” é exclusiva do capítulo 6. Essa e outras informações permitem entender o lugar dessa perícope na sequência.

## 2.4 Sinopse joanina

Jo 6 é, sem dúvida, um texto privilegiado para a pesquisa bíblica. Além de ser uma perícope com paralelos sinóticos, como algumas outras (2,13-22; 5,43-54; 12,1-8; 18-20)<sup>41</sup>, sua riqueza se expressa, quando se atenta para o fato de a primeira parte dessa narrativa (multiplicação de pães e peixes) ter sido registrada seis vezes no Novo Testamento: duas vezes em Mc (6,30-44; 8,1-10); duas vezes, em Mt (14,13-21; 15,32-39); uma vez, em Lc (9,10-17); e, uma vez, em Jo (6,1-15). Trata-se, então, de uma memória significativa para a comunidade cristã primitiva. Por isso, analisar as aproximações e os distanciamentos dessas memórias narrativas é um passo fundamental para uma melhor percepção da teologia joanina e sua consequente articulação na construção narrativa de Jo 6,1-71. Far-se-á, então, um quadro comparativo entre as narrativas joanina e as sinóticas e seus respectivos contextos.

O quadro seguirá a seguinte ordem (da esquerda para a direita): Jo – Mc – Mt – Lc. João formará a primeira coluna, por ser o texto de referência para a sinopse. Opta-se por colocar Mc

<sup>41</sup> Verifique na seção 1.4.

como primeira referência de comparação, respeitando a ordem cronológica de surgimento dos textos, e não a ordem de organização do Cânon Bíblico.

Levando-se em conta que tanto Marcos quanto Mateus possuem duas narrativas da multiplicação de pães e peixes, destacar-se-á a segunda versão de ambos (na tabela) com a cor cinza. A primeira e a segunda versões da narrativa, tanto de Marcos quanto de Mateus, estarão na mesma coluna. Isso facilitará a comparação e a percepção acerca das aproximações e dos distanciamentos, bem como a percepção da relação específica que João tem com cada uma dessas versões.

João 6,1-71	Marcos	Mateus	Lucas
	<sup>6,30</sup> Καὶ συνάγονται οἱ ἀπόστολοι πρὸς τὸν Ἰησοῦν καὶ ἀπήγγειλαν αὐτῷ πάντα ὅσα ἐποίησαν καὶ ὅσα ἐδίδαξαν.		<sup>9,10a</sup> Καὶ ὑποστρέψαντες οἱ ἀπόστολοι διηγήσαντο αὐτῷ ὅσα ἐποίησαν.
	<sup>6,31</sup> καὶ λέγει αὐτοῖς· δεῦτε ὑμεῖς αὐτοὶ κατ' ἰδίαν εἰς ἔρημον τόπον καὶ ἀναπαύσασθε ὀλίγον. ἦσαν γὰρ οἱ ἐρχόμενοι καὶ οἱ ὑπάγοντες πολλοί, καὶ οὐδὲ φαγεῖν εὐκαίρουν.		
<sup>1</sup> Μετὰ ταῦτα ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος.	<sup>6,32</sup> Καὶ ἀπῆλθον ἐν τῷ πλοίῳ εἰς ἔρημον τόπον κατ' ἰδίαν.	<sup>14,13a</sup> Ἀκούσας δὲ ὁ Ἰησοῦς ἀνεχώρησεν ἐκεῖθεν ἐν πλοίῳ εἰς ἔρημον τόπον κατ' ἰδίαν·	<sup>9,10b</sup> Καὶ παραλαβὼν αὐτοὺς ὑπεχώρησεν κατ' ἰδίαν εἰς πόλιν καλουμένην Βηθσαϊδά.
	<sup>7,31</sup> Καὶ πάλιν ἐξελθὼν ἐκ τῶν ὀρίων Τύρου ἦλθεν διὰ Σιδῶνος εἰς τὴν θάλασσαν τῆς Γαλιλαίας ἀνὰ μέσον τῶν ὀρίων Δεκαπόλεως.	<sup>15,29</sup> Καὶ μεταβάς ἐκεῖθεν ὁ Ἰησοῦς ἦλθεν παρὰ τὴν θάλασσαν τῆς Γαλιλαίας,	
<sup>2a</sup> ἠκολούθει δὲ αὐτῷ ὄχλος πολὺς,	<sup>6,33</sup> καὶ εἶδον αὐτοὺς ὑπάγοντας καὶ ἐπέγνωσαν πολλοὶ καὶ πεζῇ ἀπὸ πασῶν τῶν πόλεων συνέδραμον ἐκεῖ καὶ προῆλθον αὐτούς.	<sup>14,13b</sup> καὶ ἀκούσαντες οἱ ὄχλοι ἠκολούθησαν αὐτῷ πεζῇ ἀπὸ τῶν πόλεων.	<sup>9,11a</sup> οἱ δὲ ὄχλοι γνόντες ἠκολούθησαν αὐτῷ·
	<sup>7,32</sup> Καὶ φέρουσιν αὐτῷ κωφὸν καὶ μογιᾶλον καὶ παρακαλοῦσιν αὐτὸν ἵνα ἐπιθῇ αὐτῷ τὴν χεῖρα.	<sup>15,30a</sup> καὶ προσῆλθον αὐτῷ ὄχλοι πολλοὶ	

	<p><sup>7,33</sup> καὶ ἀπολαβόμενος αὐτὸν ἀπὸ τοῦ ὄχλου κατ' ἰδίαν ἔβαλεν τοὺς δακτύλους αὐτοῦ εἰς τὰ ὄτα αὐτοῦ καὶ πτύσας ἤψατο τῆς γλώσσης αὐτοῦ, <sup>7,34</sup> καὶ ἀναβλέψας εἰς τὸν οὐρανὸν ἐστέναξεν καὶ λέγει αὐτῷ· εφφαθα, ὅ ἐστιν διανοίχθητι. <sup>7,35</sup> καὶ [εὐθέως] ἠνοίγησαν αὐτοῦ αἱ ἀκοαί, καὶ ἐλύθη ὁ δεσμὸς τῆς γλώσσης αὐτοῦ καὶ ἐλάλει ὀρθῶς.</p>	<p><sup>15,30b</sup> ἔχοντες μεθ' ἑαυτῶν χωλούς, τυφλούς, κυλλούς, κωφούς, καὶ ἐτέρους πολλούς καὶ ἔρριψαν αὐτοὺς παρὰ τοὺς πόδας αὐτοῦ, καὶ ἐθεράπευσεν αὐτούς·</p>	
	<p><sup>7,36</sup> καὶ διεστείλατο αὐτοῖς ἵνα μηδενὶ λέγωσιν· ὅσον δὲ αὐτοῖς διεστέλλετο, αὐτοὶ μᾶλλον περισσότερον ἐκήρυσσον.</p>		
	<p><sup>7,37</sup> καὶ ὑπερπερισσῶς ἐξεπλήσσοντο λέγοντες· καλῶς πάντα πεποίηκεν, καὶ τοὺς κωφούς ποιεῖ ἀκούειν καὶ [τοὺς] ἀλάλους λαλεῖν.</p>	<p><sup>15,31</sup> ὥστε τὸν ὄχλον θαυμάσαι βλέποντας κωφούς λαλοῦντας, κυλλοὺς ὑγιεῖς καὶ χωλοὺς περιπατοῦντας καὶ τυφλοὺς βλέποντας· καὶ ἐδόξασαν τὸν θεὸν Ἰσραήλ.</p>	
<p><sup>2b</sup> ὅτι ἐθεώρουν τὰ σημεῖα ἃ ἐποίει ἐπὶ τῶν ἀσθενούντων.</p>			
<p><sup>3</sup> ἀνῆλθεν δὲ εἰς τὸ ὄρος Ἰησοῦς καὶ ἐκεῖ ἐκάθητο μετὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ.</p>		<p><sup>15,29b</sup> καὶ ἀναβὰς εἰς τὸ ὄρος ἐκάθητο ἐκεῖ.</p>	
<p><sup>4</sup> ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα, ἡ ἐορτὴ τῶν Ἰουδαίων.</p>			
<p><sup>5a</sup> Ἐπάρας οὖν τοὺς ὀφθαλμοὺς ὁ Ἰησοῦς καὶ θεασάμενος ὅτι πολλὸς ὄχλος ἔρχεται πρὸς αὐτὸν</p>	<p><sup>6,34a</sup> Καὶ ἐξελθὼν εἶδεν πολὺν ὄχλον</p>	<p><sup>14,14a</sup> Καὶ ἐξελθὼν εἶδεν πολὺν ὄχλον</p>	
	<p><sup>6,34b</sup> καὶ ἐσπλαγχνίσθη ἐπ' αὐτούς, ὅτι ἦσαν ὡς πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα, καὶ ἤρξατο</p>	<p><sup>14,14b</sup> καὶ ἐσπλαγχνίσθη ἐπ' αὐτοῖς καὶ ἐθεράπευσεν τοὺς ἀρρώστους αὐτῶν.</p>	

	διδάσκειν αὐτοὺς πολλά.		
	<p><sup>8,1</sup> Ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις πάλιν πολλοῦ ὄχλου ὄντος καὶ μὴ ἐχόντων τί φάγωσιν, προσκαλεσάμενος τοὺς μαθητὰς λέγει αὐτοῖς·</p> <p><sup>8,2</sup> σπλαγχνίζομαι ἐπὶ τὸν ὄχλον, ὅτι ἤδη ἡμέραι τρεῖς προσμένουσίν μοι καὶ οὐκ ἔχουσιν τί φάγωσιν·</p> <p><sup>8,3</sup> καὶ ἐὰν ἀπολύσω αὐτοὺς νήστες εἰς οἶκον αὐτῶν, ἐκλυθήσονται ἐν τῇ ὁδῷ· καὶ τινες αὐτῶν ἀπὸ μακρόθεν ἦκασιν.</p>	<p><sup>15,32</sup> Ὁ δὲ Ἰησοῦς προσκαλεσάμενος τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ εἶπεν· σπλαγχνίζομαι ἐπὶ τὸν ὄχλον, ὅτι ἤδη ἡμέραι τρεῖς προσμένουσίν μοι καὶ οὐκ ἔχουσιν τί φάγωσιν· καὶ ἀπολύσαι αὐτοὺς νήστες οὐ θέλω, μήποτε ἐκλυθῶσιν ἐν τῇ ὁδῷ.</p>	
	<p><sup>6,35</sup> Καὶ ἤδη ὥρας πολλῆς γενομένης προσελθόντες αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἔλεγον ὅτι ἔρημός ἐστιν ὁ τόπος καὶ ἤδη ὥρα πολλή·</p> <p><sup>6,36</sup> ἀπόλυσον αὐτούς, ἵνα ἀπελθόντες εἰς τοὺς κύκλῳ ἀγροὺς καὶ κώμας ἀγοράσωσιν ἑαυτοῖς τί φάγωσιν.</p> <p><sup>6,37</sup> ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν αὐτοῖς· δότε αὐτοῖς ὑμεῖς φαγεῖν.</p>	<p><sup>14,15</sup> Ὁσίας δὲ γενομένης προσῆλθον αὐτῷ οἱ μαθηταὶ λέγοντες· ἔρημός ἐστιν ὁ τόπος καὶ ἡ ὥρα ἤδη παρήλθεν· ἀπόλυσον τοὺς ὄχλους, ἵνα ἀπελθόντες εἰς τὰς κώμας ἀγοράσωσιν ἑαυτοῖς βρώματα.</p> <p><sup>14,16</sup> ὁ δὲ [Ἰησοῦς] εἶπεν αὐτοῖς· οὐ χρειαν ἔχουσιν ἀπελθεῖν, δότε αὐτοῖς ὑμεῖς φαγεῖν.</p>	<p><sup>9,12</sup> Ἡ δὲ ἡμέρα ἤρξατο κλίνειν· προσελθόντες δὲ οἱ δώδεκα εἶπαν αὐτῷ· ἀπόλυσον τὸν ὄχλον, ἵνα πορευθέντες εἰς τὰς κύκλῳ κώμας καὶ ἀγροὺς καταλύσωσιν καὶ εὕρωσιν ἐπισιτισμόν, ὅτι ὧδε ἐν ἐρήμῳ τόπῳ ἐσμέν.</p> <p><sup>9,13</sup> εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς· δότε αὐτοῖς ὑμεῖς φαγεῖν.</p>
<p><sup>5b</sup> λέγει πρὸς Φίλιππον· πόθεν ἀγοράσωμεν ἄρτους ἵνα φάγωσιν οὗτοι;</p>	<p><sup>8,4</sup> καὶ ἀπεκρίθησαν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ὅτι πόθεν τούτους δυνήσεται τις ὧδε χορτάσαι ἄρτων ἐπ' ἐρημίας;</p>	<p><sup>15,33</sup> καὶ λέγουσιν αὐτῷ οἱ μαθηταί· πόθεν ἡμῖν ἐν ἐρημίᾳ ἄρτοι τοσοῦτοι ὥστε χορτάσαι ὄχλον τοσοῦτον;</p>	
<p><sup>6</sup> τοῦτο δὲ ἔλεγεν πειράζων αὐτόν· αὐτὸς γὰρ ᾔδει τί ἔμελλεν ποιεῖν.</p>			
<p><sup>7</sup> ἀπεκρίθη αὐτῷ [ὁ] Φίλιππος· διακοσίων δηναρίων ἄρτοι οὐκ ἀρκοῦσιν αὐτοῖς ἵνα ἕκαστος βραχύ [τι] λάβῃ.</p>	<p><sup>6,37b</sup> καὶ λέγουσιν αὐτῷ· ἀπελθόντες ἀγοράσωμεν δηναρίων διακοσίων ἄρτους καὶ δώσομεν αὐτοῖς φαγεῖν;</p>		

	6,38a ὁ δὲ λέγει αὐτοῖς· πόσους ἄρτους ἔχετε; ὑπάγετε ἴδετε.		
	8,5a καὶ ἡρώτα αὐτοὺς· πόσους ἔχετε ἄρτους;	15,34a καὶ λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· πόσους ἄρτους ἔχετε;	
8 λέγει αὐτῷ εἰς ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ, Ἀνδρέας ὁ ἀδελφὸς Σίμωνος Πέτρου·	6,38b καὶ γνόντες λέγουσιν·	14,17a οἱ δὲ λέγουσιν αὐτῷ·	9,13b οἱ δὲ εἶπαν·
	8,5b οἱ δὲ εἶπαν·	15,34b οἱ δὲ εἶπαν·	
9a ἔστιν παιδάριον ὧδε ὃς ἔχει πέντε ἄρτους κριθίνους καὶ δύο ὀψάρια·	6,38c πέντε, καὶ δύο ἰχθύας.	14,17b οὐκ ἔχομεν ὧδε εἰ μὴ πέντε ἄρτους καὶ δύο ἰχθύας.	9,13c οὐκ εἰσὶν ἡμῖν πλεῖον ἢ ἄρτοι πέντε καὶ ἰχθύες δύο,
	8,5c ἐπτά.	15,34c ἐπτά καὶ ὀλίγα ἰχθύδια.	
9b ἀλλὰ ταῦτα τί ἐστὶν εἰς τοσούτους;			9,13d εἰ μή τι πορευθέντες ἡμεῖς ἀγοράσωμεν εἰς πάντα τὸν λαὸν τοῦτον βρώματα.
		14,18 ὁ δὲ εἶπεν· φέρετέ μοι ὧδε αὐτούς.	
10a εἶπεν ὁ Ἰησοῦς· ποιήσατε τοὺς ἀνθρώπους ἀναπεσεῖν.	6,39 καὶ ἐπέταξεν αὐτοῖς ἀνακλῖναι πάντας	14,19a καὶ κελεύσας τοὺς ὄχλους ἀνακλιθῆναι	9,14b εἶπεν δὲ πρὸς τοὺς μαθητάς αὐτοῦ· κατακλίνατε αὐτούς
	8,6a καὶ παραγγέλλει τῷ ὄχλῳ ἀναπεσεῖν	15,35a καὶ παραγγείλας τῷ ὄχλῳ ἀναπεσεῖν	
	6,39b συμπόσια συμπόσια		9,14c κλισίας [ώσει] ἀνὰ πεντήκοντα.
10b ἦν δὲ χόρτος πολὺς 10c ἐν τῷ τόπῳ.	6,39c ἐπὶ τῷ χλωρῷ χόρτῳ.	14,19b ἐπὶ τοῦ χόρτου,	
	8,6b ἐπὶ τῆς γῆς·	15,35b ἐπὶ τὴν γῆν	
10d ἀνέπεσαν οὖν οἱ ἄνδρες	6,40 καὶ ἀνέπεσαν πρασιαὶ πρασιαὶ κατὰ ἐκατὸν καὶ κατὰ πεντήκοντα.		9,15 καὶ ἐποίησαν οὕτως καὶ κατέκλιναν ἅπαντας.
10e τὸν ἀριθμὸν ὡς πεντακισχίλιοι.	6,44 καὶ ἦσαν οἱ φαγόντες [τοὺς ἄρτους] πεντακισχίλιοι ἄνδρες.	14,21a οἱ δὲ ἐσθίοντες ἦσαν ἄνδρες ὡσεὶ πεντακισχίλιοι	9,14a ἦσαν γὰρ ὡσεὶ ἄνδρες πεντακισχίλιοι.
	8,9a ἦσαν δὲ ὡς τετρακισχίλιοι.	15,38a οἱ δὲ ἐσθίοντες ἦσαν τετρακισχίλιοι ἄνδρες	
		14,21b χωρὶς γυναικῶν καὶ παιδίων.	
		15,38b χωρὶς γυναικῶν καὶ παιδίων.	
11 ἔλαβεν οὖν τοὺς ἄρτους ὁ Ἰησοῦς καὶ εὐχαριστήσας διέδωκεν τοῖς ἀνακειμένοις ὁμοίως καὶ ἐκ τῶν ὀψαρίων ὅσον ἤθελον.	6,41 καὶ λαβὼν τοὺς πέντε ἄρτους καὶ τοὺς δύο ἰχθύας ἀναβλέψας εἰς τὸν οὐρανὸν εὐλόγησεν καὶ κατέκλασεν τοὺς ἄρτους καὶ ἐδίδου τοῖς	14,19c λαβὼν τοὺς πέντε ἄρτους καὶ τοὺς δύο ἰχθύας, ἀναβλέψας εἰς τὸν οὐρανὸν εὐλόγησεν καὶ κλάσας ἐδωκεν τοῖς μαθηταῖς	9,16 λαβὼν δὲ τοὺς πέντε ἄρτους καὶ τοὺς δύο ἰχθύας ἀναβλέψας εἰς τὸν οὐρανὸν εὐλόγησεν αὐτούς καὶ κατέκλασεν καὶ ἐδίδου

	μαθηταῖς [αὐτοῦ] ἵνα παρατιθῶσιν αὐτοῖς, καὶ τοὺς δύο ἰχθύας ἐμέρισεν πᾶσιν.	τοὺς ἄρτους, οἱ δὲ μαθηταὶ τοῖς ὄχλοις.	τοῖς μαθηταῖς παραθεῖναι τῷ ὄχλῳ.
	<sup>8,6c</sup> καὶ λαβὼν τοὺς ἑπτὰ ἄρτους εὐχαριστήσας ἔκλασεν καὶ ἐδίδου τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ἵνα παρατιθῶσιν, καὶ παρέθηκαν τῷ ὄχλῳ. <sup>8,7</sup> καὶ εἶχον ἰχθύδια ὀλίγα· καὶ εὐλογήσας αὐτὰ εἶπεν καὶ ταῦτα παρατιθέναι.	<sup>15,36</sup> ἔλαβεν τοὺς ἑπτὰ ἄρτους καὶ τοὺς ἰχθύας καὶ εὐχαριστήσας ἔκλασεν καὶ ἐδίδου τοῖς μαθηταῖς, οἱ δὲ μαθηταὶ τοῖς ὄχλοις.	
<sup>12a</sup> ὥς δὲ ἐνεπλήσθησαν,	<sup>6,42</sup> καὶ ἔφαγον πάντες καὶ ἐχορτάσθησαν,	<sup>14,20a</sup> καὶ ἔφαγον πάντες καὶ ἐχορτάσθησαν,	<sup>9,17a</sup> καὶ ἔφαγον καὶ ἐχορτάσθησαν πάντες,
	<sup>8,8a</sup> καὶ ἔφαγον καὶ ἐχορτάσθησαν,	<sup>15,37a</sup> καὶ ἔφαγον πάντες καὶ ἐχορτάσθησαν.	
<sup>12b</sup> λέγει τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· συναγάγετε τὰ περισσεύσαντα κλάσματα, ἵνα μὴ τι ἀπόληται.			
<sup>13</sup> συνήγαγον οὖν καὶ ἐγέμισαν δώδεκα κοφίνους κλασμάτων ἐκ τῶν πέντε ἄρτων τῶν κριθίνων ἃ ἐπερίσσευσαν τοῖς βεβρωκόσιν.	<sup>6,43</sup> καὶ ἦραν κλάσματα δώδεκα κοφίνων πληρώματα καὶ ἀπὸ τῶν ἰχθύων.	<sup>14,20b</sup> καὶ ἦραν τὸ περισσεῦον τῶν κλασμάτων δώδεκα κοφίνους πλήρεις.	<sup>9,17b</sup> καὶ ἦρθη τὸ περισσεῦσαν αὐτοῖς κλασμάτων κόφινοι δώδεκα.
	<sup>8,8b</sup> καὶ ἦραν περισσεύματα κλασμάτων ἑπτὰ σφυρίδας.	<sup>15,37b</sup> καὶ τὸ περισσεῦον τῶν κλασμάτων ἦραν ἑπτὰ σφυρίδας πλήρεις.	
<sup>14</sup> Οἱ οὖν ἄνθρωποι ἰδόντες δ' ἐποίησεν σημεῖον ἔλεγον ὅτι οὗτός ἐστιν ἀληθῶς ὁ προφήτης ὁ ἐρχόμενος εἰς τὸν κόσμον.			
<sup>15a</sup> Ἰησοῦς οὖν γινούς ὅτι μέλλουσιν ἔρχεσθαι καὶ ἀρπάζειν αὐτὸν ἵνα ποιήσωσιν βασιλέα,			
	<sup>6,45b</sup> ἕως αὐτὸς ἀπολύει τὸν ὄχλον. <sup>6,46a</sup> καὶ ἀποταξάμενος αὐτοῖς	<sup>14,22b</sup> ἕως οὗ ἀπολύσῃ τοὺς ὄχλους. <sup>14,23a</sup> καὶ ἀπολύσας τοὺς ὄχλους	
	<sup>8,9b</sup> καὶ ἀπέλυσεν αὐτούς.	<sup>15,39a</sup> Καὶ ἀπολύσας τοὺς ὄχλους	

15 <sup>b</sup> ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος.	6,46 <sup>b</sup> ἀπῆλθεν εἰς τὸ ὄρος προσεύξασθαι. *6,47 <sup>b</sup> καὶ αὐτὸς μόνος ἐπὶ τῆς γῆς.	14,23 <sup>b</sup> ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος κατ' ἰδίαν προσεύξασθαι. ὁψίας δὲ γενομένης μόνος ἦν ἐκεῖ.	9,18 <sup>a</sup> Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εἶναι αὐτὸν προσευχόμενον κατὰ μόνας
16 Ὡς δὲ ὁψία ἐγένετο κατέβησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἐπὶ τὴν θάλασσαν 17 <sup>a</sup> καὶ ἐμβάντες εἰς πλοῖον ἤρχοντο πέραν τῆς θαλάσσης εἰς Καφαρναούμ.	6,45 <sup>a</sup> Καὶ εὐθὺς ἠνάγκασεν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἐμβῆναι εἰς τὸ πλοῖον καὶ προάγειν εἰς τὸ πέραν πρὸς Βηθσαϊδάν, 8,10 Καὶ εὐθὺς ἐμβὰς εἰς τὸ πλοῖον μετὰ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἦλθεν εἰς τὰ μέρη Δαλμανουθά.	14,22 <sup>a</sup> Καὶ εὐθέως ἠνάγκασεν τοὺς μαθητὰς ἐμβῆναι εἰς τὸ πλοῖον καὶ προάγειν αὐτὸν εἰς τὸ πέραν, 15,39 <sup>b</sup> ἐνέβη εἰς τὸ πλοῖον καὶ ἦλθεν εἰς τὰ ὄρια Μαγαδάν.	
17 <sup>b</sup> καὶ σκοτία ἦδη ἐγεγόνει καὶ οὐπω ἐληλύθει πρὸς αὐτοὺς ὁ Ἰησοῦς,	6,47 <sup>ac</sup> Καὶ ὁψίας γενομένης [...] καὶ αὐτὸς μόνος ἐπὶ τῆς γῆς.	14,23 καὶ ἀπολύσας τοὺς ὄχλους ἀνέβη εἰς τὸ ὄρος κατ' ἰδίαν προσεύξασθαι. ὁψίας δὲ γενομένης μόνος ἦν ἐκεῖ.	
18 ἥ τε θάλασσα ἀνέμου μεγάλου πνέοντος διεγείρετο.	6,48 <sup>a</sup> καὶ ἰδὼν αὐτοὺς βασανιζομένους ἐν τῷ ἐλαύνειν, ἦν γὰρ ὁ ἄνεμος ἐναντίος αὐτοῖς,	14,24 <sup>b</sup> ἀπεῖχεν βασανιζόμενον ὑπὸ τῶν κυμάτων, ἦν γὰρ ἐναντίος ὁ ἄνεμος.	
19 <sup>a</sup> ἐληλακότες οὖν ὥς σταδίους εἴκοσι πέντε ἢ τριάκοντα	6,47 <sup>b</sup> ἦν τὸ πλοῖον ἐν μέσῳ τῆς θαλάσσης,	14,24 <sup>a</sup> Τὸ δὲ πλοῖον ἦδη σταδίους πολλοὺς ἀπὸ τῆς γῆς	
19 <sup>b</sup> θεωροῦσιν τὸν Ἰησοῦν περιπατοῦντα ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἐγγὺς τοῦ πλοίου γινόμενον, καὶ ἐφοβήθησαν.	6,48 <sup>b</sup> περὶ τετάρτην φυλακὴν τῆς νυκτὸς ἔρχεται πρὸς αὐτοὺς περιπατῶν ἐπὶ τῆς θαλάσσης καὶ ἠθέλην παρελθεῖν αὐτούς. 6,49 οἱ δὲ ἰδόντες αὐτὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης περιπατοῦντα ἔδοξαν ὅτι φάντασμα ἐστίν, καὶ ἀνέκραξαν · 6,50 <sup>a</sup> πάντες γὰρ αὐτὸν εἶδον καὶ ἐταράχθησαν.	14,25 τετάρτη δὲ φυλακὴ τῆς νυκτὸς ἦλθεν πρὸς αὐτοὺς περιπατῶν ἐπὶ τὴν θάλασσαν. 14,26 <sup>a</sup> οἱ δὲ μαθηταὶ ἰδόντες αὐτὸν ἐπὶ τῆς θαλάσσης περιπατοῦντα ἐταράχθησαν λέγοντες ὅτι φάντασμα ἐστίν, 14,26 <sup>b</sup> καὶ ἀπὸ τοῦ φόβου ἔκραξαν.	
20 ὁ δὲ λέγει αὐτοῖς· ἐγὼ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε.	6,50 <sup>b</sup> ὁ δὲ εὐθὺς ἐλάλησεν μετ' αὐτῶν, καὶ λέγει αὐτοῖς· θαρσεῖτε, ἐγὼ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε.	14,27 εὐθὺς δὲ ἐλάλησεν [ὁ Ἰησοῦς] αὐτοῖς λέγων· θαρσεῖτε, ἐγὼ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε.	
		14,28 Ἀποκριθεὶς δὲ αὐτῷ ὁ Πέτρος εἶπεν· κύριε, εἰ σὺ εἶ,	

		<p>κέλευσόν με ἔλθεῖν πρὸς σε ἐπὶ τὰ ὕδατα.  <sup>14,29</sup> ὁ δὲ εἶπεν· ἐλθέ. καὶ καταβάς ἀπὸ τοῦ πλοίου [ὁ] Πέτρος περιεπάτησεν ἐπὶ τὰ ὕδατα καὶ ἦλθεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν.  <sup>14,30</sup> βλέπων δὲ τὸν ἄνεμον [ἰσχυρὸν] ἐφοβήθη, καὶ ἄρξάμενος καταποντίζεσθαι ἔκραξεν λέγων· κύριε, σῶσόν με.  <sup>14,31</sup> εὐθέως δὲ ὁ Ἰησοῦς ἐκτείνας τὴν χεῖρα ἐπελάβετο αὐτοῦ καὶ λέγει αὐτῷ· ὀλιγόπιστε, εἰς τί ἐδίστασας;</p>	
<sup>21a</sup> ἤθελον οὖν λαβεῖν αὐτὸν εἰς τὸ πλοῖον,	<sup>6,51a</sup> καὶ ἀνέβη πρὸς αὐτοὺς εἰς τὸ πλοῖον <sup>6,51b</sup> καὶ ἐκόπασεν ὁ ἄνεμος, καὶ λίαν [ἐκ περισσοῦ] ἐν ἑαυτοῖς ἐξίσταντο· <sup>6,52</sup> οὐ γὰρ συνῆκαν ἐπὶ τοῖς ἄρτοις, ἀλλ' ἦν αὐτῶν ἡ καρδιά πεπωρωμένη.	<sup>14,32a</sup> καὶ ἀναβάντων αὐτῶν εἰς τὸ πλοῖον	
	<sup>6,52</sup> οὐ γὰρ συνῆκαν ἐπὶ τοῖς ἄρτοις, ἀλλ' ἦν αὐτῶν ἡ καρδιά πεπωρωμένη.	<sup>14,32b</sup> ἐκόπασεν ὁ ἄνεμος. <sup>14,33</sup> οἱ δὲ ἐν τῷ πλοίῳ προσεκύνησαν αὐτῷ λέγοντες· ἀληθῶς θεοῦ υἱὸς εἶ.	
<sup>21b</sup> καὶ εὐθέως ἐγένετο τὸ πλοῖον ἐπὶ τῆς γῆς εἰς ἣν ὑπῆγον.	<sup>6,53</sup> Καὶ διαπεράσαντες ἐπὶ τὴν γῆν ἦλθον εἰς Γεννησαρέτ καὶ προσωρμίσθησαν.	<sup>14,34</sup> Καὶ διαπεράσαντες ἦλθον ἐπὶ τὴν γῆν εἰς Γεννησαρέτ.	
João 6,22-34	<sup>8,11</sup> Καὶ ἐξῆλθον οἱ Φαρισαῖοι καὶ ἤρξαντο συζητεῖν αὐτῷ, ζητοῦντες παρ' αὐτοῦ σημεῖον ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ, πειράζοντες αὐτόν. <sup>8,12</sup> καὶ ἀναστενάξας τῷ πνεύματι αὐτοῦ λέγει· τί ἡ γενεὰ αὕτη ζητεῖ σημεῖον; ἀμὴν λέγω ὑμῖν, εἰ δοθήσεται τῇ γενεᾷ ταύτῃ σημεῖον. <sup>8,13</sup> καὶ ἀφείδεν αὐτοὺς πάλιν ἐμβὰς ἀπῆλθεν εἰς τὸ πέραν.	<sup>16,1</sup> Καὶ προσελθόντες οἱ Φαρισαῖοι καὶ Σαδδουκαῖοι πειράζοντες ἐπηρώτησαν αὐτὸν σημεῖον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἐπιδειξάιναι αὐτοῖς. <sup>16,2</sup> ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν αὐτοῖς· [ὁψίας γενομένης λέγετε· εὐδία, πυρράζει γὰρ ὁ οὐρανός· <sup>16,3</sup> καὶ πρωΐ· σήμερον χειμὼν, πυρράζει γὰρ στυγνάζων ὁ οὐρανός. τὸ μὲν πρόσωπον τοῦ οὐρανοῦ γινώσκετε διακρίνειν, τὰ δὲ	

	<p><sup>8,17</sup> καὶ γνοὺς λέγει αὐτοῖς· τί διαλογίζεσθε ὅτι ἄρτους οὐκ ἔχετε; οὐπω νοεῖτε οὐδὲ συνίετε; πεπωρωμένην ἔχετε τὴν καρδίαν ὑμῶν;</p> <p><sup>8,18</sup> ὁφθαλμοὺς ἔχοντες οὐ βλέπετε καὶ ὅτα ἔχοντες οὐκ ἀκούετε;</p> <p>καὶ οὐ μνημονεύετε,</p> <p><sup>8,19</sup> ὅτε τοὺς πέντε ἄρτους ἐκλάσα εἰς τοὺς πεντακισχιλίους, πόσους κοφίνους κλασμάτων πλήρεις ἦρατε; λέγουσιν αὐτῷ· δώδεκα.</p> <p><sup>8,20</sup> ὅτε τοὺς ἑπτὰ εἰς τοὺς τετρακισχιλίους, πόσων σφυρίδων πληρώματα κλασμάτων ἦρατε; καὶ λέγουσιν [αὐτῷ]· ἑπτὰ.</p> <p><sup>8,21</sup> καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· οὐπω συνίετε;</p>	<p>σημεῖα τῶν καιρῶν οὐ δύνασθε;]</p> <p><sup>16,4</sup> γενεὰ πονηρὰ καὶ μοιχαλὶς σημεῖον ἐπιζητεῖ, καὶ σημεῖον οὐ δοθήσεται αὐτῇ εἰ μὴ τὸ σημεῖον Ἰωνᾶ. καὶ καταλιπὼν αὐτοὺς ἀπῆλθεν.</p> <p><sup>16,8</sup> γνοὺς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· τί διαλογίζεσθε ἐν ἑαυτοῖς, ὀλιγόπιστοι, ὅτι ἄρτους οὐκ ἔχετε;</p> <p><sup>16,9</sup> οὐπω νοεῖτε, οὐδὲ μνημονεύετε τοὺς πέντε ἄρτους τῶν πεντακισχιλίων καὶ πόσους κοφίνους ἐλάβετε;</p> <p><sup>16,10</sup> οὐδὲ τοὺς ἑπτὰ ἄρτους τῶν τετρακισχιλίων καὶ πόσας σφυρίδας ἐλάβετε;</p> <p><sup>16,11</sup> πῶς οὐ νοεῖτε ὅτι οὐ περὶ ἄρτων εἶπον ὑμῖν; προσέχετε δὲ ἀπὸ τῆς ζύμης τῶν Φαρισαίων καὶ Σαδδουκαίων.</p> <p><sup>16,12</sup> τότε συνῆκαν ὅτι οὐκ εἶπεν προσέχειν ἀπὸ τῆς ζύμης τῶν ἄρτων ἀλλ' ἀπὸ τῆς διδαχῆς τῶν Φαρισαίων καὶ Σαδδουκαίων.</p>	
<b>João 6,35-58</b> <b>O discurso do “pão da vida”</b>			
<sup>60</sup> Πολλοὶ οὖν ἀκούσαντες ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ εἶπαν· σκληρὸς ἐστὶν ὁ λόγος οὗτος· τίς δύναται αὐτοῦ ἀκούειν;	<sup>8,32</sup> καὶ παρρησίᾳ τὸν λόγον ἐλάλει. καὶ προσλαβόμενος ὁ Πέτρος αὐτὸν ἤρξατο ἐπιτιμᾶν αὐτῷ.	<sup>16,22</sup> καὶ προσλαβόμενος αὐτὸν ὁ Πέτρος ἤρξατο ἐπιτιμᾶν αὐτῷ λέγων· ἰλεώς σοι, κύριε· οὐ μὴ ἔσται σοι τοῦτο.	
<sup>61</sup> εἰδὼς δὲ ὁ Ἰησοῦς ἐν ἑαυτῷ ὅτι γογγύζουσιν περὶ τούτου οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἶπεν αὐτοῖς·	<sup>8,31</sup> Καὶ ἤρξατο διδάσκειν αὐτοὺς ὅτι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου πολλὰ παθεῖν καὶ	<sup>16,21</sup> Ἀπὸ τότε ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς δεικνύειν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι δεῖ αὐτὸν εἰς Ἱεροσόλυμα ἀπελθεῖν καὶ πολλὰ	<sup>9,22</sup> εἰπὼν ὅτι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου πολλὰ παθεῖν καὶ ἀποδοκιμασθῆναι ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ

<p>τοῦτο ὑμᾶς σκανδαλίζει;  <sup>62</sup> ἐὰν οὖν θεωρῇτε τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἀναβαίνοντα ὅπου ἦν τὸ πρότερον;  <sup>63</sup> τὸ πνεῦμά ἐστιν τὸ ζωοποιῶν, ἡ σὰρξ οὐκ ὠφελεῖ οὐδέν· τὰ ῥήματα ἃ ἐγὼ λελάληκα ὑμῖν πνεῦμά ἐστίν καὶ ζωὴ ἐστίν.  <sup>64</sup> ἀλλ' εἰσὶν ἐξ ὑμῶν τινες οἳ οὐ πιστεύουσιν. ἥδει γὰρ ἐξ ἀρχῆς ὁ Ἰησοῦς τίνες εἰσὶν οἳ μὴ πιστεύοντες καὶ τίς ἐστίν ὁ παραδώσων αὐτόν.  <sup>65</sup> καὶ ἔλεγεν· διὰ τοῦτο εἶρηκα ὑμῖν ὅτι οὐδεὶς δύναται ἐλθεῖν πρὸς με ἐὰν μὴ ἦ δεδομένον αὐτῷ ἐκ τοῦ πατρὸς.</p>	<p>ἀποδοκιμασθῆναι ὑπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ τῶν ἀρχιερέων καὶ τῶν γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ μετὰ τρεῖς ἡμέρας ἀναστῆναι·</p> <p><sup>8,34</sup> Καὶ προσκαλεσάμενος τὸν ὄχλον σὺν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ εἶπεν αὐτοῖς· εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἀκολουθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκολουθεῖτω μοι.  <sup>8,35</sup> ὃς γὰρ ἐὰν θέλῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι ἀπολέσει αὐτήν· ὃς δ' ἂν ἀπολέσει τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ καὶ τοῦ εὐαγγελίου σώσει αὐτήν.  <sup>8,36</sup> τί γὰρ ὠφελεῖ ἄνθρωπον κερδῆσαι τὸν κόσμον ὅλον καὶ ζημιωθῆναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ;  <sup>8,37</sup> τί γὰρ δοῖ ἄνθρωπος ἀντάλλαγμα τῆς ψυχῆς αὐτοῦ;  <sup>8,38</sup> ὃς γὰρ ἐὰν ἐπαισχυθῇ με καὶ τοὺς ἐμοὺς λόγους ἐν τῇ γενεᾷ ταύτῃ τῇ μοιχαλίδι καὶ ἀμαρτωλῷ, καὶ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐπαισχυθήσεται αὐτόν, ὅταν ἔλθῃ ἐν τῇ δόξῃ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ μετὰ τῶν ἀγγέλων τῶν ἁγίων.  <sup>9,1</sup> Καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἰσὶν τινες ὧδε τῶν ἐσθηκόντων οἳ τινες οὐ μὴ γεύσονται θανάτου ἕως ἂν ἴδωσιν τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ</p>	<p>παθεῖν ἀπὸ τῶν πρεσβυτέρων καὶ ἀρχιερέων καὶ γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ ἐγερθῆναι.</p> <p><sup>16,24</sup> Τότε ὁ Ἰησοῦς εἶπεν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ· εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἐλθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκολουθεῖτω μοι.  <sup>16,25</sup> ὃς γὰρ ἐὰν θέλῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι ἀπολέσει αὐτήν· ὃς δ' ἂν ἀπολέσῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ εὕρήσει αὐτήν.  <sup>16,26</sup> τί γὰρ ὠφεληθήσεται ἄνθρωπος ἐὰν τὸν κόσμον ὅλον κερδῇ τὴν δὲ ψυχὴν αὐτοῦ ζημιωθῇ; ἢ τί δώσει ἄνθρωπος ἀντάλλαγμα τῆς ψυχῆς αὐτοῦ;  <sup>16,27</sup> μέλλει γὰρ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἔρχεσθαι ἐν τῇ δόξῃ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ μετὰ τῶν ἀγγέλων αὐτοῦ, καὶ τότε ἀποδώσει ἐκάστῳ κατὰ τὴν πράξιν αὐτοῦ.  <sup>16,28</sup> Ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι εἰσὶν τινες τῶν ὧδε ἐστώτων οἳ τινες οὐ μὴ γεύσονται θανάτου ἕως ἂν ἴδωσιν τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἐρχόμενον ἐν τῇ βασιλείᾳ αὐτοῦ.</p>	<p>ἀρχιερέων καὶ γραμματέων καὶ ἀποκτανθῆναι καὶ τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ ἐγερθῆναι.  <sup>9,23</sup> Ἐλεγεν δὲ πρὸς πάντας· εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἔρχεσθαι, ἀρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καθ' ἡμέραν καὶ ἀκολουθεῖτω μοι.  <sup>9,24</sup> ὃς γὰρ ἂν θέλῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ σῶσαι ἀπολέσει αὐτήν· ὃς δ' ἂν ἀπολέσῃ τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἕνεκεν ἐμοῦ οὗτος σώσει αὐτήν.  <sup>9,25</sup> τί γὰρ ὠφελεῖται ἄνθρωπος κερδῆσας τὸν κόσμον ὅλον ἑαυτὸν δὲ ἀπολέσας ἢ ζημιωθεῖς;  <sup>9,26</sup> ὃς γὰρ ἂν ἐπαισχυθῇ με καὶ τοὺς ἐμοὺς λόγους, τοῦτον ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐπαισχυθήσεται, ὅταν ἔλθῃ ἐν τῇ δόξῃ αὐτοῦ καὶ τοῦ πατρὸς καὶ τῶν ἁγίων ἀγγέλων.  <sup>9,27</sup> λέγω δὲ ὑμῖν ἀληθῶς, εἰσὶν τινες τῶν αὐτοῦ ἐσθηκόντων οἳ οὐ μὴ γεύσονται θανάτου ἕως ἂν ἴδωσιν τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ.</p>
--	---	--	--

	ἐληλυθυῖαν ἐν δυνάμει.		
<sup>66</sup> Ἐκ τούτου πολλοὶ [ἐκ] τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἀπῆλθον εἰς τὰ ὀπίσω καὶ οὐκέτι μετ' αὐτοῦ περιεπάτουν.	<sup>8,33</sup> ὁ δὲ ἐπιστραφεὶς καὶ ἰδὼν τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ ἐπετίμησεν Πέτρῳ καὶ λέγει· ὑπάγε ὀπίσω μου, σατανᾶ, ὅτι οὐ φρονεῖς τὰ τοῦ θεοῦ ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων.	<sup>16,23</sup> ὁ δὲ στραφεὶς εἶπεν τῷ Πέτρῳ· ὑπάγε ὀπίσω μου, σατανᾶ· σκάνδαλον εἶ ἐμοῦ, ὅτι οὐ φρονεῖς τὰ τοῦ θεοῦ ἀλλὰ τὰ τῶν ἀνθρώπων.	
<sup>67</sup> εἶπεν οὖν ὁ Ἰησοῦς τοῖς δώδεκα· μὴ καὶ ὕμεῖς θέλετε ὑπάγειν;	<sup>8,27</sup> Καὶ ἐξῆλθεν ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὰς κώμας Καισαρείας τῆς Φιλίππου· καὶ ἐν τῇ ὁδῷ ἐπηρώτα τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ λέγων αὐτοῖς· τίνα με λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι; <sup>8,28</sup> οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ λέγοντες [ὅτι] Ἰωάννην τὸν βαπτιστὴν, καὶ ἄλλοι Ἠλίαν, ἄλλοι δὲ ὅτι εἷς τῶν προφητῶν. <sup>8,29a</sup> καὶ αὐτὸς ἐπηρώτα αὐτούς· ὑμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι;	<sup>16,13</sup> Ἐλθὼν δὲ ὁ Ἰησοῦς εἰς τὰ μέρη Καισαρείας τῆς Φιλίππου ἠρώτα τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ λέγων· τίνα λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου; <sup>16,14</sup> οἱ δὲ εἶπαν· οἱ μὲν Ἰωάννην τὸν βαπτιστὴν, ἄλλοι δὲ Ἠλίαν, ἄλλοι δὲ Ἰερεμίαν ἢ ἓνα τῶν προφητῶν. <sup>16,15</sup> λέγει αὐτοῖς· ὑμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι;	<sup>9,18</sup> Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εἶναι αὐτὸν προσευχόμενον κατὰ μόνας συνῆσαν αὐτῷ οἱ μαθηταί, καὶ ἐπηρώτησεν αὐτοὺς λέγων· τίνα με λέγουσιν οἱ ὄχλοι εἶναι; <sup>9,19</sup> οἱ δὲ ἀποκριθέντες εἶπαν· Ἰωάννην τὸν βαπτιστὴν, ἄλλοι δὲ Ἠλίαν, ἄλλοι δὲ ὅτι προφήτης τις τῶν ἀρχαίων ἀνέστη. <sup>9,20</sup> α εἶπεν δὲ αὐτοῖς· ὕμεῖς δὲ τίνα με λέγετε εἶναι;
<sup>68</sup> ἀπεκρίθη αὐτῷ Σίμων Πέτρος· κύριε, πρὸς τίνα ἀπελευσόμεθα; ρήματα ζωῆς αἰωνίου ἔχεις, <sup>69</sup> καὶ ἡμεῖς πεπιστεύκαμεν καὶ ἐγνώκαμεν ὅτι σὺ εἶ ὁ ἅγιος τοῦ θεοῦ.	<sup>8,29b</sup> ἀποκριθεὶς ὁ Πέτρος λέγει αὐτῷ· σὺ εἶ ὁ χριστός.	<sup>16,16</sup> ἀποκριθεὶς δὲ Σίμων Πέτρος εἶπεν· σὺ εἶ ὁ χριστὸς ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ τοῦ ζῶντος.	<sup>9,20b</sup> Πέτρος δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν· τὸν χριστὸν τοῦ θεοῦ.
		<sup>16,17</sup> Ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ· μακάριος εἶ, Σίμων Βαριωνᾶ, ὅτι σὰρξ καὶ αἷμα οὐκ ἀπεκάλυψέν σοι ἀλλ' ὁ πατήρ μου ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς. <sup>16,18</sup> καὶ γὰρ δέ σοι λέγω ὅτι σὺ εἶ Πέτρος, καὶ ἐπὶ ταύτῃ τῇ πέτρᾳ οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν καὶ πύλαι ᾧδου οὐ κατισχύσουσιν αὐτῆς. <sup>16,19</sup> δώσω σοι τὰς κλεῖδας τῆς βασιλείας	

		τῶν οὐρανῶν, καὶ ὁ ἐὰν δήσῃς ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται δεδεμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς, καὶ ὁ ἐὰν λύσῃς ἐπὶ τῆς γῆς ἔσται λελυμένον ἐν τοῖς οὐρανοῖς.	
<sup>70</sup> ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς· οὐκ ἐγὼ ὑμᾶς τοὺς δώδεκα ἐξελεξάμην; καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν. <sup>71</sup> ἔλεγεν δὲ τὸν Ἰούδαν Σίμωνος Ἰσκαριώτου· οὗτος γὰρ ἔμελλεν παραδιδόναι αὐτόν, εἷς ἐκ τῶν δώδεκα.	<sup>8,30</sup> καὶ ἐπετίμησεν αὐτοῖς ἵνα μηδενὶ λέγωσιν περὶ αὐτοῦ.	<sup>16,20</sup> Τότε διεστείλατο τοῖς μαθηταῖς ἵνα μηδενὶ εἴπωσιν ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ χριστός.	<sup>9,21</sup> ὁ δὲ ἐπιτιμήσας αὐτοῖς παρήγγειλεν μηδενὶ λέγειν τοῦτο

#### 2.4.1 Aproximações e distanciamentos

Como primeira observação, sublinha-se que Jo usa, simultaneamente e com muita liberdade, as duas versões sinóticas da multiplicação de pães e de peixes. Na primeira parte (6,1-15), há mais elementos da primeira versão, uma vez que não se tem a repetição da narrativa da travessia no mar, com Jesus andando sobre as águas, como em Mt e Mc. Percebem-se pequenas variações, como em relação ao verbo que inicia a transição da narrativa. Em seis narrativas, há cinco verbos distintos para descrever a ação de Jesus ao se deslocar para a outra margem do lago. Mc 7,31: *ἐξέρχομαι*; Mt 14,13: *ἀναχωρέω*; Mt 15,29: *έρχομαι*; Lc 9,10: *ὑποχωρέω*. Já, em João 6,1, encontra-se o verbo *ἀπέρχομαι*, o mesmo utilizado em Mc 6,32.

Outro detalhe interessante, em 6,1, são as descrições da travessia e do ponto de chegada. Em Mc 6,32 e em Mt 14,13, Jesus foi para um lugar deserto (*ἔρημον τόπον*); Mc 7,31 menciona as cidades de Tiro e Sidon e, ainda, a região de Decápolis (*Τύρον, Σιδῶνος, Δεκαπόλεως*); Lc 9,10 cita a cidade de Betsaida (*Βηθσαϊδά*) como destino da viagem; Mt 15,29 só informa que Jesus atravessou o mar da Galileia. Jo 6,1.23 cita Tiberíades (*Τιβεριάδος*). Isso pode ajudar a datar a redação do texto, pois o lago da Galileia só é chamado de Tiberíades no final do primeiro século.<sup>42</sup>

Em todas as narrativas, tem-se a descrição do encontro de Jesus com a multidão, que o segue a pé para o outro lado do mar. Porém, há um destaque, na narrativa joanina, para a

<sup>42</sup> KONINGS, 2017, p. 206.

percepção de Jesus quanto à presença da multidão. Em Mc 6,34 e Mt 14,14, aparece, apenas, o verbo *ὁράω* (ver) para descrever a percepção de Jesus. Em Jo 6,5, porém, acha-se uma construção mais complexa: *Ἐπάρας οὖν τοὺς ὀφθαλμοὺς ὁ Ἰησοῦς καὶ θεασάμενος ὅτι πολὺς ὄχλος ἔρχεται πρὸς αὐτόν*<sup>43</sup>. João destaca a ação de Jesus em “levantar os olhos” e, então, ver/contemplar a multidão. Para isso, utiliza o verbo *θεάομαι*, e não *ὁράω*. Em Lucas e na segunda multiplicação de Mateus e Marcos, não se encontra a menção de que Jesus vê a multidão.

Em Jo 6,5, há outra adaptação. Diante da compaixão de Jesus pela multidão faminta, surge uma pergunta sobre “como seria possível alimentar a multidão naquele lugar deserto”. Essa pergunta não existe na primeira narrativa de Marcos e Mateus, nem na narrativa de Lucas, mas sim na segunda multiplicação. Porém, quem faz a pergunta é outro. Enquanto, em Mc 8,4 e Mt 15,33, a pergunta é feita pelos discípulos a Jesus, em João, é invertida e mais direcionada, pois Jesus é quem pergunta, não aos discípulos, e sim, apenas a Filipe: *λέγει πρὸς Φίλιππον· πόθεν ἀγοράσωμεν ἄρτους ἵνα φάγωσιν οὗτοι*<sup>44</sup>. Percebe-se que essa pergunta de Jesus está associada à informação de Jo 6,6, onde o redator afirma que Jesus pergunta apenas para colocar Filipe à prova, pois ele “sabia o que estava para fazer”: *τοῦτο δὲ ἔλεγεν πειράζων αὐτόν· αὐτὸς γὰρ ᾔδει τί ἔμελλεν ποιεῖν*<sup>45</sup>.

O versículo 11 tem grande relevância para a análise, pois apresenta uma sequência de verbos importantes: *λαμβάνω* (tomar/receber), *εὐχαριστέω* (dar graças) e *διαδίδωμι* (distribuir/dar). O verbo *λαμβάνω* aparece em todas as versões. Já *εὐχαριστέω* aparece, apenas, em Mc 8,6 e Mt 15,36, ou seja, na segunda narrativa de ambos evangelhos. Levando-se em conta a utilização do verbo *ἀνατίπτω* (6,10), pode-se reforçar que a narrativa joanina tem elementos comuns, tanto com as primeiras narrativas de Marcos e Mateus, como com a segunda versão de cada um deles. O verbo *εὐχαριστέω* não é exclusivo da narrativa joanina e aparece pouco no EJ, três vezes apenas (6,11; 6,23; 11,41). Apesar disso, nota-se que é um verbo-chave para a perícopes e para toda mensagem joanina, pois, como afirma Konings:

O gesto de Jesus e a terminologia [do verbo] fazem pensar na fração do pão sob a ação de graças (= eucaristia), característica da assembleia cristã dos primeiros tempos – refeição ao mesmo tempo fraterna e messiânica. Tal alusão à bênção e fração/distribuição do pão por Jesus (cf. o v. 23) prepara a parte “eucarística” do diálogo, Jo 6.51-58.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> Trad.: “Então, erguendo Jesus os olhos e vendo que grande multidão vem em direção a ele”.

<sup>44</sup> Trad.: “De onde compraremos pães para que estes comam?”

<sup>45</sup> Trad.: “E dizia isto provando a ele; pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer”.

<sup>46</sup> KONINGS, 2017, p. 209.

Ainda a respeito do v. 11, ressalta o terceiro verbo citado, que descreve a distribuição dos pães e peixes por Jesus. Enquanto nos sinóticos Jesus parte os pães (por exemplo em Mt 14,19, κλάσας ἔδωκεν) e dá aos discípulos para que distribuíssem, em João, é Jesus quem distribui os pães para a multidão<sup>47</sup>. Além disso, enquanto nos sinóticos aparecem dois verbos para descrever a ação de *partir* e *dar* (κλάω e δίδωμι), João utiliza apenas um verbo, exclusivo de sua narrativa: διαδίδωμι.

Com relação à travessia do mar, surge uma adaptação importante. Tanto Mc 6,45-52 quanto Mt 14,22-33 apresentam uma visão mais pessimista acerca dos discípulos em relação a essa experiência. Segundo os sinóticos, os discípulos sentem medo ao verem Jesus andando sobre as águas, pensando se tratar de um fantasma (Mc 6,49 e Mt 14,26). Jesus exorta-os a não terem medo. Em Marcos, ele logo sobe no barco e o vento cessa. Contudo, os discípulos continuam perplexos. Marcos finaliza seu relato com uma dura crítica aos discípulos: “οὐ γὰρ συνῆκαν ἐπὶ τοῖς ἄρτοις, ἀλλ’ ἦν αὐτῶν ἡ καρδιά πεπωρωμένη”<sup>48</sup> (Mc 6,52). Mateus tem uma crítica mais branda. A cena mateana acrescenta o episódio de Pedro indo ao encontro de Jesus sobre as águas. Todavia, por medo, começa a afundar e é exortado por Jesus: “ὀλιγόπιστε, εἰς τί ἐδίστασας”<sup>49</sup> (Mt 14,31).

A narrativa joanina, porém, tem uma mudança significativa. Enquanto os sinóticos são pessimistas em relação aos discípulos nesse episódio, João apresenta uma visão misteriosa acerca deles e faz isso de forma muito sutil. Esse suspense será desvendado ao final da narrativa. Para percebermos isso, basta uma brevíssima análise narrativa dessa perícopa:

<b>João 6,16-21</b>	
Situação inicial	<sup>16</sup> Quando, então, tarde se fez, desceram os seus discípulos para o mar, <sup>17</sup> E tendo entrado no barco, foram indo para o outro lado do mar, para Cafarnaum. E a escuridão já se tinha feito e ainda não viera até eles Jesus. <sup>18</sup> E o mar, por um vento forte soprando, empolava-se. <sup>19</sup> Tendo, pois, remado quase vinte e cinco ou trinta estádios,

<sup>47</sup> A versão de João 6,11 da 2ª edição de *The Greek New Testament according to the Majority Text* (2008, p. 376) segue o roteiro dos sinóticos (Jesus dá os pães aos discípulos e esses distribuem à multidão: ελαβε δε τους αρτους ο ιησους και ευχαριστησας διεδωκε τοις μαθηταις οι δε μαθηται τοις ανακειμενοις ομοιως και εκ των οψαριων οσον ηθελον.

<sup>48</sup> Trad.: “De fato, não tinham compreendido nada a respeito dos pães. O coração deles continuava endurecido”.

<sup>49</sup> Trad.: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”

Nó/complicação	veem Jesus andando sobre o mar e vindo a ser perto do barco, e temeram.
Ação Transformadora	<sup>20</sup> Então diz a eles: “Eu sou, não temais”.
Desenlace	<sup>21</sup> Queriam, então, recebê-lo no barco,
Situação Final	e logo chegou o barco à terra para a qual estavam indo.

Nessa perspectiva, indica-se como nó/complicação o medo dos discípulos ao verem Jesus andando sobre as águas em meio ao caos. A ação transformadora, então, se caracteriza nas palavras de Jesus, principalmente na expressão “ἐγώ εἰμι”. Segundo Beutler, essa expressão deve ser vista numa perspectiva cristológica:

Em João, essas palavras não são uma fórmula de identificação como nos paralelos sinóticos, segundo os quais os discípulos pensam ver em Jesus um fantasma. João transformou a fórmula de identificação numa fórmula de revelação: “Sou eu”. Esta lembra as fórmulas semelhantes no Dêutero-Isaías (Is 43,25; 51,12; 52,6) com as quais Deus se revela como salvador de seu povo. Aparentada a essa é a outra fórmula com a qual Deus se revela a seu povo e exorta a não ter medo (Is 43,1; 44,2.8). A aparição da divindade e a exortação a não ter medo pertencem ao gênero da epifania (cf. Gn 15,1; Lc 1,30). A epifania de Jesus em Jo 16,16-21 cabe bem na sequência do contexto entre o discurso de Jesus acerca de sua dignidade e sua participação nas obras próprias de Deus, em Jo 5,19-30, e o discurso de autorrevelação em Jo 6,22-58.<sup>50</sup>

Como desenlace, a situação oposta ao nó, o medo dá lugar à vontade de receber Jesus no barco. João usa aqui uma expressão muito importante: “Queriam, então, recebê-lo (*λαβεῖν*) no barco”. O verbo *λαμβάνω* aparece 46 vezes em Jo, das quais, pelo menos a metade está relacionada ao ato de acolhimento de Jesus, de seus gestos e suas palavras. Nota-se, então, uma relação com Jo 1,12:

<sup>1,12</sup> ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν αὐτοῖς ἐξουσίαν τέκνα θεοῦ γενέσθαι, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ,	A quantos, porém, a acolheram, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus: são os que creem no seu nome.
--	--

Reforçando essa ideia, cita-se ainda o fato de o verbo *θέλω* (querer) aparecer, também, em Jo 6,67 (μὴ καὶ ὑμεῖς θέλετε ὑπάγειν;<sup>51</sup>), quando Jesus questionou os Doze se eles também desejavam partir. *θέλω* e *λαμβάνω* auxiliam João em sua articulação narrativa acerca do drama

<sup>50</sup> BEUTLER, 2015, p. 173.

<sup>51</sup> Trad.: “Não quereis também vós partir?”

da opção pró ou contra Jesus. Em Jo 6,20, os discípulos desejam (*θέλω*) receber (acolher) Jesus no barco. No entanto, esse desejo é visto com desconfiança, afinal, Jesus não entra no barco que, mesmo assim, chega ao seu destino (situação final).

Por isso, diferente das narrativas sinóticas, João tem, num primeiro momento, uma perspectiva aberta acerca dos discípulos. Não se sabe ainda que posição tomarão diante do sinal realizado. Essa perspectiva tem, como demonstrado, relação com a parte final (6,60-71) em que o acolhimento manifestado (*θέλω*) será colocado à prova pelas palavras de Jesus. Ao final, haverá uma distinção importante entre “discípulos” e um grupo mais específico, “os Doze”, representado por Pedro. Enquanto os discípulos abandonarão Jesus (visão pessimista como de Mc e Mt), João terá uma visão otimista acerca dos Doze, que confessarão Jesus como “Santo de Deus” (6,68-69).

Na parte do diálogo de revelação (6,25-58), há também algumas adaptações. Em Marcos, após a travessia do mar, os fariseus pedem a Jesus que realize um sinal. Porém, ele diz que nenhum sinal seria dado àquela geração. Na sequência, novamente com uma visão pessimista dos discípulos, Marcos enfatiza que ainda não haviam entendido o milagre dos pães porque tinham o coração duro (Mc 8,11-21). Mateus segue numa perspectiva próxima, acrescentando que, além dos fariseus, os saduceus estavam interessados em um sinal. Jesus responde dizendo que o único sinal a ser oferecido seria o de Jonas<sup>52</sup>. Na sequência, também se afirma que os discípulos ainda não entenderam o significado da multiplicação de pães e peixes, pois foram contaminados com o fermento dos fariseus e dos saduceus, que é a incredulidade. Por fim, Mateus afirma que os discípulos até entenderam que o fermento não se tratava de pão em si, mas era uma metáfora a respeito dos fariseus e saduceus – sem muito resultado prático (Mt 16,1-12).

João segue um esquema parecido. Entretanto, faz uma adaptação. No início da seção, em 6,22-24, quem pede um novo sinal é a multidão e não os fariseus e/ou saduceus. Interessante perceber que, em João, a mesma multidão é acusada por Jesus de não ter entendido ainda o significado do sinal da multiplicação de pães e peixes, acusação que nos sinóticos recai sobre os ombros dos discípulos. Mais uma vez, João ofusca o aspecto negativo da memória sinótica deste episódio e insere um suspense em relação ao veredito de incredulidade tão rapidamente decretado em Mc e Mt. Lucas, em contrapartida, escolhe o silêncio em relação aos discípulos.

Por fim, pode-se analisar a interlocução final entre Jesus e os discípulos, em que aparece uma alteração muito significativa alinhada com as modificações nas seções anteriores. Marcos

---

<sup>52</sup> Uma referência à sua morte e ressurreição.

(8,27-33), Mateus (16,13-23) e Lucas (9,18-22) seguem a mesma lógica ao relatarem a primeira parte da confissão de Pedro (Lucas omite a segunda parte). No relato, Jesus questiona seus discípulos sobre o que tem sido dito a respeito dele. Por fim, pergunta acerca de sua identidade aos próprios discípulos. Então, Pedro responde: “Tu és o Cristo” (Mc 8,29); “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16); e, “Tu és o Cristo de Deus” (Lc 9,20).

Em seguida, Jesus começa a ensinar a respeito do significado de sua identidade messiânica. Ao apresentar a perspectiva do sofrimento, da rejeição e da morte, é repreendido por Pedro que rejeita suas palavras. Numa cena dramática, Jesus repreende Pedro e o chama de Satanás, afinal, ele agora cogita coisas de seres humanos e não coisas de Deus. Lucas omite essa parte.

Há algumas mudanças consideráveis. Primeiro, João inverte a ordem da cena. Nos sinóticos, Pedro confessa Jesus como Cristo e, em seguida, rejeita suas palavras. Por isso, é repreendido, sendo chamado de Satanás. Em João, primeiro as palavras de Jesus são rejeitadas, não por Pedro, e sim por um grupo que o evangelista denomina de “muitos dentre os seus discípulos” (6,60). Jesus insiste em suas palavras, ainda assim, esses discípulos abandonam o discipulado. João utiliza uma construção literária parecida com a dos sinóticos:

<b>João 6,66</b>	<b>Marcos 8,33</b>	<b>Mateus 16,16</b>
τῶν μαθητῶν αὐτοῦ ἀπῆλθον εἰς τὰ ὀπίσω καὶ οὐκέτι μετ' αὐτοῦ περιεπάτουν.	ἔπαγε ὀπίσω μου, σατανᾶ	ἔπαγε ὀπίσω μου, σατανᾶ·

Na ordem inversa, após a rejeição das palavras que são consideradas duras de se ouvir, Jesus questiona os Doze acerca de sua opção de fé. Então, Pedro apresenta sua confissão de fé a Jesus: “Senhor, para quem iremos? Palavras de vida eterna tens. E nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (6,68-69).

Além da inversão, João elimina o suspense a respeito da figura de Pedro. Se nos sinóticos é chamado de Satanás, aqui é apresentado como um verdadeiro discípulo, que se mantém firme em sua confissão de fé, sem titubear. Mesmo assim, o evangelista emite um alerta a respeito da fragilidade dessa confissão: “Não eu vos escolhi doze? E um de vós é diabo” (6,70). Como observa Beutler, a conotação de oposição recai inteiramente sobre Judas Iscariotes, identificado como diabo pelo próprio Jesus (6,70-71).<sup>53</sup> Sobre a perspectiva joanina acerca de Judas, Beutler afirma:

<sup>53</sup> BEUTLER, 2015, p. 187.

A imagem negativa de Judas atinge, no Novo Testamento, seu auge no Evangelho segundo João. Ele é um *diábolos*, tachado como traidor (6,71; 13,2). Como administrador da caixa comum dos discípulos, ele criticou a unção de Jesus, não por motivos altruístas, mas porque era ladrão e desviava o dinheiro que lhe era confiado (Jo 12,6). Esta tendência de pintar Judas com tinta sombria prolonga-se na história da Igreja, até nas versões barrocas da *Legenda Aurea*.<sup>54</sup>

Segundo o autor, o quarto evangelista não podia mais aceitar uma imagem de Pedro que tanto se opusesse a Jesus, contudo, deveria servir de exemplo para a fé da comunidade leitora. Por isso, apesar da tripla negação ser relatada, o Pedro joanino mostra arrependimento e volta à fé em Jesus e ao seu amor inicial antes de receber a incumbência de ser o pastor do rebanho de Israel (Jo 21,15-17).<sup>55</sup>

## 2.4.2 O material exclusivo de João

Ao observar o quadro sinótico simplificado do capítulo anterior (seção 1.4.1) e a sinopse detalhada apresentada acima, verifica-se que a perícopes de João 6,1-71 demonstra uma quantidade considerável de material exclusivo, que não se encontra nas demais narrativas sinóticas. Esse fato reforça a realidade de que o EJ utiliza essa memória popular com muita liberdade, imprimindo nela sua peculiaridade, o que permite perceber suas intenções específicas e sua teologia. Segue-se uma síntese desse material exclusivo que será fundamental para os próximos passos da análise:

6,2b	a multidão segue Jesus por vê-lo fazer sinais
6,4	menção de que a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima
6,6a	Jesus coloca Filipe à prova diante da situação da multidão
6,6b	Jesus sabe de tudo o que vai acontecer, é soberano na cena, por isso, testa Filipe
6,10c	Uso da expressão “o lugar” <sup>56</sup>
6,12b	Jesus ordena que se recolham as sobras dos pães
6,14	por conta do sinal realizado, Jesus é identificado como o “profeta que vem ao mundo”
6,15a	Jesus se retira sozinho para o monte ao perceber que desejam fazê-lo rei

<sup>54</sup> BEUTLER, 2015, p. 187.

<sup>55</sup> BEUTLER, 2015, p. 186-187.

<sup>56</sup> A respeito da importância dessa expressão, veja a seção 3.4.1.1.

6,34-59	O discurso do “pão da vida”
6,60-71	percebemos aproximação com os sinóticos, todavia, com grandes adaptações por conta da intenção literária de João.

### 2.4.3 Tradições de Moisés em João 6

Ao analisar Jo 6,1-71, especialmente o material exclusivo detalhado acima, é impossível não notar alusões à figura de Moisés. Diversas pesquisas têm demonstrado que a imagem de Moisés circulava com muita força no primeiro século.<sup>57</sup> Mais do que qualquer outro personagem veterotestamentário, Moisés influenciou na identidade de diversas comunidades cristãs primitivas e impactou a construção de inúmeras narrativas identitárias desses grupos. Diante do conflito com “os judeus”<sup>58</sup>, a figura de Moisés será de grande importância para a construção narrativa do EJ, que utiliza com muita liberdade essa tradição veterotestamentária. Especialmente em Jo 6,1-71, encontramos em Jesus muitos paralelos com Moisés. Uma vez que a fé estava ameaçada, fortalecer a identidade de Jesus é fundamental para a comunidade joanina. Sendo a sinagoga uma das principais ameaças, João “constrói” seu protagonista, Jesus, com conotações do protagonista do grupo rival, no caso, Moisés.

O EJ estava inserido nas redes textuais do final do primeiro século, e esse contato foi determinante para o processo de recepção dessa tradição, difundida através da literatura (canônica e não canônica) ou através da oralidade popular. Em relação à intertextualidade, especialmente a respeito da literatura não canônica, pode-se destacar alguns paralelos. Em *Testamento de Moisés* (= TestMo), Moisés é descrito como mediador/intercessor do povo; faz-se menção da tradição de Dt 18,15 sobre “o profeta” que deveria vir ao mundo. Então, Josué aparece como seu substituto, possivelmente como o profeta prometido (TestMo 10,15). Além disso, mesmo sendo substituído, Moisés é considerado o grande profeta de Deus e vidente apocalíptico (TestMo 11,16). Essa mesma tradição de Moisés como profeta encontramos em *Jubileus*, que enfatiza que ele recebe revelações, ou seja, sabe o que vai acontecer. O imaginário do monte recebe destaque, pois narra Moisés subindo o monte para receber a Lei e, assim, ensiná-la ao povo. *Quarto Esdras*, também, apresenta o tema do ensino ao povo por meio de revelações. Um aspecto interessante consiste em Esdras, personagem central, ser retratado como um novo Moisés, apesar de ser um profeta que não está sujeito à autoridade de Moisés, antes, se apoia na sabedoria apocalíptica de revelação. Em Filo tem-se Moisés como o judeu ideal, aquele que compartilha o título com Deus, pois sua subida ao monte é vista como uma entronização. Para Filo, Moisés é “o profeta”.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> SIQUEIRA, Felipe Bagli. *Conotações mosaicas no Jesus Joanino: a recepção das tradições de Moisés na perícopa de João 6.1-15*. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

<sup>58</sup> Veja a seção 1.3.

<sup>59</sup> SIQUEIRA, 2018, f. 89-90.

Segue-se o quadro comparativo com algumas dessas aproximações:

<b>João 6.1-71</b>	<b>Algumas tradições</b>
Jesus atravessa o mar (6,1.17.19)	Livro do Êxodo (Pentateuco) e alguns Salmos (p. ex.: Sl 105,26-27)
Jesus sobe o monte e ensina (6,3)	Livro do Êxodo (Pentateuco);
	Jubileus: Jesus sobe o monte, recebe a Lei e ensina ao povo;
	Filo: Subir o monte como símbolo de entronização;
Jesus é “o profeta que vem para o mundo” (6,14)	Dt 18,15; 34,10-11
	TestMo 10,15: Josué é o substituto de Moisés;
	TestMo: acentua o ofício de profeta;
	Filo: Moisés é “o profeta”
Jesus como rei (6,15)	Filo: Subir ao monte como símbolo de entronização;
	Ex 4,20;
Jesus dá uma ordem [ênfase no que Ele diz] (6,10)	4Esdras: Esdras como profeta que recebe revelações e transmite ao povo;
	TestMo: Moisés é mediador/intercessor;
	Jubileus: Moisés é portador de profecias;
	Filo: Moisés aprende diretamente de Deus;
Fala de Jesus semelhante à de Moisés (6,5)	Nm 11,13
Alimentar uma multidão de forma milagrosa (6,5-13) Os pães sobejaram (6,13) “Eu Sou” (6,20) Sinal que legitima o enviado de Deus (6,26.30)	Reminiscências do AT (Moisés e Eliseu [cf. 2Rs 4,42-44])

## 2.5 Considerações parciais

Nesse capítulo, cumpriu-se a tarefa de uma primeira aproximação do texto de Jo 6. A primeira etapa propôs uma tradução instrumental, que permitirá o acesso ao texto em português, porém, mantendo-se a dinâmica do texto grego original. A partir disso, observaram-se as poucas variantes textuais da narrativa, concluindo que não têm relevância para a análise narrativa que se fará.

Em seguida, tratou-se de examinar a relação de Jo 6 com a sequência narrativa em que está inserido, o “Livro dos Sinais” (Jo 1–12). Essa sequência comporta um conflito direto com a sinagoga, que vai ascendendo até culminar na decisão pela morte de Jesus. Dentro dessa sequência, Jesus é apresentado como o enviado do Pai, com uma missão bem definida e legitimada pelos sinais que realiza.

Por meio de uma leitura sinótica, constatou-se que João utiliza com muita liberdade as duas versões sinóticas do episódio da multiplicação de pães e de peixes, da travessia do mar e da confissão de fé. Além disso, a comparação permitiu selecionar o material exclusivo de João, que se constitui como demarcador da identidade teológico-narrativa do evangelista.

A sinopse contribuiu, ainda, na identificação de outras adaptações na versão joanina. Na cena da travessia do mar, enquanto os sinóticos retratam os discípulos como incrédulos, por não entenderem o sinal do pão, João insere o elemento do suspense: querem receber Jesus no barco, no entanto, ele não entra. Apenas se sabe que o barco chegou ao destino. Ao final, Pedro recebe um grande destaque. Nos sinóticos, é chamado de “satanás”. Em João, Judas é um “diabo”, não Pedro. O apóstolo, representando os Doze, confessa Jesus, com firmeza.

Por fim, demonstrou-se que a figura de Jesus, em Jo 6, é elaborada com fortes alusões à figura de Moisés, importante ícone para a sinagoga, grupo com o qual a comunidade joanina está em conflito. Essa relação é fundamental para a identidade comunitária.

No próximo capítulo, far-se-á uma segunda aproximação de Jo 6, por meio da análise narrativa. No primeiro passo, se explicitará o princípio unificador da narrativa, ou seja, seu enredo, descrevendo como o narrador organiza as etapas da história contada. Em seguida, se investigarão os personagens, especialmente em sua relação com o leitor. Depois, analisará o enquadramento da narrativa, que corresponde às circunstâncias de tempo, lugar e ambiente social. Buscar-se-á, com isso, a compreensão do contexto da história contada, assim como a dinâmica do enredo. Por último, deve-se estudar o tempo narrativo, com atenção especial às rupturas na cronologia da história.



### 3 ANÁLISE DE JOÃO 6: SEGUNDA APROXIMAÇÃO

O capítulo anterior proporcionou uma primeira aproximação de Jo 6. A partir da tradução instrumental, foi possível perceber que Jo 6 exerce um importante papel no “Livro dos Sinais” (Jo 1–12), pois contribui na formação do enredo: apresentar Jesus como enviado do Pai. Além disso, por meio de uma sinopse, constatou-se que João dialoga com a tradição sinótica, e imprime sua identidade ao produzir uma versão tão peculiar do relato da multiplicação de pães e de peixes.

A tarefa deste capítulo, então, consiste numa segunda aproximação do texto. Dessa forma, abordar-se-á Jo 6 por meio da análise narrativa. Primeiro, focando no enredo. Jo 6 é um texto heterogêneo, composto de várias cenas. Analisar-se-á, portanto, cada uma das cenas, explicitando a unidade semântica do conjunto.

Em seguida, o foco estará nos personagens, que são os responsáveis pela dinâmica de um enredo. Há uma constelação de personagens em Jo 6, cada um exercendo um papel e contribuindo para a condução narrativa. Examinar-se-á, então, a atuação deles, destacando como o leitor, possivelmente, se identificará com cada um. Além disso, perceber-se-á como esses personagens auxiliam o leitor na focalização das cenas.

Na sequência, se apresentará o enquadramento da narrativa, elencando aspectos circunstanciais que envolvem a atmosfera de uma narrativa, como: tempo, lugar e ambiente social. Ao se estabelecer o enquadramento, espera-se, com isso, assinalar o “quando”, o “onde” e o “como” da história contada, contribuindo para a compreensão simbólica da ação.<sup>1</sup>

Estudar-se-á, então, a temporalidade narrativa, atentando-se para a velocidade com que se conta a história. Há muitas pausas no relato de Jo 6 que devem ser consideradas, pois, são elementos estruturantes. Além disso, observar-se-á a ordem narrativa, destacando as anacronias presente no texto. Passado e futuro se misturam de forma contundente na narrativa, o que não deve ser ignorado.

Finalmente, analisar-se-á a relação narrador-leitor. Com os resultados adquiridos no decorrer da análise, a tarefa dessa última etapa analítica consistirá em responder algumas perguntas: sendo o acolhimento às palavras de Jesus o fator determinante para a fé plena, como o narrador articula essa opção a partir do quadro narrativo de Jo 6? Qual é ponto de vista do narrador e como ele o comunica ao leitor? Quem é o leitor implícito na narrativa e quais as competências esperadas para uma leitura satisfatória?

---

<sup>1</sup> MARGUERAT, 2009, p. 99.

### 3.1 O enredo

Como demonstrado na seção 2.3.1, Jo 6 possui cinco quadros narrativos: 6,1-15.16-21.22-34.35-59.60-71. Nem sempre um quadro equivale a uma cena completa, quando se identifica a presença de um enredo. Na intenção de dinamizar a narração, o autor pode unir vários quadros numa mesma cena.<sup>2</sup> Esse procedimento acontece em Jo 6, quando o autor une os três últimos quadros para formar uma cena (6,22-71).

Jo 6, portanto, é uma narração composta de, pelo menos, três cenas: 6,1-15.16-21.22-71. Cada uma delas tem um enredo próprio, que se chama *enredo episódico*. Assim como num quebra-cabeças, em que cada peça ocupa o seu devido lugar, cada cena tem a sua posição narrativo-literária, formando o *enredo unificador*, que corresponde à totalidade da narração. Dessa forma, o enredo unificador revela a lógica da estrutura narrativa<sup>3</sup>. Ao final da narração, o leitor entende o porquê de cada uma das cenas. Para isso, além de colocar cada cena em seu devido lugar, o narrador deve ser capaz de elaborar sua narração com *sintaxe*, que são elos entre os diversos enredos episódicos, que direcionam a narrativa. Caso contrário, o leitor não será capaz de captar a lógica.<sup>4</sup> Dessa forma, para se compreender a lógica narrativa de Jo 6, deve-se analisar cada uma das cenas, detectando como se processa a trajetória da ação.

#### 3.1.1 Enredos episódicos

Para subdividir em Jo 6 em episódios narrativos particulares (cenas), dispõe-se de quatro parâmetros: tempo (registra as mudanças de cronologia), lugar (aponta as modificações no espaço), personagens (indica as mudanças na constelação de atores) e tema (pode funcionar como princípio unificador de uma narrativa e manter a unidade por meio de mudanças de lugar ou de tempo).<sup>5</sup>

Após estabelecer os limites literários de uma cena (perícopo), deve-se analisar o enredo, que segue uma estrutura formal em cinco passos:

- *situação inicial* ou *exposição*: ambienta a narração (tempo, lugar, circunstâncias, personagens, problemas, temas). Desse ponto de partida decorrerá tudo mais;

<sup>2</sup> MARGUERAT, 2009, p. 48.

<sup>3</sup> VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 58.

<sup>4</sup> VITÓRIO, 2016, p. 58.

<sup>5</sup> MARGUERAT, 2009, p. 45-46.

- *nó* ou *complicação*: ação posta em movimento, tornando a narração mais complexa a partir da interação dos personagens;
- *ação transformadora* ou *clímax*: corresponde a um fato que interfere de tal modo na narração a ponto de lhe provocar uma reviravolta;
- *desenlace*: esclarece as muitas questões levantadas pelo leitor ao longo da leitura;
- *situação final*: trata-se do polo oposto à situação inicial e, conseqüentemente, estabelece a conexão com a cena seguinte.<sup>6</sup>

### 3.1.1.1 Cena 1: Jo 6,1-15

Pelo caminho percorrido até aqui<sup>7</sup>, é óbvio que a primeira cena começa em Jo 6,1. Deve-se, então, analisar a partir daí. Para o recorte da primeira cena, identificam-se os quatro parâmetros:

- 1) *tempo*: a cena começa com a expressão *depois destas coisas* (Μετὰ ταῦτα – 6,1), indicando ruptura com a narrativa anterior (5,1-47). Além disso, Jo 6,4 menciona a proximidade da Páscoa, um importante marco do calendário judaico;
- 2) *lugar*: Jo 6,1 informa que Jesus, após realizar um sinal em Jerusalém (5,1), partiu para a Galileia, para a região de Tiberíades (do outro lado do mar);
- 3) *personagens*: a cena anterior (5,19-47) descreve o discurso de Jesus aos judeus em virtude do sinal realizado em Jerusalém (5,1-18). Em Jo 6,1, agora em outro lugar, há uma troca de personagens: mantém-se Jesus e acrescentam-se os discípulos e a multidão;
- 4) *tema*: Jo 6,1-15 apresentará um novo sinal realizado por Jesus, a multiplicação de pães e de peixes.

Jo 6,1-4 oferece os quatro parâmetros que delimitam a primeira cena, ambientando a narração. Constitui-se, então, a *situação inicial*. Jesus, após o sinal e o discurso em Jerusalém (5,1-47), desloca-se, juntamente com seus discípulos, para a Galileia. Uma grande multidão o seguia por conta dos sinais. Em tempos de Páscoa, Jesus afasta-se de Jerusalém. Essa distância geográfica, somada à menção “a festa dos judeus” (ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων – 6,4), conota um

<sup>6</sup> VITÓRIO, 2016, p. 20-21.

<sup>7</sup> Alguns argumentos para a delimitação da primeira cena já foram apresentados na seção 2.3 e serão, de certa forma, recordados aqui.

sentido teológico. O leitor deverá ficar atento. Com isso, Jo 6,1-4 levanta questionamentos que deverão ser elucidados no decorrer do enredo episódico: o que a multidão espera de Jesus? Terá entendido o sentido dos sinais realizados? Por que Jesus, em tempo de Páscoa, está distante de Jerusalém? Qual será o papel dos discípulos na cena?

O primeiro ato (6,5-10) descreve o encontro de Jesus com a multidão e a interação com seus discípulos. Aqui começa o *nó* ou *complicação*. A multidão que seguiu Jesus precisa ser alimentada. O que fazer? Jesus, ao ver a multidão, faz uma pergunta a Filipe: “De onde compraremos pães para que estes comam?” (6,5). Com o questionamento, o narrador dramatiza a cena, pois, se trata de um teste (πειράζω). Jesus sabia como alimentaria a multidão (6,6). A resposta de Filipe eleva o nível da tensão: nem duzentos denários de pão seriam suficientes para que cada pessoa recebesse um pedaço (6,7). De igual forma, André contribui para a construção do nó. Leva até Jesus um rapaz que partilha cinco pães e dois peixes. Não obstante, André considera isso insuficiente (6,9). A postura do rapaz, oferecendo uma quantidade insuficiente, cria o contraste para que se destaque o gesto de Jesus. Então, orienta que seus discípulos fizessem as pessoas se sentarem. Ele não despedirá a multidão com fome, no entanto, fará algo. O leitor deve ficar atento! Por fim, o narrador informa que havia, aproximadamente, cinco mil homens naquele lugar (6,10). Reforça o contraste, agora, enfatizando a diferença entre a quantidade oferecida pelo menino e a quantidade de pessoas a serem alimentadas. O leitor percebe que não haverá resolução de ordem humana para a situação.

O segundo ato (6,11) descreve o gesto de Jesus. Situa-se, aqui, a *ação transformadora* ou *clímax*. Os cinco pães e dois peixes, oferecidos pelo rapaz, são acolhidos por Jesus. Ele os tomou, deu graças e os distribuiu a todos os que estavam sentados. A expressão “conforme desejavam” (ὅσον ἤθελον) demonstra que o gesto de Jesus foi sobrenatural. Com apenas cinco pães e dois peixes, cinco mil homens comeram até ficarem saciados. A impossibilidade de alimentar a multidão é revogada por Jesus. O mistério criado em 6,6 foi revelado.

O terceiro ato (6,12-13) alude à conclusão da alimentação milagrosa. É o *desenlace* ou *desfecho* da cena. Em 6,12, o advérbio ὡς (quando; depois de), indica a mudança de ato e o verbo ἐμπίπλημι (encher, saciar) arremata a ação transformadora. Após todos comerem e se fartarem (6,11), Jesus ordena a seus discípulos que recolhessem a sobra, para que nada se perdesse (6,12). Eles obedeceram e encheram doze cestos com as sobras. O narrador reforça que essas são sobras daqueles cinco pães e dois peixes (6,13), oferecidos pelo rapaz (6,9). Algumas das questões levantadas em 6,5-10 são, aqui, já respondidas.

O epílogo (6,14-15) gira em torno do sinal operado por Jesus na cena. É a *situação final*. A multidão que segue Jesus, por conta dos sinais realizados em favor dos doentes (6,2), recebe

um sinal e, com isso, conclui: “Este é, verdadeiramente, o profeta que vem para o mundo” (6,15). Dessa conclusão, surge a intenção de ungir Jesus como rei. Ele, porém, rejeita essa pretensão e se afasta da multidão: “retirou-se de volta para o monte sozinho” (6,15b). A situação inicial (6,1-4) narra a multidão se aproximando de Jesus, parecendo ter entendido o sentido dos sinais. A situação final, porém, demonstra que a multidão não havia entendido os sinais, especialmente o que acabara de ser realizado (6,11). Por isso, Jesus se afasta e permanece sozinho. O mal-entendido da multidão e a ausência de Jesus, inseridos nesse final, preparam o terreno para as próximas cenas (6,16-21.22-71).

Ao final, todas as questões levantadas na situação inicial são respondidas: 1) a multidão procura Jesus por ver os sinais que faz em favor dos doentes e não os compreende como deveria. Além disso, não entenderam o próprio sinal feito em favor dela (6,11). A multidão tem uma expectativa equivocada acerca de Jesus (6,14); 2) Jesus se afasta de Jerusalém na Páscoa e parte o pão com todos ali (“dá graças”). Longe de Jerusalém, em tempo de Páscoa, Jesus realiza um gesto eucarístico; 3) a interação de Jesus com os discípulos demonstra que eles também não haviam compreendido os sinais realizados por Jesus. Apesar de Jesus estar presente na cena, não cogitam a possibilidade que ele possa resolver o problema da fome da multidão. As respostas apresentadas na primeira cena serão aprofundadas ao longo das demais e plenamente respondidas quando se contemplar o *enredo unificador*.

### **Estrutura do enredo episódico da cena 1:**

Situação inicial: 6,1-4

Nó (complicação): 6,5-10

Ação transformadora: 6,11

Desenlace: 6,12-13

Situação final: 6,14-15

#### **3.1.1.2 Cena 2: Jo 6,16-21**

Concluída a primeira cena, Jo 6,16 inicia-se um novo enredo episódico, que, também, deve ser demarcado a partir dos quatro parâmetros estabelecidos:

- 1) *tempo*: como indicação de mudança na cronologia, notam-se dois indícios temporais. Primeiro, a expressão *Ὡς δὲ ὥψια ἐγένετο* (quando, então, tarde se fez – 6,16); segundo, a expressão *καὶ σκοτία ἤδη ἐγγύονει* (e a escuridão já se tinha feito –

6,17). Ambas enfatizam que a segunda cena não acontece no mesmo momento que a primeira. Há uma distância temporal entre as duas. Além disso, a segunda expressão tem um valor teológico, já que, a linguagem dualista é característica no EJ<sup>8</sup>;

- 2) *lugar*: os discípulos deixam Tiberíades e atravessam o mar em direção a Cafarnaum (6,17). A segunda cena se passa a, aproximadamente, vinte e cinco ou trinta estádios do local da primeira cena (6,19), nas águas do mar da Galileia;
- 3) *personagens*: a multidão, que teve participação ativa na primeira cena, não participa dessa; ficou em Tiberíades. Há, apenas, dois personagens: os discípulos e Jesus. Ausente num primeiro momento, Jesus será inserido no desenrolar do enredo;
- 4) *tema*: a estabilidade da terra firme dá lugar à instabilidade das águas. É uma cena de travessia e os discípulos enfrentarão as águas agitadas do mar da Galileia. Nesse cenário caótico, Jesus manifestará sua autoridade ao andar sobre as águas.

Jo 6,16-18 estabelece os quatro parâmetros que demarcam a segunda cena, ambientando a narração. Constitui-se, então, a *situação inicial*. Ao anoitecer (Ὡς δὲ ὀψία ἐγένετο), os discípulos desceram para o mar, entraram no barco e navegaram para Cafarnaum. O narrador lembra o leitor que Jesus não estava com eles e que a multidão permaneceu em Tiberíades. O cenário caótico desperta a atenção: já estava escuro, com vento forte e o mar agitado;<sup>9</sup> e, tudo isso, sem Jesus por perto. Dessa forma, a situação inicial apresenta questões que deverão ser respondidas ao longo do enredo: por que os discípulos estão se deslocando para Cafarnaum? O que acontecerá naquela cidade? Os discípulos conseguirão atravessar o mar em segurança? Em que momento, e de que forma, Jesus entrará em cena? Qual será a reação dos discípulos quando virem Jesus?

O primeiro ato (6,19) descreve a aparição de Jesus e o encontro com os discípulos. Aqui está o *nó*. Jesus, que havia ficado sozinho no monte na cena anterior, vai em direção aos discípulos. Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios<sup>10</sup>, quando viram Jesus andando sobre as águas, aproximando-se do barco. Num cenário de caos, certamente, a presença de Jesus deveria gerar tranquilidade e paz. O leitor, solidarizando-se com os discípulos que enfrentam uma situação difícil, provavelmente, se sente aliviado ao saber que Jesus está indo

<sup>8</sup> Verifique a seção 3.4.1.1.

<sup>9</sup> “Em Jo 6, a noite significa o tempo da angústia e do perigo. Acresce a esse simbolismo o tema do mar, considerado desde a cultura mais antiga, mundo da ameaça e das forças contrárias a Deus. A essa ameaça junta-se o vento violento, mencionado no v. 18” (BEUTLER, 2015, p. 172).

<sup>10</sup> Cerca de cinco quilômetros.

ao encontro deles, andando sobre as águas – símbolo de autoridade<sup>11</sup>. Sem dúvida, o leitor espera encontrar esse alívio dentro daquele barco. Isso não acontece, já que ao avistarem Jesus, os discípulos temeram, pois, não o reconheceram. A presença e o gesto de Jesus não são discernidos. Está posta a tensão.

O segundo ato (6,20) refere-se às palavras de Jesus. Situa-se, aqui, a ação *transformadora* ou *clímax*. Ante à reação dos discípulos, Jesus se dá a conhecer, numa linguagem de teofania, e os convida a superar o medo que, geralmente, acompanha as manifestações de Deus (Ex 19,16; Dt 18,16)<sup>12</sup>: “Eu sou, não temais” (ἐγώ εἰμι· μὴ φοβεῖσθε).<sup>13</sup> A presença salvadora de Jesus, outrora ofuscada aos olhos dos discípulos, torna-se nítida por conta de suas palavras de revelação. Essas palavras, porém, deverão ser acolhidas por eles. Apesar do leitor já saber que Jesus estava na cena, há suspense em relação à reação dos discípulos.

O terceiro ato (6,21a) descreve a resposta dos discípulos, desfazendo o suspense. É o *desenlace* da narrativa. O medo gerado ao não reconhecerem Jesus é dissipado: “Queriam, então, recebê-lo no barco” (ἤθελον οὖν λαβεῖν αὐτὸν εἰς τὸ πλοῖον). O verbo *θέλω* (querer, desejar)<sup>14</sup> tem conotação de intenção, desejo.<sup>15</sup> Expressa que os discípulos superaram o medo e tencionam receber Jesus no barco. A presença de Jesus sobre as águas não é mais fonte de medo, mas, uma presença desejada.

Em relação à tradição sinótica, há uma mudança significativa. Mateus e Marcos relatam que Jesus, após ser reconhecido pelos discípulos no meio da tempestade, foi acolhido no barco (Mt 14,22-33; Mc 6,45-52). João, porém, omite essa informação. Apenas relata que os discípulos têm a intenção de receber Jesus no barco. João deixa uma lacuna. Muitos comentaristas preenchem esse branco narrativo a partir da tradição sinótica, tendo como óbvia a acolhida de Jesus no barco.<sup>16</sup>

A omissão, porém, serve como estratégia narrativa, preparando o leitor para a próxima cena. O leitor descobrirá, em Jo 6,64, que Jesus sabia que alguns discípulos, de fato, não creram nele, e que um entre eles o entregaria. Em Jo 6,21a, portanto, o narrador antecipa o elemento da desconfiança: apesar de superarem o medo e tencionarem receber (acolher = λαμβάνω)

<sup>11</sup> O AT não contém nenhum episódio que nos fale de alguém andando sobre as águas; entretanto, fala de YHWH: Jó 9,8; Sl 77,20 (LEON-DUFOUR, 1996b, p. 90).

<sup>12</sup> KONINGS, 2017, p. 211.

<sup>13</sup> BEUTLER, 2015, p. 173.

<sup>14</sup> RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 224.

<sup>15</sup> LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 259 e 320.

<sup>16</sup> KONINGS, 2017, p. 212; BEUTLER, 2015, p. 173; MATEOS; BARRETO, 1999, p. 311.

Jesus, ele não entra no barco. *Θέλω* é usado, em Jo 6,21, no modo imperfeito do indicativo<sup>17</sup>. Isso sugere a ideia de desconfiança, da parte de Jesus, que o narrador deseja, sutilmente, comunicar. Dessa forma, a intenção dos discípulos de receber (acolher) Jesus é uma ação que não permanece, não tem efeito no presente. Essa descontinuidade constitui o final da cena 3, pois, muitos discípulos o abandonarão e um deles o entregará (6,60.64.66).

O epílogo (6,21b) é a *situação final*. O barco dos discípulos, que enfrentava as contrariedades do vento forte e do mar agitado, chegou a seu destino: Cafarnaum. A instabilidade apresentada na situação inicial dá lugar à estabilidade. A presença de Jesus mudou a sorte dos discípulos. Essa mudança de cenário é demarcada por, pelo menos, três aspectos: 1) *o jogo dos movimentos*: em Jo 6,16, os discípulos desceram para o mar (κατέβησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἐπὶ τὴν θάλασσαν). Saíram do lugar seguro e encararam o caos. Ao final, fizeram o movimento contrário: deixaram o caos e retornaram à segurança (εὐθέως ἐγένετο τὸ πλοῖον ἐπὶ τῆς γῆς εἰς ἣν ὑπῆγον); 2) *a mudança geográfica*: no início da cena, os discípulos vão para o mar e, ao final, desembarcam em terra firme. Ao falar do destino do barco, o narrador utiliza o substantivo *γῆ* (terra) e não a expressão *πέραν τῆς θαλάσσης* (do outro lado do mar), nem *Καφαρναούμ* (Cafarnaum). Terra e mar se contrapõem; 3) *a presença de Jesus*: o narrador informa que Jesus não estava com os discípulos no início da travessia. Em 6,20, porém, Jesus entra em cena, andando sobre as águas, manifestando sua autoridade por meio de sua palavra.

Na cena dois, o leitor encontra resolução para algumas questões: 1) os discípulos conseguiram atravessar o mar e alcançaram a outra margem, graças a Jesus; 2) quando já escuro, no meio do vento forte e da agitação do mar, Jesus vai ao encontro de seus discípulos andando sobre as águas. Sua presença, num primeiro momento, causa medo. Entretanto, ao proferir suas palavras, o temor é dissipado. O suspense permanecerá por mais um tempo. Ainda não se sabe porque os discípulos estão indo para Cafarnaum, nem o que acontecerá naquela cidade, palco da próxima cena.

### **Estrutura do enredo episódico da cena 2:**

Situação inicial: 6,16-18

Nó (complicação): 6,19

<sup>17</sup> “O significado da ação do **imperfeito** é semelhante ao do presente: expressa uma ação *contínua*, só que desta vez, localizada no passado. O imperfeito pode indicar uma ação que, no passado, era *frequente*, *repetida* ou *habitual*. Para sua representação gráfica sugere-se um traço contínuo, que, em algum momento, termina: [ — — | ]”. REGA, Lourenco Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 129.

Ação transformadora: 6,20

Desenlace: 6,21a

Situação final: 6,21b

### 3.1.1.3 Cena 3: Jo 6,22-71

Jo 6,22 abre a terceira e última cena da narração. Essa, como as demais cenas, tem os quatro parâmetros de delimitação:

- 1) *tempo*: a expressão “no dia seguinte” (τῇ ἐπαύριον), comum no EJ (1,29.35.43; 12,12), demarca o início do episódio. Destaca que o relato da travessia para Cafarnaum aconteceu no dia anterior. Há uma distância cronológica. Além disso, a experiência no mar aconteceu no final da tarde (Ὡς δὲ ὀψία ἐγένετο – 6,16), dominada pela escuridão (καὶ σκοτία ἤδη ἐγγύονει – 6,17). A terceira cena, porém, será marcada pelo dualismo. As palavras de Jesus serão proclamadas à luz do novo dia, simbolismo importante no EJ;
- 2) *lugar*: 6,21b, além de se constituir como *situação final* da cena 2, ambienta o novo episódio. Os discípulos, que navegavam para o outro lado do mar (πέραν τῆς θαλάσσης – 6,17), chegaram ao destino: Cafarnaum. A terceira cena acontecerá nessa cidade (6,17.24.59). Antes, porém, o narrador prepara o cenário, reunindo os principais personagens. Para isso, narra o deslocamento da multidão, que ficara em Tiberíades (6,22). Ao perceber que Jesus se dirigiu a Cafarnaum, vai à procura dele (6,24). Em Jo 6,22-24, então, relata-se o deslocamento da multidão, de Tiberíades a Cafarnaum;
- 3) *personagens*: a multidão, que não participou do segundo episódio (6,16-21), é inserida novamente (6,22.24). Apesar da menção inicial, os discípulos participarão ativamente somente no final da cena. Além disso, um novo personagem é introduzido: “os judeus” (6,41.52). Sua presença será importante para a tensão narrativa.<sup>18</sup> Semelhante à primeira cena, Jo 6,22-71 apresenta personagens singulares, Simão Pedro e Judas Iscariotes (6,68.71), ambos representando os Doze (6,70). Portanto, a terceira cena possui uma nova constelação de personagens: Jesus, a multidão, “os judeus”, os Doze, Simão Pedro e Judas Iscariotes;

<sup>18</sup> Sobre a importância de “os judeus” em João, confira a seção 1.3.

- 4) *tema*: o sinal realizado por Jesus na primeira cena (6,1-15) ecoa em Jo 6,22-71. A multidão o procura novamente (6,24). Logo, o leitor se questiona a respeito da real motivação, já que Jesus se afastou quando concluíram ser ele o profeta-rei (6,15). O mal-entendido em relação ao sinal dos pães e dos peixes (6,26-27) será oportunidade para que Jesus se revele, por meio de suas palavras, como o “pão da vida” (6,34-35). Ao final, a cena exigirá dos personagens (e do leitor) uma decisão a respeito de Jesus: suas palavras são duras, impossíveis de serem ouvidas (6.60.66); ou, ele tem palavras de vida eterna, não há para quem ir além dele (6,68).

Muitos elementos surgirão ao longo da cena, mas, sempre relacionados com o horizonte fixado em Jo 6,22-24, que descreve a *situação inicial*. Nesse prólogo estão os quatro critérios de recorte, ambientando o episódio. No dia seguinte à multiplicação de pães e de peixes (6,1-15), a multidão, percebendo que Jesus e os discípulos não estavam mais em Tiberíades, partiu para Cafarnaum à procura dele. Como num *flashback* (analepse)<sup>19</sup>, o narrador recorda o sinal realizado no dia anterior, especialmente, o gesto de Jesus: “tendo dado graças o Senhor” (εὐχαριστήσαντος τοῦ κυρίου – 6,23). Depois, relembra o fato de que os discípulos partiram sozinhos para a travessia do mar e que Jesus não havia entrado no barco com eles (6,22). A constituição do cenário no terceiro episódio suscita algumas indagações: por que o narrador relembra acontecimentos das cenas anteriores? Por que a cena se desenrola em Cafarnaum? Qual é a importância dessa cidade para o tema a ser desenvolvido na narração? Por que a multidão procura Jesus novamente? Qual é a real motivação? Terá ela entendido o sinal? Qual é o verdadeiro sentido do sinal realizado por Jesus?

O primeiro ato (6,25-60) retrata a interação entre os personagens e Jesus. Aqui começa o *nó*. Ao encontrar Jesus em Cafarnaum, a multidão indagou-lhe a respeito da forma de seu misterioso deslocamento: “Rabi, quando chegaste aqui?” (ῥαββί, πότε ὧδε γέγονας; – 6,25). A multidão percebeu que havia apenas um barco e que Jesus não entrou nele com os discípulos (6,22). O uso da palavra “rabi” (ῥαββί), somado à menção de que tudo se passa numa sinagoga em Cafarnaum (6,59), dá ao nó conotação de ensino e de conflito.<sup>20</sup>

A resposta de Jesus revela que há algo a ser ensinado à multidão (e, ao leitor, também). A desconfiança de que ela não havia entendido o significado do sinal no dia anterior se confirma. A multidão está à procura de Jesus apenas para comer pão novamente. A intenção equivocada é denunciada. É necessário trabalhar por uma comida de outra natureza, que não

<sup>19</sup> Esse recurso literário é abordado na seção 3.4.2.

<sup>20</sup> A respeito do conflito com a sinagoga, veja a seção 1.4.

perece e que é dada somente pelo Filho do Homem (6,26-27). O uso do verbo *ἐργάζομαι* (trabalhar) suscita a pergunta pelas “obras de Deus”, importante expressão na piedade judaica: “que faremos para que trabalhemos (obremos) as obras de Deus?” (6,28). Há somente “uma obra” a ser realizada: crer em Jesus, o enviado (6,29). Enquanto na pergunta aparece “obras” (ἔργα), o narrador utiliza o substantivo no singular, “obra” (ἔργον), na resposta de Jesus.<sup>21</sup> Faz, com isso, uma correção esperada: “a obra de Deus aguarda, não um ‘fazer’, mas, um ‘crer’; não se trata, portanto, de um serviço a ser executado, e sim da aceitação de um dom”.<sup>22</sup>

A complicação segue se estruturando a partir do mal-entendido. Ao ouvir a respeito da necessidade da fé no enviado de Deus, a multidão exige de Jesus um sinal para crer nele: “Que (obra) realizas?” (τί ἐργάζῃ; – 6,30). A exigência confirma a percepção de Jesus. A multidão, mesmo vendo os sinais realizados (6,2.11.14), não creu em Jesus. Não conseguiu ir além da materialidade dos gestos. Por isso, exige outros sinais legitimadores, tendo o “maná comido no deserto” (“pão do céu” – Ex 16,4.15; Sl 78,24; Ne 9,15) e Moisés como paradigmas da exigência (6,31). A superficialidade e a incompreensão se manifestam: a multidão “evoca o dom feito aos seus antepassados quando acaba de saciar-se (v. 11) e quis fazer de Jesus o seu rei (v. 15)”.<sup>23</sup>

Jesus continua sua correção, demonstrando a diferença entre o que a multidão espera e o dom que oferece. O que a multidão supõe: no passado, por meio de Moisés, seus antepassados comeram “pão do céu” (6,31). O que Jesus diz: agora, no presente, “meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu”, não Moisés; este pão “é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (6,32-33). O alimento oferecido por Moisés foi, no máximo, uma prefiguração. O verdadeiro pão, capaz de oferecer vida eterna, é dado pelo próprio Deus, sem mediação. Esse dom está disponível hoje, não encerrado no passado. Seu alcance é ilimitado: “ao mundo”, não apenas aos israelitas.<sup>24</sup> Limitada pela compreensão material do pão, a multidão pede a Jesus que sempre lhe dê desse pão (6,34). Esse mal-entendido assemelha-se ao da samaritana, a respeito da água (4,15).<sup>25</sup>

<sup>21</sup> “Tendo entendido que é preciso fazer a vontade de Deus para alcançar a vida eterna, a multidão interpreta essa vontade de Deus no sentido dos mandamentos mosaicos: fazer as obras de Deus. Só resta a pergunta: que obras são essas? A resposta de Jesus não acompanha esse paradigma. Para chegar à vida eterna não é preciso fazer as obras da piedade judaica, uma obra só é que se pede: crer em Jesus como enviado do Pai. Por isso, Jesus diz ‘a obra’ em vez de ‘as obras’. Compare-se com este conceito o que Jesus diz em Jo 4,34: ‘o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra’; e em 17,4, na sua oração derradeira: ‘Eu te glorifiquei na terra, levando a termo a obra que me deste para fazer’. A vontade de Deus não consiste num grande número de obras boas ou prescritas, mas na entrega total a Deus na obediência (no caso de Jesus) e na fé (no caso dos outros), uma fé que encontra seu único ponto de referência a orientação em Jesus como enviado de Deus” (BEUTLER, 2015, p. 176).

<sup>22</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 222.

<sup>23</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 223.

<sup>24</sup> KONINGS, 2017, p. 214.

<sup>25</sup> KONINGS, 2017, p. 214.

A partir do mal-entendido, Jesus se revela como o dom oferecido por Deus, o “pão da vida” (6,35). Quem for a ele não terá mais fome e sede. Ele desceu do céu (καταβέβηκα ἀπὸ τοῦ οὐρανοῦ) para fazer a vontade do Pai: “que tudo o que me deu não perca dele mas o ressuscite no último dia” (6,39); “que todo o que vê o Filho e crê nele tenha vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (6,40). Jesus sabe, porém, que a multidão o viu, contudo, não creu (6,36). Novamente, o narrador destaca a incompreensão acerca dos sinais realizados (6,14-15.26.36).

De repente, surge uma mudança significativa. A partir de Jo 6,41, o interlocutor de Jesus transforma-se de multidão<sup>26</sup> para “os judeus”<sup>27</sup>. Beutler entende essa alteração como um recurso linguístico de João, uma vez que “os judeus” são os antagonistas clássicos de Jesus desde o primeiro capítulo (1,19): “na medida em que os parceiros do diálogo se recusam a crer em Jesus, eles se tornam ‘judeus’”.<sup>28</sup> Apesar da transição de interlocutores, o diálogo segue dinamizado pelo mal-entendido. Por duas vezes, “os judeus” não conseguem entender o que Jesus está dizendo (6,41.52).

Primeiro, o mal-entendido acerca da origem de Jesus. Se ele é o “pão que desceu do céu” (6,32.33.35.38), se ele é o Filho do Homem (6,27) que um dia virá sobre as nuvens do céu, como é possível que tenha uma família conhecida em Nazaré? Por isso, “os judeus” murmuravam contra Jesus: “não é este Jesus, o filho de José, do qual nós conhecemos o pai e a mãe?” (6,41). Ele, porém, não tenta demonstrar a veracidade da identidade que reivindica, todavia, especifica a atitude que permite sua descoberta. Como aponta Zumstein, “o caminho de fé que Jesus propõe aos seus ouvintes relutantes está ligado a duas condições: a eleição e a compreensão correta da Escritura”<sup>29</sup> (6,37.45).

Na resposta do primeiro mal-entendido, surge um segundo: “como pode este nos dar (sua) carne para comer?” (6,52). As palavras ditas por Jesus, até aqui (6,25-51), são, então, aprofundadas a partir de uma nova autoproclamação.<sup>30</sup> Em 6,51, se autoproclama como “o pão vivo que desceu do céu” (ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ ζῶν ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβάς). Segundo Konings, a mudança de “pão da vida” (ἄρτος τῆς ζωῆς) para “pão vivo” (ἄρτος ὁ ζῶν) indica que Jesus não somente dá o pão da vida, nem apenas é o pão da vida (o ensinamento em pessoa). Ele tem a vida em si mesmo.<sup>31</sup> Dessa forma, o acento não recai mais sobre sua ética e seu ensino, antes,

<sup>26</sup> O desaparecimento da multidão é semelhante ao que acontece com Nicodemos (3,1-21). Pela falta de compreensão, desaparece ao longo do diálogo com Jesus.

<sup>27</sup> A respeito de “os judeus”, cf. na seção 1.3.

<sup>28</sup> BEUTLER, 2015, p. 178.

<sup>29</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 233.

<sup>30</sup> KONINGS, 2017, p. 220.

<sup>31</sup> KONINGS, 2017, p. 220.

no ato generoso de doação da própria vida, na cruz: “o pão que eu darei é a minha carne” (6,51b). “Exatamente no momento da cruz, Jesus será, mais do que nunca, mensagem e palavra do Pai”.<sup>32</sup> Para Léon-Dufour, a realidade dessa doação na cruz é enfatizada pelas palavras “carne” e “sangue”:

No nosso texto, as expressões paralelas “carne” e “sangue” evocam certamente a condição humana que o Filho do Homem assumiu desde que desceu do céu para ser “elevado”. Como na carta aos Hebreus, também para Jo a condição mortal era necessária para que o Enviado pudesse cumprir sua missão.<sup>33</sup>

Segundo Zumstein, não é mais o “revelador encarnado” (“o pão que desceu do céu”) que detém o papel principal na narrativa, e sim o “Crucificado-Elevado”, referindo-se a um tempo pós-pascal.<sup>34</sup> A vida, portanto, está disponível para aquele que “come a carne” e “bebe o sangue” de Jesus (6,53), permanecendo nele (6,56-57). Esse novo modo de apropriação da vida, oferecida pelo Crucificado, materializa-se no dom do “pão da vida”, distribuído durante a última Ceia (Jo 13,1-30) e revivido na eucaristia comunitária.<sup>35</sup> A nova experiência contrapõe-se à realidade vivida pelos antepassados (“vossos pais”): comeram o maná no deserto, no entanto, morreram (6,58). A oposição é ressaltada por uma nota do narrador: “estas coisas disse ensinando na sinagoga de Cafarnaum” (6,59). Para Zumstein, a indicação do lugar em que essas palavras foram ditas é significativa, pois, “exatamente no lugar onde a fé tradicional foi ensinada, Jesus apresentou sua ‘reinterpretação cristológica’ da história fundadora do maná”.<sup>36</sup>

Ao final do ato, nota-se outra mudança actancial. Enquanto “os judeus” saem de cena, os discípulos, até então silenciosos, ressurgem como interlocutores de Jesus. Reagem, negativamente, às palavras dele: são duras (σκληρός) e difíceis de serem ouvidas (ἀκούω) (6,60). Com isso, está configurado o *nó* da narrativa: a multidão não compreendeu o sinal do pão (6,14-15.26.30.34); “os judeus” não conceberam Jesus como “Logos preexistente-encarnado” (6,42) e nem entenderam o significado de sua autodoação como evento promotor da vida (6,52); por fim, os discípulos consideraram duras as palavras de Jesus – estão escandalizados (6,60).

A incompreensão da multidão e a incredulidade de “os judeus” não surpreendem o leitor (2,23-25; 5,18). A atitude dos discípulos, porém, gera tensão e suspense. Quando Jesus manifestou sua glória em Caná da Galileia, seus discípulos creram nele (2,1-11). Agora, porém,

<sup>32</sup> KONINGS, 2017, p. 221.

<sup>33</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 124.

<sup>34</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 238.

<sup>35</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 238.

<sup>36</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 238.

mesmo depois de outros sinais, a fé encontra-se abalada: estão escandalizados (σκανδαλίζω) pelo discurso (λόγος) de Jesus, considerado duro. Há suspense: qual será o desfecho da cena? O que Jesus fará diante da reação dos discípulos? O escândalo será reforçado ou removido?

O segundo ato (6,61-65) descreve a resposta de Jesus aos discípulos. Situa-se, aqui, a *ação transformadora*. Percebendo a murmuração dos discípulos e a dificuldade para ouvir suas palavras, Jesus não recua, antes, reforça o escândalo. Anuncia sua volta à esfera divina, simbolicamente situada nas alturas: “Se, então, virdes o Filho do Homem subindo para onde estava primeiro?” (6,62).<sup>37</sup>

O verbo “subir” ou “tornar a subir” (*anabáino*) corresponde literariamente ao verbo “descer” (*katabáino*) da primeira parte do discurso. A descida do céu exprimia a vontade amorosa do Pai dando aos homens o verdadeiro Pão (6,32), a volta “para onde estava antes” significa que a missão do Filho está cumprida. O Senhor havia anunciado, segundo Isaías: “Minha palavra não torna a mim sem ter executado o que me agrada e levado a termo aquilo para que a enviei” (Is 55,11).<sup>38</sup>

Os discípulos se queixam de não suportarem a declaração de ter Jesus “descido” do céu. Contudo, essa realidade não corresponde à missão completa do Filho. Por isso, lhes pergunta, em Jo 6,62, o que pensarão quando, por meio de sua elevação, a missão for concluída.<sup>39</sup> Segundo Léon-Dufour, a conjunção *ἐὰν* (se) sugere uma eventualidade, pois, a ação de “ver” (θεωρέω) a subida do Filho do Homem pressupõe um ato de fé.<sup>40</sup>

Não se pode ver o mistério anunciado sem crer na divindade do Filho do Homem. Para o leitor que acredita, a eventualidade encarada aguarda uma resposta do tipo: “Vós creereis plenamente”; é o que será confirmado no discurso de despedida: o Paráclito demonstrará ao fiel que Jesus é justificado pela sua “volta” (*hypágō*) ao Pai. Neste caso, a conjunção *εάν* poderia equivaler a “quando virdes”: a palavra de Jesus será completada pela revelação do Espírito Paráclito que introduzirá a verdade plena. Quanto ao descrente que ouve tal anúncio, ele certamente não “verá” Jesus subir ao céu, mas o verá desaparecer, e esta eventualidade constatada reforçará seu escândalo; como este homem que anuncia a sua morte poderia, a despeito de seu desaparecimento, continuar a vivificar o mundo?<sup>41</sup>

A grande questão que transparece é: como entender o destino de Jesus sem sucumbir ao escândalo? A resposta de Jesus é que somente o Espírito, ou seja, a ação do próprio Deus, pode trazer uma compreensão correta da trajetória do Revelador (6,63).<sup>42</sup> Desse entendimento,

<sup>37</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 132.

<sup>38</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 132.

<sup>39</sup> BROWN, 1979, p. 527.

<sup>40</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 133.

<sup>41</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 133.

<sup>42</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 241.

provém a vida. Ao contrário, a carne (ἡ σὰρξ), na medida em que indica a autossuficiência humana, é inútil (οὐκ ὠφελεῖ οὐδέν) para dar vida. Somente quem se abre à ação do Espírito pode perceber na pessoa de Jesus a presença do Pai.<sup>43</sup> O dualismo evocado, Espírito e carne (πνεῦμα – σὰρξ), tem paralelo com a narrativa de Nicodemos: “se alguém não nascer da água e do Espírito, não poderá ver o Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne; o que nasceu do Espírito é espírito” (3,5b-6).

Surge, então, outra questão crucial: se o Espírito é o que garante a fé e, conseqüentemente, a vida, onde pode ser encontrado e recebido? Jesus oferece a resposta: “as palavras que eu vos falei são espírito e são vida” (τὰ ῥήματα ἃ ἐγὼ λελάληκα ὑμῖν πνεῦμά ἐστιν καὶ ζωὴ ἐστιν – 6,63). Portanto, somente quem acolhe as palavras de Jesus receberá o Espírito e a vida eterna. Ele batiza com o Espírito Santo, que desceu e permanece sobre ele (1,33).<sup>44</sup>

Deste modo, no v. 63, aparece mais uma vez Jesus afirmando que o homem não pode conseguir a vida por suas próprias forças. Se Jesus é a revelação divina que vem do céu, o mesmo que o pão para alimentar aos homens, sua intenção é comunicar-lhes o princípio da vida eterna. O homem que aceita as palavras de Jesus receberá o Espírito vivificante.<sup>45</sup>

Jesus, porém, sabe que há entre os discípulos alguns que não creem (6,64). O evangelista destaca a onisciência de Jesus, informando que ele já sabia desde o início quem eram os que não acreditavam e quem havia de entregá-lo. Segundo Brown, Jo 6,64 é uma reminiscência de Jo 6,35-50, trecho em que o pão se refere, primariamente, à revelação de Jesus, em quem é preciso crer.<sup>46</sup> Repete, agora, aos discípulos a advertência feita sobre a falta de fé, em Jo 6,36. “A advertência se mantém nos v. 37, 40 e 44, com alusões à necessidade de que se cumpra a vontade do Pai: somente creem em Jesus aqueles que são atraídos pelo Pai”.<sup>47</sup>

Ante a incredulidade de muitos discípulos (6,61), Jesus finaliza sua resposta reafirmando que a possibilidade inversa, a fé, continua sendo um dom: “por isso disse a vós que

<sup>43</sup> “Se a fé não é possibilitada por uma mensagem menos chocante, ela deve ser possibilitada por uma força vinda de cima. Enquanto a carne de per si é incapaz de dar vida divina e eterna, o Espírito pode dar essa vida, pois ele é o Espírito da vida. Lembramo-nos do diálogo entre Jesus e os judeus nos vv. 41-58, onde Jesus declarou que é preciso ser atraído pelo Pai para vir a ele (v. 44). No v. 63 a mesma realidade é expressa em relação ao Espírito, que é equiparado à palavra de Jesus” (BEUTLER, 2015, p.184).

<sup>44</sup> “Se ele [João] batiza com água, Jesus vai batizar com o Espírito Santo. Antes, João conservou para o rito da água os traços (sinóticos) de um ato de conversão em vista de um renascimento através das águas simbólicas do Jordão; agora ele compreende que sua atividade batismal prefigurava o verdadeiro batismo, que transformará a criatura da maneira mais profunda. João antecipa assim a afirmação do evangelho: para entrar no reino de Deus, é preciso renascer pela água e pelo Espírito (3,5) e, mais ainda, é Jesus em pessoas a fonte do Espírito para o crente” (LEON-DUFOUR, 1996a, p. 142).

<sup>45</sup> BROWN, 1979, p. 528.

<sup>46</sup> BROWN, 1979, p. 528-529.

<sup>47</sup> BROWN, 1979, p. 529.

ninguém pode vir a mim, se não tiver sido dado do (meu) Pai” (6,65).<sup>48</sup> Se a incredulidade é a expressão da vontade humana, colocada diante da oferta do Revelador, a fé é uma oportunidade concedida por Deus. Não é uma iniciativa humana: “a liberdade de crer é um dom, concretizado na ‘descida’ e ‘subida’ do Filho do Homem, isto é, no evento da revelação que precede qualquer resposta humana”.<sup>49</sup>

Dessa forma, concretiza-se o *clímax* da terceira cena. Os discípulos, outrora escandalizados, têm diante de si a alternativa para superarem esse impasse. Devem escolher, pois “a revelação de Jesus não se impõe ao homem como uma evidência, ela se propõe a uma liberdade”.<sup>50</sup> Se insistirem em considerar duras as palavras de Jesus, permanecerão no escândalo e morrerão (6,49.58). Porém, se acolherem essas palavras, receberão o Espírito e viverão para a eternidade (6,51.58). Apesar de serem difíceis de ouvir (6,60), as palavras de Jesus são o caminho para a vida (6,63). O suspense, então, atinge seu auge: qual será a decisão dos discípulos?

O terceiro ato (6,66-69) descreve as consequências da resposta de Jesus ao escândalo de seus discípulos. É o *desenlace* da terceira cena, marcado por um contraste. Os “muitos discípulos” (πολλοὶ [ἐκ] τῶν μαθητῶν αὐτοῦ), que antes murmuraram por conta das palavras de Jesus, tomaram sua decisão: “desde isso muitos d[entre] os seus discípulos partiram para trás e não mais com ele andavam-em-redor” (6,66). O escândalo inicial evoluiu para a deserção. Rejeitaram o dom de Deus e permaneceram na carne (σὰρξ). Por isso, não puderam ouvir as palavras de Jesus (τίς δύναται αὐτοῦ ἀκούειν; – 6,60) e, naturalmente, continuarão sem fé e sem vida (6,64).

Contrapondo-se à apostasia dos “muitos discípulos”, surge uma confissão: “para um pequeno grupo, as palavras de Jesus constituem a condição de possibilidade de fé e, portanto, de vida eterna”<sup>51</sup> (6,67-69). Ante a deserção, Jesus volta-se ao pequeno grupo de discípulos, denominado “os Doze” (τοῖς δώδεκα)<sup>52</sup>, e pergunta: “não quereis também vós partir?” (μὴ καὶ

<sup>48</sup> “Jesus sabe-se engajado no projeto do Pai que excede infinitamente a expectativa espontânea do homem, se não a profundidade desconhecida de seu desejo. É por isso que enfrenta o abandono de grande número e pode enfrentar o fato odioso da traição de um dos Doze. Ao mesmo tempo, na palavra do v. 65, reflete-se o doloroso problema que se apresentava à comunidade primitiva com a rejeição inexplicável de Cristo por Israel. Jo proporia aqui a seus irmãos que se reportassem como Jesus ao segredo do Pai, sem julgar ninguém”. LEON-DUFOUR, 1996b, p. 136.

<sup>49</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 241.

<sup>50</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 135.

<sup>51</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 242.

<sup>52</sup> “Os vv. 67-71 e 20,24 são os únicos textos em Jo que mencionam os ‘Doze’. Os lugares são significativos. Em 20,24, identifica Tomé como um daqueles que serão reconhecidos como os garantes do testemunho apostólico, e em 6,67-71 os ‘Doze’ constituem o grupo que pronuncia a decisiva confissão de fé. A Igreja joanina, embora tendo sua trajetória, se inclui na ‘grande Igreja’ dos Doze”. KONINGS, 2017, p. 227.

ὕμεῖς θέλετε ὑπάγειν; – 6,67). Exige-se uma resposta. Léon-Dufour afirma que o verbo *ὑπάγω* (partir, retirar-se, ir embora) junta à ideia do “ir-se” (partir) a de um retorno para casa<sup>53</sup>, portanto, “dentro do contexto, a do retorno dos Doze para sua existência anterior”.<sup>54</sup>

A resposta é dada por Simão Pedro: “Senhor, para quem iremos? Palavras de vida eterna tens” (κύριε, πρὸς τίνα ἀπελευσόμεθα; ῥήματα ζωῆς αἰωνίου ἔχεις – 6,68). “No ‘nós’, Pedro fala não só por si, mas como porta-voz do grupo dos Doze e da comunidade nascente”.<sup>55</sup> Segundo Zumstein, Pedro, ao utilizar o mesmo verbo que expressa apostasia (*ἀπέρχομαι* = partir – 6,66), subverte seu significado, demonstrando a insensatez de se afastar de Jesus, pois, somente ele tem “palavras de vida eterna”.<sup>56</sup> Todo o conteúdo do discurso (6,35-58), julgado inadmissível pelos “muitos discípulos”, é acolhido sem reserva pelos Doze. Como consequência da opção positiva, Pedro (e “os Doze”) confessa: “nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (καὶ ἡμεῖς πεπιστεύκαμεν καὶ ἐγνώκαμεν ὅτι σὺ εἶ ὁ ἅγιος τοῦ θεοῦ – 6,69).

Que se entende por “Santo de Deus”? O apelativo, raro, é difícil de interpretar. Pedro não retoma nenhum dos termos pelos quais Jesus se designou no discurso (Filho, Pão da Vida, Enviado de Deus, Filho do Homem), nem mesmo nenhum dos títulos tradicionais correspondentes à expectativa judaica; estes já foram aplicados a Jesus pelos discípulos de João Batista no capítulo primeiro (Messias, Filho de Deus, Rei de Israel). É de notar que Pedro traduz aqui, à sua maneira, que é Jesus para ele. Faz eco ao Sl 16, o único texto onde se encontra, na Septuaginta, a expressão “teu Santo” (cf. At 2,27)? Este Salmo canta a profunda intimidade entre Deus e o orante. Será que Pedro entende aqui a intimidade de Jesus com Deus? Jesus proclamou sua união com o Pai (5,19-30), ele proclamará mais tarde ter sido “santificado por Deus” (10,36; 17,19). O apelativo “Santo de Deus” supera de muito o de “Messias”, mas se une ao de “Filho de Deus” confessado por Simão Pedro em Mt 16,16.<sup>57</sup>

O epílogo (6,70-71) descreve a reação de Jesus frente à confissão de Pedro, que surpreende o leitor. Constitui-se a *situação final*. Ao invés de felicitar o discípulo por ter tomado a decisão correta, Jesus emite um alerta: “não eu vos escolhi doze? E um de vós é diabo” (οὐκ ἐγὼ ὑμᾶς τοὺς δώδεκα ἐξελεξάμην; καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν – 6,70). A advertência tem uma dupla função. Primeiro, enfatiza que a confissão de fé é um dom. O aoristo *ἐξελεξάμην* (escolhi) faz referência a um evento passado, o chamado dos Doze, não mencionado no evangelho. Trata-se de uma *analepse* que extrapola os limites do EJ, teologicamente significativa. Primeiro, indica que a fé manifestada não deve ser encarada como resultado da

<sup>53</sup> “Ir-se” (*apérkhomai*) em 6,66; 16,7. “Retornar para casa” (*hypágo*) em 13,3.33.36; 14,4.5.28.

<sup>54</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 137.

<sup>55</sup> BEUTLER, 2015, p. 186.

<sup>56</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 242.

<sup>57</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 138-139.

iniciativa dos Doze, e sim de Deus. Só é possível crer porque, antes, foram escolhidos. Segundo, a advertência de Jesus sublinha que o dom não é, de forma alguma, uma garantia. Apesar de serem escolhidos, um dentre os Doze “é um *διάβολος* (diabo), ou seja, alguém que age fora do plano de Deus e contra ele”.<sup>58</sup>

Por fim, o evangelista revela ao leitor a identidade do “diabo”: “dizia, pois, de Judas de Simão Iscariotes; pois este estava para o entregar, um dos doze” (6,71). Essa menção confirma o que fora dito em 6,64. Ao nomear o traidor, sustenta que aquele que vai entregar Jesus é, precisamente, um dos Doze. A confissão de fé, mesmo sendo resultado do dom divino, é frágil. Deve ser confirmada cotidianamente.

A terceira cena (6,25-71) termina no polo oposto à *situação inicial* (6,22-24). A narração começa enfatizando a iniciativa da multidão: ela nota (*ὁράω*) a ausência de Jesus em Tiberíades, sobe (*ἐμβαίνω*) no barco e parte (*ἔρχομαι*) para Cafarnaum procurando (*ζητέω*) Jesus (6,24). Em contraste, a narrativa termina destacando a iniciativa divina: “Não eu vos escolhi (*ἐκλέγω*) doze?” (6,70a). A fé da multidão, sustentada pela própria iniciativa, retrocede para a incredulidade (6,24.26.34.41.52.60); apesar de encontrar Jesus, não permanece com ele. Já o escândalo dos discípulos é superado pelos Doze, graças à iniciativa do Pai (6,60.66.68-69). Permanecerão com Jesus. Na construção da cena, destaca-se o verbo *ζητέω* (procurar – 6,24), importante no EJ, usado em 4,23, no diálogo de Jesus com a samaritana. Ele, ao falar com a mulher a respeito dos verdadeiros adoradores, os que adoram em Espírito e em verdade, afirma: “estes são os adoradores que o Pai procura (*ζητέω*)”. Nesse sentido, o leitor perceberá, na leitura de Jo 6, que o encontro de Jesus com a multidão será resultado do esforço da carne e não do Espírito (6,63). A multidão apoia-se na própria busca; os Doze, em sua eleição divina.

Ao final da cena, todos os questionamentos levantados são respondidos: 1) João retoma os acontecimentos da primeira cena (6,1-15.22-24). A multidão, que vira o sinal do pão, não conseguiu entender o verdadeiro significado daquele gesto. Apenas querem comer de novo. O mal-entendido servirá de oportunidade para que Jesus se revele como “pão da vida”, dom de Deus ao mundo; 2) a revelação acontece em Cafarnaum, na sinagoga. Esse elemento é importante em virtude do antagonismo de “os judeus”. Justamente diante desse conflito, os discípulos deverão tomar uma decisão em relação a Jesus; 3) a verdadeira fé, explicitada pela narrativa, só é possível como resultado da graça de Deus. A iniciativa humana não sustenta a permanência com Jesus. O leitor, portanto, caso queira seguir o caminho dos “Doze”, deverá acolher, sem reservas, as palavras de Jesus, pois, comunicam Espírito e vida (6,63).

---

<sup>58</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 243.

### Estrutura do enredo episódico da cena 3:

Situação inicial: 6,22-24

Nó (complicação): 6,25-60

Ação transformadora: 6,61-65

Desenlace: 6,66-69

Situação final: 6,70-71

#### 3.1.2 Enredo unificante

Assim como um amontoado de tijolos não forma uma parede, várias cenas em sequência não constituem uma narrativa. O que faz dos tijolos uma parede é o cimento, que une e sustenta cada peça, deixando tudo em seu devido lugar. De igual forma, numa narrativa, são necessários elementos unificadores (*sintaxe*), ou seja, elos entre os diversos enredos episódicos, para direcionarem a narração. Ao conectar devidamente as cenas, forma-se o *enredo unificante*, que corresponde à totalidade da narração.<sup>59</sup> Nesse sentido, uma vez que se analisam os três enredos episódicos que compõem o texto de Jo 6 (6,1-15.16-21.22-71), surge a tarefa de explicitar os elos entre as referidas cenas e, conseqüentemente, a unidade semântica do conjunto (enredo unificante).

O enredo unificante de Jo 6 é do tipo *revelação*<sup>60</sup>. Ao final, o redator espera que o leitor saiba e creia que Jesus é o dom de Deus enviado para salvar o mundo (6,29.38.39.51). Essa intenção é explicitada na declaração final de Pedro, onde os verbos “crer” (πιστεύω) e “conhecer” (γινώσκω) constituem a confissão de fé idealizada pela narrativa: “nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (6,69). Para o narrador, essa compreensão é crucial, pois, a fé em Jesus como enviado do Pai é a única possibilidade de vida (6,47.49.50.53). Por fim, o enredo destaca que essa fé resulta, tão somente, da confiança na iniciativa divina, e não do esforço humano (6,44.65.70).

De que forma, então, o narrador constrói o enredo unificante e como ele conecta os enredos episódicos? Há, pelo menos, três elos que auxiliam na conexão entre as cenas e,

<sup>59</sup> VITÓRIO, 2016, p. 58-59.

<sup>60</sup> “O enredo é dito de *revelação*, quando culmina num ganho de conhecimento sobre um personagem da história. Quando a ação transformadora se aplica em um fazer, situando-se, portanto, no nível pragmático (pedido de cura, busca de pureza, desejo de reencontro), fala-se de um enredo de *resolução*”. MARGUERAT, 2009, p. 72.

consequentemente, no estabelecimento da lógica narrativa: o aspecto lexical, a repetição de algumas informações e o campo semântico.

### 3.1.2.1 Aspecto lexical

Os vocábulos são fundamentais para construção e articulação de uma narrativa, especialmente quando é constituída por dois ou mais enredos episódicos. Assim como uma costureira une distintos retalhos de tecidos por meio de fios, formando uma linda colcha de retalhos ou uma bela peça de roupa, o narrador alinhava diversos “retalhos” de textos e de memórias, produzindo um sentido ao conjunto da obra. O que, num primeiro momento, pode parecer ilógico e desconexo, ganhará sentido à medida que os “fios” narrativos se tornem visíveis aos olhos do leitor.

Há diversos vocábulos em Jo 6 que funcionam como fio, promovendo uma lógica na medida em que conecta as três cenas que compõem a narrativa (6,1-15.16-21.22-71). A lógica será demonstrada ao final da análise desse tópico. Trata-se, por enquanto, de listar os vocábulos em seus devidos lugares, percebendo, lexicalmente, a conexão entre as cenas.

<b>Aspectos lexicais</b>	<b>1ª cena (6,1-15)</b>	<b>2ª cena (6,16-21)</b>	<b>3ª cena (6,22-71)</b>
do outro lado do mar	6,1	6,17	6,22.25
querer (θέλω)	6,11	6,21	6,67
discípulos	6,3.8.12	6,16	6,60.61.66
Jesus	6,1.3.5.10.11.15	6,17.19	6,22.24.26.29.32.35.42. 43.53.61.64.67.70
mar	6,1	6,16.17.18.19	6,22.25
ver	6,2.5.14	6,19	6,22.24.26.30.36.40.46. 62
Tiberíades	6,1		6,23
multidão	6,2.5		6,22.24
judeus	6,4		6,41.52
pão   pães	6,5.7.9.11.13		6,23.26.31.32.33.34.35. 41.48.50.51.58
comer	6,5.13		6,23.26.31.49.50.51.52. 53.54.56.58

dar graças (εὐχαριστέω)	6,11		6,23
Doze	6,13		6,67.70.71
Sinal	6,2.14		6,26.30
Simão Pedro	6,8		6,68
não perder (perecer)	6,12		6,27.39
saber   conhecer	6,6.15		6,61.64
barco		6,17.19.21	6,22.23.24
Cafarnaum		6,17	6,24.59
“Eu Sou” e variações		6,20	6,35.41.48.51
descer (καταβαίνω)		6,16	6,33.38.41.42.50.51.58
receber (λαμβάνω)	6,7.11	6,21	

### 3.1.2.2 Repetição

*Repetição* é uma forma linguística para destacar algo importante num texto bíblico, recurso presente em Jo 6. Além dos vocábulos citados no tópico anterior, o narrador se vale da repetição de informações e temas, na intenção de conectar as cenas:

- Jo 6,22-24 é um elo importante, pois, relembra fatos das cenas anteriores. Da primeira cena, recorda que a multidão havia ficado do outro lado do mar e que comeu o pão oferecido por Jesus durante o seu gesto eucarístico (“tendo dado graças o Senhor”). Da segunda cena, recorda que Jesus não entrou no barco com seus discípulos e que eles partiram sozinhos para o outro lado; o destino é Cafarnaum. Além disso, a menção de que a multidão, novamente, procura Jesus (6,24) faz o leitor se lembrar de Jo 6,2: “seguia a ele grande multidão, porque viam os sinais que fazia sobre os enfermos”;
- por diversas vezes, o narrador destaca a onisciência de Jesus: ele sabe o que fazer em relação à fome da multidão (6,6); conhece a intenção equivocada da multidão de proclamá-lo como “profeta-rei” (6,15); percebe que suas palavras escandalizaram seus discípulos (6,61); sabe quem, de fato, creu nele e quem seria o traidor (6,64); e finaliza explicitando que um dos Doze é um diabo (6,70). Implicitamente, essa onisciência também aparece na segunda cena (Jo 6,16-21). João demonstra que Jesus conhece, verdadeiramente, a intenção dos seus

discípulos: apesar do desejo de recebê-lo no barco, Jesus não entra (6,21). Dessa forma, a realidade da onisciência de Jesus perpassa todas as cenas;

- a palavra *Καφαρναουμ* (Cafarnaum) conecta as cenas dois e três (6,17.24.59). Enquanto a segunda cena descreve a travessia para Cafarnaum, a terceira narra o que acontece naquele lugar;<sup>61</sup>
- na primeira cena, do grupo de discípulos menciona-se o nome de dois: Filipe e André (6,5.8). De igual forma, na terceira cena, do grupo dos Doze nomeiam-se dois discípulos: Simão Pedro e Judas Iscariotes (6,68.71). Destaca-se, ainda, que Simão Pedro, apesar de atuar apenas no final da terceira cena, é mencionado em Jo 6,8. Uma vez que terá um papel importante no desfecho da narrativa, estaria o narrador familiarizando o leitor com esse personagem? É provável que sim<sup>62</sup>;
- observação semelhante pode ser feita em relação à menção do número “doze”, que aparece em dois momentos distintos. Primeiro, “doze” é o número de cestos formados com as sobras de pães recolhidos após a multiplicação (6,13). Segundo, “doze” é a identificação do grupo seleta de discípulos escolhidos por Jesus, que permanecerão com ele ao final da narrativa (6,67.70.71). A menção na primeira cena parece ser uma prefiguração da terceira cena, especialmente quando se observa indícios da iniciativa de Jesus em relação à formação dos “doze”, tanto em relação aos cestos quanto ao grupo de discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca. [Então, reuniram e encheram doze cestas pesadas de pedaços dos cinco pães feito de farinha de cevada, que sobraram do que haviam comido]” (Jo 6,12-13); “Não eu vos escolhi doze?” (Jo 6,70);<sup>63</sup>
- por fim, ligada ao simbolismo dos “doze” está a noção da vontade de Deus. A expressão “para que nada se perca” (ἵνα μή τι ἀπόληται – 6,12), relacionada aos doze cestos de pães que sobraram, tem seu sentido revelado em Jo 6,39: “Esta, porém, é a vontade do que me enviou, (para) que tudo o que me deu não perca dele, mas o ressuscite no último dia” (τοῦτο δέ ἐστὶν τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός

<sup>61</sup> A importância dessa cidade para a narrativa é demonstrada na seção 3.3.3.

<sup>62</sup> MATEOS; BARRETO, 1999, p. 302.

<sup>63</sup> “Quando terminam de comer [6,12-13], Jesus manda recolher o que sobrou: doze cestos cheios de restos dos cinco pães e dois peixinhos (cf. Mc 6,43 par.). Doze é o número das tribos do antigo povo de Israel e também dos apóstolos do novo povo de Deus, a Igreja: o novo povo de Deus é alimentado no deserto, sinal do dom messiânico de Deus. A abundância dos restos recolhidos (lit.: o que ‘ultrapassou’) é um típico traço escatológico (cf. Is 25,6; Am 9,13 etc.; cf. a abundância do vinho em Caná)” (KONINGS, 2017, p. 210).

με, ἵνα πάν ὁ δέδωκέν μοι μὴ ἀπολέσω ἐξ αὐτοῦ, ἀλλ’ ἀναστήσω αὐτὸ [ἐν] τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ).<sup>64</sup>

### 3.1.2.3 Campo semântico

Por último, percebe-se o campo semântico. Muitos pesquisadores apontam que Jo 6 tem como pano de fundo o tema do Êxodo, com algumas reminiscências de outros textos (Nm 11,13; Dt 18,15; 2Rs 4,38.42-44; Ne 9,15; Sl 78(77),24; Pr 9,5; Sb 16,20; Sr 15,3; 24,21; Jr 31,33-34; Is 40,7; 48,21; 49,10; 51,10; 54,13; 55,1; entre outros).<sup>65</sup> Esse campo semântico perpassa todas as cenas, sendo, sem dúvida, o principal elemento unificante. Zumstein vê uma relação direta entre Jo 6 e Ex 16:

A segunda relação intertextual é aquela que liga Jo 6 a Ex 16. A história da dádiva do maná no deserto, na qual Moisés desempenha um papel preponderante, constitui a matriz semântica de Jo 6. Em apoio a esta tese, iremos observar os seguintes elementos: a citação do Sl 77,24 (LXX) ao v. 31; as duas referências a Ex 16 nos vv. 39a e 44, e finalmente as alusões a esta grande narrativa do Antigo Testamento através dos motivos do “murmúrio” (cf. vv. 41.43.61 que se referem a Ex 16,2.7.8.9.12) e a pessoa de Moisés (cf. v. 14 que ecoa Dt 18,15.18). É certo que Jo 6 pode ser lido independentemente de Ex 16, mas a ligação intertextual com este famoso texto da tradição veterotestamentária, desencadeada pelos inúmeros sinais que pontilham a narrativa de João, gera um excedente de sentido que enriquece a interpretação. O pano de fundo sapiencial também é frequentemente evocado como pano de fundo do famoso ditado “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá fome e quem crê em mim nunca terá sede” (cf. Pr 9,5, Sr 15,3 e sobretudo 24,21 [24,29]). Por fim, o discurso sobre o pão da vida também foi colocada em relação intertextual com Is 55,1-3 e 10-11. Por mais preciosas que sejam essas observações, Ex 16 continua sendo o horizonte de leitura decisivo de Jo 6.<sup>66</sup>

Dessa forma, torna-se necessário a organização de um inventário, demonstrando em cada uma das cenas a presença desse campo semântico:

<b>Campo semântico: Êxodo</b>	
<b>Cena 1: 6,1-15</b>	Travessia do mar (Ex 14,15-31; Sl 78,13); Jesus seguido por uma grande multidão (Ex 12,37-42; 16,1-36); Jesus subindo ao monte (Ex 19); Jesus realizando sinais (Ex 4,1-23);

<sup>64</sup> KONINGS, 2017, p. 210.

<sup>65</sup> BEUTLER, 2015, p. 159-188; BROWN, 1979, p. 445-539; KONINGS, 2017, p. 200-229; LEON-DUFOUR, 1996b, p. 67-144; MATEOS; BARRETO, 1999, p. 293-345; ZUMSTEIN, 2014, p. 206-244.

<sup>66</sup> ZUMSTEIN, 2014, p. 207.

	<p>Proximidade com a festa da Páscoa (Ex 12);</p> <p>Jesus promovendo uma provação (Dt 8);</p> <p>Jesus perguntando onde conseguirá alimento para tanta gente (Nm 11,13);</p> <p>Cinco pães de cevada (Rt 2,14; 2Rs 4,42-44);</p> <p>A constatação da impossibilidade de se alimentar (Nm 11,22);</p> <p>Uma grande multidão sendo alimentada num lugar deserto (Ex 16; Sl 78,19-29);</p> <p>Todos comeram e sobejou (Ex 16,22-30; Is 25,6; Am 9,13);</p> <p>Alusão à Dt 18.15; 34,10-11 (Jesus reconhecido como o profeta anunciado por Moisés);</p>
<b>Cena 2: 6,16-21</b>	<p>Os discípulos atravessando o mar (Sl 107,23-32);</p> <p>Jesus sobre as águas [sinal de autoridade sobre o mar – símbolo de caos] (Sl 29,3; 77,20; 78,13);</p> <p>Jesus diz: “Eu sou. Não tenha medo” (Ex 3,12.14; 19,16; Dt 18,16);</p>
<b>Cena 3: 6,22-71</b>	<p>Travessia do mar (Ex 14,15-31; Sl 78,13);</p> <p>Multidão seguindo Jesus (Ex 12,37-42; 16,1-36);</p> <p>Multidão querendo comer (Ex 16);</p> <p>A necessidade de sinal para crer em Jesus como enviado (Ex 4,27-31);</p> <p>Menção do maná oferecido aos antigos no deserto (Ex 16; Sl 78,24-25);</p> <p>Menção de Moisés como aquele que deu pão (Ex 16);</p> <p>Jesus como aquele que viu o Pai (Ex 33,20);</p> <p>Jesus, pão que desceu do céu, como releitura do maná (Ex 16; Pr 9,1-6; Sr 24, 19-22; Is 55,1-3);</p> <p>Murmuração (Ex 16,2.7.8.9.12; 17,3; Nm 11,1; 14,27);</p> <p>Discípulos escandalizados e, por isso, decidem voltar atrás (Ex 14,1-10; 16,1-19);</p> <p>Menção da eleição dos Doze, o novo Israel [alusão às doze tribos que constituem o antigo Israel] (Ex 13,8-10.14; Dt 26,1-11);</p>

### 3.1.2.4 Lógica narrativa

A primeira cena (6,1-15) tem a função de apresentar a pergunta-chave que a narração de Jo 6 pretende responder: que tipo de Messias é Jesus? O questionamento será construído a partir do mal-entendido: a multidão vê o sinal realizado por Jesus, todavia, não entende seu sentido mais profundo (6,26). Em virtude da multiplicação de pães e de peixes, a multidão deseja aclamar Jesus como profeta-rei (6,14). Ele, sabendo dessa intenção, se retira sozinho para a montanha (6,15). O afastamento de Jesus demonstra que ele não compartilha dessa perspectiva popular a seu respeito. A primeira cena gera um suspense na narrativa.

Alguns temas importantes para a elaboração da resposta à pergunta-chave, que serão desenvolvidos ao longo da narrativa, são apresentados na primeira cena:

- *a iniciativa de Jesus*: Jo 6,1-15 sublinha que Jesus sempre toma a iniciativa: sobe a montanha e senta lá com seus discípulos; levanta os olhos e vê a multidão se aproximando; pergunta a Filipe onde comprariam pães para toda aquela gente<sup>67</sup>; coloca seu discípulo à prova; toma os pães, dá graças e ele mesmo os distribui<sup>68</sup>; ordena que seus discípulos recolham o excedente; conhece a intenção da multidão e, por isso, se antecipa e se retira sozinho para a montanha;
- *Jesus testa seus discípulos*: diante da necessidade de alimentar a multidão, Jesus pergunta a Filipe onde comprariam pães para que aquelas pessoas pudessem comer (6,5). Essa pergunta representa um teste de fé para os discípulos (6,6a);
- *a onisciência de Jesus*: a pergunta feita a Filipe constitui-se um teste, pois, Jesus sabe exatamente o que fará naquela situação (6,6b);
- *ambiente de ensino*: a cena começa ambientando o cenário; Jesus sobe a montanha e se senta lá com seus discípulos. Essa imagem introduz o leitor num contexto de aprendizagem, pois, uma correta compreensão acerca da identidade de Jesus será ensinada/revelada;
- *conflito com os judeus*: pano de fundo marcante para a narrativa é o embate com “os judeus”, personagem inserido na terceira cena. Porém, em Jo 6,4, o narrador informa ao leitor que a história narrada acontece em tempo de Páscoa, referindo-se a ela como “a festa dos judeus” (ἡ ἑορτὴ τῶν Ἰουδαίων). Esse comentário explicita um afastamento entre Jesus e “os judeus”.

<sup>67</sup> Como vimos na seção 2.4 (Sinopse Joanina), a versão joanina diverge da sinótica: em Jo, Jesus é o autor do questionamento; em Marcos e Mateus, os discípulos fazem a pergunta (Mc 8,4; Mt 15,33); em Lc, Jesus pede para que seus discípulos deem de comer ao povo (Lc 9,13).

<sup>68</sup> Novamente, há uma divergência em relação aos sinóticos: enquanto, na versão joanina, Jesus distribui os pães, na sinótica, a partilha é feita pelos discípulos (Mc 8,6; Mt 15,36; Lc 9,16).

O leitor desatento poderia pensar que o relato da travessia de Jesus, andando sobre o lago de Tiberíades (6,16-21), fosse dispensável para a compreensão do conjunto de Jo 6, e, talvez, João tenha mantido a sequência das cenas apenas por respeito à tradição sinótica.<sup>69</sup> Porém, como demonstrado na seção 2.4 (Sinopse Joanina), há diversas adaptações na versão joanina desse episódio. João utiliza a tradição sinótica com muita liberdade. Além disso, percebe-se, em Jo 6,22-24, o trabalho do narrador para conectar a segunda e a terceira cenas, pois relembram o fato de Jesus não ter entrado no barco com os discípulos e que eles partiram sozinhos para Cafarnaum.

Portanto, não se deve esperar encontrar em João uma mera “variante” da narrativa de Marcos ou Mateus, mas uma “releitura” desses textos à luz da experiência da fé da comunidade joanina. Segundo esse modelo, João não será meramente um “quarto sinótico”, apesar das muitas concordâncias verbais, mas ele aparece como um intérprete da tradição sinótica à luz de seu próprio tempo.<sup>70</sup>

A conexão da segunda cena com o relato anterior, o sinal do pão (6,1-15), e com o relato subsequente, o discurso do pão da vida (6,22-71), é tênue. Para Beutler, o elemento que mais conecta a seção com o tema fundamental do pão da vida é a fórmula com a qual Jesus se dá a conhecer aos discípulos no meio da travessia: “Eu Sou” (6,20).<sup>71</sup> Como se perceberá, “esta fórmula é muito significativa para conectar o relato da caminhada sobre a água com o discurso subsequente, em que Jesus se autodefine com as palavras ‘Eu sou o pão da vida’ (Jo 6,35.48.51), usando uma formulação que tem raízes no vocabulário do AT”.<sup>72</sup> Brown considera que a fórmula “Eu Sou” (6,20) seja um elemento-chave para a conexão do relato da travessia:

Que relação esse milagre tem com a multiplicação e o resto do capítulo? Até certo ponto, o evangelista o utiliza como corretivo para a reação inadequada da multidão à multiplicação. Aquelas pessoas, impressionadas pelo caráter milagroso do sinal, estavam prestes a aclamar Jesus como messias político. Mas Jesus é muito mais do que isso e não pode ficar limitado por títulos como os de “o Profeta” ou “rei”. O fato de Jesus andar sobre as águas é um sinal de que o próprio Jesus é responsável pela interpretação, e o faz através da expressão única do nome divino “Eu Sou”.<sup>73</sup>

Se a primeira cena questiona que tipo de Messias é Jesus, o relato da travessia enfatiza o equívoco da multidão na interpretação do sinal do pão e lança pressupostos para a revelação que se fará ao longo do discurso em Cafarnaum (6,22-71). Jesus não poderá ser compreendido

<sup>69</sup> BROWN, 1979, p. 472.

<sup>70</sup> BEUTLER, 2015, p. 170.

<sup>71</sup> BEUTLER, 2015, p. 170.

<sup>72</sup> BEUTLER, 2015, p. 170.

<sup>73</sup> BROWN, 1979, p. 475.

meramente na dimensão humana, como um líder político (profeta-rei), reduzido a satisfazer necessidades materiais. Ele é de outra ordem, seu reino não é desse mundo (Jo 18,36-38). No contexto caótico da travessia, Jesus se dá a conhecer: “Eu sou, não temais” (6,20). Como observa Konings, mesmo se o primeiro sentido da expressão seja de identificar a pessoa de Jesus, é inevitável a associação com o nome de Deus, YHWH (“Aquele que é”, “Eu Sou”, Ex 3,14).<sup>74</sup> “Deus revelou-se a Moisés como aquele que não tem nome próprio, como têm os outros deuses, ou melhor, cujo nome é inefável. Identificou-se como aquele que, com sua presença, acompanha seu povo: ‘Eu Sou/estou (contigo)’ (Ex 3,12; Jo 8,28)”.<sup>75</sup> Jesus é a presença de Deus no mundo, que liberta e conduz “para fora” aqueles que creem nele como enviado (Jo 10,1-6). Portanto, “João trata a cena como uma epifania divina centrada em torno da expressão *ἐγώ εἰμι*”.<sup>76</sup>

Além disso, como exposto na seção 3.1.2.3 (*Campo Semântico*), o gesto de Jesus andar sobre as águas fortalece o campo semântico do Êxodo, da Páscoa. Como observa Brown, a tradição litúrgica pascal de Israel relaciona, estreitamente, a travessia do Mar Vermelho e o dom do maná.<sup>77</sup> Jo 6,31, que menciona o maná comido pelos antigos no deserto, tem uma relação com Sl 78,24. Esse mesmo salmo se refere, no v. 13, à passagem do mar pelos israelitas. Outro paralelo importante está no Sl 77,20[19], que descreve poeticamente a passagem pelo Mar Vermelho: “abriu-se no mar teu caminho, tua senda na imensidão das águas, mas teus vestígios ficaram invisíveis”. Segundo Brown, uma das leituras sinagogais do ciclo pascal era Is 51,6-16, com alusões a como os redimidos passaram por um caminho, em cima das profundezas do mar (Is 51,10), e dizendo que o Senhor perturba o mar e agita as ondas (Is 51,15).<sup>78</sup> Por fim, pode-se relembrar a intertextualidade entre a travessia do lago de Tiberíades e o Salmo 107, especialmente nos v. 4-5 (o povo que vagava faminto pelo deserto), v. 9 (o Senhor sacia os famintos), v. 23 (alguns desceram ao mar em seus navios), v. 25 (o Senhor levantando um vento de tempestade que levantou as ondas), v. 27-28 (os atribulados clamaram ao Senhor) e v. 28-30 (o Senhor salva os aflitos, acalmando o mar e os levando a um porto seguro).

Há, portanto, passagens do AT, especialmente aquelas relacionadas ao êxodo, que nos ajudam a explicar como a passagem de Jesus caminhando sobre as águas do lago pode se encaixar perfeitamente no pano de fundo pascal de João 6, por isso permaneceu intimamente relacionado à multiplicação. É claro que é difícil provar que o evangelista

<sup>74</sup> KONINGS, 2017, p. 211.

<sup>75</sup> KONINGS, 2017, p. 211.

<sup>76</sup> BROWN, 1979, p. 474.

<sup>77</sup> BROWN, 1979, p. 475.

<sup>78</sup> BROWN, 1979, p. 475-476.

tinha alguma passagem específica em mente, mas, em conjunto, são numerosas o suficiente para tornar plausível a ideia de que ele pretendia que o milagre refletisse o simbolismo geral da passagem do mar durante o êxodo e a prerrogativa atribuída a Javé de fazer o seu caminho sobre ou nas águas.<sup>79</sup>

Semelhante ao que acontece na primeira cena, o relato da travessia do mar da Galileia insere outros temas importantes que serão aprofundados no discurso do pão da vida, respondendo, portanto, o questionamento principal:

- *a iniciativa dos discípulos*: ao contrário do que acontece no relato anterior, o foco da segunda cena recai sobre a iniciativa dos discípulos. Enquanto Jesus sobe a montanha, eles decidem partir para Cafarnaum, sozinhos. Não esperam por Jesus e não têm uma direção dada pelo mestre.<sup>80</sup> Agem por conta própria;
- *a escuridão*: a cena da travessia é tomada do simbolismo da noite, imagem peculiar em João. Beutler percebe uma relação dessa cena com Nicodemos, afinal, ele se encontra com Jesus à noite (Jo 3,2), pois “ainda não está iluminado pelo ensinamento do mestre”.<sup>81</sup> De igual forma, os discípulos, agindo por iniciativa própria, permanecem “na escuridão”. Ainda não discerniram o mestre, e sua presença gera medo e estranhamento;
- *a desconfiança de Jesus*: o mestre conhece seus discípulos e sabe que eles estão “na escuridão”. A fé, inicialmente manifestada (2,11), precisa ser testada (6,6), pois se sustenta na iniciativa humana. Por isso, quando os discípulos desejam receber Jesus, o narrador omite a informação sinótica de que ele entra na embarcação. A intenção da acolhida parece não ser sincera. No entanto, Jesus sabe disso (6,64).

Devidamente preparado, o leitor ingressa na terceira cena, envolvido pelo suspense e desejoso por saber que tipo de Messias é Jesus (6,1-15). Já sabe que a resposta deverá extrapolar uma compreensão política e humana, pois o próprio Jesus já estabeleceu os critérios para que seja compreendido (6,16-21). Os temas inicialmente introduzidos serão desenvolvidos na cena final, construindo, assim, a resposta à pergunta-chave e incitando o leitor a um posicionamento diante do que lhe será revelado.

<sup>79</sup> BROWN, 1979, p. 476.

<sup>80</sup> Outra divergência considerável: em Mc 6,45-52 e Mt 14,22-33 os discípulos entram no barco e iniciam sozinhos a travessia do mar por ordem do próprio Jesus. Lucas omite essa informação.

<sup>81</sup> BEUTLER, 2015, p. 172.

Com o tema do Êxodo como pano de fundo, Jesus se revela como o “pão que desceu do céu”, pão que gera vida. Os indícios desse campo semântico, introduzidos na primeira e na segunda cena, serão explicitados, especialmente, pela citação do maná e de Moisés (6,31.32.49.58). Ambas as menções serão fundamentais na elaboração do discurso de Jesus.

O tema do discurso de Jesus sobre “o pão da vida” em João 6 é afirmado nestas palavras: “Não foi Moisés que vos deu o pão do céu, mas meu pai está dando a vocês o verdadeiro pão do céu” (6,32). Assim, o segundo “dom” associado a Moisés é trazido para uma perspectiva cristológica. A intenção polêmica é evidente: Moisés é reduzido a um mero mediador do dom, e o próprio dom é derogado em comparação com seu contratipo cristão. [...] O dom que é dado por meio de Jesus é descrito como paralelo ao que veio por meio de Moisés. Como o maná do deserto, a dádiva é “pão do céu”. Mas o discurso enfatiza que o dom de Jesus é superior ao que veio pela mão de Moisés: como o “pão verdadeiro” dá “vida eterna”, enquanto os pais que comeram o maná morreram. O novo dom é simbolizado pela multiplicação dos pães e pela reunião dos pedaços, pois o “pão vivo” é o meio de “congregar os filhos de Deus que estão dispersos”. Mas isso significa que o dom é nada menos que o próprio Jesus, *ὁ καταβάς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ*, “dado” na morte.<sup>82</sup>

Jesus dá o “pão da vida” e, ao mesmo tempo, é o próprio pão. Ele alimenta os famintos a partir da doação de si, de forma surpreendente e espiritual. O caráter sobrenatural do gesto de Jesus foi simbolizado na alimentação milagrosa que aconteceu na primeira cena. O leitor já havia sido informado que somente Jesus seria capaz de um feito daquele. O sentido do ato material será aprofundado no discurso, e o leitor saberá que Jesus é o único capaz de alimentar a “fome espiritual” do mundo, garantindo a vida eterna.

A conotação de ensino, que caracteriza o enredo unificante como tipo *revelação*, é percebida por alguns aspectos: primeiro, a descrição de que Jesus senta-se na montanha com seus discípulos (6,3)<sup>83</sup>; depois, a informação de que suas palavras foram proclamadas na sinagoga de Cafarnaum (6,59); em seguida, a própria narração das palavras de Jesus que se tornam necessárias diante de um mal-entendido acerca de sua identidade (6,15.26.27); por fim, a reação dos discípulos manifestando a dificuldade em ouvir (*ἀκούω*) essas palavras, demonstrando a incompatibilidade entre o que foi dito por Jesus e que pensam os discípulos.

Como forma de intensificar a tensão narrativa, João elabora seu relato sob perspectiva conflitiva. O contexto da história narrada situa-se próximo à Páscoa, considerada festa de “os judeus”. O distanciamento de Jerusalém, nesse período, já abordado, ganha sentido quando se nota a presença de “os judeus” como interlocutores de Jesus na terceira cena (6,41.52) e, ainda, a menção de que as palavras foram ditas dentro de uma sinagoga (6,59). Além disso, a

<sup>82</sup> MEEKS, Wayne A. *The Prophet-King: Moses traditions and the Johannine Christology*. Leiden: E. J. Brill, 1967, p. 291.

<sup>83</sup> KONINGS, 2017, p. 207.

concepção teológica de que Jesus supera Moisés ao proporcionar um pão, que é ele mesmo, que garante a vida eterna.

Essa ação é possível porque Jesus é o enviado do Pai e está comprometido com a vontade de Deus (6,38): “que tudo o que me deu não perca dele, mas o ressuscite no último dia” (6,39). Predomina na cena a ideia do esforço divino para que ninguém se perdesse do seguimento de Jesus, garantia da vida. Essa noção apareceu na primeira cena, quando Jesus ordenou seus discípulos que recolhessem as sobras dos pães, “para que nada se perca” (6,13).

Uma vez respondida a pergunta-chave, cabe ao leitor tomar sua decisão: crer ou não crer nesse Messias. A vida depende dessa escolha. Muitos discípulos abandonaram Jesus, considerando suas palavras duras (6,60.66). Os Doze, porém, permanecerão, pois encontraram palavras de vida eterna (6,68). O leitor deve seguir a escolha dos Doze.

Por trás dessa escolha transparece uma concepção teológica: a iniciativa divina. Só é possível acolher Jesus como dom de Deus porque o Pai, primeiro, os escolheu. Essa noção é simbolizada na primeira cena pela própria iniciativa de Jesus, que protagoniza as principais ações (6,1-15). Depois, indo ao encontro dos discípulos que estão sofrendo no mar, envolvidos na escuridão (6,16-21). O sentido desses atos de Jesus é explicitado em suas palavras ao longo do discurso, expressando que só é possível ir a ele se o Pai o conceder (6,37.39.44). Além disso, a própria Escritura é sinal dessa iniciativa, pois, quem a lê corretamente irá a ele (6,45). Jesus repete essa concepção em Jo 6,65 (“por isso disse a vós que ninguém pode vir a mim, se não tiver sido dado do meu Pai”), fechando o *clímax* da terceira cena, e conclui sua participação alertando os Doze sobre essa realidade: “Não eu vos escolhi doze?” (6,70a).

A eleição divina, porém, não é garantia. Por isso, a fé deve ser testada, como acontece com Filipe na primeira cena (6,6). Sabendo de tudo, Jesus não se deixa enganar pela expressão inicial da fé nele. Isso fica indicado em sua desconfiança diante do desejo dos discípulos em recebê-lo no barco durante a tempestade: ele não entra (6,21). Ante o escândalo de muitos discípulos (6,60-61), Jesus não retrocede, não obstante, avança em sua revelação (6,62-63). Como resultado, muitos desertam. Volta-se, então, aos Doze e os questiona: “Não quereis também vós partir?” (6,67). Jesus sabia quem realmente cria nele (6,64). Mesmo recebendo uma acolhida positiva dos Doze, os alerta que, apesar de serem escolhidos, um deles o trairia. A fé precisa ser confirmada.

### **Estrutura do enredo unificante:**

**6,1-15:** a pergunta-chave a partir do sinal do pão

*Que tipo de Messias Jesus é?*

**6,16-21:** em que categorias deve-se responder essa pergunta?

*Jesus como o “Eu Sou” – não é um líder político*

**6,22-71:** Ele é o “pão vivo que desceu do céu”

*Qual será a resposta do leitor diante da revelação de Jesus?*

## **3.2 Os personagens**

Tão importante quanto o enredo de uma narrativa são os personagens que ela apresenta e a atuação deles no próprio enredo. Marguerat fala dessa relação utilizando a metáfora do guarda-chuva, comparando o enredo com a armação e os personagens com o pano que cobre a armação. Ambos são fundamentais e, conseqüentemente, é impossível falar de um sem tocar no outro.<sup>84</sup> Dessa forma, tem-se aqui a tarefa de apresentar os personagens dessa narrativa, apontando os principais elementos da articulação no enredo descrito acima.

### **3.2.1 Classificação dos personagens**

Há, pelo menos, três tipos de personagens em uma narrativa. Para classificação, seguir-se-á a indicação de Marguerat a respeito desses personagens:<sup>85</sup>

- *protagonista*: personagem simples ou complexa, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do enredo;
- *cordão*: personagem simples, desempenhando um papel menor (ou único) no desenvolvimento do enredo;
- *figurante*: personagem simples, desempenhando um papel passivo ou quase passivo (pano de fundo da narrativa).

---

<sup>84</sup> MARGUERAT, 2009, p. 75.

<sup>85</sup> MARGUERAT, 2009, p. 78.

### 3.2.1.1 Protagonista

A narrativa de Jo 6 possui apenas um protagonista, Jesus. Em torno dele tudo gira e, para ele, tudo converge. Como demonstrado, Jo 6 tem um enredo de revelação em relação à pessoa de Jesus, que, nesse caso, aparece sob forma singular. Jesus está presente em todas as cenas; é quem dá dinâmica ao enredo e profere a maior parte das palavras. Como protagonista, é natural que seja apresentado como personagem redondo, ou seja, uma figura construída com a ajuda de vários traços: realiza sinais (6,2.14.26); testa seus discípulos diante da necessidade da multidão (6,6); sabe o que está para acontecer (6,6.64); é visto como o *profeta* (6,14); querem proclamá-lo rei (6,15); anda sobre as águas (6,19); é mestre (6,25); enviado do Pai/céu (6,29); aquele que dá a vida (6,35.40.48.51); quem tem palavras de vida (6,63.68); Filho do Homem (6,53.62) e Santo de Deus (6,69).

Os demais personagens, tanto *cordões* como *figurantes*, não terão nenhuma autonomia na narrativa, pois existem e agem em função da pessoa de Jesus. O narrador constrói e articula esses personagens com a intenção de conduzir o leitor à decisão pela fé em Jesus como o Cristo (20,20-31), aquele que tem palavras de vida eterna (6,68).

### 3.2.1.2 Cordão

Os personagens *cordão* são mais simples e desempenham um papel secundário na narrativa, apesar de essenciais para o desenvolvimento do enredo, nesse caso, revelar Jesus como o Cristo, o enviado do Pai. Há quatro personagens *cordão* na narrativa: a multidão, os discípulos, os Doze e Simão Pedro.

- *A multidão*: representa um personagem coletivo e redondo, com os seguintes traços constitutivos: segue Jesus por causa do sinal que fez em favor dos doentes (6,2); é alvo da compaixão de Jesus, que a alimenta no deserto (6,5.11); reconhece Jesus como o profeta que deveria vir ao mundo (6,14) e quer proclamá-lo rei (6,15); pede a Jesus novo sinal para que creiam nele como enviado do Pai (6,30). O encontro com Jesus e a reação diante do que está fazendo será fundamental para que o narrador conduza o leitor em direção à revelação que deseja apresentar, especialmente porque dá a Jesus a oportunidade de proferir seu discurso. A multidão não aparece em todas as cenas, apenas em duas (6,1-15.22-34);

- *Os discípulos*: semelhante à multidão, os discípulos são um personagem coletivo e redondo: sentam-se com Jesus na montanha (6,3); recolhem o excedente da alimentação milagrosa (6,13); ficam com medo de Jesus ao vê-lo andando sobre as águas (6,19); querem receber Jesus no barco (6,21); e muitos desses discípulos abandonam Jesus após seu discurso (6,66). Os discípulos atuarão em três momentos distintos que serão essenciais no enredo de revelação, pois proporcionarão ao leitor uma importante reflexão a respeito de sua própria postura em relação à pessoa de Jesus;
- *Os Doze*: esse também é um personagem coletivo, porém com um só traço: foram escolhidos por Jesus e confirmam sua confiança nele (6,69-70a), apesar de ser uma confiança frágil. Um dentre eles é “um diabo” (6,70b). Mesmo sendo mencionados apenas na última cena, exercem um papel de destaque na trama, pois *os doze* se opõem à decisão de outros discípulos que abandonaram Jesus, oferecendo ao leitor a oportunidade de fazer a mesma opção, que é o interesse do narrador: crer em Jesus e permanecer nele;
- *Simão Pedro*: este personagem aparece como o porta-voz dos Doze e, a despeito de atuar somente na última cena, foi mencionado na primeira. O narrador insere André e o descreve como “irmão de Simão Pedro” (6,8), o que pode indicar a importância desse discípulo para o evangelho. Verifica-se uma menção semelhante em Jo 1,40. Pedro deve ser classificado como um personagem singular e redondo: irmão de André (6,8); é o porta-voz dos Doze (6,68); crê firmemente em Jesus como Santo de Deus (6,69). A atuação curta não diminui sua importância em toda a narrativa, dado que, de sua boca, sai a confissão que o narrador espera sair da boca de cada leitor. Pedro, então, representa o crente idealizado pela narrativa<sup>86</sup>.

### 3.2.1.3 Figurantes

Por fim, tem-se os personagens figurantes, que se limitam a compor o pano de fundo da narrativa, com papéis passivos ou quase passivos, figuras resumidas em um único traço, com exceção de Judas. Segue a lista:

---

<sup>86</sup> Confira a seção 1.5.

- *Filipe*: personagem singular; foi testado por Jesus em relação à alimentação da multidão (6,6), já que, não sabe o que vai acontecer;
- *André*: personagem singular; descrito apenas como irmão de Simão Pedro (6,8) e, semelhante a Filipe, não sabe o que vai acontecer;
- *o menino*: personagem singular; descrito como aquele que oferece cinco pães e dois peixes, o que será determinante para a alimentação de todos (6,9);
- “*os judeus*”: personagem coletivo; se opõem às palavras de Jesus e começam a murmurar (6,41.52);
- *Judas*: personagem singular; diferente dos demais, esse personagem tem mais de um traço: é descrito como filho de Simão Iscariotes; faz parte dos doze; apontado como “um diabo”; e identificado como aquele que entregaria Jesus (6,70-71).

Apesar da atuação como figurantes, esses personagens têm um lugar importante na narrativa. Filipe dá a oportunidade de demonstrar que Jesus sabe o que está para acontecer (6,6). André, com seu descrédito em relação aos cinco pães e dois peixes, valoriza a ação de Jesus e aumenta a tensão na cena (6,9b). O menino, ao oferecer o pouco que tinha, contrapõe-se ao ceticismo de André, indicando o dualismo presente em toda a narrativa (6,9a), que vai ser reforçado com a menção da presença dos judeus interrompendo o discurso de Jesus (6,41.52). E, por fim, a figura de Judas como elemento que salienta a fragilidade da confissão de fé dos Doze, que precisa ser, constantemente, confirmada (6,70-71). Apesar de ser figurante, o narrador opta por apresentar Judas como personagem redondo e o encaixa no final da narrativa, “no apagar das luzes”, como se a última coisa que o leitor precisasse fosse um alerta em relação à confissão de fé.

### 3.2.1.4 Síntese da classificação dos personagens

Personagem	Número	Intensidade	Traços constitutivos
Jesus	singular	protagonista	redondo
A multidão	coletivo	cordão	redondo
Os discípulos	coletivo	cordão	redondo
Os doze	coletivo	cordão	plano
Simão Pedro	singular	cordão	redondo

Filipe	singular	figurante	plano
André	singular	figurante	plano
O menino	singular	figurante	plano
Os judeus	coletivo	figurante	plano
Judas	singular	figurante	redondo

### 3.2.2 O ponto de vista avaliador

Numa narrativa, o leitor faz a experiência de se identificar com cada um dos personagens. Porém, essa experiência não se efetua em regime de total liberdade, por ser conduzida pelo narrador<sup>87</sup>, que, a partir de seu ponto de vista avaliador<sup>88</sup>, constrói cada um dos personagens a partir de sua própria concepção de mundo e de suas intenções narrativas<sup>89</sup>. Ao ser apresentado aos personagens, pode-se experimentar um leque de sentimentos que geram no leitor, pelo menos, três reações<sup>90</sup>:

- *Empatia*: relação de identificação forte entre o leitor e um personagem da história contada;
- *Simpatia*: relação positiva entre o leitor e um personagem da história contada;
- *Antipatia*: atitude reativa e hostil do leitor para com um personagem da história contada.<sup>91</sup>

Esse processo de identificação é estratégico na condução do leitor. As informações que permitirão que isso aconteça são escolhidas e inseridas pelo narrador e, consequentemente, serão determinantes para a ação/decisão do leitor ao final da leitura.

#### 3.2.2.1 Empatia

Sendo Jesus o protagonista da narrativa, é natural que o leitor tenha grande empatia por esse personagem. Porém, antes de se analisarem as estratégias narrativas presentes em Jo 6, é necessário atentar para o fato de que há informações prévias disponibilizadas pelo narrador. A

<sup>87</sup> MARGUERAT, 2009, p. 85.

<sup>88</sup> “**Ponto de vista avaliador**: opinião do narrador que conduz sua apresentação dos personagens, ou das coisas, em função de seu sistema de valores e de sua concepção” (MARGUERAT, 2009, p. 89).

<sup>89</sup> MARGUERAT, 2009, p. 87.

<sup>90</sup> MARGUERAT, 2009, p. 89.

<sup>91</sup> MARGUERAT, 2009, p. 89

narrativa está inserida numa sequência<sup>92</sup>, que, naturalmente, compõe toda a obra joanina. A empatia com Jesus, então, não é construída apenas pelo que se lê em Jo 6, mas, também, pelo que é dito, anteriormente, a respeito dele e de suas obras.

Algumas informações prévias a respeito de Jesus são fundamentais para a construção dessa empatia: Palavra encarnada (1,14); luz do mundo (1,9); revelador da graça e da verdade (1,17); quem verdadeiramente viu a Deus (1,18; 3,13); cordeiro de Deus [que tira o pecado do mundo] (1,29.36); quem batiza com o Espírito (1,33); Filho de Deus (1,34.49); o Cristo (1,41); Filho do Homem (1,51; 3,13-14; 5,27); realiza sinais que manifestam a glória de Deus (2,11.23; 4,54; 5,8-9); aquele que substitui o Templo (2,21); conhece o coração das pessoas e não se deixa enganar (2,24-25; 5,42); mestre da parte de Deus (3,2); doador da vida (3,16.36; 5,21.24.26.40); dom de Deus (4,10); fonte de água viva (4,14); profeta (4,19); o “eu sou” [o Cristo] (4,26); salvador do mundo (4,42); faz o que o pai faz (5,19); aquele para quem as Escrituras apontam (5,39.46-47).

Dessa forma, o leitor já é inserido, em Jo 6, numa relação empática com Jesus. Essa relação vai crescer ainda mais à medida que o narrador vai construindo sua narrativa e apresentando ao leitor novas informações a respeito de Jesus: ele se afasta de Jerusalém no período próximo à Páscoa e distribui pão, dando graças (εὐχαριστέω), num lugar deserto (6,14.11.23); faz sinais em favor dos doentes (6.2.14.26); tem compaixão da multidão que o segue (6,5-6.10-12); foge do reconhecimento humano e equivocado de suas obras (6,15); tem autoridade sobre as forças da natureza (6,19); sabe o que está para fazer (6,6); não se deixa enganar pela aparente fé manifestada (6,26.64a); revela-se como “pão da vida” e dom de Deus (6,35-59); enfrenta os judeus (6,43); mesmo revelando-se como dom de Deus é abandonado por muitos discípulos (6,66); questiona a intenção dos Doze em relação a ele (6,67); sabe que vai ser traído (6,64b.70-71).

Essas novas informações inseridas no capítulo 6, somadas às informações prévias (Jo 1–5), proporcionam ao leitor uma experiência de empatia com Jesus, especialmente pelo leque de sentimentos que se pode experimentar ao longo da leitura. Primeiro, se informa que Jesus se afasta de Jerusalém quando se aproxima da Páscoa e segue com seus discípulos para a Galileia. Lá, em lugar inóspito, alimenta milagrosamente uma multidão (6,1.4.11). Já se tem a informação da insatisfação de Jesus em relação ao sistema religioso que controla a religião em Jerusalém e estabelece uma hierarquia geográfica para a adoração (2,13-25; 4,21-24; 5,1-9). Com essa atitude, o narrador desperta no leitor um sentimento de admiração pela atitude

<sup>92</sup> Como demonstrado na seção 2.3.2.

subversiva de Jesus, ao questionar o estabelecimento da geografia e o do tempo sagrados: o lugar e o tempo ideais para se encontrar Deus é onde e quando Jesus está, não em Jerusalém em dia de sábado.

Nota-se uma tensão na narrativa, afinal, uma multidão vem ao encontro de Jesus e não se sabe o que vai acontecer. Jesus, então, decide testar seus discípulos. Contudo, já é dito que ele sabe exatamente o que vai fazer (6,6). Essa informação, ao mesmo tempo em que traz alívio, gera suspense, pois, também se quer saber o que vai acontecer. O leitor, então, mesmo ansioso pelo desenrolar da história, é desafiado a depositar sua confiança em Jesus, pois sua pergunta a Filipe não representa insegurança, e sim um teste. Esse fator será um elemento condutor para a leitura, uma vez que essa percepção de Jesus a respeito das realidades não visíveis já foi revelada (2,23-25) e seguirá presente na narrativa: ele conhece a real motivação da multidão, que parecia ter entendido o sinal (6,14-15.26); conhece desde o início quem eram os que acreditavam nele (6,64a); e sabe quem vai entregá-lo (6,64b.70b.71). O narrador, então, convida à confiança plena em Jesus, porque, ele sabe tudo o que está acontecendo.

A certeza de que Jesus sabe tudo o que está acontecendo, especialmente no que diz respeito aos interesses e intenções em relação a ele, oferece ao leitor um conforto: o relato desperta um sentimento de indignação. Jesus tem compaixão da multidão que o segue e, por isso, alimenta milhares de pessoas de forma milagrosa. Todavia, a multidão não entende o significado disso e quer apenas comer novamente (6,2.11.26). Os discípulos, que creram nele por conta do primeiro sinal (2,11), ainda não conseguem discernir bem o significado e as implicações dessa fé, e o que Jesus faz ainda gera medo e escândalo (6,16-21.61). O resultado disso é a defecção de muitos, pois Jesus tem palavras duras (6,66). A indignação oriunda da incredulidade dos discípulos e da multidão cresce ainda mais quando se informa da presença dos judeus que, diante das palavras de revelação, passam a murmurar ao invés de ter fé (6,41). Mesmo revelando-se como pão da vida e dom de Deus, Jesus é mal compreendido pela multidão, rejeitado pelos judeus e abandonado por muitos discípulos.

### 3.2.2.2 Simpatia

A relação entre Jesus e os outros personagens é o principal elemento para a classificação das demais identificações. Dessa forma, o narrador suscita nossa simpatia em relação a alguns personagens.

*O menino*: ao contrário de Filipe e André, que não viam nenhuma possibilidade para alimentar a multidão naquela situação, o menino desponta oferecendo a Jesus tudo o que tem,

mesmo sendo pouco diante da grande necessidade: cinco pães e dois peixes para aproximadamente cinco mil homens (6,9-10). O contraste entre o que se oferece e a necessidade da multidão será essencial para realçar a grandeza do sinal realizado e, ao mesmo tempo, contrapor a fé do pequeno menino com a incredulidade dos demais. Apesar de uma aparição tão pequena, o menino tem tudo para suscitar no leitor um impulso de simpatia.

*Os Doze*: de semelhante forma, os Doze aparecem como elemento de contraposição. Enquanto muitos discípulos abandonam Jesus por conta de suas palavras duras, eles confirmam sua fé e permanecem com o Mestre. Superam o medo, o mal-entendido e o escândalo suscitado por suas palavras. Não vão a lugar algum, mas confessam Jesus como Santo de Deus, portador das palavras de vida eterna (6,67-69). Sendo a fé em Jesus a grande intenção narrativa do evangelho (20,30-31), a atitude dos Doze, mesmo frágil (6,70-71), estabelece uma relação positiva com o leitor.

*Simão Pedro*: naturalmente, a simpatia oferecida aos Doze recai sobre Simão Pedro, que aparece como porta-voz do grupo. O narrador coloca na boca de Pedro as palavras de confissão oferecidas pelo grupo. Assim, ao realçar Pedro, o narrador convida o leitor a fixar os olhos nesse personagem, visto que terá um papel de destaque no evangelho, especialmente no último capítulo do EJ, quando receberá a incumbência de pastorear o rebanho de Jesus (21,15-19).

### 3.2.2.3 Antipatia

Em sentido oposto, a antipatia se manifesta à medida que um personagem contradiz o sistema de valores do leitor, ou quando esse personagem se opõe ao beneficiário da empatia do leitor.<sup>93</sup> O leitor, então, estabelecerá uma atitude reativa e hostil com os demais personagens a partir de Jesus. Nesse sentido, o narrador coloca quatro personagens em oposição a Jesus e intenciona com isso despertar a antipatia no leitor.

*A multidão*: Jo 6,2, num primeiro momento, pode suscitar no leitor um sentimento de simpatia com relação à multidão, que parece ter entendido o significado do sinal realizado por Jesus. Porém, o leitor já tem algumas informações a respeito dessa relação, que não é amigável. Em Jo 2,23, nota-se que muitos creram em Jesus por conta dos sinais que havia realizado. No entanto, o narrador frisa que Jesus não confiava nessa aparente confissão, pois sabia o que estava dentro do homem (Jo 2,24). Outro momento que expressa essa relação desconfiada é Jo 5,13. Após a cura do homem que estava enfermo há trinta e oito anos, uma multidão se ajunta

---

<sup>93</sup> MARGUERAT, 2009, p. 87.

perto de Jesus, no entanto, ele se afasta. Esse afastamento vai se repetir em Jo 6,15, revelando que o descrédito de Jesus em relação à aparente fé da multidão permanece. Há uma compreensão equivocada dos sinais que Jesus realizara até aqui, e isso vai ser confirmado na sequência. Em Jo 6,22-27, quando a multidão procura Jesus novamente, no dia seguinte ao sinal da alimentação milagrosa, Jesus a recebe com uma crítica: “Amém, amém, digo-vos: Buscais a mim não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes” (6,26). A multidão procura Jesus não porque entendeu o significado do que ele havia feito, e sim porque deseja comer de novo. A falta de compreensão fica ainda mais evidente, quando a multidão pede para que Jesus realize novo sinal como critério para crer nele (6,30-31). O sinal que será oferecido por Jesus é ele mesmo, como dom de Deus, revelado por suas palavras. O desaparecimento da multidão diante do discurso de revelação é uma estratégia do narrador para destacar a distância entre Jesus e a multidão, semelhante ao que acontece com Nicodemos (3,1-21).

*Os discípulos:* com os discípulos, experimenta-se uma mudança de identificação. Tem-se o relato de adesão dos primeiros discípulos, representados por personagens singulares (André e seu companheiro, Simão Pedro, Filipe e Natanael – Jo 1,35-51). Em 2,11 há uma menção direta a esse personagem, na forma coletiva, os que creram em Jesus após a realização do primeiro sinal, em Caná da Galileia. Outra menção está em Jo 2,22. Nesse contexto, o narrador explicita que o mal-entendido da fala de Jesus a respeito da restauração do Templo será superado pelos discípulos após a ressurreição. Por fim, no capítulo 4, o narrador convida à simpatia com os discípulos ao informar que, enquanto Jesus descansava à beira do poço em Sicar, seus discípulos foram à cidade lhe comprar algo para comer (4,8). A estranheza dos discípulos em ver Jesus conversando com uma mulher samaritana (4,27) não abala essa simpatia, apenas demonstra a limitação de compreensão natural até aquele momento, e, ao mesmo tempo, serve de estratégia literária para aumentar o suspense da narrativa.

Então, chega-se ao capítulo 6 com uma identificação simpática com os discípulos. Porém, essa identificação sofrerá uma mudança radical. O narrador relata que Jesus se assenta na montanha da Galileia com seus discípulos e esses o auxiliam na distribuição de alimento para a multidão (6,3.12). Na sequência, essa confiança começa ser abalada, a partir da cena da travessia do mar (6,16-21). Enquanto os discípulos estavam remando contra o vento no mar agitado, Jesus, que havia ficado do outro lado, vem ao encontro do barco andando sobre as águas. Ao vê-lo, os discípulos temeram. E depois, mesmo tendo o desejo de recebê-lo no barco, a embarcação alcança a outra margem sem a presença de Jesus, que parece evitá-los como havia feito com a multidão (6,15). O narrador deixa transparecer uma desconfiança por parte de

Jesus.<sup>94</sup> Nessa altura, a identificação do leitor com esse personagem é questionada, porque, a epifania de Jesus gera medo ao invés de fé. A desconfiança de Jesus será confirmada no final da narrativa. O discurso de revelação será recebido como elemento de escândalo e não como fonte de vida (6,66). A informação de que muitos discípulos abandonam Jesus proporciona uma mudança de sentimentos no leitor, gerando hostilidade e repulsa. A simpatia com a qual o leitor é inserido na narrativa transforma-se em antipatia, afinal, esses discípulos opõem-se ao objeto de empatia.

*Os judeus:* diferente do que acontece com os discípulos, o leitor já adentra a narrativa com um sentimento de repulsa em relação aos judeus. Em Jo 1,19, o narrador menciona que os judeus enviaram sacerdotes e escribas para fiscalizarem o trabalho de João Batista, a fim de saber se ele era o Cristo (ou pelo menos se dizia ser). Esse episódio aconteceu em Betânia, do outro lado do Jordão. Depois em Jerusalém, após expulsar do Templo os cambistas e vendedores, Jesus é interrogado pelos judeus. Pedem a Jesus um sinal que legitimasse sua atitude. Ele fala do sinal da ressurreição, ainda assim, os judeus não entendem o significado daquelas palavras (2,13-22). Jo 3,1-21 narra o encontro entre Jesus e Nicodemos, que vai ter com ele à noite, um elemento narrativo para demonstrar resistência em relação às palavras de Jesus. Nicodemos é descrito como um dos chefes dos judeus e, semelhante ao que acontece na cena anterior, não consegue entender as palavras de Jesus. O diálogo, logo, transforma-se num discurso, afinal, Nicodemos desaparece da cena. Em seguida, menciona-se que Jesus resolve deixar a Judeia porque os fariseus ficaram sabendo que sua atividade havia superado a de João Batista. Então, ele segue para a Galileia (4,1-3). Até aqui poderíamos dizer que o narrador desperta no leitor apenas uma desconfiança a respeito desse grupo. Porém, o elemento-chave para despertar esse sentimento de antipatia, que será intensificado no restante do evangelho, se encontra no capítulo 5. Nesse episódio, Jesus está em Jerusalém para uma festa. Nas imediações do Templo, ele se encontra com várias pessoas doentes que estavam à beira do tanque de Betzeta (5,1-3). Dentre essas pessoas havia um homem paralítico, que sofria há trinta e oito anos por conta daquela enfermidade (5,5). Jesus, então, tendo compaixão daquele homem, o curou. Ao ouvir as palavras de Jesus, aquele homem se levantou e saiu andando, carregando a própria maca (5,3-9). Por conta dessa cura, os judeus começaram a perseguir Jesus, afinal isso aconteceu em dia de sábado (5,9b). Essa perseguição vai se transformar em desejo de matar Jesus, que passa a ser acusado de violar o sábado e de fazer-se igual a Deus (5,18).

---

<sup>94</sup> Veja a seção 2.4.1.

A informação de que os judeus desejam matar Jesus coloca o leitor em total hostilidade com eles, e essa antipatia será confirmada em Jo 6. Nesta narrativa, temos apenas duas menções desse personagem. Primeiro, em Jo 6,41, os judeus murmuraram contra Jesus porque dissera: “Eu sou o pão que desceu do céu”. Questionam essa declaração apontando para a origem terrena de Jesus, como filho de José. Em seguida, em Jo 6,52, diante do desenvolvimento dessa afirmativa, os judeus discutiam entre si sem conseguir entender o que Jesus havia dito, semelhante ao que acontecera com Nicodemos (3,1-21). Em Jo 6, então, os judeus são descritos como opositores a Jesus e resistentes à sua palavra.

*Judas*: esse personagem é citado apenas uma vez, não obstante, desperta no leitor total antipatia. Na cena final, após a deserção de muitos discípulos e a afirmação de fé dos Doze, Jesus emite um alerta: “Não vos escolhi a vós, os Doze? Contudo, um de vós é um diabo!” (6,70). Na sequência, o narrador nos revela que Jesus estava falando a respeito de Judas, filho de Simão Iscariotes, que, mesmo sendo um dos Doze, seria aquele que o entregaria (6,71). Dessa forma, Judas contraria o sistema de valores do leitor e se coloca como um antagonista de Jesus, protagonista de nossa narrativa.

### 3.2.2.4 Identificação neutra

Filipe e André são colocados à distância do leitor, inibindo esse processo de identificação. A simpatia despertada previamente não é confirmada em Jo 6. Esses personagens fazem parte dos primeiros discípulos de Jesus. André, a partir do testemunho do Batista, começa a seguir Jesus e permanece com ele (1,39). Em seguida, já como discípulo, começa a proclamá-lo como Cristo e o anuncia, primeiramente, a seu irmão, Simão Pedro (1,41). O mesmo acontece com Filipe. Ele ouve o chamado de Jesus e começa a segui-lo, na Galileia. Depois, ao encontrar-se com Natanael, Filipe lhe anuncia: “Encontramos Jesus, o filho de José, de Nazaré, aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, bem como os Profetas” (1,45). Porém, essa afirmação de fé parece não ser confirmada em Jo 6. Diante da necessidade de se alimentar uma multidão, Jesus coloca Filipe à prova, que não sabe o que fazer, afinal “duzentos denários de pão não bastam para eles, para que cada um receba algum pouco” (6,7). O mesmo acontece com André que, ao receber os cinco pães e os dois peixes das mãos do menino, duvida que seja possível resolver aquela situação: “o que é isto para tantos?” (6,9). A simpatia inicial choca-se com a desconfiança registrada aqui, o que não é suficiente para despertar uma antipatia, mas também não sustenta o sentimento anterior. Sobra apenas uma neutralidade em relação a Filipe e André.

### 3.2.2.5 Síntese da identificação com os personagens

	<b>Empatia</b>	<b>Simpatia</b>	<b>Antipatia</b>	<b>Neutro</b>
<b>PERSONAGEM</b>	Jesus	O menino	A multidão	Filipe
		Os doze	Os discípulos	André
		Simão Pedro	Os judeus	
			Judas	

### 3.2.3 O conhecimento do leitor em relação aos personagens

Numa narrativa, são três as possibilidades no tocante ao conhecimento do leitor e dos personagens: 1) o leitor sabe mais que os personagens; 2) o leitor sabe menos que os personagens; ou 3) o leitor sabe tanto quanto os personagens.<sup>95</sup> Na composição da narrativa, esse procedimento sutil é essencial para a estratégia do narrador em conduzir o leitor. Em sentido epistemológico, na narrativa de Jo 6, o leitor será colocado em apenas duas posições em relação aos personagens: inferior (sabe menos) ou superior (sabe mais).

#### 3.2.3.1 Posição inferior: o leitor sabe menos que os personagens

O narrador reforça o protagonismo de Jesus colocando o leitor numa posição inferior a ele. Na primeira cena, depara-se com a necessidade de alimentar a multidão que veio ao encontro de Jesus (6,2). O narrador utiliza Filipe como elemento narrativo para deslocar o leitor para uma posição inferior. Diante da pergunta de Jesus, sobre como resolver a situação e a resposta de Filipe, o narrador nos informa: “E dizia isto provando a ele; pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer” (6,6). O leitor se identifica com o drama de Filipe, apesar disso, logo é tranquilizado com essa informação. Mesmo assim, continua um suspense na cena. O leitor sabe que Jesus vai fazer algo. Entretanto, não sabe o quê, como e quando o fará. Esse suspense será resolvido, apenas, em Jo 6,10-13, quando Jesus alimenta a multidão de forma milagrosa.

Outro aspecto que assinala a inferioridade do leitor aparece na relação entre Jesus e a multidão após a alimentação milagrosa (6,14-15.22-29). Diante do sinal realizado, a multidão exclamava que Jesus era o profeta que deveria vir ao mundo e, por isso, desejava proclamá-lo rei. Percebendo isso, Jesus se retira sozinho para a montanha. O leitor é informado desse

---

<sup>95</sup> VITÓRIO, 2016, p. 85.

afastamento, que deixa transparecer desconfiança da parte de Jesus. É ocultado ao leitor, porém, a verdadeira percepção, que será aclarada em Cafarnaum, quando a multidão irá novamente ao encontro de Jesus: “Amém, amém, digo-vos: Buscais a mim não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai (obrai) não pela comida que perece, mas a comida que permanece para a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará. Pois a este o Pai selou, Deus” (6,26-27).

Na cena final (6,60-71), uma tensão é criada. Os discípulos consideram duras as palavras proclamadas por Jesus, ao longo de seu discurso (6,35-59). Jesus responde isso de maneira crítica: “Mas há dentre vós alguns que não creem” (6,64a). O narrador, porém, continua mantendo Jesus numa posição superior: “Pois sabia desde o princípio, Jesus, quais são os que não estavam crendo e quem é que o vai entregar” (6,64b). O leitor sabe, então, que há alguns que não creem. Entretanto, não tem a informação de quem são os verdadeiros crentes e, principalmente, quem dentre eles seria o traidor. Essa lacuna será preenchida, apenas, no final. Primeiro, quando Jesus questiona a motivação dos Doze que, por intermédio de Simão Pedro, confirmam a fé nele como Santo de Deus (6,69). Esses são os que creem. Depois, quando o narrador revela que Judas, filho de Simão Iscariotes, seria aquele que entregaria Jesus (6,71). Somente no último versículo essa tensão é desfeita.

Por fim, evidencia-se a posição inferior do leitor, a partir do conteúdo do discurso do capítulo 6. O mal-entendido da multidão, em relação ao sinal realizado, dá a Jesus a oportunidade de proferir seu discurso de revelação (6,35-58). No que se refere à análise desse tópico, duas falas de Jesus chamam a atenção. Primeiro, a citação de Jesus em 6,38: “Porque desci do céu não para que se faça a minha vontade, mas a vontade do que enviou a mim”; segundo, 6,46: “Não que o Pai alguém tenha visto, a não ser o que é da parte do Pai, este viu o Pai”. Jesus refere-se a si mesmo como “aquele que desceu do céu”, como “enviado” e como “aquele que viu a Deus, que viu o Pai”, afinal, veio de junto de Deus. Pensando no contexto de um discurso de revelação, as afirmações que Jesus faz a respeito de si o colocam numa posição superior. Afinal, ele está falando de algo (ou alguém) que conhece (conexão direta com Jo 1,1.14.18; 3,11; 6,62; 7,29; 8,23; 12,45; 16,28). O leitor, então, se deseja conhecer o Pai, deverá permitir ser conduzido pelo Filho que, em breve, subirá para onde estava (6,62).

### 3.2.3.2 Posição superior: o leitor sabe mais que os personagens

Com exceção de Jesus, a posição do leitor em relação aos demais personagens é de superioridade, pois, sabe mais. O narrador dá ao leitor informações privilegiadas que serão essenciais para a condução da dramaticidade da narrativa.

Na primeira cena (6,1-13), Filipe não sabe como resolver a situação da multidão. O leitor, porém, foi informado que Jesus está testando Filipe e sabe o que está por fazer. O leitor, como dito acima, não sabe o que Jesus fará. Todavia, superando Filipe, sabe que tudo é um teste e Jesus tem uma intenção em andamento (6,6). A mesma posição do leitor aplica-se em relação a André e ao menino. O menino oferece seus pães e peixes sem saber o que aconteceria e André despreza o ato por considerá-lo insuficiente. Entretanto, o leitor sabe de algo que esses personagens não sabem.

Em virtude do sinal realizado, a multidão deseja proclamar Jesus como rei, que se retira sozinho para a montanha ao perceber a intenção (6,14-15). No dia seguinte, a multidão parece surpresa, ao perceber que Jesus não estava mais em Tiberíades. Parte, então, para Cafarnaum. A retirada de Jesus revela uma desconfiança em relação à compreensão da multidão, que não é percebida por ela mesma, e sim pelo leitor. A multidão só se dará conta de que há um problema quando, no dia seguinte ao da alimentação, for recebida por Jesus em Cafarnaum com uma dura crítica (6,22-27).

Os discípulos são mencionados em três cenas, todas numa posição inferior em relação ao leitor. Na primeira (6,1-13), pode-se dizer que a posição dos discípulos se iguala à de Filipe e André. Afinal, todos os discípulos estavam sentados com Jesus quando a multidão veio ao encontro dele (6,3). Na segunda cena (6,16-21), ao anoitecer, os discípulos entraram no barco e partiram para Cafarnaum. Mais tarde, enquanto o mar estava agitado, por causa do vento forte e o barco era assolado pelas ondas fortes, Jesus foi ao encontro de seus discípulos andando sobre as águas. Naquela situação, os discípulos não reconheceram Jesus. Todavia, ficaram com medo (6,19b). O leitor, porém, fora informado previamente que Jesus estava indo ao encontro deles (6,19a). Por fim, na última cena (6,60-66), diante do escândalo dos discípulos, devido às palavras de Jesus, são advertidos de que Jesus sabia haver entre eles alguns que não criam (6,64a). O narrador coloca o leitor à frente dos personagens ao revelar que Jesus conhecia os que verdadeiramente criam e havia um dentre eles que o entregaria (6,64b), informação que não é dada aos discípulos. Apesar de Jo 6,66 revelar quem são os que não criam nele, a informação sobre a identidade do traidor é exclusiva para o leitor (6,71).

A posição de inferioridade de “os judeus” manifesta-se em relação à identidade de Jesus, afinal, não conseguem entender quem ele é. Em 6,41, murmuram contra Jesus porque havia dito: “Eu sou o pão que desceu do céu”. Desmerecem as palavras de Jesus, evocando sua origem terrena: “Não é este Jesus, o filho de José, do qual nós conhecemos o pai e a mãe?” (6,42a). Essa dificuldade de compreensão será confirmada em 6,52, quando, novamente, diante das palavras de revelação, manifestarão a incompreensão acerca da identidade de Jesus. O leitor, porém, dispõe de uma posição privilegiada na narração, pois, já foi devidamente informado acerca de Jesus e de sua identidade.<sup>96</sup> O leitor inicia a leitura de Jo 6, sabendo que Jesus não é simplesmente o filho de José, e sim a “palavra encarnada”, o “enviado de Deus” (1,14). Essa compreensão prévia, se acolhida pelo leitor, será determinante para a decisão que deve ser tomada ao final da narrativa. A respeito dessa postura esperada do leitor, falar-se-á em breve.

Por fim, tem-se a relação com os Doze e, conseqüentemente, com Simão Pedro e Judas. Essa relação aparece no final da narrativa (6,60-71). Diante da defecção de muitos discípulos e da confirmação de fé dos Doze, eles são acareados por Jesus: “Não eu vos escolhi doze? E um de vós é diabo” (6,70). A confissão de fé dos Doze é questionada pelo alerta de Jesus de que há um entre eles que seria “um diabo”, e o entregaria. É dito, posteriormente, ao leitor o nome desse “diabo”: Judas, filho de Simão Iscariotes (6,71). Essa informação, porém, é omitida dos Doze e, conseqüentemente, de Simão Pedro e Judas. Os Doze conhecerão o traidor, apenas, em Jo 18,3, quando Judas aparecer no jardim escoltado por um batalhão romano e guardas dos sumos sacerdotes e fariseus. Essa informação, porém, é dada ao discípulo amado, em 13,26, o que, sem dúvida, é uma estratégia narrativa de valorização deste personagem dentro da trama do evangelho.

### 3.2.3.3 O jogo das focalizações

Numa narrativa, o texto sempre será expressão do narrador, que só comunica o que quer transmitir.<sup>97</sup> Esse ponto de vista pode ser apresentado a partir do modo como olha as cenas. Semelhante a uma obra cinematográfica, em que o diretor utiliza o foco de suas câmeras para contar sua história, o narrador pode adotar um procedimento semelhante, chamado de focalização, que será determinante no posicionamento do leitor. Na construção de sua retórica narrativa, o narrador dispõe de três tipos de focalização.<sup>98</sup>

<sup>96</sup> Veja a seção 3.2.2.1.

<sup>97</sup> MARGUERAT, 2009, p. 92

<sup>98</sup> Definições utilizadas por MARGUERAT, 2009, p. 94.

- *focalização interna*: modo narrativo pelo qual o narrador dá ao leitor acesso à interioridade de um personagem (narrativa de campo restrito);
- *focalização externa*: modo narrativo que coincide com o que o leitor poderia observar por si mesmo. Geralmente, o narrador diz menos do que sabe o personagem da história contada (narrativa dita objetiva);
- *focalização zero*: modo narrativo que corresponde ao plano geral, em que o narrador diz mais do que sabem os personagens da história contada, transgredindo os limites do tempo e do espaço da cena (narrativa dita não focalizada).<sup>99</sup>

Seguem as focalizações da narrativa, em Jo 6,1-71:

Texto	Focalização	Observações
6,1-5	Externa	Descrição do cenário para a realização do sinal na Galileia; encontro de Jesus com a multidão.
6,6	<i>Intervenção extradiegética</i>	A intenção de Jesus é revelada: testar Filipe. Ele sabia o que ia fazer.
6,7-15	Externa	Realização do sinal e reação da multidão: reconhecem Jesus como “o profeta”, que se retira sozinho para a montanha.
6,15a	Interna	A percepção de Jesus a respeito da intenção da multidão: proclamá-lo rei.
6,15b	zero	Jesus se retira sozinha para a montanha
6,16-21	Externa	Descrição da travessia do mar e Jesus andando sobre as águas.
6,19c	Interna	Na cena da travessia, somos informados que os discípulos ficaram com medo de Jesus. Ao reconhecerem Jesus, desejam recebê-lo no barco.
6,21a		
6,22-24	Zero	Descrição da multidão que procura por Jesus ao perceber que não está mais naquele lugar.
6,25-40	Externa	O encontro entre Jesus e a multidão, com o início do discurso de Jesus.
6,41	Interna	Descrição acerca da murmuração dos judeus em relação às primeiras palavras de Jesus.

<sup>99</sup> MARGUERAT, 2009, p. 92 e 94.

6,42-58	Externa	Discurso de Jesus e controvérsias com os judeus
6,59	Zero	Informação da localização do discurso: Cafarnaum
6,60-65	Externa	Descrição da cena final, com desfecho em relação ao discurso de Jesus.
6,66	Zero	A deserção de alguns discípulos
6,67-70	Externa	A decisão dos Doze em relação às palavras de Jesus.
6,71	<i>Intervenção extradiegética</i>	O narrador insere uma informação que não compõe a narrativa, mas já prepara o leitor para eventos futuros.

### 3.2.3.4 Síntese das relações leitor-personagens

Personagens	Posições do leitor
Jesus	Inferior (sabe menos)
Filipe, André e o menino	Superior (sabe mais)
A multidão	
Os discípulos	
Os judeus	
Os Doze (Simão Pedro e Judas)	

## 3.3 Os enquadramentos

A narração se desenvolve dentro de certos enquadramentos, que correspondem às circunstâncias de tempo, lugar e ambiente social, que contribuem tanto para construir a atmosfera da história contada quanto para a dinâmica da ação, tornando-se fator determinante no enredo. O enquadramento pode ter valor factual ou metafórico, devendo o leitor avaliar o nível de significação no qual o narrador o convida a se situar. Essa compreensão será fundamental na leitura da narrativa, uma vez que a linguagem joanina é composta por “mal-entendidos” intencionais<sup>100</sup>.

<sup>100</sup> Veja a seção 1.2.1.

### 3.3.1 Enquadramento temporal

Em relação ao tempo, o narrador soube demarcar bem o contexto com informações importantes.

*Μετὰ ταῦτα [depois destas coisas] (6,1)*: com esta expressão, o leitor é situado num episódio que sucede a polémica em Jerusalém causada pela cura do paralítico em dia de sábado, despertando nos judeus a intenção de matar Jesus (5,18). A cura e a polémica dão a Jesus a oportunidade de proferir um discurso (5,19-47), onde aparecem temas que se conectam com a narrativa de Jo 6,1-71: o Filho dá a vida (5,21) e tem poder de julgar (5,22); as obras do Pai (5,36), as Escrituras (5,39) e o próprio Moisés (5,46) são testemunhas de Jesus, o enviado.<sup>101</sup> Especialmente a menção das Escrituras e de Moisés, ao final do capítulo, criam uma atmosfera de conflito entre Jesus e os judeus em relação à sua identidade e suas palavras, que será melhor desenvolvida no capítulo 6. Essa dimensão conflituosa é bem indicada por meio da pergunta que encerra a cena: “Mas, se não acreditais nos seus escritos, como podereis crer nas minhas palavras?” (5,47). Justamente “depois destas coisas”, Jesus proclamará suas palavras (6,35-58). Nesse imaginário, então, Judeia e Jerusalém são comparáveis à *casa da escravidão* (Ex 20,2), que Jesus deixa para trás ao atravessar o mar da Galileia.

*ἦν δὲ ἐγγὺς τὸ πάσχα [estava próxima a Páscoa] (6,4)*: essa informação será de grande importância, porque a Páscoa é uma festa muito importante e carregada de significado. Jesus realiza o sinal, oferece suas palavras e revela-se como “pão que desceu do céu”, no período da Páscoa. A conotação das palavras de Jesus, associadas ao tempo de Páscoa, reforça o imaginário do Êxodo e suas significações como pano de fundo da narrativa. Esse demarcador temporal oferecido pelo narrador fará ainda mais sentido, quando se analisarem os indicadores geográficos e sociais que envolvem a cena.

*Ὡς δὲ ὁψία ἐγένετο κατέβησαν [quando, então, tarde se fez] (6,16)*: a narrativa de Jo 6,1-71 possui um enredo revelação<sup>102</sup> e o narrador conduz o leitor por esse caminho, destacando os desafios para se chegar à fé em Jesus como o enviado do Pai. Em Jo 6,16-21, no encontro entre Jesus e os discípulos durante a travessia do mar, o leitor é alertado dos perigos dessa jornada. Introduz-se o episódio com a informação de que a cena acontece à noite, o que é muito significativo. Na linguagem joanina, tudo o que acontece durante à noite deve ser visto com

<sup>101</sup> Confira a seção 1.6.3.

<sup>102</sup> Veja a seção 3.1.2.

desconfiança.<sup>103</sup> A presença poderosa de Jesus, que aparece andando sobre as águas, é causa de medo e não de fé, afinal, não reconheceram Jesus. Está escuro (σκοτία – 6,17b)! A desconfiança na cena é confirmada, quando se diz que muitos discípulos abandonaram Jesus por conta de suas palavras consideradas duras (6,66).

*Τῇ ἐπαύριον [no dia seguinte] (6,22)*: esta expressão tem valor cronológico e metafórico, ao mesmo tempo. De um lado, situa o leitor numa nova cena após o episódio dramático da travessia. Por outro lado, a informação de que a nova cena acontece “no dia seguinte”, contrapõe-na à escuridão da cena anterior. Isso é significativo, já que, justamente, na luz do dia, o leitor verá com clareza a má compreensão da multidão em relação ao sinal e, ao mesmo tempo, ouvirá o discurso do “pão da vida”. Com isso, o narrador convida o leitor a ouvir as palavras de Jesus como a samaritana e não como Nicodemos.

### 3.3.2 Enquadramento geográfico

O enquadramento geográfico se caracteriza, no início da narrativa, por uma oposição entre Judeia e Galileia, trazendo elementos geopolítico-teológicos para a trama.

*ἀπῆλθεν ὁ Ἰησοῦς πέραν τῆς θαλάσσης τῆς Γαλιλαίας τῆς Τιβεριάδος [partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, de Tiberíades<sup>104</sup>.] (6,1)*: após os acontecimentos em Jerusalém (5,1-47), Jesus deixa a Judeia e parte para a Galileia, para a região de Tiberíades. A oposição geográfica fica evidente, quando se informa que esse deslocamento acontece no período da Páscoa (6,4), uma demarcação temporal importante já mencionada acima. A hostilidade em relação à Galileia já foi introduzida na cena do encontro de Filipe e Natanael (1,43-51). Esse, ao ouvir o anúncio de Jesus e saber que era de Nazaré, logo questionou: “de Nazaré pode sair algo bom”? (1,46). Sem dúvida, esse enquadramento está revestido de valor metafórico, uma vez que, em tempo de Páscoa, a Galileia, e não Jerusalém, será o palco para a manifestação do sinal do pão e do discurso do “pão da vida”.

*ἀνῆλθεν δὲ εἰς τὸ ὄρος Ἰησοῦς [Subiu Jesus para o monte] (6,3); ἀνεχώρησεν πάλιν εἰς τὸ ὄρος αὐτὸς μόνος [retirou-se de volta para o monte sozinho] (6,15)*: a primeira cena é estruturada em forma de inclusão, por meio da informação de que Jesus está no monte. No início da cena, Jesus sobe o monte e se assenta lá com seus discípulos (6,3);<sup>105</sup> desce para se

<sup>103</sup> Devemos nos lembrar da experiência de Nicodemos (3,1-2), que se contrapõe à experiência da samaritana, que se encontra com Jesus ao meio-dia, com o sol à pique (4,6). A diferença do resultado desses dois encontros nos ajuda a entender o significado dessa metáfora.

<sup>104</sup> A respeito da menção de *Tiberíades*, veja a seção 2.4.1.

<sup>105</sup> Uma provável referência ao ato de ensino, semelhante à versão do “sermão do monte” de Mt 5,1.

juntar com a multidão que está vindo ao seu encontro. No final, Jesus faz o movimento contrário: sobe o monte para se afastar da multidão e, dessa vez, permanece lá sozinho (6,15). O cenário do monte é carregado de significado teológico importante, afinal, na tradição bíblica, o monte é lugar de revelação (Ex 19–24).

*ἤρχοντο πέραν τῆς θαλάσσης εἰς Καφαρναούμ* [*foram indo para o outro lado do mar, para Cafarnaum*] (6,17): a caracterização do enquadramento por oposição é percebida, também, pela relação terra-mar que aparece no texto. A partir de 6,16, o narrador insere uma transição. Após o afastamento de Jesus, os discípulos descem para o mar, entram em um barco e começam uma travessia para o outro lado, em direção a Cafarnaum. O lugar seguro transforma-se num cenário de instabilidade, representado pelo mar agitado, que é um importante símbolo na tradição bíblica (cf. Gn 1,1; 6–9; Ex 14; Is 43; Sl 29; 74; 104,7; Ct 8,7; Ap 13; 21,1). Esse cenário instável será fundamental para a nova cena que conduzirá o leitor a uma desconfiança em relação aos discípulos, por não reconhecerem Jesus andando sobre as águas. Ao invés da fé, sentirão medo pela sua presença.

*Καφαρναούμ* [*Cafarnaum*] (6,17a.24b.59): o relato da travessia do mar abre a terceira cena da narrativa, quando se é conduzido pelo narrador à Cafarnaum. Lá, Jesus se encontrará novamente com a multidão e sua verdadeira intenção será revelada: querem apenas comer novamente, afinal, não entenderam o sinal (6,26). Esse encontro dará a Jesus a oportunidade de se revelar por meio de seu discurso, o que obrigará todos a um posicionamento. Esse enquadramento torna-se ainda mais fundamental, quando se dá conta de que o discurso fora proferido na sinagoga de Cafarnaum (6,59). Esse elemento, que não era explícito, é inserido pelo narrador de forma inesperada, o que justifica a presença dos judeus na cena (6,41.52). As palavras de revelação proclamadas por Jesus dentro de uma sinagoga em Cafarnaum são um elemento importante para a tensão narrativa, dado que ampliam o conflito apresentado nos capítulos anteriores.<sup>106</sup>

### 3.3.3 Enquadramento social

Os aspectos temporal e geográfico constroem um enquadramento com forte conotação metafórica. Esses elementos servirão de base para a compreensão do ambiente social e para se perceber como o narrador responde a esse contexto. No final do primeiro século, a comunidade

<sup>106</sup> Veja as seções 1.3 e 2.3.2.

joanina estava vivendo um grande conflito com a sinagoga judaica<sup>107</sup> e, conseqüentemente, a fé em Jesus como Messias estava ameaçada. Esse conflito já foi explicitado em 5,18: “por isso, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, pois além de violar o sábado, chamava Deus de Pai, fazendo-se igual a Deus”. Assim, o narrador tem a importante tarefa de fortalecer a fé da comunidade em meio a esse conflito.

Como estratégia literária, o narrador constrói sua narrativa com forte ênfase na identidade de Jesus, com destaque para seu discurso de revelação. Ao fortalecer a identidade de Jesus, estaria reforçando a identidade da própria comunidade. Para isso, utiliza-se de uma dinâmica narrativa com aproximações e distanciamentos dos elementos judaicos, especialmente em relação à imagem de Moisés e à tradição do Êxodo, como foi apontado.<sup>108</sup> O que cabe aqui, portanto, é perceber os elementos desse enquadramento social que se situa em meio ao conflito.

Um primeiro aspecto utilizado pelo narrador é o afastamento de Jerusalém. Jesus presente na Galileia não é nenhuma novidade para o leitor (2,1; 4,43). O que torna especial essa nova estadia na Galileia é o momento em que isso acontece: “estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus” (6,4). No período de Páscoa, festa com forte centralidade em Jerusalém, Jesus se retira para a Galileia, um lugar sem crédito para os judeus (1,46). Essa distância ganha novos contornos com a observação do narrador de que essa era uma “festa dos judeus”, diminuindo a relação entre Jesus e as celebrações na Judeia.

Será justamente nesse lugar improvável e afastado que Jesus celebrará uma refeição especial com seus discípulos e com a multidão, na dependência exclusiva de sua presença, gestos e palavras. O verbo *εὐχαριστήσας* (dar graças) aparece duas vezes na narrativa (6,10.23) e destaca o valor sacramental para o que estava acontecendo naquele lugar e naquele momento. De fato, não era uma simples refeição, mas uma celebração.<sup>109</sup> Sobre esse deslocamento geográfico e suas implicações no conflito, Beutler afirma:

Partimos da ideia de que Jo 6 é uma “releitura” posterior do esquema pascal do Quarto Evangelho. Jesus não sobe mais ao Templo de Jerusalém para as festas de peregrinação de seu povo e de sua comunidade de fé, mas celebra a nova Páscoa na Galileia, terra-mãe de algumas comunidades cristãs da primeira hora. A Páscoa continua importante, mas recebe um sentido novo. Será a festa da memória da última ceia de Jesus com os seus, de seu adeus e de sua ressurreição. Não é por acaso que neste capítulo (e só aqui, em João) se encontram enunciados sobre o corpo e o sangue de Jesus entregues na eucaristia. Cristãos e cristãs que no futuro celebrarem a ceia estarão conscientes das raízes judaicas de sua celebração e se recordarão das palavras de instituição de Jesus, com as quais ele, ao modo de um pai de família, dedicou aos seus os seus dons de pão e vinho. Não precisam mais subir a Jerusalém. Em sua

<sup>107</sup> Confira a seção 1.3.

<sup>108</sup> Confira a seção 3.1.2.3.

<sup>109</sup> Veja a seção 1.6.4.

assembleia para a refeição sagrada entrarão no santuário, encontrarão Deus em Cristo e receberão vida eterna.<sup>110</sup>

Como segundo elemento, tem-se a relação com Moisés. Esse personagem fora mencionado antes como uma testemunha de Jesus e usado como elemento para criticar os judeus (5,46-47). Essa relação segue em Jo 6 e ganha novos ares. Como consequência do sinal realizado por Jesus, a multidão o reconhece como “o profeta que vem para o mundo”, uma alusão a Dt 18,15; 34,10-11, palavras de Moisés. Jesus, porém, deverá ser visto como um profeta superior a Moisés, com obras maiores. No novo encontro com a multidão em Cafarnaum, tendo o maná como paradigma para um novo sinal exigido, o narrador apresenta a superioridade de Jesus: “Amém, amém, digo-vos: Não Moisés deu a vós o pão do céu, mas o meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (6,32-33).

Assim como o sinal realizado por Jesus é mal interpretado na primeira cena, a compreensão do maná que os pais comeram no deserto é questionada. Não serve de paradigma! Então, a partir dessa tensão narrativa, o narrador tem a oportunidade de apresentar um elemento importante da identidade de Jesus: “Eu sou o pão da vida, o que vem a mim não mais terá fome, e o que crê em mim não terá sede jamais” (6,35). Jesus é maior que Moisés, não porque dá o pão, mas porque é o próprio “pão da vida” e somente quem dele comer (crer) terá a vida eterna (6,51). Afinal, “os vossos pais comeram no deserto o maná e morreram” (6,49). O uso do pronome *ὁμῶν* (vossos) diminui a relação de vínculo com a tradição, assim como em Jo 6,4, indicando a hostilidade por parte dos judeus.

Por fim, destaca-se a presença hostil dos judeus. São citados apenas duas vezes em toda a narrativa, contudo, de maneira estratégica. Como demonstrado, esse personagem provoca no leitor um sentimento de antipatia, o que reforça o ambiente de conflito da narrativa. Como reação ao discurso de Jesus, os judeus são inseridos na cena com uma postura de oposição, já que começaram a murmurar diante do que ouviram (6,41) e, depois, discutiam entre si a respeito das palavras ditas (6,52). Eles desconhecem a identidade de Jesus e, por isso, suas palavras não fazem sentido (6,42.52). A fim de situar o leitor no meio desse conflito, o narrador insere uma informação significativa, que não pode ser vista como uma nota simples: “Estas coisas disse ensinando na sinagoga de Cafarnaum” (6,59). Isso justifica a presença e resistência dos judeus. Afinal, o discurso de Jesus é proclamado dentro da sinagoga, um lugar icônico para a fé judaica.

---

<sup>110</sup> BEUTLER, 2015, p. 187.

Esse elemento elevará a tensão narrativa, preparando o leitor para o desenlace. A respeito da importância dessa menção, Konings afirma:

O vv. 59 constitui a transição para o desenlace deste episódio dramático. Foi *na reunião sinagagal* (lit.: “em sinagoga”), em Cafarnaum, que Jesus falou assim. Essa não é meramente uma nota circunstancial. Pelo contrário, faz surgir no horizonte todo o conflito da comunidade joanina, que, no tempo em que o evangelho é escrito e divulgado, se encontra excluída da Sinagoga. Nesse momento, a sinagoga dos “judeus” (termo usado nos vv. 41 e 52) — a comunidade judaica reorganizada pelos rabinos farisaicos depois do fim do Templo — representava para os leitores do Quarto Evangelho a “concorrência”: estava fazendo propaganda entre os fiéis judeo-cristãos da comunidade de João. É bom ter isso presente ao ler os versículos seguintes.<sup>111</sup>

Com esse pano de fundo conflituoso, o leitor é conduzido ao desenlace da cena, momento em que deverá, também, fazer sua opção pró ou contra Jesus. Com todos esses elementos narrativos, João mantém viva a tensão enfrentada pelos primeiros destinatários, que deveriam crer e continuar crendo em Jesus como Filho de Deus, mesmo diante das pressões sofridas pelo convívio tenso com a sinagoga judaica.

### 3.4 O tempo narrativo

O estudo da temporalidade da narrativa é de suma importância, porque ajuda na compreensão da relação entre o tempo da história contada e o tempo contando, que é o da narrativa. Nesse sentido, faz-se necessário a análise de três aspectos a respeito da temporalidade: a velocidade narrativa, a questão da ordem de sucessão e a frequência.

#### 3.4.1 A velocidade da narrativa

A velocidade da narrativa pode ser medida por meio de quatro elementos: 1) a *pausa descritiva*: corresponde a um ponto morto (tempo da história = 0); 2) a *cena*: uma velocidade normal (tempo da narrativa que se calca sobre o da história); 3) o *sumário*: uma velocidade rápida (o tempo da narrativa é menor que o tempo da história); 4) a *elipse*: um salto no tempo (tempo da narrativa = 0).<sup>112</sup> Jo 6 não possui *sumário* e, uma vez que a *cena* dispensa uma análise específica nesse tópico, daremos atenção especial apenas a dois elementos: *pausas* e *elipses*.

<sup>111</sup> KONINGS, 2017, p. 225.

<sup>112</sup> MARGUERAT, 2009, p. 108-109.

### 3.4.1.1 Pausas

Como se sabe, a pausa tem, geralmente, a função de inserir uma descrição na cena, interrompendo o tempo da história contada. Na narração bíblica, a pausa raramente é estética, como nos romances, todavia, tem sempre uma incumbência importante para o desenvolvimento do enredo.<sup>113</sup>

Cena	Pausas	Observações
<b>6,1-15</b>	<sup>4</sup> Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.	Essa pausa é fundamental para o enredo. <sup>114</sup> Com ela, o narrador situa o leitor no conflito com a sinagoga, presente como pano de fundo da narrativa. Será um elemento essencial para a tensão arquitetada aqui e anuncia ao leitor a “turbulência literária” para a qual se dirige.
	<sup>6</sup> E dizia isto provando a ele; pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer.	A pergunta de Jesus a Filipe pode ter gerado uma apreensão no leitor, afinal, há uma situação desafiadora pela frente: alimentar uma multidão num lugar inadequado. Porém, essa pausa, por um lado, coloca o leitor numa posição confortável: Jesus está apenas testando seus discípulos, ele sabe o que vai fazer; por outro lado, o narrador aumenta a expectativa do leitor que fica curioso em relação ao desenlace dessa cena. Importante mencionar que essa pausa é fator importante para o protagonismo de Jesus. <sup>115</sup>
	<sup>10c</sup> Havia muita grama no lugar.	Conforme se percebe na sinopse joanina (cf. na seção 2.4), há uma aproximação com a versão sinótica, por conta da palavra “grama”, no entanto, com uma diferença: enquanto os sinóticos usam a palavra γῆς, João utiliza τόπος (= lugar). A mesma palavra aparece em Jo 4,20, momento em que a samaritana questiona Jesus a respeito do lugar ideal para a adoração, que, na cena, está ligado a Jerusalém. Em Jo 6,10,

<sup>113</sup> MARGUERAT, 2009, p. 110.

<sup>114</sup> Consulte a seção 3.3.3.

<sup>115</sup> Veja a seção 3.2.3.1.

		porém, o lugar é a Galileia, onde Jesus celebrará a eucaristia, longe do “lugar ideal”. <sup>116</sup>
	<sup>10d</sup> Então, assentaram-se os homens, em número aproximado de cinco mil.	O narrador, com essa pausa, chama a atenção do leitor para a complexidade da cena ao informar a grande quantidade de pessoas que seriam alimentadas. Esse número exagerado valorizará o gesto milagroso de Jesus.
<b>6,16-21</b>	<sup>17b</sup> E a escuridão já se tinha feito e ainda não viera até eles Jesus. <sup>18</sup> E o mar, por um vento forte soprando, empolava-se.	Nessa pausa da segunda cena, o narrador desperta no leitor um sentimento de desconfiança e tensão. Desconfiança, porque nos diz que a cena se passa na escuridão, o que na linguagem joanina é símbolo da resistência a Jesus. Essa resistência se confirmará, quando os discípulos não o reconhecerem e sentirem medo ao vê-lo andando sobre as águas. <sup>117</sup> Tensão, porque o cenário é caótico, pois o mar, metáfora primitiva para caos, está agitado por vento forte. O leitor, então, terá que acompanhar os discípulos na travessia desse cenário tenso.
<b>6,22-34</b>	<i>Velocidade normal (tempo da história contada = tempo contando)</i> <sup>118</sup>	
<b>6,35-59</b>	<sup>59</sup> Estas coisas disse ensinando na sinagoga de Cafarnaum.	Semelhante a Jo 6,4, essa pausa tem a função de intensificar o conflito presente na cena. O narrador interrompe o tempo da história contada para nos informar que as palavras de revelação de Jesus como “pão da vida” foram pronunciadas na sinagoga de Cafarnaum, lugar iconográfico para o ambiente social da narrativa.

<sup>116</sup> Confira a seção 3.5.1.1.

<sup>117</sup> Confira a seção 3.2.2.3.

<sup>118</sup> “Quando um narrador diz: ‘passaram-se três anos’, ele assinala um período mensurável com a ajuda de um calendário: é o tempo da história contada; seu discurso, por outro lado, evocou muito brevemente esse lapso de tempo. Se o mesmo narrador conta longamente o encontro entre dois personagens e detalha minuciosamente suas reações, ele introduz uma distorção inversa entre o tempo (breve) da história contada e o tempo (longo) da narrativa. De um lado, uma fatia de vida foi comprimida em três palavras; de outro, um momento curto foi narrado com abundância. O estudo da temporalidade narrativa se consagra a esse jogo de relações entre o *tempo contado*, que é o tempo da história contada e o *tempo contando*, que é o da narrativa” (MARGUERAT, 2009, p. 107).

	<p><sup>64b</sup> Pois sabia desde o princípio, Jesus, quais são os que não estavam crendo e quem é que o vai entregar.</p>	<p>Na cena final, há duas pausas importantes. Na primeira, o narrador destaca a posição superior de Jesus, enfatizando que sabe exatamente quem são os que, de fato, não creem nele, e que, também, sabe que um dentre eles o vai trair. Essa pausa, além disso, antecipa alguns eventos, como a deserção de muitos discípulos (6,66) e o alerta duro de Jesus aos Doze (6,70). Com exceção de Jesus, essa pausa coloca o leitor numa posição superior em relação aos demais personagens.<sup>119</sup></p>
6,60-71	<p><sup>71</sup> Dizia pois de Judas de Simão Iscariotes; pois este estava para o entregar, um dos doze.</p>	<p>Por fim, o narrador finaliza seu texto com uma pausa muito significativa, que desperta no leitor grande sentimento de repulsa por um personagem: Judas. Diante da confissão de Pedro, os Doze são alertados por Jesus da fragilidade do compromisso humano. Afinal, havia um dentre eles que era “um diabo”, e o iria entregar. O narrador, com essa pausa, coloca o leitor numa posição favorável, afinal, já sabe a quem Jesus se refere. Essa posição superior será mantida até Jo 13,26, quando o traidor será também revelado ao “discípulo amado”. Entretanto, além da posição favorável, com essa pausa, o narrador parece convidar o leitor a refletir a respeito da concretude desse aviso de Jesus, uma vez que o traidor tem rosto e nome. O alerta de Jesus é real e deve ser levado a sério.</p>

### 3.4.1.2 Elipses

Diferente da pausa, a elipse interrompe o tempo contando (narrativa), pois corresponde a um salto cronológico, deixando os acontecimentos passarem em silêncio. Nesse sentido, encontra-se apenas uma elipse, que aparece em Jo 6,15b: “retirou-se de volta para o monte sozinho”. Quando Jesus percebe que a multidão deseja fazê-lo rei, relata-se que se retira sozinho para o monte. Na sequência (6,16-21), a cena descreve os discípulos atravessando o mar sozinhos e, logo depois, Jesus aparece indo em direção a eles, sobre as águas. Nada mais se diz a respeito do tempo que Jesus passa na montanha. Há um silêncio e a cena é carregada de mistério.

<sup>119</sup> Veja a seção 3.2.3.2.

A história de Jesus continua pelo avesso, por sua ausência. A elipse ressalta a reação dos discípulos e da multidão diante dessa ausência de Jesus. Por um lado, os discípulos precisam lidar com o mar agitado e com a presença misteriosa que aparece sobre as águas revoltas. Eles não reconhecem Jesus! Por outro lado, a multidão, também, reage a essa ausência. Ao notarem que Jesus não estava mais em Tiberíades, entraram nos barcos e foram procurá-lo em Cafarnaum. Semelhante aos discípulos, esse reencontro é carregado de desconfiança por parte de Jesus que conhece a real intenção da multidão (6,26).

Note-se que a elipse de 6,15b forma uma inclusão com 6,3, com uma oposição importante. Na primeira extremidade, Jesus subiu a montanha e se assentou com seus discípulos, o que caracteriza um momento de ensino.<sup>120</sup> Na outra, Jesus subiu, novamente, a montanha, porém, sozinho. Com essa inclusão, o narrador convida o leitor a perceber o sinal do pão como um ensinamento de Deus.<sup>121</sup> Ao mesmo tempo, destaca a falta de compreensão da multidão em relação ao sinal e desperta a atenção do leitor para a identidade de Jesus. A respeito dessa inclusão, Beutler afirma:

Do ponto de visto dramático, esta última cena surpreende. Jesus fica totalmente sozinho na montanha. No início ele estava sozinho, porém seguido pela multidão. A multidão o envolve e ensina o diálogo de Jesus com os discípulos. No meio da narrativa, os discípulos estão com ele. Depois aparece novamente a multidão, que recebe a refeição milagrosa. Mas no fim, depois da coleta dos pedaços que sobraram, Jesus está novamente sozinho, retirado na montanha. Assim, revela-se a orientação cristológica do texto. As leitoras e os leitores se perguntam: quem é esse Jesus que não quer ser profeta-rei de seu povo, e para onde conduzirá seu caminho futuro? As seções seguintes do capítulo darão a resposta a essas perguntas: assim, especialmente a seção 6,67-71, que como 6,1-15 forma o arcabouço que já observamos. Pedro reconhecerá Jesus como santo de Deus, mas ao mesmo tempo a menção de Judas coloca na perspectiva a morte próxima de Jesus.<sup>122</sup>

### 3.4.1.3 Síntese da velocidade da narrativa

Para uma melhor visualização gráfica das variações da narrativa, a tabela abaixo está assim formatada: **cena** (em negrito); *pausa* (itálico); elipse (normal). Assim, se perceberá que o narrador interrompe a velocidade normal de sua narrativa por sete vezes. Apesar da abundância de interrupções, a cadência não é cansativa, visto que são pausas rápidas e necessárias para o enredo.

<sup>120</sup> KONINGS, 2017, p. 207.

<sup>121</sup> Como já deveria ser visto o dom do maná (tema do diálogo entre Jesus e a multidão) (KONINGS, 2017, p. 211).

<sup>122</sup> BEUTLER, 2005, p. 169-170.

<b>Texto</b>	<b>Variações</b>	<b>Velocidade</b>
<b>6,1-3</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,4	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,5</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,6	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,7-10a</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,10b	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,11-15a</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,15b	elipse	<i>salto no tempo</i> (tempo da narrativa = 0)
<b>6,16-17a</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,17b-18	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,19-21</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
<b>6,22-34</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
<b>6,35-58</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,59	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,60-64a</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,64b	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)
<b>6,65-70</b>	<b>cena</b>	<i>normal</i> (tempo da narrativa = tempo da história)
6,71	<i>pausa</i>	<i>ponto morto</i> (tempo da história contada = 0)

### 3.4.2 A ordem

Além de medir a velocidade, pode-se analisar a ordem narrativa, observando uma complexa equação entre *sincronia* e *anacronia*. Uma narrativa sincrônica segue a cronologia da história contada. A anacronia, porém, causa uma ruptura nessa cronologia, gerando descompasso entre a ordem da narração, como um todo, e a ordem da história contada. O passado (*analepse*) e o futuro (*prolepse*) são colocados em estreita ligação naquele momento específico.<sup>123</sup>

Jo 6 possui diversas rupturas em sua cronologia, tendo a anacronia como estratégia marcante na construção do texto. Para uma boa compreensão dessa dinâmica, a anacronia deve ser analisada sob três aspectos: alcance, função e contexto<sup>124</sup>.

<sup>123</sup> VITÓRIO, 2016, p. 114.

<sup>124</sup> Seguir-se-á as definições de MARGUERAT, 2009, p. 112-119.

<b>Alcance</b>	Externa	<i>Ultrapassa as fronteiras da narrativa</i>
	Interna	<i>Permanece dentro do enquadramento da narrativa</i>
<b>Função</b>	Funcional	<i>Estritamente ligada à organização da narrativa</i>
	Teológica	<i>Gera um impacto semântico, contribuindo para construir significação</i>
<b>Contexto</b>	Individual	<i>Refere-se à história individual de um personagem</i>
	Social	<i>Faz alusão a uma situação coletiva</i>
	Sociorreligioso	<i>Ligação estabelecida entre um acontecimento e um costume que tem nele sua origem</i>
	Cultural	<i>Citações, explícitas ou não, bem como alusões a palavras ou acontecimentos conhecidos de todos</i>

Como a análise narrativa é a metodologia principal deste trabalho (6,1-34.59-71), far-se-á a análise do discurso do “pão da vida” (6,35-59) em um tópico exclusivo.

#### 3.4.2.1 Anacronias no quadro narrativo

<b>6,1-6a</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,4</b>	<p><i>Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.</i></p> <p><i>Prolepse:</i> a primeira quebra na cronologia acontece quando o narrador faz menção à Páscoa, que se aproxima. Essa prolepse tem forte teor teológico, pois antecipa o clima de conflito com os judeus que surgirá na narrativa.<sup>125</sup> Em relação ao alcance, deve-se classificá-la como <i>interna</i>. Apesar de se mencionar apenas que a festa se aproxima, o esquema teológico de João, que consiste em substituir as instituições judaicas por Jesus (2,6; 2,18-21), parece sugerir que a celebração mencionada acontecerá, quando Jesus partir o pão e distribui-lo à multidão na Galileia (6,11), e não em Jerusalém.<sup>126</sup> O plano <i>cultural</i> em que se insere a Páscoa serve de apoio para a construção narrativa, afinal, todos sabem do que se trata.</p>
<b>6,5-6a</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,6b</b>	<i>pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer.</i>

<sup>125</sup> Como demonstrado na seção 3.3.3.

<sup>126</sup> KONINGS, 2017, p. 207.

	<p><i>Prolepse</i>: a segunda ruptura acontece por meio de uma prolepse, que também tem impacto <i>teológico</i> na cena. Diante da pergunta de Jesus a Filipe, o narrador informa que tudo se trata de um teste, afinal, Jesus sabia exatamente o que estava para fazer. Essa informação indica um evento futuro, que se concretizará no distribuir dos pães (6,11), com a função de aumentar a atenção do leitor e gerar expectativas quanto a essa resolução (anacronia interna). Apesar da pergunta ser dirigida a Filipe, um personagem singular, o narrador direciona seu comentário ao leitor, que está fora da cena. Além disso, o leitor já sabe que Jesus atravessou o mar (de Tiberíades), subiu a montanha, uma multidão faminta foi ao encontro dele e era tempo de Páscoa. Somado a esse imaginário, a menção de que Jesus está fazendo um teste (provação), conecta nossa anacronia a um contexto <i>social</i>.</p>
<b>6,7-14a</b>	sincronia
<b>6,14b</b>	<p><i>disseram</i>: “<i>Este é verdadeiramente o profeta que vem para o mundo</i>”.</p> <p><i>Analepse</i>: Diante do sinal realizado e de todos os outros elementos já destacados, essa é uma alusão a Dt 18,15.18 (<i>externa</i>), que remete a uma expectativa messiânica difundida na <i>cultura</i> religiosa do primeiro século, centrada na figura de Moisés. Essa analepse tem, consequentemente, um valor <i>teológico</i>. O afastamento de Jesus e sua revelação ao longo das demais seções, demonstrarão que Jesus não é o tipo de Messias esperado. A expectativa levantada não é atendida.</p>
<b>6,15-21</b>	sincronia
<b>6,22</b>	<p><i>No dia seguinte a multidão que ficara do outro lado do mar vira que não havia ali outro barco se não um e que não entrou junto com os seus discípulos Jesus no barco, mas somente os discípulos dele partiram.</i></p> <p><i>Analepse</i>: A terceira seção começa com uma recordação do que acontecera no dia anterior: Jesus não embarcou com seus discípulos. Menciona-se, ainda, que a multidão também havia ficado do outro lado, dados <i>internos</i>. Essa anacronia tem a tarefa de organizar a narrativa, sem trazer significação relevante para o desenvolvimento do enredo. Por isso, é <i>funcional</i>.</p>
<b>6,23a</b>	sincronia
<b>6,23b</b>	<p><i>perto do lugar onde comeram o pão tendo dado graças o Senhor.</i></p> <p><i>Analepse</i>: O narrador recorda o gesto de Jesus, realizado na primeira seção (<i>interna e individual</i>), uma referência importante, já que o novo encontro com a</p>

	multidão suscitará uma discussão a respeito do significado do sinal realizado ( <i>teológico</i> ). A recordação manterá o leitor sintonizado na temática da eucaristia (partir o pão) que será desenvolvida nas secções seguintes.
<b>6,24-25</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,26</b>	<p>“<i>Amém, amém, digo-vos: “Buscais a mim não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.</i>”</p> <p><i>Analepse:</i> Jesus exorta a multidão diante da nova procura, que está baseada na superficialidade do sinal: querem apenas comer novamente (<i>interna</i>). Isso servirá de base para o discurso que virá em breve (<i>teológico</i>). É uma <i>analepse individual</i>, pois trata-se diretamente da recordação de uma ação da multidão.</p>
<b>6,27a</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,27b</b>	<p><i>que o Filho do Homem vos dará</i></p> <p><i>Prolepse:</i> as palavras de Jesus apontam para uma realidade escatológica futura que extrapola o enquadramento da cena e, até mesmo, do próprio evangelho (<i>externa e teológica</i>). A esperança escatológica estava difundida no imaginário religioso do primeiro século (<i>cultural</i>), como vemos em Jo 11,24.</p>
<b>6,27c</b>	<p><i>Pois a este o Pai selou, Deus.</i></p> <p><i>Analepse:</i> surpreendentemente, o narrador dá um salto do futuro para o passado, extrapolando, também, o enquadramento da narrativa (<i>externa</i>). O tema do “selo”, ideia de autorização divina (<i>cultural</i>), é extremamente importante para a discussão em torno da identidade e missão de Jesus que vai se desenrolar nas próximas secções (<i>teológica</i>).</p>
<b>6,28</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,29</b>	<p>“<i>Esta é a obra de Deus: que creiais no que ele enviou</i>”.</p> <p><i>Analepse:</i> Jesus fala de si como alguém que foi enviado por Deus (<i>externa</i>) e como enviado, deve ser acolhido (<i>teológico</i>). Novamente, situa-se no plano cultural, especialmente em relação ao paralelo com a figura de Moisés, o grande enviado de Deus em favor de seu povo (<i>cultural</i>).</p>
<b>6,30</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,31-32a</b>	<p><i>Os nossos pais o maná comeram no deserto, como está escrito: ‘pão do céu deulhes de comer’.” Disse-lhe, pois, Jesus: “Amém, amém, digo-vos: Não Moisés deu a vós o pão do céu,</i></p>

	<i>Analepse</i> : a citação da experiência do maná como modelo de sinal é questionada por Jesus ( <i>externa</i> ), que introduz um novo significado para o acontecimento ( <i>teológica</i> ). Continua-se no plano <i>cultural</i> , afinal, trata-se de um fato central na fé e tradição judaicas.
<b>6,32b-34</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,35-59</b>	<b>Discurso do “pão da vida”</b>
<b>6,60-61</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,62a</b>	<i>Se então virdes o Filho do Homem subindo</i>
	<i>Prolepse</i> : a primeira parte do versículo menciona um evento futuro, a respeito do retorno de Jesus para perto do Pai ( <i>externa</i> ), um tema <i>teológico</i> central no evangelho (cf. 14,12).
<b>6,62b</b>	<i>onde estava primeiro?</i>
	<i>Analepse</i> : De forma impressionante, o narrador, que havia guiado os olhos do leitor para o futuro, gira bruscamente para o passado, indicando a origem divina de Jesus ( <i>externa</i> e <i>teológica</i> ). Como se trata da identidade de Jesus, pode-se classificar essa <i>analepse</i> como <i>individual</i> .
<b>6,63a</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,63b</b>	<i>As palavras que eu vos falei são espírito e são vida.</i>
	<i>Analepse</i> : Jesus recorda suas palavras ditas ( <i>interna</i> ), enfatizando que são divinas e que produzem vida ( <i>teológica</i> ). Vida e espírito são duas palavras comuns na espiritualidade e Escrituras judaicas ( <i>cultural</i> ).
<b>6,64a</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,64b</b>	<i>Pois sabia desde o princípio, Jesus, quais são os que não estavam crendo e quem é que o vai entregar.</i>
	<i>Analepse proléptica</i> : essa <i>analepse</i> é especial, pois representa uma referência ao passado (“Jesus sabia desde o princípio” ...), entretanto, com implicações futuras (“quem é que vai entregar”). Dar tal conotação de soberania a Jesus é uma estratégia narrativa com proporção <i>teológica</i> . Sem dúvida, é uma <i>analepse externa</i> , afinal, essa capacidade de Jesus já apareceu, em Jo 2,23-25. Deve-se, ainda, pensar que a palavra “princípio” (= ἀρχή) pode ter conotação mais ampla, referindo-se a um início cósmico (criação) e não apenas a um início ministerial. Como é importante na concepção da imagem de Jesus, pode-se concebê-la como uma <i>analepse individual</i> .

<b>6,65</b>	<i>E disse: por isso disse a vós que ninguém pode vir a mim, se não tiver sido dado do (meu) Pai.</i>
	<i>Analepse:</i> Jesus repete suas palavras ditas ao longo do discurso (Jo 6,37.39.44) ( <i>interna</i> ), estratégia do narrador para enfatizar o tema da eleição ( <i>teológica</i> ), ação divina que está na memória e tradição do povo de Israel ( <i>cultural</i> ).
<b>6,66-69</b>	<i>Sincronia</i>
<b>6,70a</b>	<i>Respondeu-lhe Jesus: Não eu vos escolhi doze?</i>
	<i>Analepse:</i> o narrador, novamente, retoma o tema da eleição, agora destinada aos Doze ( <i>teológica</i> ), uma ação que antecede a narrativa de Jo 6 ( <i>externa</i> ). Apesar de se tratar de um tema difundido na cultura religiosa, classifica-se essa analepse como <i>individual</i> , uma vez que se refere ao personagem coletivo “os Doze”.
<b>6,70b</b>	<i>sincronia</i>
<b>6,71</b>	<i>Dizia, pois, de Judas de Simão Iscariotes; pois este estava para o entregar, um dos doze.</i>
	<i>Prolepse:</i> o narrador revela ao leitor a identidade daquele a quem Jesus se referia que iria trai-lo, fato que ocorrerá apenas na segunda parte do evangelho ( <i>externa</i> ). A prolepse em questão se relaciona ao tema da eleição por meio de oposição, e ao nomear o traidor ( <i>individual</i> ), traz para a dimensão pessoal o alerta de Jesus a respeito da fragilidade da confissão ( <i>teológica</i> ).

### 3.4.2.2 Anacronias no discurso de Jesus

Impressiona o número de anacronias utilizadas pelo narrador no discurso de Jesus (6,35-58). Há uma variação enorme entre analepses e prolepses, exigindo muita atenção do leitor. Outro detalhe importante é que as anacronias são, em sua maioria, de alcance externo, indo além da micronarrativa de Jo 6 e, até mesmo, do próprio evangelho. Falam a respeito da origem celestial de Jesus e apontam para o futuro glorioso daqueles que nele crerem. O narrador parece, com isso, querer destacar a soberania de Jesus. Essa ênfase evidencia-se quando se atenta para o fato de que essas anacronias compõem o discurso de Jesus. Na estratégia narrativa, o próprio Jesus refere-se a si mesmo com um alcance tão grande, como demonstrado. Ele estava antes e estará depois de tudo.

Por questões metodológicas e objetivas, não se fará uma análise detalhada do discurso. Uma síntese da ordem da narrativa será apresentada abaixo, sendo suficiente para se perceber

a dinâmica das anacronias no bloco discursivo. Aqui basta apenas uma demonstração dessa dinâmica:

<sup>44</sup> οὐδεὶς δύναται ἐλθεῖν πρὸς με εἰ μὴ ὁ  
πατήρ ὁ πέμψας με ἐλκύσῃ αὐτόν, κἀγὼ  
ἀναστήσω αὐτὸν ἐν τῇ ἐσχάτῃ ἡμέρᾳ.

<sup>44</sup> Ninguém pode vir a mim se não **o Pai que  
me enviou** o atrair. E **eu o ressuscitarei no  
último dia.**

Como se verifica, no mesmo versículo há uma analepse e uma prolepse (6,44). Primeiro, fala da origem divina de Jesus: ele foi enviado pelo Pai. Depois, fala do triunfo daqueles que nele confiarem: Jesus ressuscitará no último dia os que nele crerem. A dinâmica passado-futuro será uma constante ao longo de todo discurso. Dessa forma, o narrador convida o leitor a ampliar seu horizonte de compreensão. Sua fé no presente deverá ser sustentada a partir de uma perspectiva dupla, com um olho no passado e o outro no futuro.

### 3.4.2.3 Síntese da ordem narrativa

A partir de uma síntese, será possível observar como a anacronia é elemento estruturante da narrativa, especialmente no bloco discursivo. A cronologia é interrompida diversas vezes, e o leitor é levado repentinamente ao passado e ao futuro, em ritmo acelerado. Exige-se muito do leitor nesse sentido.<sup>127</sup>

	Texto	Ordem	Classificação
QUADRO NARRATIVO	6,1-6a	<b>sincronia</b>	
	6,4	prolepse	interna, teológica e utilizada no plano cultural
	6,5-6a	<b>sincronia</b>	
	6,6b	prolepse	interna, teológica e ligada ao contexto social
	6,7-14a	<b>sincronia</b>	
	6,14b	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,15-21	<b>sincronia</b>	
	6,22	<i>analepse</i>	interna e funcional
	6,23a	<b>sincronia</b>	
	6,23b	<i>analepse</i>	interna, teológica e refere-se a uma história individual

<sup>127</sup> A respeito do tipo de leitor ideal, veja a seção 3.6.2.

	6,24-25	<b>sincronia</b>	
	6,26	<i>analepse</i>	interna, teológica e refere-se a uma história individual
	6,27a	<b>sincronia</b>	
	6,27b	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,27c	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,28	<b>sincronia</b>	
	6,29	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,30	<b>sincronia</b>	
	6,31-32a	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,32b-34	<b>sincronia</b>	
DISCURSO DO PÃO DA VIDA	6,35	<b>sincronia</b>	
	6,36	<i>analepse</i>	interna, teológica e ligada ao contexto social
	6,37	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,38	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,39a	<b>sincronia</b>	
	6,39b	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,39c	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,40a	<b>sincronia</b>	
	6,40b	Prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,41a	<b>sincronia</b>	
	6,41b	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,42a	<b>sincronia</b>	
	6,42b	<i>analepse</i>	interna, teológica e refere-se a uma história individual
	6,43	<b>sincronia</b>	
	6,44a	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,44b	Prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,45a	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,45b	<b>sincronia</b>	
	6,46	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,47-48	<b>sincronia</b>	
	6,49	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,50	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural

	6,51a	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,51bc	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,52	<b>sincronia</b>	
	6,53-54	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,55-56	<b>sincronia</b>	
	6,57a	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,57b	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,58ab	<i>analepse</i>	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,58c	prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,59	<i>analepse</i>	interna, teológica e ligada ao contexto social
QUADRO NARRATIVO	6,60-61	<b>sincronia</b>	
	6,62a	Prolepse	externa, teológica e utilizada no plano cultural
	6,62b	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,63a	<b>sincronia</b>	
	6,63b	<i>analepse</i>	interna, teológica e utilizada no plano cultural
	6,64a	<b>sincronia</b>	
	6,64b	<i>analepse proléptica</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,65	<i>analepse</i>	interna, teológica e utilizada no plano cultural
	6,66-69	<b>sincronia</b>	
	6,70a	<i>analepse</i>	externa, teológica e refere-se a uma história individual
	6,70b	<b>sincronia</b>	
	6,71	prolepse	externa, teológica e refere-se a uma história individual

### 3.4.3 A frequência

Por fim, deve-se abordar o tempo a partir da frequência da narrativa. Nesse sentido, há três possibilidades para o narrador:

- *narrativa repetitiva*: contar *x* vezes o que aconteceu uma vez só;
- *narrativa iterativa*: contar uma vez só o que aconteceu *x* vezes;

- *narrativa singulativa*: contar uma (ou duas, três) vez o que ocorreu uma vez (ou duas, três), adotando uma estrita correspondência entre a ocorrência do fato e ocorrência narrativa.<sup>128</sup>

Como observa Marguerat, a narrativa única sobre o acontecimento único é, evidentemente, o caso exemplar mais frequente na narração bíblica.<sup>129</sup> Pode-se, de modo geral, classificar Jo 6 como uma narrativa singulativa, especialmente o quadro narrativo. Há, porém, algumas quebras interessantes nessa frequência padrão, que devem ser observadas aqui:

- *multidão que ficou do outro lado do mar (6,22)*. Por mais que o narrador não tenha mencionado explicitamente a ausência da multidão, ela é notada em 6,16-21 e repetida aqui. Destacamos, ainda, o uso da expressão “do outro lado do mar” (πέραν τῆς θαλάσσης), citada em 6,1.17.22.25;
- *a multidão percebe que Jesus não entrara no barco e que os discípulos partiram sozinhos (6,22.24)*. Dupla repetição resumida no quadro de Jo 6,16-21;
- *menção do gesto milagroso realizado por Jesus (6,23)*. O sinal realizado por Jesus, em Jo 6,11, é relembrado aqui, com destaque para a ação de Jesus em dar graças pelo pão (εὐχαριστήσαντος);
- *Cafarnaum (6,17.24.59)*. Cafarnaum é mencionada três vezes. Sem dúvida, a menção mais significativa está em 6,59, quando o narrador destaca que o discurso de Jesus foi proferido na sinagoga dessa cidade;
- *a incompreensão da multidão (6,26.36)*. Em Cafarnaum, a multidão é recebida por Jesus com uma crítica, porque comeram pães, contudo, não entenderam o significado daquele gesto. Há nova menção a isso em 6,36;
- *Jesus repete algumas palavras na seção final (6,65)*. No diálogo final, Jesus menciona as palavras ditas em 6,44a, sublinhando a concepção de que a fé é um dom de Deus.

Como exposto, o quadro narrativo apresenta algumas repetições, especialmente na terceira seção (6,22-34). O narrador, com essa estratégia, realça temas importantes e estrutura sua narrativa:

---

<sup>128</sup> MARGUERAT, 2009, p. 120.

<sup>129</sup> MARGUERAT, 2009, p. 120.

- *ênfatiza a distância entre Jesus e a multidão, e entre Jesus e os discípulos (6,15.22).* Isso será relevante por conta do sentimento de desconfiança despertado no leitor na primeira e na segunda seções. Jesus se afasta da multidão, ao perceber que querem fazê-lo rei e Jesus não entra no barco dos discípulos;
- *destaca o sinal realizado por Jesus (6,23).* O narrador menciona, em 6,23, o gesto de Jesus, que servirá como elemento narrativo. Primeiro, porque evidencia a incompreensão da multidão. Segundo, porque prepara a cena para a introdução do discurso de Jesus a respeito de si mesmo como “pão da vida”;
- *Cafarnaum como lugar importante (6,17.24.59).* A cidade de Cafarnaum, mencionada três vezes na narrativa, destaca-se como lugar central do conflito com os judeus. Surpreendentemente, informa-se que o discurso do “pão da vida” acontece dentro de uma sinagoga, o que explica a presença dos judeus na cena;
- *reforça o dom de Deus como elemento central na experiência da fé (6,37.39.44.65.70).* O tema da eleição está presente na cena, pois, somente é possível crer em Jesus e ir até ele por uma dádiva do Pai. A repetição dessa realidade, em Jo 6,65, evidencia isso.

Com relação ao discurso de Jesus, percebe-se a estruturação a partir de muitas repetições, uma estratégia para salientar alguns temas relevantes do evangelho. Apresentar-se-á, a seguir, um catálogo semântico, demonstrando essa perspectiva narrativa utilizada pelo evangelista.

<b>Tema</b>	<b>Referência</b>
Jesus como pão da vida	6,35.48.51
Jesus como pão/aquele que desce/desceu do céu	6,33.41.42.50.51.58
Ir a Jesus	6,35.37.44.45
Dom de Deus para a fé em Jesus (eleição)	6,37.44.45
Jesus como enviado do Pai	6,38.44.46.57
Jesus ressuscitará os crentes no último dia	6,39.40.44.54
Relação entre fé em Jesus e o dom da vida	6,40.47.51.53.54.57.58
Referência ao maná no deserto e a insuficiência desse pão	6,49.58 [6,31]
Comer a carne de Jesus	6,50.51.52.53.55.56.58

### 3.5 A “voz” narrativa

O narrador não conta sua história com neutralidade, afinal, isso é impossível. Toda história traz consigo o ponto de vista de quem a conta, e são muitas as maneiras de o narrador inserir seu ponto de vista na narração. “Este se faz presente nos fatos escolhidos para ser narrados, na ambientação das cenas, nas palavras colocadas na boca dos personagens, nos comentários e nos juízos de valor e muitas outras maneiras.”<sup>130</sup> “A compreensão do ponto de vista narrativo permite ao leitor descobrir os princípios, os valores, as crenças e a visão geral de mundo que o narrador deseja que ele compartilhe ou rejeite.”<sup>131</sup>

Por isso, o narrador, além de contar a história, se esforça para guiar o leitor na compreensão do texto, e o faz por meio de esclarecimentos. Essa guia pode acontecer de duas maneiras. Primeiro, por meio de *comentários explícitos*, abertamente inseridos na narrativa. Segundo, através de *comentários implícitos*, quando a voz do narrador é mais sutil, mais discreta e assume a forma de um cochicho. Nesse sentido, o ponto de vista aparece por meio do não dito, que pode ser em forma de linguagem simbólica, mal-entendidos, ironia, humor, simbolismo, polissemia, opacidade, entre outros. A voz do narrador pode, ainda, ser ouvida implicitamente na fala ou na descrição da ação dos personagens.<sup>132</sup>

#### 3.5.1 Os comentários explícitos

O comentário explícito se caracteriza quando o narrador expõe, com clareza, seu ponto de vista, fazendo sua voz ser muito bem percebida. Esses comentários acrescentados podem se chamar de *glosas explicativas*, que se apresentam de diversas formas: os argumentos bíblicos, a explicação, a tradução, a visão do interior e a visão por detrás, e a avaliação.

---

<sup>130</sup> VITÓRIO, 2016, p. 133.

<sup>131</sup> RESSEGUIE, Jean L. *Narratologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2008, p. 158.

<sup>132</sup> MARGUERAT, 2015, p. 130.

### 3.5.1.1 Explicação

**6,1:** *de Tiberíades.*

A menção “*de Tiberíades*” é um elemento importante que nos ajudará datar o evangelho, afinal, o lago da Galileia é chamado assim, apenas, no final do primeiro século.<sup>133</sup> Esse dado será importante na identificação do leitor ideal.

**6,4:** *Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.*

Com essa pausa, o narrador ajuda o leitor a entender a dimensão das palavras e dos gestos de Jesus. O que está descrito em Jo 6 teria um significado completamente diferente fora desse período de Páscoa.

**6,8:** *o irmão de Simão Pedro*

O narrador esclarece que André, o discípulo que atua na primeira cena, é irmão de Simão Pedro. Isso pode indicar alguns aspectos a respeito do leitor ideal, que deverá ser habituado com o personagem Pedro, a quem está reservado um papel fundamental na última cena.

**6,10:** *Havia muita grama no lugar*

A palavra “lugar” pode fazer oposição ao Templo, e a menção de “muita grama” indicar a promessa da fecundidade própria dos tempos messiânicos (Sl 72,16).<sup>134</sup>

**6,17a:** *para Cafarnaum*

O narrador mantém a expressão “o outro lado do mar”, utilizado em 6,1, contudo, explica que se trata agora de Cafarnaum, palco para o discurso de Jesus.

**6,22:** *que ficara do outro lado do mar*

O narrador deixa claro que a multidão que está em Cafarnaum é a mesma que esteve em Tiberíades. Essa informação é significativa por conta do desenrolar do relato em relação ao significado do sinal realizado.

---

<sup>133</sup> KONINGS, 2017, p. 206.

<sup>134</sup> MATEOS, 1999, p. 305.

**6,23:** *perto do lugar onde comeram o pão tendo dado graças o Senhor.*

Em mais uma pausa, o narrador não permite que o leitor esqueça que foi realizado um sinal e o que se passa agora tem total ligação com o fato ocorrido no dia anterior.

**6,59:** *Estas coisas disse ensinando na sinagoga de Cafarnaum.*

Com esta analepse, o leitor está plenamente inserido no conflito com a sinagoga, em Cafarnaum.

### 3.5.1.2 Visão do interior

**6,6:** *E dizia isto provando a ele; pois ele (Jesus) sabia o que estava para fazer.*

Através de uma focalização interna, é revelada ao leitor o que se passa no interior de Jesus, trazendo uma perspectiva diferente para a leitura.

**6,15:** *conhecendo que estavam para vir e levá-lo para que o fizessem rei*

Por meio de uma focalização interna, o narrador explicita ao leitor o motivo do afastamento de Jesus, que desconfia das intenções da multidão.

**6,21:** *Queriam, então, recebê-lo no barco*

A intenção dos discípulos é revelada: desejam receber Jesus. O mestre, porém, não entra no barco. Parece desconfiar desse interesse. O comentário desperta o olhar do leitor.

### 3.5.1.3 Visão por detrás

**6,64b:** *Pois sabia desde o princípio, Jesus, quais são os que não estavam crendo e quem é que vai entregar.*

Por meio de uma focalização zero, o narrador revela o pano de fundo, tanto em relação à identidade de Jesus (sabe de tudo) quanto a respeito do desfecho do próprio evangelho (muitos não creem e há um traidor).

**6,71:** *Dizia, pois, de Judas de Simão Iscariotes; pois este estava para o entregar, um dos doze.*

O narrador, com este comentário, coloca o leitor numa posição privilegiada, pois, fica sabendo antecipadamente a identidade do traidor.

### 3.5.1.4 Avaliação

#### 6,17b: *E a escuridão já se tinha feito*

Apesar de o comentário descrever o cenário, na linguagem joanina, ganha um teor avaliativo, uma vez que, escuridão representa resistência a Jesus e às suas palavras.<sup>135</sup>

### 3.5.2 Os comentários implícitos

De forma sutil, o narrador faz sua voz ser ouvida por meio de comentários implícitos no texto, o que exigirá sagacidade do leitor para perceber esse conteúdo. Apresenta-se, então, a tarefa de demonstrar a forma indireta da comunicação ao leitor. Ver-se-á que artifícios o narrador utiliza.

#### 3.5.2.1 Intertextualidade

O primeiro artifício é a *intertextualidade*, que é, em linhas gerais, a presença de um texto dentro de outro texto.<sup>136</sup> Ela pode se manifestar de três formas: através da citação, do plágio ou da simples alusão. Em Jo 6, o narrador utiliza duas formas:

- *Alusão*: A narrativa de Jo 6 é, em si, uma grande alusão veterotestamentária, especialmente em relação à tradição do Êxodo (Moisés) e ao ciclo do profeta Eliseu (2Rs 4,42-44)<sup>137</sup>: Jesus atravessa o mar (6,1.17.19; sobe o monte e ensina (6,3); é “o profeta que vem para o mundo” (6,14; cf. Dt 18,15; 34,10-11); entendido como profeta-rei (6,15); tem uma fala semelhante a Moisés (6,5; cf. Nm 11,13); seu discípulo questiona a partilha, semelhante ao servo de Eliseu (6,9 ; cf. 2Rs 4,43); uma multidão é alimentada de forma sobrenatural [pães] (6,5-13; cf. Ex 16; 2Rs 2,42-44); os pães sobejaram (6; cf. 2Rs 4,44); a realização de um sinal como legitimação de missão divina (6,14.26.30; cf. Ex 4,17; 7-11); revelação do “Eu Sou” (6,35.41.48.51; cf. Ex 3,13-14);
- *Citação*: diante da murmuração por conta de suas palavras de autorrevelação, Jesus enfatiza que a fé, também, é um dom de Deus, afinal, ninguém virá a ele se o Pai não o conceder (6,44). O narrador, então, enfatiza ser natural alguém que tenha fé nos

<sup>135</sup> Veja as seções 1.2.1 e 3.4.1.1.

<sup>136</sup> Por texto, podemos entender não a literatura em si somente, como também o conteúdo circulante no imaginário das tradições orais do primeiro século.

<sup>137</sup> Confira a seção 2.4.3.

ensinamentos do Pai vir a Jesus, pois ele é a própria palavra. Nesse contexto, João faz uma citação dos profetas: “Está escrito nos profetas: ‘E serão todos ensinados por Deus’” (6,45). João, provavelmente, cita o texto de Is 54,13, todavia, há forte conexão com Jr 31,33-34 (“nova aliança inscrita no coração”) e com Ez 36,26-27 (“novo coração”), ambos com a conotação de um conhecimento de Deus proporcionado pelo próprio Deus e não pela Lei.

### 3.5.2.2 Mal-entendido

Como exposto no primeiro capítulo, o *mal-entendido*<sup>138</sup> é uma técnica narrativa muito explorada no EJ, e, conseqüentemente, esse elemento aparece em Jo 6. Já se refletiu a respeito de sua importância na trama. Então, cabe aqui, apenas, indicar como e onde esse recurso é utilizado pelo narrador.

- *O sinal*: diante do sinal realizado por Jesus, a multidão chega a uma conclusão: Jesus é “o profeta que deveria vir ao mundo” e por isso, deve-se torná-lo rei (6,14-15). Porém, a atitude de Jesus revela um mal-entendido. O sinal realizado não deveria fazer Jesus ser visto como um profeta-rei. Então, Jesus se retira e permanece sozinho no monte por um tempo. A falta de compreensão desse sinal será enfatizada em Jo 6,26, quando a multidão é exortada ao procurar Jesus novamente em Cafarnaum;
- *O pão*: Jesus se revela como o “pão da vida”, o “pão que desceu do céu” e se oferece como dom divino (6,35). Semelhante a Nicodemos e à samaritana, a multidão permanece na literalidade da afirmativa: enquanto Jesus se doa como pão vivo, eles esperam o maná, semelhante aos antigos no deserto (6,31);
- *A origem do Filho*: Jesus fala de sua origem celestial (6,38), no entanto, “os judeus” não compreendem. Para eles, Jesus é apenas o filho de José, e conhecem seu pai e sua mãe (6,42);
- *Comer a carne (e beber o sangue)*: crer em Jesus é metaforizado pela imagem de “comer a sua carne” (6,51.54). Novamente, os judeus não conseguem entender e discutem entre eles a respeito da estranheza dessa declaração: “como é que ele pode dar a sua carne a comer?” (6,52).

---

<sup>138</sup> Veja a seção 1.2.1.

### 3.5.2.3 Simbolismo

O simbolismo, também já apresentado no primeiro capítulo como característica literária do EJ, é utilizado em Jo 6 pelo narrador, em duas ocasiões, pelo menos:

- *Pão*: o símbolo do pão é marcante em toda a narrativa, e é utilizado como uma grande metáfora para o que Jesus oferece e para a sua própria pessoa: ele não só dá o pão, como também ele mesmo é o pão. A fome física da multidão é saciada pelo pão material oferecido por Jesus de forma sobrenatural. Esse sinal deveria indicar uma realidade espiritual. Há uma fome que nenhum alimento desse mundo poderia saciar. Por isso, a crítica de Jesus quando a multidão o procura novamente: “trabalhai (obrai) não a comida que perece, mas a comida que permanece para a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará. Pois a este o Pai selou, Deus” (6,27). O pão que alimenta para a vida eterna é o próprio Jesus: “Eu sou o pão da vida, o que vem a mim não mais terá fome, e o que crê em mim não terá sede jamais” (6,35);
- *Comer o pão (corpo) e beber o sangue*: comer e beber são um símbolo para o verdadeiro acolhimento, sem reservas, tanto das palavras quanto da própria vida humana de Jesus despojada na cruz em favor do mundo. Esse símbolo aponta para a refeição eucarística da comunidade, indicando o caráter mistagógico do EJ.<sup>139</sup> “O ‘bom entendedor’, o cristão que está sendo instruído e ao qual este evangelho se dirige, percebe que se trata do gesto que os fiéis realizam na fração do pão com ações de graças (eucaristia)”.<sup>140</sup>

### 3.5.2.4 Jesus como narrador em segundo grau

O narrador pode se situar no exterior ou no interior da história contada. Se ele está dentro, fala-se de uma instância *intradiegética*, e se está fora, de *extradiegética* (diegese = história contada).<sup>141</sup> No caso de Jo 6, o narrador se coloca fora da narrativa, por isso, é um narrador extradiegético. Há, porém, um elemento a ser observado na construção da história contada: o narrador utiliza Jesus como um narrador em segundo grau, ou, um narrador narrado.<sup>142</sup>

<sup>139</sup> Consulte a seção 1.6.4.

<sup>140</sup> KONINGS, 2017, p. 223.

<sup>141</sup> MARGUERAT, 2009, p. 39.

<sup>142</sup> “Narrador narrado” é uma expressão utilizada por Marguerat, referindo-se a um personagem da história que assume o papel de narrador dentro da história contada, cuja enunciação é reportada por um narrador extradiegético, narrador em primeiro grau (MARGUERAT, 2009, p. 39).

De maneira sutil, João dá algumas informações a respeito de Jesus, tanto em relação à sua identidade quanto à sua missão. Faz isso de um modo muito interessante e perspicaz, o que demonstra grande habilidade narrativa. Em Jo 6,35-59, o narrador insere o discurso do “pão da vida”, proferido por Jesus em ocasião do mal-entendido em relação ao sinal realizado. Porém, apesar de este bloco se caracterizar como um discurso, percebem-se alguns elementos narrativos. Ao discursar, Jesus fala de si mesmo e descreve alguns fatos: ele desceu do céu (6,38.51); viu o Pai, pois veio de junto de Deus (6,46); narra a morte dos pais no deserto (6,49.58); foi enviado pelo Pai (6,57).

### 3.5.3 O ponto de vista do narrador

A essa altura, pode-se perguntar: qual é o ponto de vista do narrador? Qual é a mensagem que deseja comunicar ao seu leitor? Antes de responder a essas perguntas, é necessário relembrar dois aspectos importantes:

- 1) João expressa, com clareza, o objetivo de seu evangelho: ao final de sua jornada narrativa, espera que o leitor creia (ou continue crendo) que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, com isso, experimente a vida eterna (Jo 20,31);
- 2) Jo 6 faz parte de uma sequência narrativa (Jo 5–12) que tem um enredo muito bem definido: Jesus é apresentado como o enviado do Pai e, por isso, é o doador da vida. Ele desceu do céu e realiza sinais como testemunho que apontam para sua relação com o Pai, com quem é um. Por causa disto, os judeus se irritam e procuram matá-lo. A incapacidade dos judeus de entenderem a pessoa, a palavra e as obras de Jesus, já introduzida na sequência anterior (Jo 2–4), crescerá, sobremaneira, culminando na resolução de matá-lo (11,45-57) e na total incredulidade por parte dos adversários (12,37-43).

Após esse caminho percorrido, é possível destacar alguns aspectos do ponto de vista do narrador e da mensagem que pretende transmitir, através do relato de Jo 6, de forma que essa perícopes contribuía tanto para o enredo da sequência de Jo 5–12, como para a intenção literária do EJ (20,30-31):

- o Jesus joanino é soberano em seu agir e sabe de tudo, não pode ser surpreendido. Por isso, sempre toma a frente: ele é quem vê a multidão com fome e toma a iniciativa de alimentá-la (6,5), diferente dos sinóticos, onde os discípulos percebem a necessidade da multidão (cf. Mc 6,35-36); Jesus mesmo distribui pão, não os discípulos, como nos

sinóticos (6,11; cf. Mc 6,41); ele sabe que a multidão não entendeu o significado do sinal realizado (6,6.14-15.26) e, por isso, quer fazê-lo rei. Então, ele sai sozinho para a montanha (6,14-15); anda sobre as águas e não se deixa levar pela intenção dos discípulos de recebê-lo no barco (6,16-21); sabe quem verdadeiramente creu nele e quem o haveria de entregar (6,64), no caso, Judas, filho de Simão (6,71);

- Jesus é o enviado do Pai<sup>143</sup>, e está completamente comprometido em realizar a vontade paterna: que ninguém se perca e todos sejam ressuscitados no último dia, por meio da fé em Jesus como filho de Deus (6,29.38.39-40.46.51.58). Como enviado do Pai, realiza diversos sinais que legitimem sua missão;
- Jesus, sendo o cordeiro pascal (1,29.36), realiza a Páscoa definitiva por meio de seu corpo e sangue (6,3.51). Ele conduz o povo para fora, afinal, é a verdade que liberta (8,32). No tempo da Páscoa, Jesus está distante de Jerusalém e do Templo. Num lugar improvável, oferece um pão que saciará para sempre a fome daquele que o acolher. Sendo o “pão vivo que desceu do céu”, Jesus se torna o “lugar” e o “tempo” perfeitos para se viver a Páscoa;
- Jesus não é um profeta-rei (6,14-15). Apesar de importante, sua messianidade não se esgota na resolução de problemas materiais e sociais. Para isso, há outros mecanismos, como a justiça social, por exemplo. Sua missão e seu reinado são de outra natureza, de outra ordem e, por isso, é necessário se abrir para viver o que Jesus oferece;
- diante do que Jesus realizou, muitos o abandonaram. Somente os Doze permaneceram e confirmaram a fé nele.
- os sinais realizados são importantes porque têm o propósito de suscitar a fé, todavia, podem ser insuficientes. O que já aconteceu antes se repete em Jo 6: apesar de realizar um sinal, Jesus não é acolhido como deveria. Seus críticos ficam apenas na materialidade do sinal (6,26; cf. 2,23-25; 12,37);
- Sendo os sinais insuficientes, há um caminho para a fé: acolher as palavras de Jesus. As palavras que ele, e somente ele, comunica são Espírito e vida (6,63.68), afinal, ele é a própria Palavra (1,14). Porém, se consideradas duras e, por isso, forem rejeitadas, a fé suscitada num primeiro momento pelo sinal não permanecerá (6,60.66);
- A confissão de fé em Jesus deverá ser sempre confirmada, afinal, por conta de nossa natureza, ela é frágil (6,71; cf. 13,21-30.36-38; 18,2-3; 15-17.25-27).

---

<sup>143</sup> Veja a seção 1.6.3.

### 3.6 O texto e seu leitor

Ler não é um ato passivo. Todo texto é morto sem um leitor, afinal, este lhe dá vida ao decifrá-lo. Por isso, a leitura só é possível por conta da parceria entre texto e leitor: ao narrador compete inserir em seu texto balizas que guiem o leitor; ao leitor, a tarefa de interpretar esse texto, imprimindo novos significados.<sup>144</sup> Porém, essa não é uma parceria tranquila. Há um paradoxo que deve ser encarado. Se, de um lado, percebe-se a “coerção” do narrador ao estabelecer os marcos para que se leia o texto da forma “correta”, por outro, há a “liberdade” do leitor, afinal, “é na leitura que o texto tem seu acabamento”<sup>145</sup>. Nota-se, então, como se dá essa relação entre texto (narrador) e leitor.

#### 3.6.1 A programação da leitura

Uma vez solucionada a questão acerca de qual mensagem o narrador deseja transmitir a seu leitor, cabe, ainda, questionar: como fará essa comunicação? De que forma pretende conduzir o leitor ao longo, da leitura? Como dito, João não é neutro em sua narrativa, pelo contrário, tem intenções bem definidas e utiliza balizas sólidas para a “coerção” do leitor. Seguem-se as principais:

- *Peritexto*<sup>146</sup>: Jo 1–5, especialmente o Prólogo (Jo 1,1-18), contém informações relevantes que serão norteadoras para a compreensão da narrativa de Jo 6. Como evidenciado na seção 3.2.2.1, esse peritexto contribuirá significativamente para a construção da empatia do leitor por Jesus, o protagonista. Contudo, além disso, insere outras indicações de leitura: a antipatia pela multidão, pelos discípulos e pelos judeus (cf. na seção 3.2.2.3); a dificuldade de entender os sinais realizados por Jesus; a linguagem simbólica e o mal-entendido (cf. nas seções 1.2.1 e 4.1);
- *Incipit*<sup>147</sup>: nas primeiras palavras de Jo 6, o narrador estabelece um enquadramento para seu texto: próximo à Páscoa, “festa dos judeus”, Jesus está na Galileia e é seguido por uma multidão que viu os sinais que realizara. Nesse lugar e nesse tempo, Jesus subiu a montanha e sentou-se lá com seus discípulos (6,1-4). Como visto na seção 3.3.3, esses

<sup>144</sup> MARGUERAT, 2009, p. 147.

<sup>145</sup> MARGUERAT, 2009, p. 169.

<sup>146</sup> *Peritexto* é “tudo que é colocado antes da narrativa propriamente dita em vista de orientar a leitura: prefácio, introdução, preâmbulo, prólogo” (MARGUERAT, 2009, p. 151).

<sup>147</sup> *Incipit* (= começa) são as primeiras frases de um texto, por onde o autor inicia o contato com o leitor e “fixa o enquadramento para a narrativa ao estabelecer um protocolo de leitura” (MARGUERAT, 2009, p. 153).

versículos fazem parte do enquadramento social e coloca no horizonte do leitor o conflito com a sinagoga<sup>148</sup> como pano de fundo da narrativa;

- *Estrutura*: o enredo unificante (cf. 3.1.2) é uma baliza fundamental para a leitura. O narrador estabelece o discurso do “pão da vida” (6,35-58) como resposta à pergunta-chave estabelecida da primeira cena (6,1-15), evidenciando as palavras de Jesus como elemento central da narrativa. A má compreensão do sinal realizado só se desfaz pelas palavras de Jesus, que são Espírito e vida (6,63). Por isso, devem ser acolhidas (6,68);
- *Redundância*: a repetição é uma importante estratégia literária para chamar atenção do leitor para alguns temas. João faz isso, especialmente, na parte central do texto (6,25-58): crer em Jesus/ir a Jesus/comer a carne e beber o sangue – 18x; pão/pães – 15x; comer/mastigar – 13x; vida eterna/eternidade/vida/vivo/ressuscitar no último dia – 22x; Jesus como enviado/dom de Deus/doador da vida – 34x; temas relacionados a Moisés – 6x;
- *Intertextualidade*: outra indicação interessante para o leitor é a intertextualidade, já abordada nas secções 2.4.3 e 4.1.2.1. Compete aqui apenas a menção de que o leitor será guiado: 1) pela alusão às tradições acerca de Moisés e do profeta Eliseu em relação à memória da partilha prodigiosa dos pães; e 2) pela citação dos profetas (Jo 6,45);
- *Protagonismo*: por fim, tem-se a baliza do protagonismo de Jesus como um marco narrativo significativo. Ele está em todas as cenas e tem o maior tempo de fala (cf. 3.2.1.1). Esse protagonismo é edificado em três aspectos: 1) por meio da *focalização*, o leitor é colocado em posição superior a todos os personagens, com exceção de Jesus que permanece soberano no relato, em quem o leitor deve fixar os olhos e ouvidos (cf. 3.2.3.3); 2) por meio das anacronias (analepses e prolepses) que descompassam a ordem narrativa, o leitor é levado constantemente para fora dos limites da narrativa, quando se trata da identidade de Jesus – ora para um passado cosmogônico, ora para um futuro escatológico. Esse alcance ilimitado é o que legitima Jesus como enviado do Pai, portanto, doador da vida eterna; 3) por meio da *empatia*, o leitor se identifica positivamente com Jesus (cf. 3.2.2.1). As informações a respeito dele, em Jo 6, já seriam suficientes para essa identificação. No entanto, como demonstrado no *peritexto*, o leitor já foi anteriormente “apresentado” a Jesus. Seu compromisso com a vontade do Pai e sua entrega voluntária a essa missão, especialmente manifestada em sua compaixão, não deixa espaço no leitor para outro sentimento senão empatia.

---

<sup>148</sup> Confira a seção 1.3.

### 3.6.2 As competências do leitor

“Todo texto traz consigo uma esperança de leitor”<sup>149</sup>, o que significa que um narrador, ao produzir sua obra literária, imagina um leitor com competências para ler e interpretar satisfatoriamente sua narrativa. Sem essa competência idealizada, que está implícita no texto, a leitura será truncada e/ou a mensagem incompreensível. Dessa forma, importa que o leitor real, ao se prontificar à leitura, assuma o lugar do leitor implícito.

Apesar das balizas lançadas pelo narrador, um texto não diz tudo e precisa ser completado pela outra extremidade, o leitor. Então, caberá ao leitor a tarefa de: completar a narrativa (com algo verossímil); reconstruir a lógica das ações (diante da omissão de pequenos gestos); perceber a dimensão simbólica da linguagem; e situar o episódio dentro da significação da obra.<sup>150</sup>

Assim, deve-se perguntar: quais são as competências do leitor implícito de Jo 6? O leitor idealizado pelo narrador deverá:

- ser alguém já iniciado na fé em Jesus e na prática eucarística da comunidade joanina;
- conhecer bem as tradições veterotestamentárias, especialmente, a de Moisés e Eliseu. Além disso, ter familiaridade com outros profetas, como Isaías, Jeremias e Ezequiel;
- conhecer a linguagem joanina, cheia de simbolismos, ironia e mal-entendidos;
- entender os símbolos judaicos, especialmente no que diz respeito à Páscoa;
- estar situado no conflito com a sinagoga;
- conhecer as versões sinóticas da multiplicação de pães e peixes, a fim de perceber as mudanças realizadas por João, especialmente em relação a Jesus.

A relação texto e leitor não se limita apenas em constatar que a narrativa pressupõe um leitor competente, mas também, que esse mesmo texto contribui para produzir a competência para ler. Ao ler, o leitor não somente interpreta o texto e lhe dá acabamento, antes, vai sendo transformado pelo próprio texto, recebendo dele a habilidade para lê-lo. Ao se deparar com Jo 6, o leitor já percorreu um caminho suficiente e sua capacidade de leitura daquela obra já não é a mesma. Essa renovação de entendimento permitirá um melhor aproveitamento da leitura que se fará do relato da multiplicação de pães e peixes e do discurso do “pão da vida”. É importante frisar que o leitor sempre tem a opção de rejeitar as sugestões que o texto dá, afinal, “o simples

---

<sup>149</sup> MARGUERAT, 2009, p. 148.

<sup>150</sup> MARGUERAT, 2009, p. 149.

fato de que o leitor possa, a qualquer momento, abandonar a leitura e fechar o livro, já demonstra sua liberdade”<sup>151</sup>. Pode-se perguntar, então: quais são as competências que o leitor pode adquirir na sua leitura?

- já no Prólogo (1,1-18), o leitor é imediatamente “apresentado” a Jesus. Diferente dos sinóticos, João vai direto ao ponto: Jesus é a encarnação da Palavra (*logos*), e estava com Deus no princípio. Ao percorrer Jo 1–5, o leitor se depara com diversos títulos referentes a Jesus, que ajudam a entender sua identidade e sua missão. O leitor, já nos primeiros versículos, é colocado numa posição superior em relação aos demais personagens;
- Nesse mesmo bloco, o leitor já sente a tensão presente entre Jesus e as instituições judaicas. A estranheza de Natanael com relação à origem de Jesus (1,43-51), a presença de Jesus no Templo (2,13-22), o diálogo com Nicodemos (3,1-21), o encontro com a samaritana (4,1-42) e, sobretudo, o conflito com os judeus após a cura do paralítico (5,1-18) são indicadores para o leitor de que está “pisando em terreno minado”. Essa noção de conflito será fundamental para a leitura de Jo 6;
- Jo 6 tem um final marcante: apesar de Jesus realizar um sinal, a multidão não entende, os judeus murmuram e muitos de seus discípulos o abandonam considerando suas palavras duras demais. A insuficiência dos sinais para o sustento da fé não é novidade para o leitor à altura do capítulo 6, pois já se deparou com a desconfiança de Jesus em relação à fé originada nesses sinais (2,23-25). Nicodemos é um exemplo disso: crê que Jesus vem da parte de Deus, ainda assim, não se abre para a palavra de Jesus (3,1-21). Por isso, o diálogo se converte em discurso, afinal, ele não o acompanha;
- por fim, o leitor adquire a competência para entender a linguagem joanina, que é cheia de simbolismos e mal-entendidos. Luz, cordeiro de Deus, corpo como Templo, nascer de novo, água viva etc. são alguns exemplos dos símbolos presentes nesse primeiro bloco. Além disso, os mal-entendidos: Jesus falando do seu corpo e as pessoas entendendo ser a respeito do Templo; falando de nascer espiritualmente e Nicodemos pensando como seria possível voltar ao ventre materno; oferecendo uma água espiritual e a samaritana querendo matar a sede material com essa suposta água especial; falando da comida como expressão da

---

<sup>151</sup> MARGUERAT, 2009, p. 158.

vontade do Pai e os discípulos pensando na comida material. Jo 6 é marcado por símbolos, como o pão, por exemplo, e é estruturado na estratégia do mal-entendido. A multidão não entende o significado do sinal e pensa que Jesus oferece um pão material. Esse mal-entendido não é inédito para o leitor que se permitiu crescer ao longo da leitura até aqui.

Uma vez competente, seja pela habilidade prévia ou pela capacidade adquirida com a ajuda do próprio texto, o leitor está pronto para lê-lo. Entretanto, o ato de ler tem duas etapas:<sup>152</sup>

- 1) a primeira, pode-se chamar de *percepção*. A partir de sua competência, o leitor deve prestar atenção aos sinais e balizas emitidos pelo narrador, captando a objetividade do texto, o seu sentido;
- 2) a segunda, pode-se chamar de *recepção*. Uma vez percebido o sentido do texto, caberá ao leitor julgar se acolherá ou não esse sentido na sua própria existência e de que forma fará uso disso. A objetividade do narrador fica de lado e dá lugar à subjetividade do leitor.

Na etapa da recepção, verifica-se a força da narração, pois o texto, como um espelho, coloca o leitor diante de si, com várias possibilidades. No encontro entre o enredo da narrativa e o enredo de sua vida, o leitor poderá escolher modificar ou não o seu próprio enredo. Essa experiência acontece diante do enredo de Jo 6. O sinal do pão suscita uma fé superficial, demonstrada pela incompreensão da multidão. O narrador, então, propõe um caminho para o aprofundamento dessa fé que se realiza no discurso de Jesus e, ao mesmo tempo, no próprio Jesus (6,35-58).

A exposição desse caminho provoca reações: para a multidão as palavras são incompreensíveis (6,26-34); para os judeus, inaceitáveis (6,41.52); para muitos de seus discípulos, duras demais de se ouvir (6,60.66); para os doze, são palavras de vida eterna e por isso permaneceram com Jesus (6,67-69).

Esse enredo coloca várias possibilidades diante do leitor que se resumem em duas opções: seguir o caminho da multidão, dos judeus e dos muitos discípulos e não acolher Jesus; ou seguir o caminho dos doze e confessar Jesus como o Cristo. Certamente, a expectativa do narrador é que o leitor opte por acolher Jesus, afinal, essa confissão garante a vida eterna (20,30-31). Essa preferência é, portanto, muito bem percebida por meio de uma espécie de

---

<sup>152</sup> MARGUERAT, 2015, p. 173-174.

estreitamento narrativo articulado pelo narrador. O diálogo segue o seguinte afunilamento: da multidão aos judeus; dos judeus aos muitos discípulos; dos muitos discípulos aos doze; dos doze a Pedro.<sup>153</sup> Pedro, um personagem individual, tem nome, rosto e identidade. Por isso, proporciona facilmente uma conexão com o leitor que, seguramente, a despeito do tempo e lugar, sempre terá um nome, um rosto e uma identidade. Sendo assim, por mais que essa confissão deva ser vivida e aperfeiçoada na comunidade de fé, ela é, também, estritamente subjetiva: ninguém além do próprio leitor poderá tomar essa decisão.

De igual forma, essa subjetividade se manifesta na presença indireta de Judas Iscariotes, aquele que trairia Jesus (6,71). Esse personagem é o alerta da fragilidade da confissão. Uma vez confessando Jesus como o Cristo, o leitor deve tomar o cuidado para que essa confissão não seja negada. Ao mesmo tempo em que Judas é o lembrete de que a negação da fé é um aspecto subjetivo, nenhuma realidade que circunde o leitor terá a capacidade de fazê-lo negar Jesus, a não ser que ele próprio o queira.

### 3.7 Considerações parciais

A partir dos resultados obtidos na primeira aproximação de Jo 6, o objetivo desse capítulo foi estabelecer uma segunda aproximação do texto, a partir da análise narrativa. A primeira etapa estabeleceu e analisou o enredo. Demonstrou-se que Jo 6 é uma narrativa composta por três cenas (6,1-15.16-21.22-71), que se interligam por, pelo menos, três elementos unificadores: a dimensão lexical, a repetição de informações e expressões e, por fim, o campo semântico do Êxodo. O enredo, do tipo *revelação*, anuncia Jesus como “enviado do Pai” e cada cena, com seu enredo episódico, cumpre seu papel na elaboração do enredo unificante. A primeira cena lança uma pergunta-chave: “que tipo de Messias é Jesus?” (6,1-15). A segunda corrige a expectativa popular a respeito do Messias e oferece parâmetros para discernir a identidade de Jesus como Cristo (6,16-21). Concluindo, a partir do mal-entendido em relação ao sinal do pão, Jesus se revela como “o pão que desceu do céu” e, conseqüentemente, a narração cobra do leitor uma decisão, assim como os Doze.

Em relação à análise dos personagens, constatou-se que Jesus é o protagonista. Com ele, o leitor estabelece uma relação de empatia, o que não acontece com nenhum outro personagem. Como protagonista, Jesus está sempre numa posição superior em relação ao leitor, que sabe

---

<sup>153</sup> BEUTLER, 2015, p. 185.

menos. Conta-se a história sob a ótica de Jesus e, em alguns momentos, aparece como narrador em segundo grau: ele, ao discursar, narra sua própria história (narrador narrado<sup>154</sup>).

Na abordagem do enquadramento narrativo, constatou-se que Jo 6 está envolvido numa atmosfera de conflito com “os judeus”. Como demonstrado, há vários elementos que apontam nesse sentido: temporais, espaciais e sociais. Além disso, há muitas evidências textuais, como a presença de “os judeus” como interlocutores que murmuram e a informação de que o discurso do “pão da vida” foi proferido dentro de uma sinagoga (6,59).

A verificação da temporalidade demonstrou que o narrador utiliza as *pausas* como elemento literário. A narração é interrompida por, pelo menos, sete vezes, inserindo explicações significativas, que enriquecem a beleza do relato e constroem o enredo de uma maneira eficaz, fornecendo ao leitor subsídio suficiente para uma boa leitura. Além disso, as descrições contidas nas pausas contribuem para a conexão da narrativa de Jo 6 com o restante do Evangelho.

Explicitaram-se, ainda, diversos elementos da ordem narrativa. O relato de Jo 6 é elaborado sob muitas anacronias, com analepses e prolepses, sendo a cronologia constantemente interrompida. Exige-se muita atenção do leitor, pois passado e futuro estão numa estreita relação. Por conta do contingente de analepses e prolepses, especialmente no discurso de Jesus, percebeu-se que o narrador utiliza a anacronia como estratégia narrativa para reforçar o protagonismo de Jesus, fazendo desse personagem alguém com um alcance temporal e histórico que extrapola não só a narrativa, como, também, os limites do próprio cosmo.

Feito esse caminho, apresentou-se o ponto de vista que o narrador deseja comunicar ao leitor: Jesus, como enviado do Pai, é soberano em seu agir e sabe de tudo; por meio de seu corpo e sangue, realiza a Páscoa definitiva, ação simbolizada no pão que alimentou a multidão; ele não é um profeta-rei, e sim um Messias que deve ser compreendido como presença de Deus no mundo; porém, apesar dos muitos sinais legitimadores que realizou, a fé nele só é possível quando se acolhe suas palavras de vida eterna.

Por fim, analisou-se a relação texto-leitor. O estudo demonstrou a forma como o narrador programou a leitura de Jo 6 e, então, foram elencadas as principais balizas da narração. Ao mesmo tempo, enfatizou-se a importância do leitor para dar acabamento ao texto. Ao escrever, um narrador idealiza um leitor com as devidas competências para compreender a mensagem que deseja transmitir. Portanto, traçar o perfil do leitor implícito e, conseqüentemente, perceber os desafios para a percepção e a recepção do enredo constituíram-se como tarefa última da análise narrativa proposta nesta tese.

---

<sup>154</sup> Conceito abordado na seção 3.5.2.4.



## CONCLUSÃO

Os sinais prodigiosos fazem parte da experiência de fé, mas não devem ser o ponto principal dessa experiência. Os sinais devem apontar para o que é mais importante: Jesus Cristo. Jo 6 emite, portanto, um alerta relevante para experiência cristã. A fé, uma vez despertada, deve ser aprofundada por meio das palavras de Jesus, o Evangelho. Caso contrário, sendo superficial, não resistirá. Isso permite pensar em algo muito importante: os sinais são insuficientes, contudo, não dispensáveis. Diante de uma realidade como a brasileira, em que muitos sofrem pela fome, pelas doenças e pela desigualdade, a igreja tem nos sinais a oportunidade de, assim como Jesus, ser a presença de Deus no mundo, reconhecida como “enviada do Pai” para cumprir a vontade dele: que todos sejam salvos (3,16-17; 6,39).

Há situações e problemas que se resolverão apenas com um milagre. Porém, a fé despertada por um milagre não será sustentada, a não ser que seja aperfeiçoada. Para João, há somente um caminho para esse aprofundamento, que é Jesus Cristo. A igreja, então, como corpo de Cristo, deve ser esse lugar de aprofundamento da fé ao revelar Cristo e ensinar suas palavras de vida. Uma vez diante de Cristo, o crente ainda superficial, encontrará no anúncio do Evangelho de Jesus a superação dos mal-entendidos e será guiado para além da materialidade que o conduzia até então. Experimentará uma dimensão profunda e espiritual. Da mesma forma que João 6 orienta o leitor para essa opção por Cristo, a igreja deve, em sua vivência comunitária e eucarística, ser a “luz do mundo” (17,18) e conduzir as pessoas para fora das trevas (1,5), a fim de desfrutarem da vida eterna que só Jesus pode oferecer.

A fim de explicitar como Jo 6 articula esse caminho para a fé plena em Jesus, esta tese apresentou uma proposta de análise do quadro narrativo do discurso do “pão da vida”. No primeiro capítulo, foram elencadas chaves literárias e teológicas do EJ, que serviram de pressupostos para a análise que foi desenvolvida nos capítulos seguintes. Observou-se a peculiaridade da linguagem joanina, especificou-se a importância de “os judeus” para a dramaticidade da narrativa e destacou-se a relação intrínseca entre cristologia e soteriologia. Além disso, enfatizou-se três temas do EJ que são fundamentais para a compreensão teológica de Jo 6: Jesus como “enviado do Pai”, as palavras de “Eu Sou” e os sinais.

O segundo capítulo propôs um olhar duplo para Jo 6. Primeiro, sua relação intraevangélica: ao delimitar a perícope de Jo 6, analisou-se seu lugar especial no contexto do Livro dos Sinais (Jo 1–12). A narração de Jo 6 é um elemento-chave que completa o enredo da primeira metade do EJ, que é apresentar Jesus como o enviado, enfatizando a insuficiência dos sinais para garantir uma fé satisfatória de que ele é o Cristo (Jo 12,37-43). Segundo, sua relação

extraevangélica: apresentou-se, em seguida, uma sinopse joanina, uma tabela comparando a narrativa de Jo 6,1-71 com as sinóticas (Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 14,13-31; 15,32-39; Lc 9,10-17). A análise demonstrou as principais diferenças e semelhanças entre as versões, permitindo compreender melhor a teologia do autor do EJ. Percebeu-se, ainda, a presença de tradições de Moisés na composição de Jo 6, que foram estudadas no último capítulo.

Por fim, no terceiro capítulo estabeleceu-se uma segunda aproximação analítica de Jo 6, numa perspectiva sincrônica. A partir da análise narrativa, estudou-se os principais aspectos de uma narração: o enredo, os personagens, o enquadramento, a temporalidade, o ponto de vista do narrador e a relação texto-leitor. Nessa etapa, foi possível perceber como o narrador comunicou sua perspectiva teológica e que resposta ele espera de seus leitores diante do desfecho narrativo.

Sendo assim, esta tese contribui para uma leitura mais responsável dos textos sagrados, o que gera uma importante contribuição para a sociedade. A Bíblia é o principal fundamento da fé de uma parcela considerável da população brasileira, tornando-se produtora de sentido e legitimadora de práxis, conceitos e mentalidades. Diante disso, abordar um texto bíblico por meio da análise narrativa, provoca uma relevante reflexão acerca das motivações das narrativas bíblicas e suas aplicações cotidianas. Num mundo em que a religião, por vezes, “atrofia a fé” por apoiá-la apenas nos sinais e milagres, ter numa comunidade cristã uma proposta de opção pelas palavras revelatórias de Jesus como elemento-chave para uma fé plena, permite confrontar discursos estereotipados e hermenêuticas massificadoras, que desvalorizam o caminho para a fé e desconhecem a importância da revelação, do aperfeiçoamento e da maturidade.

## REFERÊNCIAS

- ALETTI, Jean-Nöel *et al.* *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*. São Paulo: Loyola, 2011.
- ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. *Eu sou a Luz do mundo: um estudo do significado do termo luz em João 9,1-41*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.
- ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. *Profeta e Luz: categorias intercambiáveis para consolidar a identidade de Jesus na literatura joanina*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- ANDERSON, Paul N. *John, Jesus and History: Critical appraisals of critical views*. Leiden/Boston: Brill, 2007. v. 1.
- ANDERSON, Paul N. *The christology of the fourth gospel: its unity and disunity in the light of John 6*. Tübingen: Mohr, 1996.
- ANDIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo: um comentário exegetico-teológico*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.
- ASHTON, John. *The Gospel of John and Christian Origins*. Minneapolis: Fortress Press, 2014.
- ASHTON, John. *Understanding the fourth gospel*. Oxford: Clarendon, 2007.
- BARKER, Margaret. *King of the Jews: Temple Theology in John's Gospel*. London: Society for Promoting Christian Knowledge (SPCK), 2014.
- BAUM, Grégory. *Les Juifs et l'Évangile: L'Évangile de Saint Jean*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965. (Lectio Divina 41)
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.
- BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2018.
- BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: comentário*. São Paulo: Loyola, 2015.
- BOOR, Werner de. *Evangelho de João I: comentário esperança*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002.

BORGEN, Peder. *Bread from Heaven: an exegetical study of the concept of Manna in the Gospel of John and the writings of Philo*. Leiden: Brill, 1981. (Supplements to Novum Testamentum, v. 10).

BORTOLINI, José. *Como ler as cartas de João: quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus*. São Paulo: Paulus, 2001. (Como ler a Bíblia).

BORTOLINI, José. *Como ler o evangelho de João: o caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 1994. (Como ler a Bíblia).

BROWN, Colin (Org.). *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento: volume 2: R-Z*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1982.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999.

BROWN, Raymond Edward. *El evangelio segun Juan I-XII: introduccion, traduccion y notas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.

BROWN, Raymond Edward. *El evangelio segun Juan XIII-XXI: introduccion, traduccion y notas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979b.

CARSON, Donald Arthur. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CASALEGNO, Alberto. “A minha carne para a vida do mundo”: considerações sobre a dimensão eucarística de Jo 6,1-71. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 32, n. 87, p. 241-257, maio/ago 2000.

CASALEGNO, Alberto. *Para que contemplem a minha glória (João 17.24): introdução à teologia do Evangelho de João*. São Paulo: Loyola, 2009. (Bíblica Loyola, 57).

COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à apocalíptica judaica*. São Paulo, Paulus: 2010.

CUNHA, Elenira Aparecida. *Por causa do Reino dos Céus: uma leitura de gênero de Mateus 19.1-2 e 5.27-32*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madri, Ed. Cristianidad, 1987. v. 1.

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madri, Ed. Cristianidad, 1987. v. 2.

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madri, Ed. Cristianidad, 1987. v. 5.

DODD, Charles Harold. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.

ERDMAN, Charles R. *O evangelho de João*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1965.

FABRY, Heinz-Josef; SCHOLTISSEK, Klaus. *O Messias*. São Paulo: Loyola, 2008. (Bíblica Loyola, 53).

FRYE, Northrop. *The great code: the Bible and literature*. San Diego: A Harvest Book, 1983.

GALVÃO, Antônio Mesquita. Jesus e a samaritana (um diálogo sempre atual). *Revista Grande Sinal*, Petrópolis, v. 59, n. 1, p. 49-62, jan./fev. 2005.

GARCIA, Paulo Roberto. *Imagens de Moisés e Jesus no Evangelho de Mateus*: Moisés no imagético apocalíptico do primeiro século (p. 37-46). In: RENDERS, Helmut; SOUZA, José Carlos de. (Orgs.). *Teologia Wesleyana, Latino Americana e Global*. 18ªed. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011.

GARCIA, Paulo Roberto. *Jesus, um galileu frente a Jerusalém*: um olhar histórico sobre Jesus e os Judaísmos de seu tempo. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica. (Orgs.). *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

GARCIA, Paulo Roberto. *Sábado: a mensagem de Mateus e a contribuição judaica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento*: grego e português. São Paulo: Vida Nova, 1983.

GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal. São Paulo: Paulus, 1997.

GOMES, Paulo Sergio; OLIVETTI, Odayr. *Novo Testamento interlinear analítico*: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. São Paulo: Editora Teológica; Loyola. 2005. (Série Biblioteca de Estudos do Antigo Testamento).

HARSTINE, Stan. *Moses as a Character in the Fourth Gospel*: a study of Ancient Reading Techniques. York/New York: Sheffield Academic Press, 2002. (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, 229).

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*: Mateus - Apocalipse. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986. (Bíblica, 16).

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.

JONGE, M. de. *L'Evangile de Jean: sources, redaction, theologie*. Gembloux: J. Duculot, Leuven (Belgium): Leuven University Press, 1977. (Bibliotheca ephemeridum theologicarum louvaniesium, 44).

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2.

KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

KONINGS, Johan. A Palavra que é Pão: a Eucaristia no Quarto Evangelho. *Fronteiras – Revista de Teologia da Unicap*, Recife, v. 3, n. 2, p. 478-499, jul./dez. 2020.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. (Comentário Bíblico Latinoamericano)

KONINGS, Johan. *O Evangelho do discípulo amado: um olhar inicial*. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção FAJE)

KONINGS, Johan. *The dialogue of Jesus, Philip and Andrew in John 6.5-9*. In: Denaux, A. (ed.). *John and the Synoptics* (BETHL 101). Leuven, 1992, 523-534.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005.

KUMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

LANFRANCHI, Pierluigi. *Moses' Vision of the Divine Throne in the Exagoge of Ezekiel the Tragedian*. In: JONGE, Henk Jan de; TROMP, Johannes (Orgs.). *The Book of Ezekiel and its Influence*. London; New York: Routledge, 2016.

LELOUP, Jean-Yves. *O evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção unipaz).

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João I: capítulos 1-4*. São Paulo: Loyola, 1996a. (Bíblica Loyola, 13)

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João II: capítulos 5-12*. São Paulo: Loyola, 1996b. (Bíblica Loyola, 14).

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo Joao III: capítulos 13-17*. São Paulo: Loyola, 1996c. (Bíblica Loyola, 15).

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo Joao IV: capítulos 18-21*. São Paulo: Loyola, 1998. (Bíblica Loyola, 16).

LEON-DUFOUR, Xavier. *O Pão da Vida: um estudo teológico sobre a eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIERMAN, John. *The New Testament Moses: Christian perceptions of Moses and Israel in the setting of Jewish Religion*. Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2004. (Wissenschaftliche Untersuchungen Zum Neuen Testament, 2)

LIMA, Anderson de Oliveira. *Introdução à exegese: um guia contemporâneo para a interpretação de textos bíblicos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Exegese)

LOTMAN, Yuri M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madri: Ediciones Cátedra S. A, 1996.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACHADO, Jonas. *Transformação Mística na Religião do Apóstolo Paulo: a recepção do Moisés glorificado em 2º Coríntios na perspectiva da experiência religiosa*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Comentário bíblico)

MANTOVANI, José Pascoal. *Os sinais no Evangelho de João: exegese de João 6.1-15*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo Campo, 2013.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MARTINI, Carlo Maria. *O Evangelho segundo João: na experiência dos exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 1984.

MARTYN, James Louis. *History and theology in the fourth gospel*. New York: Harper & Row, 1968.

MATEOS, Juan *et al.* *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MEEKS, Wayne A. *The Prophet-King: Moses traditions and the Johannine Chrstology*. Leiden: E. J. Brill, 1967. (Supplements to Novun Testamentum).

MICHAELS, J. Ramsey. *João*. São Paulo: Vida, 1994. (Novo comentário bíblico contemporâneo).

MOLONEY, Francis J. *El Evangelio de Juan*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.

MORGENTHALER, R. *Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes*. Frankfurt: Gotthelf, 1958.

MORIN, Emile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1988.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa do. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8.31-59*. 2010. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.

NEUENFELDT, Elaine. Encontros e diálogos entre a samaritana e Jesus. *Revista A Palavra na Vida*, São Leopoldo, n. 213/214, p. 37-43, set. 2005.

NEVES, Joaquim Carreira das. *Escritos de João*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004. (Estudos Teológicos, 17).

NICKELSBURG. *Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*. São Paulo: Paulus, 2011.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza Nogueira (Org.). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza Nogueira (Org.). *Apocrificidade: O Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015a.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015b. (Sociologia e Religião).

Novo Testamento Interlinear Grego - Português. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de 'O Novo Testamento grego'*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PINNICK, Avital Kobayashi. *The Birth of Moses in Jewish Literature of the Second Temple Period*. Tese (Doctor of Philosophy) – The Study of Religion, Harvard University, Cambridge/Massachusetts, 1996.

PIÑERO, Antonio *et al.* *Evangelhos gnósticos: evangelhos, actos, cartas*. 3. ed. Lisboa: Ésquilo, 2006. (Biblioteca de Nag Hammadi, 2).

PROENÇA, Eduardo de (Org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. v. 1.

PROENÇA, Eduardo de (Org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. v. 2.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

RESSEGUIE, Jean L. *Narratologia del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2008.

ROBINSON, James McConbey. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. São Paulo: Madras, 2006.

ROQUE, Célia Juliano. *"Caminhos para Deus": propostas religiosas divergentes e identidade do grupo joanino: uma leitura em João 13.33-14.31*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

RODRIGUES, José Raimundo. *A cristologia do enviado no Evangelho segundo João: em vista de uma tendência cristológica atual*. Belo Horizonte, 2011. 267 p. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

RYLE, J.C. *Comentário do Evangelho Segundo João*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957.

SANDERS, J. N. *A commentary on the Gospel according to St John*. London: Adam & Charles Black, 1968. x (Black's New Testament commentaries).

SANTOS, Ana Pinheiro dos. *Eu sou o pão da vida: uma controvérsia em João 6.22-59*. São Paulo: São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio segun San Juan: version y comentario*. Barcelona: Herder, 1980. v. 1.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.

SCHREINER, Josef; DAUTZENGER, Gerhard. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977. (Nova Coleção Bíblica, 2)

SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SIQUEIRA, Felipe Bagli. *Conotações mosaicas no Jesus Joanino: a recepção das tradições de Moisés na perícopes de João 6.1-15*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

SIQUEIRA, Felipe Bagli. *O convívio dos diferentes: o desafio para a inclusão a partir de João 4*. Monografia (Graduação em Teologia) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo, 2013.

SILVA, Luis Henrique Eloy e. “Por volta da hora sexta” (Jo 19,14): os seis sinais e a hora de Jesus no Quarto Evangelho. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, p. 587-605, set./dez.2019.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Lendo o Evangelho segundo João: para que todos tenham vida*. São Paulo: Paulus, 2018. (Lendo a Bíblia).

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2002.

VIDAL, Senen. *Los escritos originales de la comunidad del discípulo amigo de Jesús: el evangelio y las cartas de Juan*. Salamanca/Espanha: Sígueme, 1997. (Biblioteca de estudios bíblicos).

VIEIRA, Fernando Mattioli (Org.). *Os manuscritos do Mar Morto: 70 anos de descoberta*. São Paulo: Humanitas, 2017. (História Diversa, 7).

VIELHAUER, Phillip. *Historia de la literatura Cristiana: introducción al Nuevo Testamento, los apócrifos e los Padres Apostólicos*. Salamanca: Sígueme, 1991.

VITÓRIO, Jaldemir. *Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Bíblia em comunidade. Série Bíblia como literatura, 8)

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

WENGST, Klaus. *Interpretación del evangelio de Juan*. Salamanca: Sígueme, 1988. (Bíblia y catequesis).

WIKENHAUSER, Alfred. *El Evangelio según san Juan*. Barcelona: Herder, 1978.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. *Manual de exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

ZUMSTEIN, Jean. *L'Évangile selon Saint Jean (1-12)*. Genève: Labor et Fides, 2014. v. 1. (Commentaire du Nouveau Testament, 4a).

ZUMSTEIN, Jean. *L'Évangile selon Saint Jean (13-21)*. Genève: Labor et Fides, 2007. v. 2. (Commentaire du Nouveau Testament, 4b).

ZUMSTEIN, Jean. O evangelho segundo João. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 437-470.